



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

MYLLENA KARLA SANTOS AZEVEDO

**AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ NA “CIDADE SORRISO”: Maceió,  
Alagoas, 1961-1964**

Recife  
2018

MYLLENA KARLA SANTOS AZEVEDO

**AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ NA “CIDADE SORRISO”: Maceió,  
Alagoas, 1961-1964**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

**Área de Concentração:** Desenvolvimento Urbano.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Julieta Maria de Vasconcelos Leite

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

A994p Azevedo, Myllena Karla Santos  
As praças da gestão Sandoval Cajú na “Cidade Sorriso”: Maceió,  
Alagoas, 1961-1964 / Myllena Karla Santos Azevedo. – Recife, 2018.  
207f.: il.

Orientadora: Julieta Maria de Vasconcelos Leite.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.  
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Urbano, 2018.

Inclui referências.

1. Praça. 2. Modernismo. 3. Popular. 4. Maceió. I. Leite, Julieta Maria  
de Vasconcelos (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-114)

MYLLENA KARLA SANTOS AZEVEDO

**AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ NA “CIDADE SORRISO”: Maceió,  
Alagoas, 1961-1964**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 15/10/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Fernando Diniz Moreira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Virgínia Pitta Pontual (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Tone Ferreira Hidaka (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Alagoas



À família Oliveira Santos Azevedo.

## AGRADECIMENTOS

A meu *pai, mãe e irmão*, pelo apoio neste processo.

Ao *Jara*, Júnior, meu amor, pelos anos de cumplicidade, pelo apoio no período em Recife e pelos fins de semana em Maceió que fizeram tudo valer a pena.

A *Julieta Leite*, minha orientadora, por ter aceito esse desafio, e pela paciência, compreensão e liberdade que me permitiu na descoberta do caminho que esta pesquisa deveria trilhar.

A *Lúcia Hidaka*, pela amizade, pelo apoio nos primeiros passos da seleção do MDU e pelas contribuições nas bancas de projeto e defesa.

A *Fernando Diniz*, pelo entusiasmo no tema, pela disposição, atenção e contribuições nas bancas de projeto e defesa.

A *Virgínia Pontual*, por aceitar o convite de ler este trabalho e pela atenção e crítica criteriosa dos resultados dessa dissertação na banca de defesa.

Ao professor *Walter Matias de Lima*, cuja visão crítica da sociedade maceioense e discussões sobre Pierre Bourdieu no DEHA/UFAL em 2015 foram essenciais à construção da visão desta dissertação.

Aos professores *Sávio Almeida* e *Verônica Robalinho Cavalcanti*, pelas discussões nas disciplinas como aluna especial no DEHA/UFAL em 2015 que foram o início das reflexões que aqui estão registradas.

Aos *Sambantes* do DEHA/UFAL, pela amizade e apoio nos primeiros passos de descoberta desta pesquisa, pela diversão em Belo Horizonte, e pelas discussões no período de existência do EDUPA que em muito contribuíram à construção do problema de pesquisa.

À Professora *Ana Rita Sá Carneiro*, pela atenção e incentivo nos primeiros passos deste trabalho e pela paciência nos meus momentos de revolta.

À família *Nóbrega Marques*, pelo acolhimento caloroso na minha chegada ao Recife.

Ao *Recife*, chão sob meus pés nesta caminhada, por me ensinar a fluir no meu próprio tempo.

A *Suzana, Bruna e Renata*, que dividiram comigo o apartamento 403, pela compreensão e apoio que nos fez família na ausência da nossa própria.

A *Juliane Lima*, pelo amor, amizade, companhia e compreensão mútua das dores e prazeres do processo do mestrado.

A *Alberto Diaz*, pelas conversas sobre patrimônio, cidade e gestão que muito me fizeram pensar.

Aos maravilhosos *alopradados* das turmas do MDU M37 e DO18, pelo compartilhar da curiosidade pelos “S”s, praças e Maceió, pelo prazer do nosso feliz encontro.

A *Renata Albuquerque*, pela generosidade, apoio e dedicação.

A Professora *Josemary Passos Ferrare*, pela sugestão do tema, pela atenção e disposição e pelo compartilhar das memórias de José Passos, seu pai.

A *Cinira Menezes*, pelo compartilhamento entusiasmado das histórias, memórias e fotografias de seu pai, Lauro Menezes.

A *Simone Cajú*, filha de Sandoval Cajú, pela atenção, receptividade e pela confiança na concessão de material raríssimo de consulta.

A *Louvalie Loyola Cajú*, o “Léo Cajú”, neto de Sandoval Cajú, pelo apoio, entusiasmo pelo tema e informações preciosas no início da pesquisa.

A *Carlos Gomes*, amigo de Sandoval Cajú, pela conversa bem-humorada que me permitiu imaginar a presença do Ex-Prefeito.

Às mulheres da equipe da antiga SEMPLA - *Adeciany e Rosa*, pelo acesso a informações valiosas contidas nos arquivos municipais.

A *Lúcio Silva*, pelo acesso aos arquivos da SEMINFRA.

Ao *CNPq* e à *CAPES*, pelo auxílio financeiro que permitiu a realização desta pesquisa.

À turma de francês na Unilínguas em Maceió, em especial a *Rívis, Max, Alex, Guilherme, Rodolfo e Daniel*, pelo bom humor, aprendizado e companheirismo que me ajudaram a manter a sanidade durante o solitário processo de escrita em 2017.

A *Flávia Rogato*, pelo suporte psicológico nessa árdua jornada.

Aos membros do Grupo *Maceió Antigo* no Facebook, pelas contribuições sempre prestativas e saudosas às dúvidas sobre as fotografias antigas de Maceió.

Aos que foram indispensáveis neste processo, a minha gratidão.

Em Maceió – risonha, idolatrada, -  
Com as praças, os jardins, o céu e o mar,  
Os visitantes vão se deslumbrar,  
Pela beleza privilegiada!  
(Sandoval Cajú, trecho do poema “Alagoas”, 1986).

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as praças da gestão Sandoval Cajú (1961-1964) em Maceió, Alagoas, relevantes por sua história política, estética característica e pela polaridade de opiniões entre os maceioenses, a partir do discurso sob o qual foram criadas: o ideal Cidade Sorriso, que faz referência a um conjunto urbano com feições estéticas europeias circundado por belezas naturais deslumbrantes. Este ideal é produto da definição do discurso regional maceioense, que procura afastar da Capital os símbolos de seu estigma higienista de local insalubre, é materializado pela gestão Malta (1901-1912), e embasa a insatisfação dos maceioenses quanto à degradação de suas praças, ora recuperadas, ora abandonadas. Para evitar que a polêmica que envolve a Gestão influencie o estudo das praças de sua autoria, esta dissertação as analisa a partir do ideal Cidade Sorriso. Identificadas visualmente pelos cacos de azulejo coloridos em mosaico que revestem fontes luminosas e jardineiras, e pelo “S” espalhado por bancos, canteiros e monumentos, as 22 praças modificadas e 36 praças criadas pela gestão Sandoval Cajú, em 3 anos de um mandato previsto para 5 anos, mas interrompido pela Ditadura Militar, são a materialização de uma interpretação do ideal Cidade Sorriso. A interpretação do ideal pela gestão produz praças que priorizam a convivência e a permanência do usuário, e homenageiam a cultura popular local, distribuídas nos bairros centrais, periféricos e nos distritos da Capital.

**Palavras-chave:** Praça. Modernismo. Popular. Maceió.

## **ABSTRACT**

This dissertation has as its objective the analysis of the squares made by the Sandoval Cajú government (1961-1964) in Maceió, Alagoas, which are relevant for their political history, their aesthetics and for the divergent opinions amongst the people of Maceió, through the discourse that originates them: the Cidade Sorriso ideal, which references an urban area with an European aesthetic surrounded by breathtaking natural beauty. This ideal results from the definition of the regional discourse of Maceió, which aims to eradicate the symbols of its stigma as an insanitary place, is materialized by the Malta government (1901-1912), and bases the dissatisfaction of the people of Maceió about the degradation of their squares, sometimes recovered and sometimes abandoned. In order to avoid the influence of the surrounding polemics in the squares' analysis, this dissertation does so with the Cidade Sorriso ideal. The squares created during the 3 year period of an official 5-year-term and interrupted by the Military Dictatorship, which are visually identifiable by the colored tile pieces mosaics, covering luminous fountains and planters, and by the "S", spread across benches, garden beds and monuments are the materialization of a particular interpretation of the Cidade Sorriso ideal. The government's interpretation of the ideal brings forth squares which prioritize the users' coexistence and permanence, and which pay tribute to the local popular culture, spread across the Capital's central and peripheral neighborhoods and districts.

**Keywords:** Public Square. Modernism. Popular. Maceió.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1–	Sandoval Cajú, fotografia e dados pessoais. ....	45
Figura 2 –	Árvore genealógica de Sandoval Ferreira Cajú. ....	45
Figura 3 –	Cartaz do programa “Palito de Fósforo” da Rádio Difusora de Alagoas em 1949. ....	48
Figura 4 –	Anúncio de apresentação de Dircinha Batista no programa Quartel General do Frevo, da Rádio Tabajara, em João Pessoa-PB. ....	48
Figura 5 –	Matéria do Jornal de Alagoas sobre o lançamento de Sandoval Cajú como candidato a Prefeito de Maceió na campanha de 1960. ....	49
Figura 6 –	Propagandas Sandoval Cajú e vice Vinícius Cansanção associadas aos anúncios de candidatura de Silvestre Péricles para o governo do Estado de Alagoas. ....	50
Figura 7 –	Sandoval Cajú, de branco, à esquerda, em comício de campanha para a Prefeitura de Maceió em 1960. ....	50
Figura 8 –	Agenda sanfonada de telefones com capa plástica nas cores rosa, branco e amarelo. ....	51
Figura 9 –	Interior da agenda sanfonada de números telefônicos. ....	51
Figura 10 –	Pente promocional da campanha de Sandoval Cajú na cor branca com detalhes em azul. ....	51
Figura 11 –	Chaveiro promocional em acrílico transparente e plástico amarelo da campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura em 1960. ....	51
Figura 12 –	Agenda telefônica promocional da campanha de Sandoval Cajú em 1960, nas cores rosa e preto. ....	51
Figura 13 –	Detalhe interior da agenda telefônica. ....	51
Figura 14 –	Santinho distribuído durante a campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura de Maceió no ano de 1960. ....	52
Figura 15 –	Candidatos à Prefeitura de Maceió em matéria do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960. ....	53



Figura 16 –	Chamadas do Jornal de Alagoas durante o ano de 1960, em 22/01, 13/02, 16/02, 16/02, 26/02, 17/03, 27/03, 30/03, 31/03, 18/05, 19/05, 07/08, 21/08, 26/08 e 19/10, respectivamente. ....	54
Figura 17 –	À esquerda e acima, Sandoval Cajú e, abaixo, Vinícius Cansanção, na cerimônia de posse. A direita, Sandoval Cajú em meio ao povo na festividade de posse. ....	55
Figura 18 –	Autoridades civis e militares em inauguração de obra. ....	56
Figura 19 –	Inauguração da Praça do Centenário, em 1963. ....	56
Figura 20 –	Chamada da Matéria da Gazeta de Alagoas sobre o falecimento de Sandoval Cajú. ....	57
Figura 21 –	Matéria da Gazeta de Alagoas sobre o falecimento de Sandoval Cajú. ....	57
Figura 22 –	Localização das praças da gestão Sandoval Cajú com autoria confirmada. ....	63
Figura 23 –	Equipe da Prefeitura de Maceió durante a gestão Sandoval Cajú. Dentre os funcionários, José Passos é o segundo da esquerda para a direita, com bigode, camisa branca e gravata e Lauro ocupa o centro da fotografia, vestindo um terno cinza com um lenço branco no bolso. ...	64
Figura 24 –	Exemplos de canteiros baixos marcados em alvenaria nas praças da Independência (20) e do Centenário (5), respectivamente. ....	65
Figura 25 –	Fontes luminosas com painéis revestidos em azulejo no Parque Gonçalves Lêdo (10), e nas praças Visconde de Sinimbú (15), Marechal Deodoro (22) e Fonte Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5), respectivamente. ....	65
Figura 26 –	Exemplo de banco contínuo em marmorite na Praça do Centenário (5). ....	65
Figura 27 –	Exemplos de bancos contínuos em círculo nas praças Santo Antônio (24) e Antídio Vieira (11), respectivamente. ....	66

Figura 28 –	Diversos ângulos de poltronas em marmorite na Praça Visconde de Sinimbú (15) à esquerda e Parque Gonçalves Lêdo (10) ao centro e à direita. ....	66
Figura 29 –	Diversos ângulos de banco curto reto com base em “S” na Praça Visconde de Sinimbú (15), à esquerda, e na Praça da Independência (20), ao centro e Parque Gonçalves Lêdo (10), à direita. ....	66
Figura 30 –	Mobiliário de lazer em marmorite. ....	66
Figura 31 –	Detalhe dos elementos que incorporam símbolos da cultura. ....	67
Figura 32 –	Fonte Jayme de Altavila, composta de estátua indígena Tabajara, mapa do Estado de Alagoas com divisão dos municípios em 1960 e indígena Caeté, na Praça do Centenário (5). ....	68
Figura 33 –	Exemplos de jarro luminoso sobre base de pedra. À esquerda, na Praça do Centenário (5). Ao centro, jarro associado a fonte em cimento anteriormente existente na Praça Visconde de Sinimbú (15). À direita, exemplo remanescente em cores na Praça Alfredo de Maya (26). ....	68
Figura 34 –	Dois ângulos de exemplar de ponto de ônibus em arcos de concreto e bases em “V” na Praça Santa Tereza (29). ....	68
Figura 35 –	Calçada em placas retangulares de cimento em cores alternadas na Praça do Centenário (5). ....	68
Figura 36 –	Paleta de cores dos azulejos que revestem as fontes e o mobiliário de lazer - rosa claro, rosa escuro, roxo, marrom, preto, branco, amarelo, verde claro, verde escuro, azul escuro e azul claro. ....	69
Figura 37 –	“S” impresso na cor preta em encosto de poltrona em marmorite e em amarelo na lateral de escorregador. ....	69
Figura 38 –	“S” composto em cacos de azulejo claro sobre fundo escuro e colorido escuro sobre colorido claro,	

	respectivamente em lateral de escorregador e na lateral de jarro luminoso. ....	69
Figura 39 –	“S” em relevo em canteiros baixos de alvenaria para árvores respectivamente na praça Jorge de Lima (16) e Visconde de Sinimbú (15). ....	69
Figura 40 –	Dois ângulos de “S” em concreto como base da estátua na Praça Moleque Namorador (27). ....	69
Figura 41 –	“S” composto em cacos de azulejo como revestimento da base do monumento Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5) à esquerda, em base de banco no painel azulejado em piso da fonte da Praça Jorge de Lima (16), respectivamente ao centro e à direita. ....	69
Figura 42 –	Fonte sonoro-luminosa Jayme de Altavila, composto de painel azulejado em formato do Estado de Alagoas ladeado por duas estátuas de indígena, e a estátua da série “continentes” em meio à vegetação de pequeno e médio porte em canteiro baixo na Praça do Centenário (5). ....	70
Figura 43 –	Parque Gonçalves Lêdo (10), com poltronas em marmorite e fonte revestida de azulejos ao fundo e à direita. ....	70
Figura 44 –	Praça Visconde de Sinimbú (15), com canteiros baixos em alvenaria, a estátua do Visconde ao centro, e bancos contínuos ....	71
Figura 45 –	Praça Jorge de Lima (16), com uma poltrona de marmorite com “S” gravado no encosto em destaque, uma jardineira luminosa ao fundo e à esquerda, e o prédio da Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil (CFLNB) ao fundo e à esquerda. ....	71
Figura 46 –	Na fotografia à esquerda, na Praça Marechal Deodoro (22), banco contínuo em primeiro plano, canteiros baixos com grama, fonte luminosa revestida de azulejos brancos e azuis em torno da estátua do Marechal Deodoro e Teatro	

	Deodoro ao fundo. Na fotografia à direita, a mesma praça vista a partir da Rua do Livramento, com ponto de ônibus em arcos de concreto e pés em “V” e poltronas em marmorite. ....	71
Figura 47 –	Praça Manoel Duarte (47), com poltronas em marmorite marcadas com “S” em torno da estátua da Liberdade. ....	72
Figura 48 –	Praça da Liberdade (4), atual Praça Lucena Maranhão, com poltronas em marmorite e bancos contínuos. Ao fundo e à direita, a igreja de Santo Antônio de Pádua. ....	72
Figura 49 –	Praça Getúlio Vargas (Santa Tereza), no bairro da Ponta Grossa, com escorregadores revestidos de cacos de azulejo marcados com “S”. ....	72
Figura 50 –	Praça Tiradentes (20), com canteiros baixos, bancos com bases em formato de “S” e poltronas em marmorite e o prédio da Cadeia ao fundo e à direita. ....	73
Figura 51 –	Praça Moleque Namorador (27), com o monumento em formato de “S” sobre o qual está a estátua do Moleque Namorador. ....	73
Figura 52 –	Praça Arthur Ramos (44), conhecida como Praça Rayol, com poltronas em marmorite com “S” e canteiros marcados em alvenaria. ....	74
Figura 53 –	Praça 7 de Setembro (17) com poltronas em marmorite com “S” e calçada em cimento. ....	74
Figura 54 –	Painel e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com elementos originais após inauguração. ....	76
Figura 55 –	Conjunto de painel, fonte e canteiro na Praça Jorge de Lima (16) em sua configuração original. Destacam-se as barras em ferro e o banco, ambos à direita da fotografia. ....	76
Figura 56 –	Estátua do My-Joãozinho original em cimento. ....	76
Figura 57 –	Segunda Estátua do Menino Mijão instalada pela gestão Pedro Vieira em 1992 em substituição ao primeiro My-Joãozinho. Note-se a diferença na postura cabisbaixa. ....	76

Figura 58 –	Estátua do Menino Mijão substituta, com base quadrada também em concreto. ....	76
Figura 59 –	Painel e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com segundo Menino Mijão, painel em azulejos conservado e fonte em funcionamento. ....	77
Figura 60 –	Painel e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com apenas as pernas do segundo Menino Mijão. ....	77
Figura 61 –	Painel e fonte da Praça Jorge de Lima (16) sem a estátua do Menino Mijão e com espelho d'água já fora de funcionamento, com acúmulo de folhas secas. ....	77
Figura 62 –	Fonte da Praça Jorge de Lima (16) desativada e sem a estátua do Menino Mijão. ....	77
Figura 63 –	Marquise da fonte da Praça Jorge de Lima (16) caída sobre espelho d'água. ....	77
Figura 64 –	Painel azulejado com figura em mosaico de pescador intacto no painel da Praça Jorge de Lima (16). ....	77
Figura 65 –	Peças de azulejo faltantes no painel da Praça Jorge de Lima (16). ....	77
Figura 66 –	Espaço deixado pelas peças de azulejo faltantes escurecido e papéis colados no painel da Praça Jorge de Lima (16). ....	77
Figura 67 –	Aspecto do painel da Praça Jorge de Lima (16) em 2018. ....	77
Figura 68 –	Fotografia em cores do mosaico de cacos de azulejo no formato dos municípios de Alagoas na Fonte Jayme de Altavila. ....	78
Figura 69 –	Fonte Jayme de Altavila em sua configuração original. ....	78
Figura 70 –	Fonte Jayme de Altavila sem azulejos, com espelho d'água desativado e base pintada na cor azul. ....	78
Figura 71 –	Fonte Jayme de Altavila sem azulejos, com espelho d'água transformado em canteiro e base pintada nas cores amarelo e azul. ....	78

Figura 72 –	Estátua “Ásia” na composição da Fonte Jayme de Altavila. .....	79
Figura 73 –	Fonte Jayme de Altavila em funcionamento, com estátua “Ásia” em primeiro plano. ....	79
Figura 74 –	Estátua “Ásia” na Praça Mal. Deodoro (22) a partir de 1985. ....	79
Figura 75 –	Aspecto da Fonte Jayme de Altavila em 2015. ....	79
Figura 76 –	Estátua de indígena 1 com uma mão e armas ausentes. .....	79
Figura 77 –	Estátua de indígena 2, com uma mão e armas ausentes. .....	79
Figura 78 –	Alça Viária Prefeito Sandoval Cajú, com “S” da gestão Sandoval Cajú em aço inox, no bairro Farol, sem a placa de inauguração. ....	81
Figura 79 –	Placa de inauguração da Alça Viária Prefeito Sandoval Cajú. ....	81
Figura 80 –	Praça Sandoval Cajú, no bairro Jacintinho, inaugurada em 1986. ....	82
Figura 81 –	Localização das primeiras povoações que deram origem ao território que seria a Comarca das Alagoas (criada em 1706), parte sul da Comarca de Pernambuco, acompanhadas das datas de fundação – Penedo (1535), Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul ou Alagoas (1591, atual Marechal Deodoro), Alagoa do Norte (1650, atual Santa Luzia do Norte) e Porto Calvo (1636) – dos portos dos franceses e de Jaraguá. A letra (A) indica a Lagoa do Sul (Lagoa Manguaba) e (B) a Lagoa do Norte (Lagoa Mundaú). O círculo pontilhado vermelho marca o local do início da povoação de Maceió. ....	90
Figura 82 –	Ilustração que mostra o núcleo urbano em torno da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, local que se tornaria o Largo da Capela, o primeiro centro de Maceió. ....	90

Figura 83 –	Sobrado onde funcionou a primeira Casa de Câmara, pertencente a Elias Pereira, patriarca da Família Pereira e primeiro juiz ordinário da Vila de Maceió. O edifício foi demolido em 1938 para a construção do Instituto dos Funcionários Públicos, na Praça Dom Pedro II, nº 120. ....	92
Figura 84 –	Localização dos equipamentos necessários para a elevação do povoado de Maceió em vila, no largo da Capela (11): a Casa de Câmara (b), marcada em verde, a Cadeia (m), marcada em lilás e o Pelourinho (10), circulado em pontilhado vermelho. ....	92
Figura 85 –	Casas de taipa cobertas de palha no Vale do Reginaldo em 1924. ....	95
Figura 86 –	Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios, no largo de mesmo nome, inaugurada em 1881. ....	96
Figura 87 –	Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Rua do Sol ou Rua 15 de Novembro, vista da Av. Moreira Lima. ....	96
Figura 88 –	Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo (1827), em Jaraguá. ....	96
Figura 89 –	Capela de Nossa Senhora do Livramento (1825), na rua do Livramento. ....	96
Figura 90 –	Santa Casa de Misericórdia de Maceió (1859), na Rua Barão de Maceió. ....	96
Figura 91 –	Palacete do Barão de Jaraguá (1840), na Praça D. Pedro II. ....	97
Figura 92 –	Farol de Maceió (1851), no bairro Farol. ....	97
Figura 93 –	Farol no alto do morro e Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres (1859), na Praça Dom Pedro II. ....	97
Figura 94 –	Palacete da Assembleia Legislativa (1851), na Praça Dom Pedro II. ....	97
Figura 95 –	Sede da Delegacia Fiscal e Correios (1878), na Praça Dom Pedro II. ....	97

Figura 96 –	Casas térreas na Rua do Comércio, Farol e Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres em 1906. ....	98
Figura 97 –	Trecho da Rua do Comércio em Maceió, com torre da Igreja do Livramento ao fundo. ....	98
Figura 98 –	Casa onde nasceu Marechal Deodoro, na antiga capital Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, atual Marechal Deodoro. ....	98
Figura 99 –	Aspecto do local conhecido como Bôca de Maceió em 1869. À direita da fotografia, o antigo Palácio do Governo Provincial. ....	98
Figura 100 –	Antigo Palácio do Governo na cidade de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, a antiga capital, atual Marechal Deodoro. ....	99
Figura 101 –	Edifício onde funcionou o antigo Palácio do governo em Maceió, no local conhecido como “Boca de Maceió”. ....	99
Figura 102 –	Palácio do Governo do Estado de Alagoas. ....	105
Figura 103 –	Configuração anterior à construção da Praça Wanderley de Mendonça. À esquerda da fotografia, o prédio do Consulado Provincial, e à direita a Ponte de Desembarque, ambos antes da reforma de 1918. ....	106
Figura 104 –	Praça Wanderley de Mendonça. ....	106
Figura 105 –	“Liberté par Bartholdi” - Estátua da Liberdade no catálogo da Fundação Val D’Osne. ....	106
Figura 106 –	Estátuas em ferro fundido no catálogo da Fundação Val D’Osne e na Praça Wanderley de Mendonça (atual Praça Dois Leões): respectivamente javali, lobo, leão e tigre. ....	106
Figura 107 –	Jardim da Praça Dom Pedro II com muro e gradil limitando o acesso, palmeiras e algumas árvores. Ao fundo, o Palacete do Barão de Jaraguá e à esquerda a Assembleia Legislativa. ....	107
Figura 108 –	Praça Dom Pedro II depois da intervenção do início do século XX, com eixos marcados por palmeiras. ....	107



Figura 109 –	Conjunto de busto e base em mármore em homenagem ao Imperador Dom Pedro II na praça de mesmo nome. ....	107
Figura 110 –	Largo dos Martírios, visto da Rua do Comércio, antes da construção do Palácio dos Martírios ao lado da casa térrea à esquerda da imagem. Na imagem, o trilho de bonde que ligava Jaraguá a Bebedouro, passando pela rua do Comércio e cortando o Largo dos Martírios. ....	108
Figura 111 –	Palácio do Governo inaugurado em 1902 no Largo dos Martírios. ....	108
Figura 112 –	Igreja dos Martírios, inaugurada em 1881, no largo de mesmo nome. ....	108
Figura 113 –	Croqui dos pontilhões da Praça Floriano Peixoto. ....	109
Figura 114 –	Croqui das escadarias ou <i>perrons</i> na Praça Floriano Peixoto. ....	109
Figura 115 –	Banco em ferro na Praça Floriano Peixoto e no catálogo da Fundação Val D’Osne. ....	109
Figura 116 –	Estátua em homenagem a Floriano Peixoto. ....	109
Figura 117 –	Praça Floriano Peixoto segundo projeto de Rosalvo Ribeiro, com traçado geométrico, balaustrada, pontilhões e escadarias em alvenaria em estilo greco-romano, três passeios com calçamento, bancos em ferro e postes em ferro da fundição francesa Val D’Osne. À direita da fotografia, a estátua do Marechal Floriano Peixoto. ....	109
Figura 118 –	Candelabre Louis XVI, no catálogo da Fundação Val D’Osne. ....	109
Figura 119 –	Praça Euclides Malta em construção. Ao fundo, o edifício da Garagem dos Bondes. ....	110
Figura 120 –	Banco em ferro duplo com encosto na Praça Euclides Malta (esquerda) e no catálogo da Fundação Val D’Osne (direita). ....	110
Figura 121 –	Praça Euclides Malta, com obelisco e coreto. ....	111
Figura 122 –	Praça Euclides Malta, com coreto e estátua de Mercúrio. ....	111

Figura 123 –	Mercúrio, quando colocado na Rua do Comércio, a partir de 1963. ....	111
Figura 124 –	Praça Marechal Deodoro segundo projeto de Rosalvo Ribeiro, recém-inaugurada. ....	112
Figura 125 –	Estátuas "Europa", "Ásia", "África" e "América", "Europa" e "Ásia" no catálogo da Fundação Val D'Osne e na Praça Marechal Deodoro. ....	112
Figura 126 –	Candelabre Louis XVI, no catálogo da Fundação Val D'Osne. ....	112
Figura 127 –	Teatro Deodoro em sua feição original, com jardim para o qual abriam as janelas do salão. ....	113
Figura 128 –	Edifício da Intendência Municipal, inaugurado em 1910. ....	113
Figura 129 –	Prédio do Tribunal de Justiça, por Lucarini, inaugurado em 1912 na Praça Marechal Deodoro. ....	113
Figura 130 –	Rua 15 de Novembro e Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. ....	114
Figura 131 –	Antigo Palácio do Governo. ....	114
Figura 132 –	Praça Wanderley de Mendonça. ....	115
Figura 133 –	Praça Dom Pedro II, Catedral e Assembleia Legislativa. ...	116
Figura 134 –	Praça Dom Pedro II, monumento a Dom Pedro II e Palacete do Barão de Jaraguá. ....	116
Figura 135 –	Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios. ....	116
Figura 136 –	Intendência Municipal. ....	116
Figura 137 –	Praça Floriano Peixoto e Palácio do Governo. ....	116
Figura 138 –	Praça Euclides Malta e riacho Maceió. ....	116
Figura 139 –	Praça Marechal Deodoro e Teatro Deodoro. ....	117
Figura 140 –	Tribunal de Justiça. ....	117
Figura 141 –	Praia da Pajussara com coqueiral ao fundo em cartão postal da série Typ. Vênus. ....	117
Figura 142 –	Coqueiral na Praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949) (1/2). ....	118

Figura 143 –	Coqueiral e jangada na praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949) (2/2). .....	118
Figura 144 –	Canoas de pesca, casas de palha e coqueiros às margens da Lagoa Manguaba em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949). .....	118
Figura 145 –	Sítio Catuçaba, coqueiros e barco à vela às margens da Lagoa Mundaú em cartão postal da série Typ. Commercial M. J. Ramalho (1912-1918). .....	118
Figura 146 –	Lagoa Manguaba e coqueiral em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (1/2). .....	118
Figura 147 –	Lagoa Manguaba e coqueiral em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (2/2). .....	118
Figura 148 –	Coqueiral às margens do Canal do Trapiche em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (1/3). .....	119
Figura 149 –	Coqueiral às margens da Lagoa Manguaba em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (2/3). .....	119
Figura 150 –	Coqueiral às margens do Canal do Trapiche em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (3/3). .....	119
Figura 151 –	Expansão urbana de Maceió entre 1900 e 1960. ....	123
Figura 152 –	Padrão construtivo resultante do parcelamento que alinha as fachadas à rua, predominante durante o século XIX em Maceió. No recorte, os limites dos bairros Levada e Ponta Grossa, próximos à Praça Santo Antônio (em pontilhado) no mapa de 1960. ....	124
Figura 153 –	Padrão construtivo seguindo o Código de Posturas de 1911, com recuos laterais para permitir a circulação do ar e a entrada de luz natural. O recorte traz as construções ao longo da Avenida Tomás Espíndola (início da Av. Fernandes Lima) no Farol. ....	124
Figura 154 –	Descrição dos elementos característicos do estilo <i>Mission Style</i> Espanhol. ....	125
Figura 155 –	Residência da família Diégues, na Rua Comendador Palmeira, no Farol. ....	125

Figura 156 –	Exemplo de residência em estilo californiano, o <i>Mission Style</i> . .....	125
Figura 157 –	Residência Carlos de Gusmão, projeto do Arquiteto Manoel Messias de Gusmão, na Av. Fernandes Lima, 452, no Farol. ....	125
Figura 158 –	Descrição dos elementos característicos do revival em <i>Tudor Style</i> . ....	125
Figura 159 –	Residência em Tudor Style, na Avenida Moreira e Silva, 887, no bairro Farol. ....	125
Figura 160 –	Casa do Poeta Jorge de Lima, na rua do Imperador, 91. ...	126
Figura 161 –	Casa Rosa, na rua Júlio Plech Filho, no bairro da Pajuçara, de propriedade da Família Paiva. ....	126
Figura 162 –	Praça Visconde de Sinimbú, com passeios em pedra, postes em ferro, bancos, vegetação arbustiva, e estátua do Visconde de Sinimbú. Do lado esquerdo da fotografia, uma fonte baixa em formato de jarro. ....	126
Figura 163 –	Praça 16 de Julho (atual Praça dos Palmares), com Hotel Bela Vista (1923) ao fundo. ....	127
Figura 164 –	Praça Bráulio Cavalcante em 1960, com bancos em pedra, e busto de Bráulio. ....	127
Figura 165 –	Praça Dom Pedro II com calçamento em pedra, vegetação em poda topiaria, espelho d'água no centro dos eixos e bancos retos em pedra. ....	127
Figura 166 –	Praça Floriano Peixoto na década de 1950, com dois espelhos d'água – um a cada lado a estátua – vegetação em poda topiaria, bancos retos em pedra e postes em ferro. ....	127
Figura 167 –	Praça Marechal Deodoro em sua configuração na década de 1940, com vegetação em poda topiaria, a estátua do Marechal Deodoro ao centro e Teatro Deodoro ao fundo. Esta praça tinha também um palco para retretas, programação dominical dos jovens. ....	127

Figura 168 –	Praça Emílio de Maia (não mais existente) em sua configuração a partir de 1939, no bairro da Levada, com calçamento em pedra, bancos retos em pedra e postes em ferro. Ao fundo, o novo mercado da produção, inaugurado em 1939. ....	128
Figura 169 –	Praça Arthur Ramos, em Jaraguá, em sua configuração em 1940. ....	128
Figura 170 –	Praça do Cine Rex, na Pajuçara, em 1940, com vegetação arbustiva e bancos retos em pedra. ....	128
Figura 171 –	Praça Sergipe no bairro Farol, logo após sua inauguração, com calçamento em pedra em eixos, bancos curtos e retos em pedra, postes em ferro e um obelisco ao centro dos eixos. ....	129
Figura 172 –	Praça Dom Antônio Brandão, no extremo da avenida de mesmo nome, com calçamento em eixos. ....	129
Figura 173 –	Praça Rosalvo Ribeiro, com calçamentos em eixos em pedra, bancos curtos em pedra, espelho d'água circular no centro dos eixos, e busto de Rosalvo Ribeiro. ....	129
Figura 174 –	Praça Antídio Vieira, à esquerda, com calçamento em eixos de pedra marcados por um poste em ferro ao centro e bancos retos em pedra; e canteiro central da ladeira dos Martírios, à direita, no bairro Farol, em 1940. ....	130
Figura 175 –	Praça do Centenário, com traçado em eixos com calçamento em pedra, bancos com espelho d'água circular ao centro, e Estátua da Liberdade em ferro fundido ao centro do espelho d'água. ....	130
Figura 176 –	Praça Napoleão Goulart, com calçamento circundante em pedra. ....	131
Figura 177 –	Piso Copacabana na Praia da Avenida em 1950. ....	131
Figura 178 –	Coreto para retretas na Praia da Avenida. ....	131
Figura 179 –	Coreto para retretas na Praia da Avenida. ....	131
Figura 180 –	Cais do Porto de Maceió, inaugurado em 1940. ....	132

Figura 181 –	Banhistas na Praia da Avenida. ....	132
Figura 182 –	Jangada de Pau tradicional na Praia de Pajuçara. ....	133
Figura 183 –	Gogó da Ema como ponto de encontro na praia de Ponta Verde. ....	133
Figura 184 –	Residência José Lyra e Lysette Lyra, na Av. Fernandes Lima, projeto de Lygia Fernandes em 1952. ....	133
Figura 185 –	Projeto José e Lysette Lyra na revista Acrópole nº 204 de 1955. ....	133
Figura 186 –	Cores vibrantes nas paredes do interior de residência modernista. ....	134
Figura 187 –	Azulejos em 45° como revestimento de cozinha em residência modernista. ....	134
Figura 188 –	Azulejos coloridos como revestimento de banheiro em residência modernista. ....	134
Figura 189 –	Azulejos decorados revestindo espelho de escada. ....	134
Figura 190 –	Revestimentos em marmorite e pedra no interior de residência. ....	134
Figura 191 –	Cobogós em residências modernistas em Maceió. ....	134
Figura 192 –	Mosaico de azulejos retratando a atividade da pesca. ....	134
Figura 193 –	Brasão em mosaico de azulejos. ....	134
Figura 194 –	Faculdade de Medicina, inaugurada em 1951, com projeto de fachada em estilo neocolonial do engenheiro-arquiteto Joffre Saint-Yves-Simon. ....	135
Figura 195 –	Edifício Luz, em linguagem protomodernista, na Rua Oliveira e Silva, Centro. ....	135
Figura 196 –	Edifício Breda, em linguagem modernista, projeto do desenhista Walter de Azevedo Cunha. ....	135
Figura 197 –	Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos e de pedra. ....	136
Figura 198 –	Fachada de residência revestida em azulejos brancos e em cor, e por cacos de azulejos em mosaico. ....	136
Figura 199 –	Fachada de residência de porta-e-janela revestida em azulejos assentados a 45°. ....	136

Figura 200 –	Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos. ....	136
Figura 201 –	Fachada de residência revestida de azulejos, e muro baixo revestido em pedra. ....	136
Figura 202 –	Casas de meia-morada em Maceió. ....	137
Figura 203 –	Casas de meia-morada em Maceió. ....	137
Figura 204 –	Fachada azulejada. ....	137
Figura 205 –	Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos brancos e azuis em composição. ....	137
Figura 206 –	Residência com azulejos e outros elementos modernistas na Rua Paissandu, 89, Ponta Grossa. ....	137
Figura 207 –	Fachada de residência revestida de azulejos em rosa e preto na Rua Moacir Miranda, 154, Ponta Grossa. ....	137
Figura 208 –	Residência 154 - detalhe da composição de azulejos e dos azulejos. ....	137
Figura 209 –	Paisagens de Maceió em destaque em cartão postal do final de 1955, sendo 1 - Cachoeira de Paulo Affonso (Piranhas, AL); 2 – Estátua do Marechal Deodoro da Fonseca; 3 – Jangadas na Praia de Jaraguá; 4 – Lagoa Mundaú; 5 – Edifícios modernistas na Praça dos Palmares; 6 – Gogó da Ema; 7 – Praia de Pajuçara; 8 – Hotel Bela Vista; 9 – Cais do Porto de Maceió; 10 – Catedral Metropolitana. ....	138
Figura 210 –	Configuração da Praça Marechal Floriano Peixoto (dos Martírios) entre 1936 e 1962. ....	143
Figura 211 –	Praça Marechal Floriano Peixoto sob configuração do projeto de Abelardo Rodrigues, a partir de 1962. ....	143
Figura 212 –	Praça dos Martírios com calçamento em pedra portuguesa, fonte sonoro-luminosa da Castro Fontes e Palácio do Governo Floriano Peixoto ao fundo. ....	144
Figura 213 –	Bancos contínuos ao longo do canteiro e revestimento da fonte sonoro luminosa em pastilhas de azulejo azuis. ....	144

Figura 214 –	Estátua do Marechal Floriano Peixoto voltada para a Rua do Comércio. Ao fundo, a galeria Rosalvo Ribeiro, escadaria da Praça Floriano Peixoto e Igreja dos Martírios. ....	144
Figura 215 –	Praça Marechal Floriano Peixoto em dois níveis separados por uma escadaria, ao lado da Galeria Rosalvo Ribeiro, fonte sonoro-luminosa e bancos contínuos ao longo dos canteiros. Ao fundo, a Igreja dos Martírios e o planalto do Farol. ....	144
Figura 216 –	Pilotis e janelas em fita do MES. ....	149
Figura 217 –	MES, Rio de Janeiro. ....	149
Figura 218 –	Desenho para o projeto do MES. ....	149
Figura 219 –	Perspectiva do projeto para o edifício-sede da Prefeitura de Maceió. ....	149
Figura 220 –	Edifício-sede da Prefeitura de Maceió. ....	150
Figura 221 –	Azulejos na cor laranja na fachada do edifício-sede da Prefeitura de Maceió. ....	150
Figura 222 –	4 Exemplares de Acácia Mimosa na Praça Moleque Namorador (27), na Ponta Grossa. ....	158
Figura 223 –	Exemplar de Algaroba na Praça Cipriano Jucá (38), no bairro Poço. ....	158
Figura 224 –	Exemplar de Amendoeira na Praça Fôrça Total (3), em Bebedouro. ....	159
Figura 225 –	Exemplar de Ficus Benjamina na Praça Unidos do Poço (40), no bairro do Poço. ....	159
Figura 226 –	Vegetação de pequeno porte em canteiro alto central da Praça Tiradentes (20). ....	159
Figura 227 –	Canteiro alto com espécies de pequeno porte na Praça Jorge de Lima (16). ....	159
Figura 228 –	Fonte baixa transformada em canteiro alto com jarro luminoso na Praça Visconde de Sinimbú (16). ....	159
Figura 229 –	Espécies de pequeno porte em canteiro baixo próximo à fonte na Praça Jorge de Lima (16), no Centro. ....	160



Figura 230 –	Espécies de pequeno porte em canteiros baixos na Praça 7 de Setembro (17), no bairro Centro. ....	160
Figura 231 –	Espécies de pequeno porte em canteiros baixos na Ilhota central da Ladeira dos Martírios (8), no Farol. ....	160
Figura 232 –	Espécies de pequeno porte em canteiro baixo na Praça Artur Ramos (Raiol) (44), em Jaraguá. ....	160
Figura 233 –	Espécies de pequeno porte em composição em canteiro baixo na Praça do Centenário (5), no Farol. ....	160
Figura 234 –	Figura 234 – Espécies de pequeno porte em canteiro baixo na Praça Marechal Deodoro (22), no Centro. ....	160
Figura 235 –	Espécies de pequeno porte em canteiro baixo no Parque Gonçalves Lêdo (10), no Farol. ....	161
Figura 236 –	CIMENTO em ampliação da Figura 237. ....	162
Figura 237 –	Cimento como elemento de composição do passeio circundantes da Praça 7 de Setembro (17), no Centro. ....	162
Figura 238 –	CIMENTO revestido com camada prateada em ampliação da Figura 239. ....	162
Figura 239 –	Estátuas feitas em cimento com pintura prateada: indígenas da Praça do Centenário (5) à esquerda, My-Joãozinho à direita e ao centro, e detalhe do material, à direita. ....	162
Figura 240 –	Estátuas do Parque Gonçalves Lêdo (10), em cimento. ....	162
Figura 241 –	PEDRA de calçamento interno da Praça Visconde de Sinimbú (15). ....	163
Figura 242 –	Detalhe do passeio interno em pedra na Praça Visconde de Sinimbú (15) (à esquerda) e a aplicações de pedra como revestimento nas praças da gestão Sandoval Cajú – como piso e como base da estátua da deusa Minerva no Parque Gonçalves Lêdo (10) e como base de jarro luminoso na Praça do Centenário (5). ....	163
Figura 243 –	ALVENARIA de tijolo batido em canteiro baixo na Praça Visconde de Sinimbú (15). ....	163

Figura 244 –	Canteiros baixos, canteiros altos e balaustrada em alvenaria. ....	163
Figura 245 –	MARMORITE em ampliação da Figura 246. ....	164
Figura 246 –	Poltrona em marmorite na Praça Jorge de Lima. ....	164
Figura 247 –	Escorregador em marmorite na Praça Sinimbú. ....	164
Figura 248 –	Banco com base em “S” em marmorite. ....	164
Figura 249 –	Banco Contínuo revestido em marmorite com os dizeres “Pref. Sandoval Cajú”. ....	164
Figura 250 –	CONCRETO em detalhe de abrigo de ônibus. ....	164
Figura 251 –	Cobertura do abrigo do ponto de ônibus na Praça Marechal Deodoro (22), no bairro Centro. ....	164
Figura 252 –	FERRO fundido em estátua Continente na Praça Marechal Deodoro (22). ....	165
Figura 253 –	Estátua do Moleque Namorador em estrutura de ferro vazado. ....	165
Figura 254 –	Postes e estátuas legadas das gestões anteriores nas praças da gestão Sandoval Cajú – Poste (na praça nº 16), Marechal Deodoro (22), Ásia (22), Europa (5), General Gois Monteiro (5), Estátua da Liberdade (47), Deusa Minerva (10) e Visconde de Sinimbú (15). ....	165
Figura 255 –	Variações de formato e cores de AZULEJO nas praças da gestão Sandoval Cajú. ....	165
Figura 256 –	Variações de aplicação de azulejo inteiro ou em cacos nas praças da gestão Cajú, respectivamente na base do monumento na praça Moleque Namorador (27), no jarro luminoso da praça Alfredo de Maya (26), no painel da praça Jorge de Lima (16), no abrigo de ponto de ônibus da Marechal Deodoro (22), nos escorregadores da Praça do Centenário (5), no painel da Praça do Centenário (5), no painel do Parque Gonçalves Lêdo (10) e na fonte da Praça Marechal Deodoro (22). ....	166
Figura 257 –	Jarro luminoso colocado no meio de canteiro baixo na Praça do Centenário (5). ....	167

Figura 258 –	Jarro Luminoso sobre base já existente na Praça Sinimbú (15). .....	167
Figura 259 –	Estátua do General Gois Monteiro em destaque na Praça do Centenário (5), destacada por canteiro baixo circular. ....	168
Figura 260 –	Estátua da Liberdade em destaque na Praça da Liberdade (Manoel Duarte) (10), circundada por espelho d’água. ....	168
Figura 261 –	Estátua do Visconde de Sinimbú, destacada por canteiros baixos na Praça Sinimbú (15). ....	168
Figura 262 –	Estátua da Deusa Minerva em destaque no centro de canteiro no Parque Gonçalves Lêdo (10). ....	168
Figura 263 –	Estátuas do Parque Gonçalves Lêdo (10) em destaque no alto da escadaria da Rua Ciridião Durval. ....	168
Figura 264 –	Monumento Moleque Namorador no centro dos eixos de calçamento da Praça Moleque Namorador (27). ....	168
Figura 265 –	Conjunto de fonte e estátuas da série Continentes em destaque na Praça Marechal Deodoro (22). ....	169
Figura 266 –	Conjunto de estátua do My-joãozinho, painel, fonte e canteiro baixo na Praça Jorge de Lima (16). ....	169
Figura 267 –	Conjunto de estátuas, painel, fonte sonoro-luminosa, destacado por canteiro baixo no centro da Praça do Centenário (5). ....	169
Figura 268 –	Estátuas de indígenas tabajara e caeté e mapa do Estado de Alagoas no conjunto de painel e fonte sonoro-luminosa Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5). ....	170
Figura 269 –	Mosaico de azulejos representando o coqueiro Gogó da Ema no painel do Parque Gonçalves Lêdo (10). ....	170
Figura 270 –	Mosaicos representando o trabalho do pescador – peixes, gaivotas, jangada, casa de palha e pescador – no painel Jorge de Lima na Praça de mesmo nome (16). ....	171
Figura 271 –	Poste modelo bolinha na praia da Avenida na década de 1960. ....	172
Figura 272 –	Poste na praça da Independência (20). ....	172

Figura 273 –	Detalhe da base do poste na Praça Sergipe (6). .....	172
Figura 274 –	Playgrounds com escorregadores em mamorite nas praças Sinimbú (15), Centenário (5) e Santa Tereza (29). No local onde há o poste na fotografia da Praça Santa Tereza, o levantamento realizado pela SEMINFRA em 1982 mostra que antes existia uma árvore. ....	173
Figura 275 –	Variações de mobiliário de estar – respectivamente poltrona em marmorite, banco com base em “S”, banco contínuo em “S”, banco como parte de painel azulejado, banco contínuo circular e banco contínuo acompanhando o formato do canteiro. ....	174
Figura 276 –	GRUPO 1 - Traçado-base na Praça Menino Petrúcio (28). ....	177
Figura 277 –	GRUPO 1 - Traçado-base na Praça Unidos do Poço (40). ....	177
Figura 278 –	GRUPO 2 - Passeios cortando o canteiro central da Praça João Martins (2). ....	177
Figura 279 –	GRUPO 2 - Passeios cortando o canteiro central da Praça Alfredo de Maya (26) (3º Distrito). ....	177
Figura 280 –	GRUPO 2 - Passeios cortando os canteiros da Praça Santa Tereza (29), de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	178
Figura 281 –	GRUPO 2 - Planta de Cobertura Vegetal da Praça Santa Tereza (29) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	178
Figura 282 –	GRUPO 3 - Centralidade marcada por monumento e banco contínuo circular na Praça Sergipe (6). ....	178
Figura 283–	GRUPO 3 - Centralidade marcada por poste e banco contínuo circular na Praça Antídio Vieira (11). ....	178
Figura 284 –	GRUPO 3 - Centralidade marcada por espelho d’água e na Praça Manoel Duarte (47). ....	178
Figura 285 –	GRUPO 3 - Planta da Praça Santo Antônio (24) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	178

Figura 286 –	GRUPO 3 - Planta de cobertura vegetal da Praça Santo Antônio (24) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	178
Figura 287 –	GRUPO 4 - Centralidade sem passeios convergentes na Ilhota da ladeira dos Martírios (8) com totem “Bem-vindo a Maceió” marcando a centralidade da praça. É a única que não apresenta passeio circundante. ....	179
Figura 288 –	GRUPO 4 - Passeios convergentes em direção à centralidade na Praça Moleque Namorador (27), em formato redondo. ....	179
Figura 289 –	GRUPO 4 - Planta de cobertura vegetal da Praça Moleque Namorador (27). ....	179
Figura 292 –	GRUPO 5 - Traçado com passeios internos sinuosos em terra batida, centralidade marcada e bancos alinhados aos passeios, na Praça Tiradentes (20). ....	180
Figura 290 –	GRUPO 5 - Traçado sem centralidade e com passeios internos sinuosos em terra batida na Praça da Maravilha (43). ....	179
Figura 291 –	GRUPO 5 - Planta de cobertura vegetal da Praça da Maravilha (43). ....	179
Figura 292 –	GRUPO 5 - Traçado com passeios internos sinuosos em terra batida, centralidade marcada e bancos alinhados aos passeios, na Praça Tiradentes (20) ....	180
Figura 293 –	GRUPO 6 - Passeio único ligando os lados da Praça da Liberdade (atual Lucena Maranhão) (4). ....	180
Figura 294	GRUPO 6 - Bancos alinhados ao canteiro externo da Praça da Liberdade (4) (atual Lucena Maranhão). ....	180
Figura 294 –		
Figura 295 –	GRUPO 6 - Único passeio ligando os dois lados da Praça Jorge de Lima (16) segundo projeto original da Praça Jorge de Lima. ....	180
Figura 296 –	GRUPO 6 - Planta de cobertura vegetal da Praça Jorge de Lima (16) segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	180

Figura 297 –	GRUPO 7 - Traçado que combina os princípios de projeto da gestão Praça do Centenário (5), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	181
Figura 298 –	GRUPO 7 - Planta de Cobertura Vegetal da Praça do Centenário (5), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	181
Figura 299 –	GRUPO 7 - Foto aérea da Praça do Centenário (5). ....	181
Figura 300 –	GRUPO 7 - Traçado Praça Marechal Deodoro (22). ....	182
Figura 301 –	GRUPO 7 - Praça Marechal Deodoro (22). ....	182
Figura 302 –	MENÇÃO ESPECIAL - Traçado da Praça Visconde de Sinimbu (15), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	182
Figura 303 –	MENÇÃO ESPECIAL - Planta de Cobertura Vegetal da Praça Visconde de Sinimbu (15), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú. ....	182
Figura 304–	Lauro Menezes (ao centro) e José Passos Filho (à direita) no setor de projetos da Prefeitura de Maceió, à Rua do Imperador, 307. Abaixo da prancheta, pranchas com os projetos do setor. ....	184
Figura 305 –	Lauro Menezes e Sandoval Cajú em inauguração de Praça em Maceió. ....	184
Figura 306 –	Lauro Menezes (à direita) em obra da Praça do Centenário (5), próximo à estátua do General Gois Monteiro (à esquerda). À direita da fotografia, um exemplo de jarro luminoso, e à direita e ao fundo, poltrona em marmorite. ....	184
Figura 307 –	Mapa de localização das praças em relação às vias principais da década de 1960. ....	188
Figura 308 –	Usuários sentados à sombra das árvores na Praça Marechal Deodoro (22). ....	190
Figura 309 –	Usuários sob a sombra das árvores da Praça da Maravilha (43). ....	190

Figura 310 –	Usuários sentados à sombra das árvores da Praça	
	Moleque Namorador (27). .....	190

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Confirmação de autoria das praças da gestão Sandoval Cajú. Na primeira coluna, os nomes dos bairros pela divisão atual (MACEIÓ, 2005), por ordem alfabética. ....	61
Tabela 2 –	Obras em Maceió como temas das fotografias nas publicações e nos cartões postais do século XX. As publicações pelo Estado de Alagoas estão marcadas em negrito, e os cinza e as séries de cartões postais estão listadas a seguir, sem negrito. ....	115
Tabela 3 –	Espécies vegetais identificadas nas praças da gestão Sandoval Cajú. ....	157
Tabela 4 –	Presença dos materiais nas praças da gestão Sandoval Cajú identificadas nas fotografias ou in loco. ....	162
Tabela 5 –	Presença de elementos decorativos por praça. As praças criadas pela gestão estão destacadas em negrito. ....	167
Tabela 6 –	Distribuição dos equipamentos por praça. As praças com nomes em negrito foram criadas pela gestão. ....	171
Tabela 7–	Distribuição do mobiliário nas praças da gestão Sandoval Cajú. ....	174
Tabela 8 –	Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto ao formato. ....	175
Tabela 9 –	Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto ao traçado. ....	176
Tabela 10 –	Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto à localização. As praças criadas pela gestão têm nomes destacados em negrito. ....	185
Tabela 11 –	Comparação das características das modernizações das praças em Maceió (1900-1964). ....	192



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Datas de inauguração das praças da gestão Sandoval Cajú. ....	151
Quadro 2 –	Natureza da homenagem dos nomes de 27 das praças criadas pela gestão Sandoval Cajú. ....	154
Quadro 3 –	Características das espécies vegetais de grande porte identificadas em comum nas praças da Gestão Sandoval Cajú. ....	159

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APA	Arquivo Público de Alagoas
DVOP	Departamento de Obras e Viação do Estado de Alagoas
HPS	Hospital de Pronto Socorro de Maceió
IHGAL	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
MES	Ministério de Educação e Saúde
MISA	Museu da Imagem e do Som de Alagoas
QUAPÁ	Quadro do Paisagismo no Brasil
RELU	Grupo de Pesquisa Representações do Lugar
SEMINFRA	Secretaria Municipal de Infraestrutura de Maceió
SEMPLA	Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento de Maceió
SUMOV	Superintendência Municipal de Obras e Viação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>39</b>
<b>2</b>	<b>DO OBJETO AO PROBLEMA DO IDEAL .....</b>	<b>44</b>
2.1	OBJETO: AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ .....	44
2.1.1	<b>História - Sandoval Cajú, trajetória política .....</b>	<b>44</b>
2.1.2	<b>Estética – características das praças da gestão Sandoval Cajú .....</b>	<b>58</b>
2.1.3	<b>Polêmica – reprovação versus aprovação .....</b>	<b>74</b>
2.2	O PROBLEMA DO IDEAL CIDADE SORRISO .....	80
<b>3</b>	<b>A PRAÇA NA CIDADE SORRISO .....</b>	<b>83</b>
3.1	DE MASSAYÓ À CIDADE SORRISO .....	87
3.1.1	<b>Uma nova capital para um novo Estado .....</b>	<b>88</b>
3.1.2	<b>De Massayó a Maceió .....</b>	<b>100</b>
3.1.3	<b>Maceió, Cidade Sorriso .....</b>	<b>114</b>
3.2	A PRAÇA DA CIDADE SORRISO .....	120
<b>4</b>	<b>AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ .....</b>	<b>122</b>
4.1	A PERDA DO SORRISO: MACEIÓ, 1930-1960 .....	122
4.2	O IDEAL DE RECUPERAÇÃO DO SORRISO .....	138
4.3	O SORRISO RECUPERADO .....	147
4.3.1	<b>Cidade Sorriso x Cidade Sorriso .....</b>	<b>190</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>194</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>197</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O visitante que chegar à cidade de Maceió de avião, de carro pela BR-104, ou de ônibus, pela rodoviária, e se dirigir à “Maceió”<sup>1</sup>, passará inevitavelmente por uma grande praça. Uma curva da Avenida Fernandes Lima deixará em evidência na paisagem um monumento no formato de um mapa de Alagoas com duas estátuas de indígenas em posição de guarda, uma de cada lado. Aquela é a Praça do Centenário, um dos pontos centrais do Farol, movimentado bairro comercial e de serviços. Um morador mais antigo da cidade saberá que o monumento é um feito da gestão Sandoval Cajú em Maceió (1961-1964), e lembrará das festividades de inauguração da praça na década de 1960 ou de memórias infantis em seu *playground*.

Esta é apenas uma das muitas praças feitas por esta gestão, identificáveis por elementos que as reúnem num conjunto. No Farol, além da Centenário, há a pequena Sergipe e o Parque Gonçalves Lêdo. No Centro, a Praça Visconde de Sinimbu, com seu painel azulejado e o escorregador, com uma base em “S”, à beira da Praia da Avenida. No bairro do Poço, a Praça Guimarães Passos e a Praça da Maravilha. Nas ruas principais do bairro Ponta Grossa, além da Moleque Namorador, quartel general do frevo durante o carnaval, há a Santo Antônio, a do 3º Distrito, a Guedes de Miranda e a Santa Tereza<sup>2</sup>. As demais não mais existem, foram alteradas pelas gestões posteriores. Eram 58 ao todo: 22 reformadas e 36 construídas, distribuídas pelos bairros e distritos da Maceió da década de 1960.

O visitante pode, a depender do governo municipal em exercício, encontrar estas praças bem cuidadas ou em estado de abandono. Ocasionalmente elas são recuperadas pela municipalidade, apenas para que seja possível assistir novamente ao seu declínio.

A Prefeitura de Maceió parece ter as mãos atadas neste caso. Cercadas por uma polêmica que divide os maceioenses entre aceitação e rejeição dos resultados da promessa de “recuperar o sorriso” da cidade, as praças da gestão Sandoval Cajú ficam sujeitas a um ciclo de destruição que varia entre o completo abandono e a manutenção paliativa, de acordo com a opinião do governo em exercício.

---

<sup>1</sup> O termo “Maceió” é usado pelos moradores para se referir à área que abrange o bairro Centro e o início do Farol, que correspondiam à área urbana do município entre 1900 e 1930, sua “belle époque”.

<sup>2</sup> A Praça Doutor Getúlio Vargas, no bairro da Ponta Grossa, é conhecida também por seu antigo nome, Praça Santa Tereza.

No centro da polêmica que causa a destruição das praças, e de uma insatisfação do maceioense que observa o abandono das mesmas, a comparação à *belle époque* de Maceió no início do século XX: a Cidade Sorriso.

Como contribuição ao problema, é objetivo central desta dissertação a análise das praças da Gestão Sandoval Cajú a partir do ideário Cidade Sorriso, como justificativa que incentive a tomada de decisões que interrompam o ciclo de destruição a que estão submetidas há 54 anos.

Antes de inspirar a promessa de campanha de Sandoval Cajú, o ideal Cidade Sorriso – ainda não nomeado como tal – surge como uma ideia. O núcleo urbano chamado pelos nativos no início do século XIX de *Massayó* (em tupi, “o que tapa o alagadiço”), será, graças ao esforço da elite de comerciantes local, elevado a vila em 1815 e à capital da Província em 1839. É neste momento, que surge a demanda para a sua transformação numa cidade digna deste título.

No *Geographia Alagoana* de 1871, o ideal de Maceió será imaginado por Thomás Espíndola, médico higienista, que indica as transformações higienistas necessárias para sanear o terreno natural de Maceió. Durante a “Era Malta” (1900-1912), este ideal será materializado e oficializado com a construção de 4 edifícios públicos – entre eles o Palácio do Governo – e 5 praças, segundo as instruções de Espíndola. Com esta obra, o núcleo urbano de Maceió alcança sua diferenciação em relação à antiga capital Maria Madalena da Alagoa do Sul, e se assemelha às maiores capitais do país.

Os cartões postais serão o meio de propaganda a partir de 1900. Atraindo a atenção de visitantes e de países como França, Inglaterra e Alemanha, Maceió recebe em 1930, como referência à beleza seu núcleo urbano europeu circundado por paisagens naturais exuberantes, o título de “Cidade Sorriso”.

Uma vez oficializado, o ideal Cidade Sorriso orientará as obras públicas e a insatisfação do público quando estas se fazem ausentes durante as décadas de 1940 e 1950; e será a base da campanha de Sandoval Cajú. O otimismo trazido pelo presidente Juscelino Kubitschek com o plano de metas, a inauguração de Brasília em 1958 e o recente reconhecimento e valorização da cultura brasileira, inspiram os eleitores durante a campanha de Sandoval Cajú em 1960: o momento era propício para recuperar também o “Sorriso” de Maceió. O descrédito dos brasileiros na política tradicional, a aproximação com o público através do bom humor nos

programas da Rádio Difusora e sua campanha que percorre Maceió fazendo comícios em bairros distantes contribuíram para a vitória nas urnas.

Sua gestão, iniciada em 1961 e prevista para 5 anos, é interrompida em 1964 com a cassação de seus direitos políticos. Nos 15 anos em que fica impedido de exercer a política até 1979, trabalha como advogado no Recife, e volta a Maceió nos fins de semana para reunir-se com a família.

Sua trajetória pessoal e política ímpar o fez personagem memorável durante e após seu mandato, por suas anedotas políticas e como inspiração para o personagem televisivo Odorico Paraguaçu, em “O Bem-Amado”. Por sua contribuição à cidade de Maceió, é lembrado no ABC das Alagoas como o *Prefeito das Praças*.

Esta dissertação é a primeira a tratar da polêmica que circunda a figura de Sandoval Cajú e sua atuação na Prefeitura de Maceió. Considerando que os estudos anteriores, que evitam tocar na sensível questão política, falham em despertar uma discussão que leve à interrupção da destruição desta obra, o enfrentamento do entrave político é eleito como prioridade, e o ideal Cidade Sorriso toma o cento da discussão.

Para entendê-lo, os estudos de Jessé Souza sobre os processos de construção históricos de um mito ou discurso, e os de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico e as demandas para a construção de discursos regionais serão a base da teoria; e José Murilo de Carvalho a complementa com a explicação da função da praça na divulgação e oficialização de discursos por meio de símbolos.

Seguindo esta base teórica, o estudo é direcionado ao campo simbólico, incorporando, para dar suporte à exploração do objeto, estudos sobre a histórica, política e cultura maceioense e alagoana, e a exploração de fontes primárias: fotografias de domínio público do acervo do Arquivo Público de Alagoas (APA), do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL); fotografias de moradores de Maceió como testemunhas da obra da gestão no período 1960-2018; “Fallas Provinciais” – relatórios oficiais dos governantes da Província de Alagoas; levantamentos arquitetônicos e projetos da década de 1980 dos arquivos da Secretaria Municipal de Infraestrutura de Maceió; artigos do Jornal de Alagoas no período 1960-1964, disponíveis no Arquivo Público de Alagoas; artigos de jornais de outros estados brasileiros no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira; jornais locais

recentes em formato digital online; e artigos de blogs de maceioenses com opiniões pessoais sobre Maceió e suas praças.

A dissertação se organiza em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo, a justificativa de sua relevância e o problema de pesquisa. Para entender as motivações políticas, sociais e pessoais de Sandoval Cajú, apresenta sua trajetória política, os ideais que o influenciam através de sua família e formação profissional, a chegada a Maceió, sua carreira no rádio, a campanha para a Prefeitura, e sua posse, cassação e falecimento. O período de vigência do mandato é tratado a seguir, com o mapeamento da obra produzida pela equipe técnica desta gestão – os desenhistas Lauro Menezes e José Passos Filho: obras de infraestrutura, saúde, educação e embelezamento. São também apresentadas as praças: nomes, localizações e estética característica, em elementos que identificam a autoria por repetição. Na sequência, é apresentado o problema de pesquisa, com as opiniões divergentes que compõem a polêmica, os efeitos desta na degradação das praças, e o papel do ideal Cidade Sorriso na questão.

O segundo capítulo guia o leitor pelo caminho teórico-metodológico e histórico percorrido pela pesquisa, na busca da definição do ideal Cidade Sorriso e da praça que a ele corresponde. Inicia justificando a escolha das bases teóricas do estudo, com a transição do estudo para o campo simbólico. Revisa os passos de Jessé Souza, Pierre Bourdieu e José Murilo de Carvalho; e consulta autores que tratam da história e cultura alagoana e maceioense durante o período de formação do ideal Cidade Sorriso: Dirceu Lindoso, Douglas Apratto Tenório, Verônica Cavalcanti, e Fátima Campello. A intersecção entre estes 7 autores constrói a explicação da transformação do terreno natural *Massayó* na capital Maceió, intercalando a teoria de Bourdieu com a história local: o surgimento da ideia de Espíndola, o despertar do interesse político na “Era Malta”, a transformação do espaço público de acordo com este discurso, e o reconhecimento externo através das fotografias e cartões postais que o solidifica e nomeia, ao final dos anos 1930, como “Cidade Sorriso”. Entender a formação do ideal Cidade Sorriso permite cumprir o objetivo do capítulo: identificar as características da “praça da Cidade Sorriso”.

O terceiro capítulo retorna às praças da Gestão Sandoval Cajú como objeto de pesquisa. A linha do tempo histórica se estende para explicar as transformações urbanas ainda realizadas sob o discurso nas décadas de 1940 e 1950, e como estas transformam reciprocamente o

discurso até a campanha política para a Prefeitura de Maceió em 1960. Neste ponto, serão o trabalho de Angélica Silva, a iconografia de domínio público dos arquivos já citados e os artigos do Jornal de Alagoas as matérias-primas desta exposição. O ideal de “recuperação do sorriso” da época em que Sandoval Cajú assume a Prefeitura será uma modificação parcial do discurso Cidade Sorriso, somando os objetivos originais à percepção do visitante sobre a cidade de Maceió. Para as praças, nesta época, cabe o papel de “cartões postais”, como no caso da reforma da Praça dos Martírios em 1962.

A interpretação do ideal pela equipe da gestão Sandoval Cajú é identificada na última parte deste capítulo. A impossibilidade de entrevistar a equipe, já falecida, para entender suas motivações, e a escassez de informações sobre suas trajetórias profissionais, leva a pesquisa a direcionar o olhar para o produto – as praças – para a identificação desta interpretação particular do ideal Cidade Sorriso. A ordem das categorias de análise é invertida, partindo daquelas que descrevem o produto para identificar, ao final, o objetivo. Com os resultados da análise, é possível confrontar o ideal de 1930, a expectativa do público construída durante a campanha de Sandoval Cajú em 1960 e a leitura do ideal pela gestão como materializada nas praças entre 1961 e 1964, com a justaposição das características destes três períodos.

As Considerações Finais apresentam brevemente uma revisão do objeto de pesquisa, os caminhos escolhidos pela pesquisa ao longo de sua execução, os resultados da análise, as limitações de realização da pesquisa e sugestões de temas de investigação a serem explorados futuramente.



## 2 DO OBJETO AO PROBLEMA DO IDEAL

Este capítulo corresponde à problematização da pesquisa. Apresenta o objeto de pesquisa, a construção do problema, os objetivos geral e específicos e a justificativa para a organização das partes da dissertação de acordo com os objetivos.

### 2.1 OBJETO: AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o conjunto das praças executadas pela gestão Sandoval Cajú em Maceió-Alagoas (1961-1964), relevantes pela **A. HISTÓRIA** de um candidato a prefeito de classe social não-política, radialista à época, com uma campanha “de circos mambembes”, feita na rua; eleito com maioria de votos numa eleição contra nomes tradicionais da política alagoana; por sua **B. ESTÉTICA** característica, identificada pelos elementos que se repetem – bancos contínuos, azulejos coloridos, arbustos coloridos, brinquedos de marmorite, canteiros sinuosos, caminhos em pedra, monumentos com símbolos da cultura local; e **C. POLÊMICA** que acompanha a obra – entre opiniões de grupos contrários: uma que condena qualquer iniciativa de preservação por considera-la sem valor e outra que defende um estudo para validá-la como patrimônio modernista a partir de seus elementos estéticos.

#### 2.1.1 História - Sandoval Cajú, trajetória política

Sandoval Cajú é o candidato eleito em 1961 para o cargo de prefeito da cidade de Maceió. Entender sua origem, trajetória, posição social e sua campanha para a Prefeitura é passo inicial essencial para entender o objeto de pesquisa. Sua trajetória é contada em sua autobiografia (CAJÚ, 1991), e complementada pela pesquisa inédita da Revista Graciliano dedicada à sua vida e obra, levantamento mais completo existente sobre o assunto (CEPAL, 2011).

Sandoval Ferreira Cajú nasceu em 16 de novembro de 1923, na cidade de Bonito de Santa Fé, sertão oeste da Paraíba (Figura 1). A árvore genealógica na Figura 2 dispõe os dados sobre a origem de Sandoval, incluindo a data de nascimento de cada membro da família, seus locais de nascimento e profissões, limitadas pela disponibilidade das informações. Note-se a origem

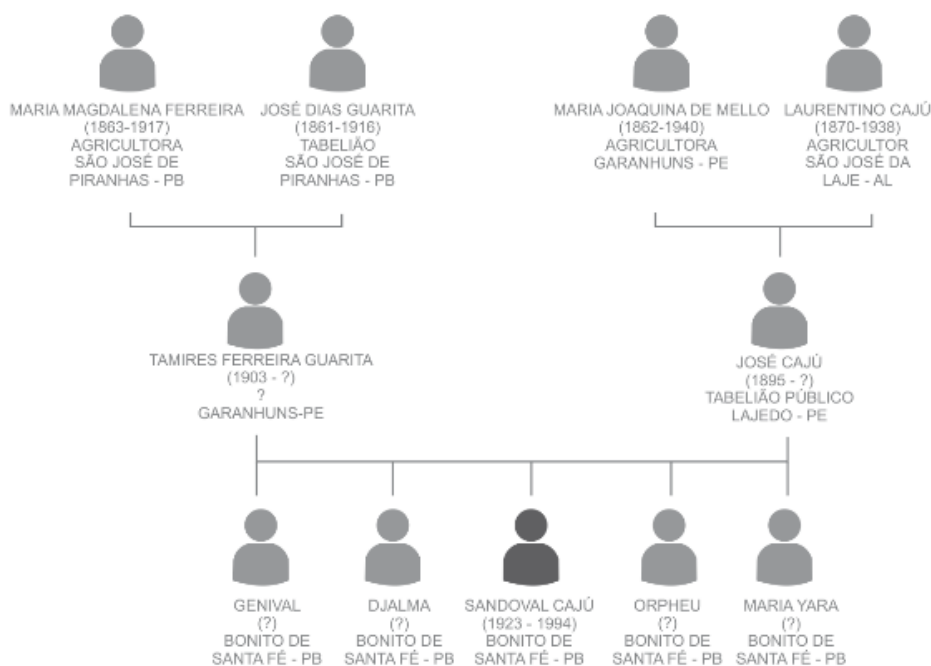
rural dos membros da família, suas profissões como agricultores de pequenas propriedades rurais – considerando o contexto e condições do Brasil de meados do século XIX até o início do século XX – e seus trajetos pelos estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

**Figura 1** – Sandoval Cajú, fotografia e dados pessoais.



Fonte: CEPAL, 2011, p. 10.

**Figura 2** – Árvore genealógica de Sandoval Ferreira Cajú.



Fonte: AZEVEDO, a partir de CAJÚ, 1991, p. 21-22; 49.

Informação relevante à trajetória de Sandoval é também a atuação de seu pai, José Cajú, como o 4º Prefeito de Bonito de Santa Fé (1959-1962), município fundado em 1938. Finalizado o único curso primário disponível em Bonito de Santa Fé – PB, que não oferecia o “curso ginasial”<sup>3</sup>, e incentivado pelo pai a continuar a estudar, deixa Bonito de Santa Fé aos 18 anos de idade, em 1841, para tentar se estabelecer numa “cidade maior” através de trabalho remunerado estável. Aos 17 anos ele já dominava o ofício de tabelião e trabalhava no cartório do pai. Quando deixa a cidade, repassa a responsabilidade à irmã mais nova, Maria Yara (CAJÚ, 1991, p. 107).

Passa por Fortaleza, Recife, João Pessoa, e por uma tentativa frustrada de chegar ao Rio de Janeiro em 1941 (CAJÚ, 1991, p. 96). De volta a Bonito de Santa Fé, é convocado para servir ao exército na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1946, Sandoval Cajú segue para João Pessoa-PB, e trabalha como voluntário na campanha do candidato a governador da Paraíba, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello. Sua habilidade como orador nos comícios de campanha contribui para a vitória do candidato<sup>4</sup> que, eleito, promete a Sandoval um emprego no Palácio da Redenção, a sede do governo estadual paraibano, no dia 8 de maio de 1947: no dia 30 daquele mês deveria se apresentar para assumir o cargo (CEPAL, 2011, p. 12).

Para matar o tempo, após o almoço do dia 9 de maio, embarca para conhecer os pontos turísticos do Recife. Na noite deste mesmo dia, atraído pelo brilho das luzes da Estação Central, iluminada em comemoração aos 100 anos dos serviços de transporte ferroviário no Nordeste, vê nos cavaletes expostos no salão central os destinos do trem: “Garanhuns, Jaboatão, Moreno, Caruaru, Maceió...”. Maceió! A ideia de conhecer a Terra dos Marechais seria proveitosa também para visitar o irmão mais velho, Genival, que cursava a Faculdade de Direito em Maceió. Passaria na capital de Alagoas as duas semanas que faltavam para viajar para João Pessoa e assumir o cargo. Na manhã seguinte, embarca no trem com destino a

---

<sup>3</sup> Atualmente referido como Ensino Fundamental.

<sup>4</sup> Segundo a matéria da Revista Graciliano (CEPAL, 2011), a contribuição de Sandoval Cajú à campanha de Oswaldo Trigueiro partiu de sua familiaridade com o sertão da Paraíba: os costumes e as dificuldades do semiárido. Traduziu nos comícios, por sua habilidade como comunicador, as promessas do candidato em relação aos anseios do povo, a exemplo de seu primeiro discurso: “O sertanejo é, antes de tudo, um fraco! (...) Impotente para resistir sozinho aos impiedosos caprichos da natureza que periodicamente inflige a seca. (...) Mas, os homens do sertão da Paraíba tornar-se-ão fortes amanhã, quando este governo de Oswaldo Trigueiros se instalar no Palácio da Redenção e tratar de construir grandes reservatórios de água para irrigação... Paguemos para ver com o nosso voto!” (CEPAL, 2011, p. 12).

Maceió e desembarca às cinco e meia da tarde do dia 10 de maio de 1947 (CAJÚ, 1991, p. 113).

O Sandoval Cajú que chega a Maceió era, portanto, um homem paraibano com 23 anos de idade, ensino primário, conhecimento técnico cartorário e experiência como orador em comícios de campanha política (CAJÚ, 1991, p. 113). Não voltaria para assumir o cargo no governo de Osvaldo Trigueiro em João Pessoa. Em suas próprias palavras, Alagoas foi o “envolvendo de maneira sutil, nos seus labirintos” (CAJÚ, 1991, p. 121).

Nos primeiros dias, interessado em aproveitar o tempo de estadia, passeia pela Maceió do fim da década de 1940 (CAJÚ, 1991, p. 113-115). Interessado no caráter violento da disputa política entre o recém-instalado governo de Silvestre Pércles e os deputados estaduais, assistia, às tardes, aos debates no prédio da Associação Comercial.

Seus conhecimentos cartorários lhe rendem o título de escriturário do Departamento de Obras e Viação do Estado de Alagoas - DVOP (CAJÚ, 1991, p. 124-127). No dia 25 de maio, completos 15 dias em Maceió, já tinha a total confiança do diretor-geral do DVOP. Quanto mais próximo o prazo para voltar à Paraíba, mais acirrado o conflito interno. O irmão, Genival, o estimula a ficar: “Em Maceió existem Ginásio e Colégios semelhantes aos da Paraíba, para quem, como você, pretende estudar...” (CAJÚ, 1991, p. 129). No dia 28, último dia do prazo para chegar a João Pessoa, estava “anestesiado: inerte” (p. 129). Permanece em Maceió (CAJÚ, 1991, p. 129).

A partir de 1948, torna-se figura pública por sua atuação como radialista na recém-criada Rádio Difusora, a primeira rádio do Estado, de propriedade do Governador Silvestre Pércles. Graças à apresentação criativa, linguagem simples e estímulo à imaginação dos ouvintes, seus programas, *Palito de Fósforo* (Figura 3), *Traga Centavos e Leve Cruzeiros* e *Feira de Atrações*, foram sucessos absolutos de audiência em Maceió (CEPAL, 2011, p. 18).

Em 1951, durante uma licença médica de três meses em João Pessoa, aceita o convite do diretor-geral da Rádio Tabajara para assumir a função de locutor-chefe e apresentar programas como o *Quartel General do Rádio* (Figura 4), *Página Poética* e *Papos Noturnos* (CEPAL, 2011, p. 20). Permanece na função por seis meses, o que resulta na demissão do seu emprego na Rádio Difusora. De volta a Maceió, atua como repórter do Jornal de Alagoas e como corretor de publicidade de rádio e jornal.

**Figura 3** – Cartaz do programa “Palito de Fósforo” da Rádio Difusora de Alagoas em 1949.



Fonte: www.caju.org, s/d.

**Figura 4** – Anúncio de apresentação de Dircinha Batista no programa Quartel General do Rádio, da Rádio Tabajara, em João Pessoa-PB.



Fonte: CARRILHO, 2002.

Em 1958, ingressa na recém-criada Rádio Progresso, apresentando o *Tribuna do Povo*, programa que liderava a audiência do rádio com denúncias dos problemas da capital alagoana. Dizia: “é preciso resgatar o ‘sorriso’ desta cidade”, denunciando a ausência de infraestrutura, abastecimento de água e de energia elétrica nos bairros da periferia (CEPAL, 2011, p. 14-22).

Candidata-se a Prefeito de Maceió como adversário de três outros candidatos provenientes de famílias tradicionalmente políticas: o médico Jorge Quintela, ex-vereador; Cleto Marques Luz, apoiado pelo governador Muniz Falcão; e Joaquim Leão, apoiado pelos comerciantes e por Ary Pitombo, dono da Rádio Progresso (CEPAL, 2011, p. 24). Diante da recusa de Sandoval de desistir da disputa e apoiar o candidato da Rádio, o *Tribuna do Povo* é cancelado (CEPAL, 2011, p. 24), e seria transformado em um jornal impresso independente semanal de 4 páginas (JORNAL DE ALAGOAS, 23/01/1960).

Sua campanha, anunciada no Jornal de Alagoas em 23 de janeiro de 1960 (Figura 5), estava apoiada na visão positiva do candidato como figura não tradicionalmente política. A cidade abandonada era consequência do voto do povo em candidatos que “falharam” em cumprir as promessas. Transforma a “legitimidade” da experiência política dos demais candidatos em descrédito, pois, se eram semelhantes aos governantes anteriores, repetiriam o padrão de promessas frustradas. Ele seria, então, o candidato que “nunca havia falhado” e, portanto,



tinha a oportunidade, caso fosse lhe dado voto de confiança, de mudar o padrão observado na eleição que viria:

Nesta hora angustiosíssima em que todos sofrem do voto mal aplicado, quando todas as promessas feitas pelos candidatos de ontem e eleitos de hoje, fazem por terra, desmoralizadas, **o laborioso povo de Maceió só tem um caminho a seguir**, com esperança de ser menos infeliz: **Eleger um homem que ainda não falhou (...)**. Se esse homem não sou eu, que não falhei ainda, quem será? (...) Baseio-me nas manifestações de solidariedade que venho recebendo das mais diversas camadas sociais, notadamente dos humildes, se ainda não morreram de fome e desamparo é porque Deus, sendo grande demais, não despreza os seus filhos por terem cometido **o grave erro de votar no passado em homens públicos sem alma e coração**. (JORNAL DE ALAGOAS, 23/01/1960, grifos nossos).

**Figura 5** – Matéria do Jornal de Alagoas sobre o lançamento de Sandoval Cajú como candidato a Prefeito de Maceió na campanha de 1960.

**JORNALISTA SANDOVAL CAJÚ, NOVO CANDIDATO A PREFEITO DE MACEIÓ**

**MAIS DE DOIS TÊRÇOS DO DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PDC LANÇOU SEU NOME**

**Campanha Original — Plataforma — Vitória à Vista**

Tendo sido indicada e homologada por mais de dois terços dos constituintes do Diretório Municipal do Partido Democrata Cristão, a candidatura do jornalista Sandoval Cajú ao cargo de Prefeito de Maceió, às eleições de 3 de Outubro vindouro, em memorável convenção realizada à noite do dia 20 do corrente, no salão do ginásio da "Fênix Alagoana", nossa reportagem procurou entrevistar o novo candidato ao governo do Município, que declarou:

— Apesar de se tratar de assunto um tanto complexo, pouco tenho a dizer sobre o importante acontecimento em minha vida pública. Entretanto desejo frisar que, à esta altura, já todos sabem que venho mantendo contacto directo com o povo, há mais de um ano, procurando conquistar o seu imprescindível e

Fernão Velho ao Pontal da Barra. Como se sabe, nela se contém tudo que é humano, que é boa vontade, que é trabalho em prol de uma cidade abandonada e um povo desprezado.

E continuando: Nesse documento político que oportunamente será registrado em cartório, pode-se constatar todo o programa elaborado para fiel cumprimento, no caso de triunfo nas urnas de Outubro próximo.

**"SLOGAN" DO CANDIDATO**

Indagado qual o "slogan" a adotar em sua campanha, respondeu o candidato: — "Pelo menos 10 me foram sugeridos, porém estou a optar por dois, os quais são, realmente, expressivos e combinam, de modo exato, com os meus sentimentos de gratidão e humanidade para com o povo: "HOJE, ELE CONTA COM TODOS — AMANHÃ, TODOS

procurando, na medida do possível, batalhar em prol da causa popular, servindo também de porta-voz aos nossos ideais políticos. Esse jornal, de 4 páginas apenas, deverá circular às segundas-feiras, a partir de Março próximo.

**CAMPANHA DA BARRIGA CHEIA**

"Vou encetar em breve, — continuou o candidato a Prefeito de Maceió — uma campanha política original: a "Campanha da Barriga Cheia" — E não adiantou detalhes sobre o curioso assunto, prometendo fazê-lo oportunamente.

**FE' INABALAVEL NA VITORIA**

Encerrando suas declarações à imprensa, o candidato Sandoval Cajú manifestou inabalável fé no êxito de sua campanha, dizendo: "Nesta hora angustiosíssima

**SANDOVAL CAJÚ**

Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 23/01/1960.

A campanha, "uma das mais criativas e empolgantes campanhas políticas já realizadas em Alagoas" percorre em dois meses os bairros de Maceió, realizando 147 comícios em locais públicos (Figura 7), a bordo de um automóvel *Studebaker* 1951 (CEPAL, 2011, p. 24).

A partir de setembro de 1960, as edições do Jornal de Alagoas trazem em frequência diária a publicação da campanha de Sandoval Cajú à Prefeitura: uma fotografia do candidato e uma

curta legenda apresentando-o como “candidato do povo”, com Vinícius Cansanção Filho como vice, associado à candidatura de Silvestre Péricles ao Governo do Estado (Figura 6). Concorre pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Distribui, ainda, material promocional de campanha: agendas de telefones de emergência, agendas telefônicas, pentes e chaveiros (Figura 8 a Figura 13). Na Figura 14, o santinho distribuído durante a campanha, descrevendo-o como o “candidato do povo”.

**Figura 6** – Propagandas Sandoval Cajú e vice Vinícius Cansanção associadas aos anúncios de candidatura de Silvestre Péricles para o governo do Estado de Alagoas.



Fonte: Jornal de Alagoas, 10/09/1960.

**Figura 7** – Sandoval Cajú, de branco, à esquerda, em comício de campanha para a Prefeitura de Maceió em 1960.



Fonte: CEPAL, 2011, p. 7.



**Figura 8** – Agenda sanfonada de telefones com capa plástica nas cores rosa, branco e amarelo.



Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.

**Figura 9** – Interior da agenda sanfonada de números telefônicos.



Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.

**Figura 10** – Pente promocional da campanha de Sandoval Cajú na cor branca com detalhes em azul.



Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.

**Figura 11** – Chaveiro promocional em acrílico transparente e plástico amarelo da campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura em 1960.



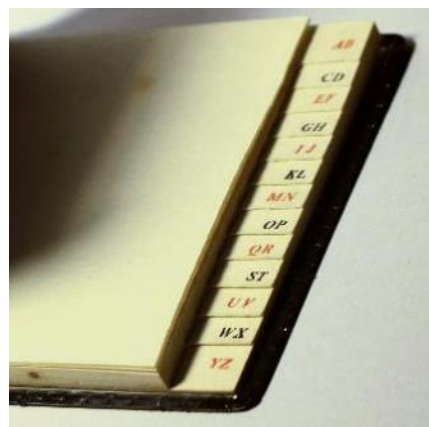
Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.

**Figura 12** – Agenda telefônica promocional da campanha de Sandoval Cajú em 1960, nas cores rosa e preto.



Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.

**Figura 13** – Detalhe interior da agenda telefônica.



Fonte: Acervo Simone Cajú, 2018.



**Figura 14** – Santinho distribuído durante a campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura de Maceió no ano de 1960.



Fonte: caju.org, s/d.

Improvável a vitória contra três candidatos tradicionais da oligarquia alagoana. Na reportagem do Jornal de Alagoas, na Figura 15, a expressão do descrédito: abaixo das fotografias dos demais candidatos, descrições de suas experiências políticas anteriores e, em contraste, uma fotografia de Sandoval, sorridente. O cargo deveria, segundo o Jornal, ser ocupado por um dos demais candidatos, e não por alguém sem experiência, “conhecido por suas tiradas hilárias”, que “chama a todos pelo epíteto de colega” (JORNAL DE ALAGOAS, 02/10/1960). A força da campanha só seria sentida a quinze dias da eleição, quando milhares de pessoas passam a acompanhar os comícios de Sandoval Cajú (CEPAL, 2011, p. 25).

**Figura 15** – Candidatos à Prefeitura de Maceió em matéria do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960<sup>5</sup>.



Fonte: APA, 02/10/1960.

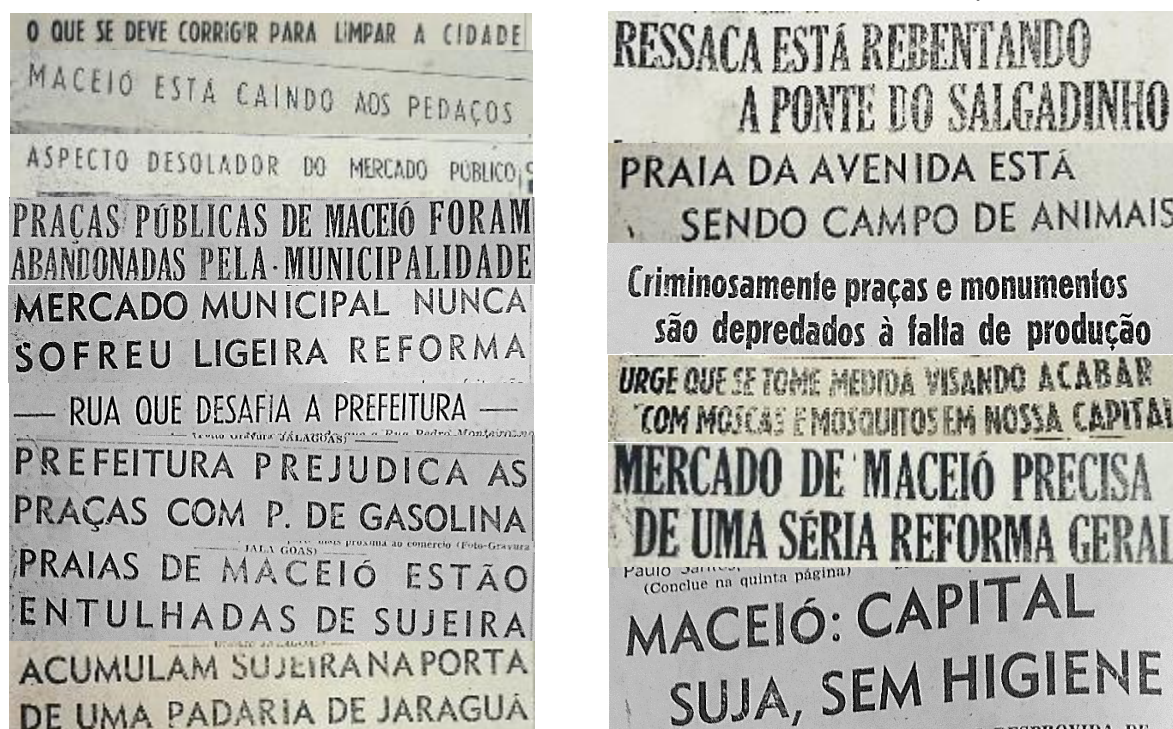
A promessa de “recuperar o ‘sorriso’” fazia referência à Maceió que na visão de Sandoval, “no começo do século (...) era muito arrumadinha, muito limpa, suas praças bem tratadas; cidade que chegou a conquistar o epíteto de ‘Cidade Sorriso’” (BRANCO, 1993, p. 93). A cidade conseguiu este epíteto ao fim da modernização do início do século XX, iniciada pela “Oligarquia Malta” (1900-1912), que buscava transformar a estética dos espaços públicos de Maceió de acordo com a imagem da República recém-instalada: um governo forte, estável e moderno (FERRARE & LEÃO 2016, p. 136). Foram construídos aterros, calçamento de ruas, praças e prédios públicos imponentes na área central da cidade (AMARAL, 2009, p. 81) sob a missão de transformar a cidade colonial – suja, feia e atrasada – na nova capital do Estado – limpa, bela e moderna (FERRARE & LEÃO 2016, p. 137).

As praças produzidas neste período seriam ainda modificadas na gestão do prefeito Eustáquio Gomes de Mello (1937-1941) em comemoração ao centenário de Maceió (1839-1939). Em 1960, passados vinte anos desde a última modernização das praças espaços públicos, as matérias de primeira página do Jornal de Alagoas denunciavam “o que se deve corrigir para limpar a cidade” (JORNAL DE ALAGOAS, 22/01/1960) porque “Maceió está caindo aos pedaços” (JORNAL DE ALAGOAS, 13/02/1960). As matérias reclamam da falta de manutenção, do estado avançado de degradação dos espaços públicos, e da ineficiência da Prefeitura, à

<sup>5</sup>Em função da baixa qualidade da fotografia, as descrições do jornal abaixo das mesmas foram transcritas a seguir: respectivamente, 1. “Jorge Quintella, médico, ex-vereador e atual Deputado Estadual pela UDN [União Democrática Nacional], e vem fazendo sua campanha há muito tempo, sendo, por isso, bem cotado”; 2. “Cleto Marques Luz, ex-vereador por duas legislaturas e atual deputado Estadual. Já exerceu por certo tempo as funções de Prefeito e Presidente da Câmara Municipal de Maceió. É candidato do PSP [Partido Social Progressista] à Prefeitura Municipal”; 3. “Joaquim Leão, comerciante que aspira à Prefeitura Municipal de Maceió. Já cumpriu o mandato de prefeito durante mais de um ano. Aparece na chapa do Partido Democrata Cristão [PDC]”; 4. “Sandoval Cajú, estudante, nunca exerceu nenhum cargo administrativo ou público. É conhecido por suas tiradas hilárias. Trata a todos pelo epíteto de ‘colega’. É candidato à Prefeitura”

época sob responsabilidade do prefeito nomeado Manoel Valente de Lima (1960-1961), em resolver os problemas apontados, sempre ligados à ideia de “limpeza” como exigência, como mostram os recortes na Figura 16.

Figura 16 – Chamadas do Jornal de Alagoas durante o ano de 1960, em 22/01, 13/02, 16/02, 16/02, 26/02, 17/03, 27/03, 30/03, 31/03, 18/05, 19/05, 07/08, 21/08, 26/08 e 19/10, respectivamente.



Fonte: APA, 1960.

A Maceió de 1960 transparecia uma imagem de abandono também para os visitantes, como demonstra o relato do radialista pernambucano Edécio Lopes sobre a Maceió do final dos anos 1950, quando chega para trabalhar na Rádio Progresso: “Eu achei Maceió uma cidade horrível, uma cidade suja e feia. Era uma cidade triste, um paradoxo com a alegria do povo” (CEPAL, 2011, p. 32). Moradores e visitantes concordavam: Maceió era a cidade Sorriso, mas estava abandonada (CEPAL, 2011, p. 32).

No dia 3 de outubro de 1960 acontece a eleição, e Sandoval Cajú é eleito com maioria de votos em todas as 222 urnas da capital (CEPAL, 2011, p. 27). O trecho de seu discurso de posse de fevereiro de 1961 (Figura 17), a seguir, promete a seus eleitores a solução dos mesmos problemas denunciados pelo Jornal:



COM AJUDA DA CÂMARA MUNICIPAL E COLABORAÇÃO DE TODOS O PREFEITO FARÁ O QUE PROMETEU O CANDIDATO – (...) Nesta hora em que, por força da vontade soberana do Povo, assumo o cargo de Prefeito da Capital do Estado de Alagoas, não trago comigo outro pensamento a não ser o de cumprir, com eficiência e dignidade, o mandato para o qual fui eleito a três de outubro de 1960. (...) É necessário que (...) trabalhemos em conjunto, no sentido sagrado do cumprimento do nosso dever de homens públicos e, nessas condições, instalarmos escolas para as 16 mil crianças do Município que estão crescendo analfabetas; arrancar Maceió da lama em que se afoga nos invernos; combater os mosquitos que perturbam o sono da população; acudir as vidas que correm perigo – voltando as nossas vistas para o Hospital de Pronto Socorro; diligenciarmos no tocante ao problema de água e luz aos bairros pobres que estão às escuras e com sede... Higienizar, arborizar e pavimentar a cidade são também problemas que devemos enfrentar, com as duas mãos, buscando a solução imprescindível para melhorar o aspecto da metrópole, oferecendo, desarte, mais conforto e bem-estar aos seus dignos habitantes. (...) para que esta terra sinta o surto de progresso que há muito almeja, para que Maceió cres[ça] (sic), suba e se desenvolva pois é por isto que 170 mil pessoas esperam de nossa parte (JORNAL DE ALAGOAS, 02/02/1961).

**Figura 17** – À esquerda e acima, Sandoval Cajú e, abaixo, Vinícius Cansanção, na cerimônia de posse. A direita, Sandoval Cajú na festividade de posse.



Fonte: Jornal de Alagoas, 02/02/1961; Gazeta de Alagoas, 01/02/1961.

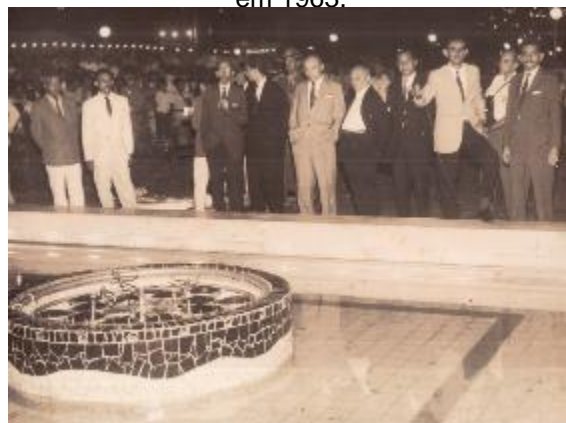
A gestão é marcada pela execução e inauguração festiva de obras urbanas, em cerimônias solenes, com música tocada pela banda da Polícia Militar, jantares abertos ao ar livre, e a presença de autoridades civis, militares e a massa do povo (Figura 18 e Figura 19) (JORNAL DE ALAGOAS, 09/09/1961).

**Figura 18** – Autoridades civis e militares em inauguração de obra.



Fonte: Acervo Simone Cajú, s/d.

**Figura 19** – Inauguração da Praça do Centenário, em 1963.



Fonte: Acervo Simone Cajú, s/d.

A gestão termina abruptamente com a cassação do mandato e dos direitos políticos de Sandoval Cajú após a inclusão de seu nome na lista do Ato Institucional 1 (CEPAL, 2011, p. 41). Ele foi afastado em 01 de maio de 1964 (BARROS, 2005, p. 191), mas nunca julgado (CEPAL, 2011, p. 40). Já formado pela Universidade Federal de Alagoas desde 1964, atua como advogado criminalista no *Edifício Seguradora*<sup>6</sup>, no Recife (PE), entre 1966 e 1977. A esposa e os cinco filhos<sup>7</sup> permaneceram em Maceió, para onde ele voltava nos fins de semana (CAJÚ, 1991, p. 163). Em 1982, Sandoval Cajú é anistiado e recupera seus direitos políticos. Concorre ao cargo de Deputado Federal em 1982 e à Prefeitura de Maceió em 1985 – ambas candidaturas sem sucesso (CEPAL, 2011, p. 43).

Falece no dia 23 de maio de 1994, aos 70 anos, vítima de câncer de pulmão (CEPAL, 2010, p. 43). A chamada da matéria que noticia seu falecimento liga seu nome à Cidade Sorriso (Figura 20):

O ex-prefeito Sandoval Cajú (foto) faleceu aos 70 anos, ontem pela manhã, na Santa Casa de Misericórdia, vítima de câncer no pulmão. Sua trajetória de homem público foi lembrada com saudosismo por amigos e políticos que compareceram ao enterro, à tarde, no cemitério Parque das Flores. Injustamente cassado pelo regime militar de 1964, sem direito sequer a depor, Sandoval assumiu a Prefeitura de Maceió no início de 1961 e se destacou por seus feitos administrativos – transformou a Capital na “Cidade Sorriso” -, sua prosa, estilo popular, desenvoltura e espírito público quando no trato com as camadas mais desfavorecidas da população. (GAZETA DE ALAGOAS, 24/05/1994).

<sup>6</sup> Escritório na sala 224 do Edifício Basilar, na Praça da Independência, 29.

<sup>7</sup> Ao todo, Sandoval Cajú teve onze filhos – Adélia Tamires, Sívila Simone, Clemenceau, Ana Maria, Daniela, Sandra, Durval, Natanael, Martha Maria, Marcos e João Batista (CAJÚ, 1991, p. 11).

**Figura 20** – Chamada da Matéria da Gazeta de Alagoas sobre o falecimento de Sandoval Cajú.



Fonte: Gazeta de Alagoas, 24/05/1994.

**Figura 21** – Matéria da Gazeta de Alagoas sobre o falecimento de Sandoval Cajú.



Fonte: Gazeta de Alagoas, 24/05/1994.

Sua trajetória política foi assunto de notícias em jornais de outros estados do Brasil. Dentre aqueles disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira, os jornais A Luta Democrática (RJ), A Noite (RJ), Correio Brasiliense (DF), Correio da Manhã (RJ), Diário Carioca (RJ), Diário da Noite (RJ), Diário de Notícias (RJ), Diário de Pernambuco (PE), Jornal das Moças (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Jornal do Commercio (RJ), O Repórter (MG), Tribuna da Imprensa (RJ) e Última Hora (PE) comentaram sua ascensão ao cargo, seu mandato e sua cassação<sup>8</sup>. As anedotas contadas a seu respeito, repletas da criatividade e bom humor que lhe garantiram o sucesso no rádio e a vitória na eleição para a Prefeitura de Maceió, são contadas em jornais e revistas ao longo dos anos<sup>9</sup>. A mais memorável delas foi imortalizada pela interpretação de Paulo Gracindo (DIAS, 2009, p. 90) na novela O Bem Amado (O BEM, 1973)<sup>10</sup>, e pela releitura de Marco Nanini no filme de mesmo nome (O BEM, 2010)<sup>11</sup>. A origem da frase célebre é contada no livro 350 Histórias do Folclore Político, de Sebastião Nery (NERY, 1973, p. 52):

<sup>8</sup> Os jornais listados atenderam à busca dos termos “Sandoval Cajú” dentre aqueles disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira, em <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

<sup>9</sup> As anedotas de Sandoval Cajú são contadas após o final de seu mandato nos jornais Diário do Paraná (PR), Tribuna Independente (AL), Em tempo (AM), O Diário (RJ), Correio Brasiliense (DF), Tribuna da Imprensa (RJ), Diário do Pará (PA), Jornal do Commercio (RJ), Diário de Pernambuco (PE), Política (RJ) e a Revista O Cruzeiro. Os títulos listados são jornais e revistas encontradas sob o termo de busca “Sandoval Cajú” em <http://issuu.com> e na hemeroteca nacional em <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>. Além destes, o livro Missão Secreta em Igaci (FALCÃO, 1984) traz outras histórias do Personagem.

<sup>10</sup> Mais informações sobre a novela de 1973 podem ser encontrados em [www.imdb.com/title/tt0149420](http://www.imdb.com/title/tt0149420).

<sup>11</sup> Mais informações sobre o filme de 2010 podem ser encontrados em [www.imdb.com/title/tt1410297](http://www.imdb.com/title/tt1410297).

Sandoval Cajú, paraibano de talento e cara dura, depois de uma temporada no Rio, voltou para João Pessoa impressionando a província com um diáfano cartão de linho: Sandoval Cajú locutor da Relógio do Distrito Federal. E virou o maior radialista do Nordeste, na Rádio Tabajara da Paraíba. Um dia, mudou-se para Alagoas. Ia para a praça pública todo vestido de branco e, de cima de um caminhão, começava:

- **Vim de branco para ser claro** (NERY, 1973, p. 52, grifo nosso).

Sandoval Cajú foi político, radialista, jornalista, contador pela Escola Técnica de Comércio, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, membro da Academia Alagoana de Letras, e Poeta, autor de *A Despedida* (1963), *Poesia Despida* (1963), *Guanabara* (1965), *A Embaixatriz da Simpatia* (1969), *Sonhos & Pesadelos* (1986) e da autobiografia *“O Conversador”* (1991). Sua trajetória política ficou registrada na história por sua ação à frente da Prefeitura de Maceió: “por ter remodelado diversas praças, ficou conhecido como o Prefeito das Praças” (BARROS, 2005, p. 191).

### 2.1.2 Estética<sup>12</sup> – características das praças da gestão Sandoval Cajú

No período de 3 anos e 2 meses entre a posse de Sandoval Cajú em 1 de fevereiro de 1961 e a cassação de seu mandato, a Gestão realiza, para cumprir a promessa de “recuperar o Sorriso” de Maceió, obras direcionadas à resolução dos problemas indicados na campanha. Serão obras de **INFRAESTRUTURA**, com o calçamento, assentamento de meio-fio e obras de escoamento pluvial das vias arteriais, construção de uma ponte, entrega de 100 compartimentos de feira-livre na Feira do Passarinho, na Levada; construção de uma agência dos Correios, do Prédio do gabinete provisório do Prefeito em Ponta Grossa, e de uma Coletoria Municipal do Tabuleiro; **SAÚDE**, com o reaparelhamento do Hospital de Pronto Socorro, único municipal à época; construção de um Hospital Infantil de Pronto Socorro; novos postos de urgência no Jacintinho e no Tabuleiro do Martins, e a Maternidade Popular “Nossa Senhora do Bom Parto” no Jacintinho; **EDUCAÇÃO**, com a aquisição do prédio para o Grupo Escolar do Jacintinho, a construção de um grupo escolar no “Carrapato” (atual Rio Novo), da primeira Biblioteca Municipal “Luiz Lavenère”, e do primeiro Salão para exposição de

---

<sup>12</sup> O termo “estética” é usado em relação à gestão Sandoval por Ferrare (2008), no trecho “Esses painéis de azulejos, em ‘cacos’, tornaram-se ícones da **estética** modernizadora das praças na gestão deste prefeito que os adquiria (p. 2)”. A autora refere-se através do termo à aparência característica das praças que foram realizadas por essa gestão, aos elementos que, sendo comuns às praças executadas neste período, são representativos desta transformação, e relacionam a memória do observador à autoria. Ao longo desta dissertação, este termo será usado adotando este mesmo sentido.



trabalhos artísticos “Portinari”, no Farol; e **EMBELEZAMENTO**, com a reforma e criação de praças; como relata o Jornal de Alagoas em retrospectiva ao final do ano de 1963:

(...) ASPECTO DESOLADOR: Infelizmente não podemos deixar de registrar o aspecto tristíssimo da capital até 1960. Logradouros públicos inteiramente depredados, graças ao abandono em que viviam. Ruas esburacadas; artérias diversas afogadas em densos lamaçais; águas estagnadas gerando focos (sic) de mosquitos perturbadores; por outro lado, uma população desassistida nos seus menores vexames. O Hospital de Pronto Socorro [HPS], órgão da Municipalidade, responsável pelas vidas de duzentos mil habitantes, estavam em dolorosa situação funcional; não dispunha de uma só ambulância para acudir um acidentado; não tinha medicamentos nem outros meios de assistência urgente. Era realmente desoladora a situação. TOTAL MODIFICAÇÃO: Atualmente Maceió se apresenta inteiramente diferente, não há a negar. Dezenas de praças e jardins bem cuidados, uns reconstruídos, outros novos. Nos bairros, nos distritos e no centro da cidade, nota-se um aspecto urbanístico vivo e moderno, alegre e atraente. As ruas limpas com sua pavimentação regular. O setor de assistência médica ampliado e funcionando eficientemente. Basta dizer-se que hoje o HPS conta com uma frota de ambulâncias novas, aparelhagem cirúrgica moderna, medicamentos em profusão; banco de sangue com estoque permanente; cozinha [cozinha], dispensa e refeitório; leitos novos e até ar refrigerado na sala de operações. Muitas vidas em perigo já foram salvas ali, o que não seriam se estivéssemos há dois anos passados. Além do reaparelhamento do HPS central, a Prefeitura de Maceió instalou em Pajuçara um Hospital Infantil de Pronto Socorro; no Jacintinho e no Tabuleiro do Martins dois postos médicos de assistência urgente, além de construir uma Maternidade Popular [no Jacintinho] para as mães de família menos afortunadas, cuja obra vem assistindo as pobres parterientes [parturientes] desde 10. de agosto de 1962. OUTRAS REALIZAÇÕES MUNICIPAIS – É longa a lista das obras públicas executadas no Governo Sandoval Cajú, entre 1961 e 1963. Num rápido resumo, podemos citar a construção do parque “Gonçalves Lêdo”, (obra turística de envergadura, com balaustradas, escadarias, caminhos de pedra, fonte e painel de azulejos colorido, “Playground”, pracinhas ajardinadas, recanto “Sinto-me Bem”; estátuas metálicas, pavilhão “Euclides da Cunha” com salões de recepção, exposição, biblioteca, estação de sonorização e televisor público). Construção de 16 mil metros de galerias de cimento para escoamento de águas pluviais, oitocentos dos quais solucionavam um gravíssimo problema da Av. Pedro Monteiro, o qual há vinte e um anos molestava seus moradores. Construção do Monumento erigido no coração da cidade, em homenagem ao Comércio, com a estátua de Mercúrio de bronze. Construção de calçamento em várias artérias, sendo as mais longas as do Bom Parto-Cambona, Feliz Deserto, Prado-Trapiche, Paissandu e Salvador Calmon. Assentamento de mais de cem mil metros lineares de meio-fio em muitas artérias de Maceió. Aquisição do prédio do Grupo Escolar do Jacintinho e construção do Grupo no “Carrapato”, local onde estão sendo construídos ainda um abrigo, uma praça e uma ponte de concreto armado. Melhorias em todos os campos santos da cidade. Construção da Av. São Sebastião no interior do cemitério da Piedade, com uma capela e quatorze mausoléus modernos, em vias de conclusão (...). Nesta administração municipal do Prefeito Sandoval Caju Maceió está conseguindo diversas obras pioneiras depois de 120 anos na categoria de cidade e capital. Podemos citar, entre outras, a primeira biblioteca municipal “Luiz Lavenère”; o primeiro salão para exposição de trabalhos artísticos “Portinari”; os primeiros 100 compartimentos comerciais de feira livre, no “passarinho”; a primeira Maternidade “N. Senhora do Bom Parto”, no Jacintinho; o primeiro Hospital de Pronto Socorro Infantil, na Pajuçara; os dois primeiros Postos Médicos de Assistência Urgente; os primeiros televisores nas praças públicas; a primeira praça para estacionamento de veículos em conclusão, ao lado da Penitenciária, no centro da cidade. PRÉDIOS NOVOS: foram construídos ultimamente prédios novos municipais para diversos fins, inclusive destinado um deles à



repartição federal, mas que vem beneficiar a coletividade: Prédio para Agência do Correio, em Ponta Grossa, junto à Praça Santa Tereza, cuja instalação será hoje inaugurada pelo Diretor Geral do DCT de Alagoas. Prédio do gabinete provisório do Prefeito, também naquele bairro e prédios do Posto Médico e da Coletoria Municipal do Tabuleiro. Os três prédios construídos no interior do Parque Gonçalves Lêdo e o do grupo escolar do Carrapato são construção da Prefeitura que ora constrói o Palácio da Municipalidade, cujo primeiro bloco de três andares se acha em conclusão. Conforme se vê, não é possível negar-se o esforço e o empenho de uma administração que realiza obras em tão curto espaço de tempo, visando o engrandecimento da terra e o bem estar (sic) do seu habitante” (Jornal de Alagoas, 07/09/1963).

A transformação de maior destaque da Gestão acontece nas praças. Foram 58, sendo 36 construídas e 22 reconstruídas (CAJÚ, 1991, p. 163-164). Destas, 43 aparecem citadas na continuação da matéria, entre 25 criadas e 18 modificadas, distribuídas pelos bairros de periferia - Ponta Grossa, Trapiche da Barra, Pontal da Barra, Pajuçara, Poço e Bebedouro; e nos bairros de moradia da elite – Centro e Farol:

OBRAS URBANÍSTICAS: O setor de urbanização da capital alagoana tem sido o mais beneficiado na atual administração pública nos últimos tempos. De dois anos para cá a cidade ganhou dezenas de obras urbanísticas, destacando-se entre elas a construção das praças “Guedes de Miranda”, “Moleque Namorador”, “Menino Petrúcio”, “Onze Nacional”, Santa Tereza”, “Santa Terezinha”, “Alfredo de Maya” [Praça do 3º Distrito], em Ponta Grossa; praças “Dr. Manuel Brandão”, “Pingo Dagua” (sic), no Trapiche da Barra; “São Sebastião”, “Inocência”, no Pontal; “Vitória”, em Pajuçara; “Unidos do Poço”, naquele bairro; “Sete de Setembro” [atual Sargento Benévdes], “Jorge de Lima” no centro da cidade; Cassimiro de Abreu”, “Fernando de Noronha”, “Pequeno Caçador”, “Ruy Barbosa”, no interior do Parque Gonçalves Lêdo [no Farol]; “Marechal de Ferro”, em Ipioca; “São Francisco”, em Cruz das Almas; “Hercílio Marques”, na Santa Cruz [Cambona]; “Antídio Vieira”, na ladeira dos Martírios [Farol]; “João Martins”, no Tabuleiro do Martins; ilha dos Martírios [Centro], tendo ao centro um monumento de concreto armado com a inscrição “Seja Bemvindo a Maceió”. A primeira praça construída foi “Fôrça Total”, em Bebedouro. Ao lado das inúmeras construções, no campo da urbanização da cidade, no campo da urbanização da cidade, a Prefeitura de Maceió reconstruiu totalmente as praças “Sinimbú”, “Palmares”, “Montepio”, “São Vicente” [atual Joaquim Leão] [todas no Centro], “Art[h]ur Ramos” [Raiol], “Maravilha”, Guimarães Passos”, “Aloísio Branco”, “Manuel [Manoel] Duarte”, “Liberdade” [atual Lucena Maranhão, em Bebedouro], “Élio Lemos”, “Euclides Malta” [atual Praça do Rex], “Rosálvo Ribeiro” [no Farol], “Carlos Paurílio”, “Santo Antônio”, [ambas na Ponta Grossa], “N. S. das Graças” [na Levada], “Centenário” (hoje concluída) e “Deodoro” às vésperas de conclusão. As duas últimas serão os mais belos logradouros públicos da capital (...) no “Carrapato”, local onde estão sendo construídos ainda um abrigo, uma praça [Elias Cardoso] e uma ponte de concreto armado (JORNAL DE ALAGOAS, 07/09/1963).

A partir da citação do Jornal, em conjunto com documentos posteriores<sup>13</sup>; e pela presença dos elementos característicos da gestão nas praças remanescentes, **FOI IDENTIFICADA A**

<sup>13</sup> Conversador (CAJÚ, 1991), Arquitetura Moderna: a atitude alagoana (SILVA, 1991); A Praça e o traçado da cidade (BRANCO, 1993); Permanências modernistas da Praça Sinimbú – Maceió: em análise e proposta de Preservação (FERRARE, 2008); o documentário Além do Conversador (ALÉM DO, 2010); A Revista Graciliano

**AUTORIA DE 49 PRAÇAS**, sendo 27 construídas e 22 reconstruídas. Estas praças estão apresentadas na Tabela 1. Entre parênteses, o nome oficial atual da praça, quando diferente do nome registrado durante a gestão (1961-1964). A distribuição das praças com autoria confirmada – mesmo sem localização confirmada – é apresentada na Figura 22. Estas 49 praças com autoria confirmada são, para esta pesquisa, o **OBJETO EMPÍRICO**.

**Tabela 1** - Confirmação de autoria das praças da gestão Sandoval Cajú. Na primeira coluna, os nomes dos bairros pela divisão atual (MACEIÓ, 2005), por ordem alfabética.

			JORNAL DE ALAGOAS (1961-1964)	CAJÚ (1991)	SILVA (1991)	BRANCO (1993)	MACEIÓ (2005)	FERRARE (2008)	ALÉM DO (2010)	CEPAL (2011)	FERRARE (2013)	AZEVEDO (2014)	FOTO ELEMENTOS
RIO NOVO	1	RIO NOVO (ELIAS CARDOSO)	•	•									
TABULEIRO DOS MARTINS	2	JOÃO MARTINS	•								•		
BEBEDOURO	3	FÔRÇA TOTAL	•										
	4	LIBERDADE (LCUCENA MARANHÃO)	•			•							•
FAROL	5	CENTENÁRIO	•	•	•	•	•		•	•	•	•	•
	6	SERGIPE					•						•
	7	HERCÍLIO MARQUES	•										
	8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS	•										•
	9	DOM ANTÔNIO BRANDÃO	•										
	10	PARQUE GONÇALVES LÊDO	•	•					•	•			•
	11	ANTÍDIO VIEIRA	•										•
	12	ROSALVO RIBEIRO	•										
CAMBONA	13	ÉLIO LEMOS	•										
CENTRO	14	DOM PEDRO II				•							
	15	SINIMBÚ	•	•	•	•	•	•	•	•	•		•
	16	JORGE DE LIMA (SINIMBÚ)	•					•		•			•
	17	7 DE SETEMBRO	•										•
	18	PALMARES	•										
	19	MONTEPIO (DOS ARTISTAS)	•										
	20	TIRADENTES (INDEPENDÊNCIA)											•
	21	SÃO VICENTE (JOAQUIM LEÃO)	•										
	22	MARECHAL DEODORO	•			•					•	•	•
	23	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	•								•		
LEVADA PONTA GROSSA	24	SANTO ANTÔNIO	•				•						
	25	CARLOS PAURÍLIO	•				•						
	26	ALFREDO DE MAYA (3º DISTRITO)	•								•		
	27	MOLEQUE NAMORADOR	•			•	•		•	•			•
	28	MENINO PETRÚCIO	•	•			•				•		

Ramos Sandoval Cajú: O personagem, o povo e a cidade (CEPAL, 2011); a palestra Traçados modernistas e popular em equipamentos urbanos de Maceió: a experiência da gestão Sandoval Cajú no Mungunzá Cultural (FERRARE, 2013); Estudo sobre a construção da paisagem das praças D. Pedro II, Marechal Floriano Peixoto e Marechal Deodoro (AZEVEDO, 2014). Para sanar as dúvidas quanto à nomenclatura, foram consultados Memórias de Minha Rua (LIMA JR, 1980) e o conjunto de documentos Praças de Maceió (MACEIÓ, 2005).

			JORNAL DE ALAGOAS (1961-1964)	CAJÚ (1991)	SILVA (1991)	BRANCO (1993)	MACEIÓ (2005)	FERRARE (2008)	ALÉM DO (2010)	CEPAL (2011)	FERRARE (2013)	AZEVEDO (2014)	FOTO ELEMENTOS
PONTA GROSSA	29	SANTA TEREZA	•				•		•	•	•		•
	30	GUEDES DE MIRANDA	•						•	•			
	31	11 NACIONAL	•				•			•			
VERGEL DO LAGO	32	DO POBRE (LEONEL BRIZZOLA)	•										
PRADO	33	ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO*											
TRAPICHE DA BARRA	34	DR. MANUEL BRANDÃO	•	•									
	35	PINGO D'ÁGUA	•				•		•				
PONTAL DA BARRA	36	INOCÊNCIA (CAIO PORTO)	•										
	37	SÃO SEBASTIÃO	•										
POÇO	38	CIPRIANO JUCÁ					•						
	39	ALOÍSIO BRANCO (BOMBA DA MARIETA)	•										
	40	UNIDOS DO POÇO	•	•			•						
	41	NOSSO SENHOR DO BONFIM											•
	42	GUIMARÃES PASSOS	•				•						
	43	MARAVILHA	•										
JARAGUÁ	44	ARTUR RAMOS (RAIOL)	•										•
PAJUÇARA	45	LARGO DA VITÓRIA (DO Ó)	•										
	46	EUCLIDES MALTA (DO REX)	•						•		•		
	47	MANOEL DUARTE (LIBERDADE)	•										•
CRUZ DAS ALMAS	48	SÃO FRANCISCO	•										
IPIOCA	49	MARECHAL DE FERRO	•										
MODIFICADAS			18	3	2	5	3	1	4	3	5	2	12
CRIADAS			25	4	0	1	10	1	4	5	4	0	4
<b>TOTAL</b>			<b>43</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>13</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>16</b>

Na segunda coluna, a correspondência da praça com o número no mapa da Figura 22. O nome da praça na terceira coluna corresponde ao nome durante o período da gestão e entre parênteses, quando for o caso, o nome oficial da praça em 2017. Destacadas com células em cinza, as praças criadas nesta gestão. Nas colunas, os documentos que citam as praças da gestão Sandoval Cajú, tendo como base o Jornal de Alagoas (1961-1964) e Cajú (1991). Esta tabela compreende apenas as citações que relacionam a autoria da praça à gestão Sandoval Cajú. Fonte: Jornal de Alagoas (1961-1964), Cajú (1991), Silva (1991), Branco (1993), Ferrare (2008), Além do (2010), CEPAL (2011), Ferrare (2013) e Azevedo (2014), que confirmam a autoria da praça relacionando-a com a gestão ou com o nome do Prefeito Sandoval Cajú; e de Lima Júnior (1985) e Maceió (2005), que foram consultadas para sanar as dúvidas sobre as nomenclaturas das praças que mudaram antes, no período da gestão ou da gestão até a elaboração deste documento. (\*A autoria da Praça 32 – Almirante Custódio Melo é confirmada por um relato em O Jornal, 17/11/2010).



Os projetos da equipe da Superintendência Municipal de Obras e Viação – SUMOV: Lauro Santa Cruz de Menezes (1916-2013)<sup>14</sup> e José da Costa Passos Filho (1919-2011)<sup>15</sup> substituirão a expressão com bancos com volutas em ferro, espelhos d'água, caramanchões e vegetação arbustiva em poda topiaria, característica da gestão Eustáquio Gomes (1939-1941), “considerada austera e ultrapassada” (FERRARE, 2013). Na Figura 23, a equipe da Prefeitura em fotografia.

Figura 23 – Equipe da Prefeitura de Maceió durante a gestão Sandoval Cajú. Dentre os funcionários, José Passos é o segundo da esquerda para a direita, com bigode, camisa branca e gravata e Lauro ocupa o centro da fotografia, vestindo um terno cinza com um lenço branco no bolso.



Fonte: Acervo Cinira Menezes, s/d.

Surgem praças com canteiros marcados em alvenaria (Figura 24); fontes luminosas com painéis revestidos de cacos de azulejos (Figura 25), bancos contínuos sinuosos (Figura 26), bancos contínuos em círculo (Figura 27), “poltronas” (Figura 28), bancos curtos com base em “S” (Figura 29) e mobiliário de lazer ativo infantil (Figura 30), todos feitos em marmorite; símbolos da cultura litorânea, alagoana e maceioense (Figura 31 e Figura 32); jarros luminosos

<sup>14</sup> **Lauro Santa Cruz de Menezes**, segundo informações cedidas por sua filha, Cinira Menezes, nasce no dia 29 de maio de 1916 em Quebrangulo, interior de Alagoas. Muda-se para Maceió ainda criança em razão das dificuldades financeiras do pai, antigo Senhor de Engenho. Começa a desenvolver a criatividade trabalhando com vitrinismo na loja de tecidos Tira-Teima, no Centro de Maceió. Na gestão de Reinaldo Gama (1945-1948), seu primo, é convidado para trabalhar na Prefeitura de Maceió, onde aprende o ofício de arquiteto como autodidata, acompanhando os projetos em andamento sob responsabilidade dos engenheiros da equipe. Quando Sandoval Cajú assume a Prefeitura, já acumulava 16 anos de experiência, com projetos na Prefeitura e de residências particulares nos bairros de elite da capital alagoana. Sua criatividade inspiração vinha dos projetos de arquitetura em revistas enviadas do Rio de Janeiro por seu irmão mais velho, José Menezes. 15 anos após desenvolver Alzheimer, falece em 16 de setembro de 2013, sendo enterrado no Cemitério Campo das Flores, em Maceió.

<sup>15</sup> **José da Costa Passos Filho** nasce em Maceió no dia 13 de setembro de 1919. Sua formação na área de desenho, segundo depoimento de sua filha, Josemary Ferrare Passos, é composta por cursos de desenho de observação e pintura, dentre os quais destaca-se o curso com o pintor alagoano Lourenço Peixoto. Seu início na Prefeitura é estimado entre os anos 1949 e 1952. Foi autor de projetos residenciais em Maceió, para os quais as revistas nacionais e internacionais de arquitetura que possuía em seu acervo eram inspiração. Nos anos 1960, portanto, já possuía cerca de 10 anos de experiência no serviço público, no setor de projetos da Prefeitura. 15 anos após desenvolver o Mal de Alzheimer, falece no dia 21 de junho de 2011, e é enterrado no Campo das Flores, em Maceió.



revestidos de azulejos (Figura 33); pontos de ônibus em arcos de concreto (Figura 34); calçadas em placas retangulares de cimento (Figura 35); azulejos inteiros ou em cacos organizados em mosaico como revestimento nas cores rosa claro, rosa escuro, roxo, marrom, preto, branco, amarelo, verde claro, verde escuro, azul escuro e azul claro (Figura 36); e “S”s marcados no marmorite das poltronas e brinquedos (Figura 37), composto por cacos de azulejo nos brinquedos e jarros luminosos (Figura 38), em relevo nos canteiros de alvenaria (Figura 39) como base de estátuas (Figura 40) ou também em azulejo nos monumentos (Figura 41).

**Figura 24** – Exemplos de canteiros baixos marcados em alvenaria nas praças da Independência (20) e do Centenário (5), respectivamente.



Fonte: MISA, s/d; IHGAL, s/d, respectivamente.

**Figura 25** – Fontes luminosas com painéis revestidos em azulejo no Parque Gonçalves Lêdo (10), e nas praças Visconde de Sinimbu (15), Marechal Deodoro (22) e Fonte Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5), respectivamente.



Fonte: MISA, s/d; MISA, s/d.

**Figura 26** – Exemplo de banco contínuo em marmorite na Praça do Centenário (5).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 27** – Exemplos de bancos contínuos em círculo nas praças Santo Antônio (24) e Antídio Vieira (11), respectivamente.



Fonte: QUAPÁ, 1997; MACEIÓ, 2005.

**Figura 28** – Diversos ângulos de poltronas em marmorite na Praça Visconde de Sinimbu (15) à esquerda e Parque Gonçalves Lêdo (10) ao centro e à direita.



Fonte: MISA, s/d

**Figura 29** – Diversos ângulos de banco curto reto com base em “S” na Praça Visconde de Sinimbu (15), à esquerda, e na Praça da Independência (20), ao centro e Parque Gonçalves Lêdo (10), à direita.



Fonte: OLIVEIRA, s/d; MISA, s/d; MISA, s/d.

**Figura 30** – Mobiliário de lazer em marmorite.

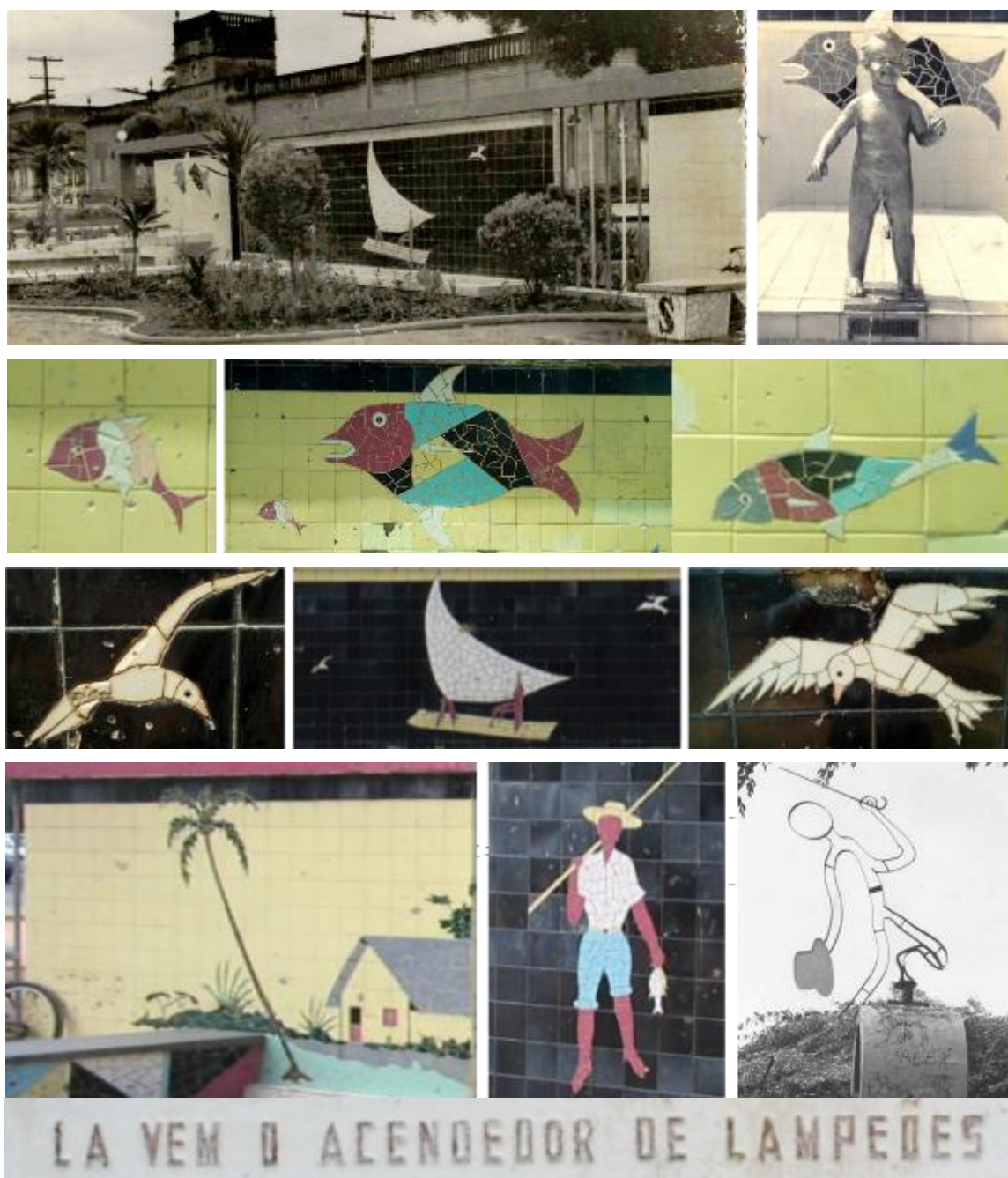


Fonte: SILVA, 1991; MONTEIRO, 1992; MONTEIRO, 1992; MONTEIRO, 1992; AZEVEDO, 2015; AZEVEDO, 2015; AZEVEDO, 2015<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Na primeira linha à esquerda, vista lateral de escorregador revestido em cacos de azulejo escuro na Praça do Centenário (Farol) acima; ainda na primeira linha ao centro e à direita, diversos ângulos de visão de escorregadores revestidos de azulejo em cor clara na Praça Santa Tereza (Ponta Grossa). Na segunda linha,



**Figura 31** – Detalhe dos elementos que incorporam símbolos da cultura.



Fonte: IHGAL, s/d; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; FERRARE, 2013; BILÚ, 2017; MACEIÓ, 2005; MACEIÓ, 2005; BILÚ, s/d; FERRARE, 2013<sup>17</sup>.

escorregador com base em “S” da Praça Sinimbu (Centro) e brinquedo com barras de braquiagem (faltantes) abaixo e à direita.

<sup>17</sup> Na primeira linha à esquerda, painel da Praça Jorge de Lima. À direita, my-joãozinho inspirado no manneken-pis da Bélgica. Na segunda linha, peixes que compõem o painel em conjunto com o my-joãozinho. Na terceira linha, gaivotas e jangada de pau tradicional alagoana. Na quarta linha, casa de pescador com porta, janela e cobertura de palha e coqueiro e pescador. Na quinta e última linha, frase “Lá vem o acendedor de lampiões”, trecho do poema “O acendedor de lampiões” de Jorge de Lima. As imagens na segunda, terceira e quarta linha compõem o painel azulejado da Praça Jorge de Lima (Centro), com exceção da , na quarta linha à direita, na Praça Moleque Namorador (Ponta Grossa).



**Figura 32** – Fonte Jayme de Altavila, composta de estátua indígena Tabajara, mapa do Estado de Alagoas com divisão dos municípios em 1960 e indígena Caeté, na Praça do Centenário (5).



Fonte: IP, 2005; MISA, s/d; AZEVEDO, 2015.

**Figura 33** – Exemplos de jarro luminoso sobre base de pedra. À esquerda, na Praça do Centenário (5). Ao centro, jarro associado a fonte em cimento anteriormente existente na Praça Visconde de Sinimbu (15). À direita, exemplo remanescente em cores na Praça Alfredo de Maya (26).



Fonte: MISA, s/d; MISA, s/d; AZEVEDO, 2015.

**Figura 34** – Dois ângulos de exemplar de ponto de ônibus em arcos de concreto e bases em “V” na Praça Santa Tereza (29).



Fonte: MONTEIRO, 1992.

**Figura 35** – Calçada em placas retangulares de cimento em cores alternadas na Praça do Centenário (5).



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 36** – Paleta de cores dos azulejos que revestem as fontes e o mobiliário de lazer - rosa claro, rosa escuro, roxo, marrom, preto, branco, amarelo, verde claro, verde escuro, azul escuro e azul claro.



**Figura 37** – “S” impresso na cor preta em encosto de poltrona em marmorite e em amarelo na lateral de escorregador.



Fonte: AZEVEDO, 2015; RELU, 2012.

**Figura 38** – “S” composto em cacos de azulejo claro sobre fundo escuro e colorido escuro sobre colorido claro, respectivamente em lateral de escorregador e na lateral de jarro luminoso.



Fonte: SILVA, 1991; MISA, s/d.

**Figura 39** – “S” em relevo em canteiros baixos de alvenaria para árvores respectivamente na praça Jorge de Lima (16) e Visconde de Sinimbu (15).



Fonte: RELU, 2012.

**Figura 40** – Dois ângulos de “S” em concreto como base da estátua na Praça Moleque Namorador (27).



Fonte: MONTEIRO, 1992.

**Figura 41** – “S” composto em cacos de azulejo como revestimento da base do monumento Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5) à esquerda, em base de banco no painel azulejado em piso da fonte da Praça Jorge de Lima (16), respectivamente ao centro e à direita.



Fonte: MISA, s/d; MENEZES, circa 1962; MENEZES, circa 1962.



Estes elementos foram distribuídos tanto nas praças modificadas, que dispunham de maior área quanto nas menores, criadas e modificadas. Fotografias da época demonstram a configuração das praças maiores: do Centenário (Figura 42), e Parque Gonçalves Lêdo (Figura 43), ambos no Farol; Praça Visconde de Sinimbu (Figura 44), Jorge de Lima (Figura 45), Marechal Deodoro (Figura 46); e Praça da Independência (Figura 50), todas no Centro; Praça Manuel Duarte (Figura 47) na Pajuçara, Praça da Liberdade (Figura 48) em Bebedouro, e Praça Getúlio Vargas, na Ponta Grossa (Figura 49 e também Figura 34).

**Figura 42** – Fonte sonora-luminosa Jayme de Altavila, composto de painel azulejado em formato do Estado de Alagoas ladeado por duas estátuas de indígena, e a estátua da série “continentes” em meio à vegetação de pequeno e médio porte em canteiro baixo na Praça do Centenário (5).



Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas, s/d.

**Figura 43** – Parque Gonçalves Lêdo (10), com poltronas em marmorite e fonte revestida de azulejos ao fundo e à direita.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 44** – Praça Visconde de Sinimbu (15), com canteiros baixos em alvenaria, a estátua do Visconde ao centro, e bancos contínuos.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 45** – Praça Jorge de Lima (16), com uma poltrona de marmorite com “S” gravado no encosto em destaque, uma jardineira luminosa ao fundo e à esquerda, e o prédio da Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil (CFLNB) ao fundo e à esquerda.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 46** – Na fotografia à esquerda, na Praça Marechal Deodoro (22), banco contínuo em primeiro plano, canteiros baixos com grama, fonte luminosa revestida de azulejos brancos e azuis em torno da estátua do Marechal Deodoro e Teatro Deodoro ao fundo. Na fotografia à direita, a mesma praça vista a partir da Rua do Livramento, com ponto de ônibus em arcos de concreto e pés em “V” e poltronas em marmorite.



Fonte: MISA, s/d e acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.



**Figura 47** – Praça Manoel Duarte (47), com poltronas em marmorite marcadas com “S” em torno da estátua da Liberdade.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 48** – Praça da Liberdade (4), atual Praça Lucena Maranhão, com poltronas em marmorite e bancos contínuos. Ao fundo e à direita, a igreja de Santo Antônio de Pádua.



Fonte: BILÚ, s/d.

**Figura 49** – Praça Getúlio Vargas (Santa Tereza), no bairro da Ponta Grossa, com escorregadores revestidos de cacos de azulejo marcados com “S”.



Fonte: MONTEIRO, 1992.

**Figura 50** – Praça Tiradentes (20), com canteiros baixos, bancos com bases em formato de “S” e poltronas em marmorite e o prédio da Cadeia ao fundo e à direita.



Fonte: MISA, s/d.

A configuração nas praças menores é exemplificada pelas fotografias das Praças Moleque Namorador no bairro da Ponta Grossa (Figura 51), Arthur Ramos (conhecida também como Praça Rayol, na Figura 52) e 7 de Setembro, no Centro (Figura 53).

**Figura 51** – Praça Moleque Namorador (27), com o monumento em formato de “S” sobre o qual está a estátua do Moleque Namorador.



Fonte: MONTEIRO, 1992.

**Figura 52** – Praça Arthur Ramos (44), conhecida como Praça Rayol, com poltronas em marmorite com “S” e canteiros marcados em alvenaria.



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 53** – Praça 7 de Setembro (17) com poltronas em marmorite com “S” e calçada em cimento.



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.

### 2.1.3 Polêmica - reprovação versus aprovação

Esta “revolução estética” dividiu opiniões ainda durante o mandato do prefeito Sandoval Cajú: de um lado, a **REPROVAÇÃO** da opinião que considera que a modernização falhou e que haviam prioridades mais urgentes para a recuperação do Sorriso que a reforma de praças em Maceió; e de outro, a **APROVAÇÃO** que considerara a empreitada como bem-sucedida do ponto de vista estético, e defendem que as novas praças passaram a fazer parte das memórias afetivas da população, tendo justificada, assim, a sua preservação. A **REPROVAÇÃO** tem como principal documento os jornais da época, dos quais o único disponível para pesquisa em condições regulares de conservação no Arquivo Público de Alagoas (APA) foi o Jornal de Alagoas (1961-1964). A **APROVAÇÃO** é composta de opiniões de especialistas, registrada em obras posteriores (1991-2013)<sup>18</sup>. Ambos os argumentos aparecem sintetizados a seguir:

<sup>18</sup> Em ordem cronológica, Arquitetura Moderna: a atitude alagoana (SILVA, 1991), A praça e o traçado da cidade (BRANCO, 1993), Praça: pressa por que? (CASTRO, 1999), A praça na cidade de Maceió: análise da evolução espacial e de usos (BRAGA, 2003), No olho da rua: dinâmicas da arte urbana em Maceió (QUINTELLA, 2007), Permanências modernistas na Praça Sinimbu – Maceió: em análise e proposta de Preservação (FERRARE, 2008), Sandoval Cajú, o personagem, o povo e a cidade (CEPAL, 2011), Além do Conversador (ALÉM DO, 2011, Traçados Modernistas e popular em equipamentos urbanos de Maceió: a experiência da gestão Sandoval Cajú (FERRARE, 2013) e Estudo sobre a construção da paisagem das praças D. Pedro II, Marechal Floriano Peixoto e Marechal Deodoro com uma alteração da Praça Marechal Deodoro atribuída à autoria da Gestão (AZEVEDO, 2014).



### REPROVAÇÃO

A gestão Sandoval Cajú teve um prefeito com dinamismo e entusiasmo para o trabalho em prol da população, mas que não cumpriu sua promessa. **No lugar realizar as obras de higienismo e turismo necessárias para cumprir sua promessa de campanha, fez praças** com elementos padronizados de mau gosto e com a repetição abusiva do *“S”s como propaganda pessoal*.

### APROVAÇÃO

A gestão Sandoval Cajú, de caráter populista, **realizou uma modernização marcada pela construção e reforma de inúmeras praças**, com materiais em voga na época e com *“S”s como marcas personalistas do Prefeito*. As praças devem ser protegidas por sua expressão estética e formal representativa desta modernização.

Na ausência de um estudo específico sobre esta obra, as intervenções nas praças da gestão Sandoval Cajú ganham caráter de homenagem. No período entre o fim do mandato de Sandoval Cajú e o ano de 2017, as praças passaram por ações de recuperação por gestões esparsas, intercaladas por períodos de abandono. Este ciclo de recuperação e abandono gerou um gradual apagamento da obra, pois quando a recuperação é realizada, o é apenas com base nos vestígios remanescentes em cada época.

Dois projetos são bons exemplos dos efeitos do ciclo de valorização e abandono, pela visibilidade e abundância de registros iconográficos. No painel da praça Jorge de Lima, alguns dos azulejos estavam ausentes já no início da década de 90, por ação do tempo. Os azulejos amarelos, no painel com os peixes, e os azuis da marquise em balanço sobre a qual estava colocada o Menino Mijão foram substituídos por outros de cor ligeiramente mais clara na gestão Pedro Vieira (1992-1992, Figura 57). Os azulejos pretos e os que compunham o mosaico da figura do pescador já estavam ausentes em 2012 e assim permanecem (Figura 64 a Figura 66). O menino mijão original em cimento<sup>19</sup> que compunha a fonte (Figura 54 e Figura 31) desapareceu antes da década de 1990, sendo substituído por um segundo, também em cimento, cabisbaixo (Figura 57 e Figura 58), também na gestão Pedro Vieira (1992-1992). Este teve as pernas serradas em 2002 (Figura 59) e desapareceu pouco depois (Figura 61). No processo de degradação posterior a esta única recuperação, a marquise sobre a qual estava colocada o menino ruiu, e os limites da fonte, o banco, as barras em ferro e o canteiro não

<sup>19</sup> O *My-joãozinho* original em bronze foi uma encomenda da gestão Sandoval Cajú ao artista maceioense Lourenço Peixoto (1897-1984).



mais existem. O processo pode ser observado na sequência da Figura 59 à Figura 63. Na Figura 54, a fonte com o menino mijão original e o painel com canteiro e banco na configuração original do painel logo após a inauguração na Figura 55. Na Figura 67, o aspecto do painel em 2017.

**Figura 54** – Painel e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com elementos originais após inauguração.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 55** – Conjunto de painel, fonte e canteiro na Praça Jorge de Lima (16) em sua configuração original. Destacam-se as barras em ferro e o banco, ambos à direita da fotografia.



Fonte: Acervo Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 56** – Estátua do My-Joãozinho original em cimento.



Fonte: Acervo Geraldo Majella, s/d.

**Figura 57** – Segunda Estátua do Menino Mijão instalada pela gestão Pedro Vieira em 1992 em substituição ao primeiro My-Joãozinho. Note-se a diferença na postura cabisbaixa.



Fonte: QUINTELLA, 2007, p. 94.

**Figura 58** – Estátua do Menino Mijão substituta, com base quadrada também em concreto.



Fonte: QUINTELLA, 2007, p. 94.

**Figura 59** – Paineis e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com segundo Menino Mijão, painéis em azulejos conservados e fonte em funcionamento.



Fonte: SILVA, 1991, p. 247

**Figura 60** – Paineis e fonte da Praça Jorge de Lima (16) com apenas as pernas do segundo Menino Mijão.



Fonte: QUINTELLA, 2007, p. 94

**Figura 61** – Paineis e fonte da Praça Jorge de Lima (16) sem a estátua do Menino Mijão e com espelho d'água já fora de funcionamento, com acúmulo de folhas secas.



Fonte: BRAGA, 2003, p. 95.

**Figura 62** – Fonte da Praça Jorge de Lima (16) desativada e sem a estátua do Menino Mijão.



Fonte: MACEIÓ, 2005.

**Figura 63** – Marquise da fonte da Praça Jorge de Lima (16) caída sobre espelho d'água.



Fonte: QUINTELLA, 2007, p. 94.

**Figura 64** – Painel azulejado com figura em mosaico de pescador intacto no painel da Praça Jorge de Lima (16).



Fonte: SILVA, 1991, p. 247.

**Figura 65** – Peças de azulejo faltantes no painel da Praça Jorge de Lima (16).



Fonte: PARIZIO, 2012.

**Figura 66** – Espaço deixado pelas peças de azulejo faltantes escurecido e papéis colados no painel da Praça Jorge de Lima (16).



Fonte: AZEVEDO, 2015.

**Figura 67** – Aspecto do painel da Praça Jorge de Lima (16) em 2018.



Fonte: AZEVEDO, 2018.



A fonte Jayme de Altavilla, na Praça do Centenário, é o segundo exemplo deste processo. Os cacos de azulejos, organizados em mosaico de cores de acordo com a divisão dos municípios do Estado, no painel que decora a fonte (Figura 68, Figura 69 e Figura 72), já estavam ausentes na década de 1970 (Figura 73). O mesmo aconteceu com os da base do painel, que formavam “S”s em cacos de azulejo nas cores preto e branco; e com as escadas. As duas estátuas da série “continentes”, que compunham a fonte, voltaram ao seu local original na Praça Marechal Deodoro, no Centro, na reforma de 1985 (Figura 72 a Figura 75) (AZEVEDO, 2014, p. 76). O espelho d’água quadrado foi desativado e posteriormente convertido em canteiro (Figura 70 e Figura 71). Faltam, também, aos indígenas que ladeiam o monumento, as mãos e os instrumentos de caça que tinham originalmente (Figura 76 e Figura 77).

**Figura 68** – Fotografia em cores do mosaico de cacos de azulejo no formato dos municípios de Alagoas na Fonte Jayme de Altavila.



Fonte: Acervo família Sandes Moura, 1974.

**Figura 70** – Fonte Jayme de Altavila sem azulejos, com espelho d’água desativado e base pintada na cor azul.



Fonte: QUINTELLA, 2007, p. 95.

**Figura 69** – Fonte Jayme de Altavila em sua configuração original.



Fonte: Acervo Fernando Fon, década de 1970.

**Figura 71** – Fonte Jayme de Altavila sem azulejos, com espelho d’água transformado em canteiro e base pintada nas cores amarelo e azul.



Fonte: LESSA, 2013.

**Figura 72** – Estátua “Ásia” na composição da Fonte Jayme de Altavila.



Fonte: Acervo Ingrid Gerbasi Amorim, década de 1960.

**Figura 73** – Fonte Jayme de Altavila em funcionamento, com estátua “Ásia” em primeiro plano.



Fonte: MISA, década de 1970.

**Figura 74** – Estátua “Ásia” na Praça Mal. Deodoro (22) a partir de 1985.



Fonte: SEMPLA, 2009.

**Figura 75** – Aspecto da Fonte Jayme de Altavila em 2015.



Fonte: AZEVEDO, 2015.

**Figura 76** – Estátua de indígena 1 com uma mão e armas ausentes.



Fonte: AZEVEDO, 2018.

**Figura 77** – Estátua de indígena 2, com uma mão e armas ausentes.



Fonte: AZEVEDO, 2018.



## 2.2 O PROBLEMA DO IDEAL CIDADE SORRISO

O processo de degradação das praças desagrada aos maceioenses, que expressam sua insatisfação em jornais e blogs pessoais<sup>20</sup>. Os relatos têm tom de saudosismo, tendo como pontos principais o passado das praças como espaços de convivência e lazer, lembranças pessoais afetivas positivas, e o lamento pelo estado atual de conservação: sujeira e desordem que afastam os moradores e turistas. As reclamações recentes são semelhantes às aquelas dos jornais durante o ano de 1960, como mostram, a seguir, dois trechos de jornais:

Praças Públicas de Maceió foram abandonadas pela municipalidade – Já várias vezes estas colunas levaram ao público e às autoridades competentes **a necessidade de melhor tratamento para com as nossas praças públicas**, em franco abandono há longo tempo (...) logo na praça Floriano Peixoto, em frente ao Palácio Floriano Peixoto, em frente ao Palácio dos Martírios, encontrará os tanques sujos, folhas apodrecidas, pedaços de papel, canteiros mal cuidados, além do desgosto de não poder ler as gravações outrora gravadas em bronze, no pedestal da estátua do Marechal de Ferro (...). A cidade de Maceió conta com 30 praças, para serem cuidadas por 16 jardineiros (...). Uma das maiores praças que nós temos, numa das melhores localizações, é a Praça Visconde de Sinimbu (...). A propósito já falamos (...), abordando o aspecto de abandono que apresenta. Podia ser um bonito parque, como nas cidades que se prezam. A menos pior é a Praça Deodoro. Mesmo assim, os estetas já a batizaram como a “praça do roçado”, dado a forma desusada dos canteiros, à falta de gosto, de estética mesmo (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 16/02/1960, grifo nosso).

Monumentos das praças de Maceió pedem socorro – “Nossas praças estão mortas”. “A terra dos marechais é hoje uma terra dos generais sem espada”. “A Sinimbu virou gueto”. **Essas são algumas observações feitas pelo maceioense para mostrar a indignação com o poder público pelo estado de abandono das praças de Maceió.** E no ano em que a capital alagoana completa dois séculos [2015], as praças e monumentos pedem socorro para que sejam contempladas e reverenciadas fazendo jus a seu valor cultural e histórico. As praças de Maceió foram por muito tempo ponto de encontro, de descanso, de jogar conversa fora e de se aproveitar a sombra das árvores para se tirar um cochilo. Mas hoje deram espaço à degradação, ao vandalismo e servem de ponto de prostituição e drogas. (...) O que dizer do antigo Largo das Princesas e agora Praça Deodoro, no Centro de Maceió? Em um cenário deslumbrante, ela abriga a escultura de bronze do primeiro presidente do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca. (...) A escultura de bronze de Deodoro em cima de um cavalo já não sustenta mais as rédeas e nem ostenta brasões e placas (...). Nas décadas de 60 e 70 a Praça dos Martírios (Floriano Peixoto), era uma atração, com sua fonte luminosa, construída no governo de Luiz Cavalcante. A estátua do

<sup>20</sup> Em Quintella (2007, p. 94) são citadas matérias sobre a Praça Sinimbu: “apenas no jornal Gazeta de Alagoas, por exemplo, o tema foi abordado nos dias 20/06/02 (“A mutilação do Mijãozinho”), 12/06/03 (“Patrimônio dilapidado”), 28/03/04, 16/01/05, 06/09/05 (...)”. Desde 2010, o tema aparece em reportagens de jornal em O Jornal (PIMENTEL, 2010; PIMENTEL, 2011; PIMENTEL, 2011), UFAL (CASTELOTTI, 2011), Repórter Nordeste (LOPES, 2011; MADEIRO, 2012); UOL (MADEIRO, 2012); G1 ALAGOAS (G1a, 2013; G1b, 2013; G1c, 2013); Tribuna Independente (PIMENTEL, 2015); Jornal Extra (SALÉSIA, 2015), Jornal É Assim (É ASSIM, 2015; ION, 2017); Gazeta de Alagoas (MORAES, 2012; BASTOS, 2016; LEÃO & MENDES, 2017; ALVES, 2012) e Cadaminuto (LEÃO & MENDES, 2017). Em blogs independentes o assunto é abordado entre 2010 e 2017 em Santos (2010), Maia (2010), Castello Branco (2011), Acioly (2012), Acioly (2012), Parizio (2012), Ticianeli (2012), Lins (2013), Lessa (2014) e Chagas (2017).

marechal perdeu sua espada e várias peças de bronze. (...) O descaso fica bem ao lado do Palácio do Governo (...). A Praça Sinimbu tinha o “mijãozinho” – um garoto que fazia xixi sem qualquer pudor, o que chamava a atenção principalmente da criançada. Hoje o cenário é de degradação e o chafariz não passa de metralha que abriga o mato. A pomposa estátua do visconde de Sinimbu é morada de pombo (...). A população já não dispõe de um espaço de lazer diferenciado. O descaso tem sido a marca de vários gestores de Maceió. As praças pedem vida. Querem ser limpas, plantadas, podadas, iluminadas e habitadas de forma organizada (...) (SALÉSIA, 2015, grifo nosso).

Para atender à população insatisfeita, três projetos da Prefeitura revitalizaram as praças de Maceió entre 1964 e 2017, incluindo aquelas de autoria da gestão Cajú. O primeiro foi o da gestão Pedro Vieira (1992-1992). As praças foram cercadas e os jardins delimitados para protegê-los da degradação e do “uso indevido” (VIEIRA in BRANCO, 1993, anexo 7, s/p), a exemplo da preservação das praças em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo (VIEIRA in BRANCO, 1993, anexo 7, s/p). A transformação incluiu gradeamento, ajardinamento, modificações no *layout* e áreas de lazer infantil. Em razão da polêmica gerada pela limitação do acesso, as grades foram aos poucos sendo retiradas e não voltaram a ser colocadas nas gestões posteriores (FARIAS, 2012). O segundo projeto aconteceu no primeiro mandato do Prefeito Cícero Almeida (2005-2009)<sup>21</sup>. Associado a Sandoval Cajú por ser, assim como o primeiro, radialista e sertanejo, fez-lhe uma homenagem inaugurando um monumento à memória do “S”, em aço inox na alça viária também batizada com seu nome<sup>22</sup>, como mostram respectivamente a Figura 78 e Figura 79 (ALAGOAS 24 HORAS, 2006). Uma homenagem anterior ao Prefeito havia sido feita em 1986 pela gestão Djalma Falcão (1986-1988) com a inauguração da Praça Sandoval Cajú no bairro Jacintinho (Figura 80) (CAJÚ, 1991, p. 294).

**Figura 78** – Alça Viária Prefeito Sandoval Cajú, com “S” da gestão Sandoval Cajú em aço inox, no bairro Farol, sem a placa de inauguração.



Fonte: AZEVEDO, 2016.

**Figura 79** – Placa de inauguração da Alça Viária Prefeito Sandoval Cajú.



Fonte: LIMA, 2011.

<sup>21</sup> José Cícero Soares de Almeida nasceu no dia 8 de janeiro de 1968 na cidade de Maribondo, localizada na mesorregião agreste de Alagoas. Elegeram-se, assim como Sandoval Cajú, por sua popularidade como radialista e exerceu mandato como prefeito de Maceió em dois mandatos, entre 2005 e 2012.

<sup>22</sup> Este monumento ficou conhecido como o “S do Cicho”, abreviação do nome do prefeito que o inaugurou.

**Figura 80** – Praça Sandoval Cajú, no bairro Jacintinho, inaugurada em 1986.



Fonte: Google Street View, 2016.

O último projeto foi iniciado em 2013, no primeiro mandato do Prefeito Rui Palmeira (2013-2016). No “Programa Boa Praça”, destinado a fornecer maior segurança na utilização dos espaços, as necessidades das obras de revitalização são distribuídas de acordo com a necessidade de cada local, com novos brinquedos, instalação de bancos, calçadas, jardineiras e arborização (AQUI ACONTECE, 18/11/2013).

Estas ações periódicas de recuperação fazem parte do ciclo, que aos poucos vai deixando que os vestígios sejam perdidos em razão da alternância de opiniões das gestões em exercício a respeito da gestão Sandoval Cajú. Não é aceitável, entretanto, que os vestígios das praças desta gestão, relevantes pelos motivos já listados, desapareçam aos poucos à mercê deste ciclo destrutivo.

Para contribuir com a resolução deste problema, esta dissertação propõe uma abordagem que analisa a gestão pela questão que origina a obra, as opiniões e a insatisfação: o ideal **CIDADE SORRISO**, que defende o cuidado e destaca o valor cultural e histórico das praças para Maceió.

É o **OBJETIVO**, portanto, desta dissertação, analisar o conjunto de praças da gestão Sandoval Cajú a partir do ideal Cidade Sorriso, com vistas a contribuir com a tomada de futuras decisões de planejamento e gestão urbana na cidade de Maceió.

Será o estudo do processo de produção das primeiras praças de Maceió, durante a modernização da Era Malta (1900-1912), referência da gestão Cajú, que revelará as características do ideal e o papel da praça nele, em “**3 A PRAÇA NA CIDADE SORRISO**”, a seguir. Uma vez identificadas as características ideais da praça, analisa-se o conjunto de praças da gestão Sandoval Cajú para identificar seus pontos de concordância e discordância com o ideal, em **4 AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ**.

### 3 A PRAÇA NA CIDADE SORRISO

Este capítulo corresponde ao **REFERENCIAL TEÓRICO**, no qual o estudo da história e da teoria caracterizarão o ideal formado a partir da modernização da Era Malta até a década de 1930. O caminho escolhido segue os passos de Jessé Souza (2009) que, com base na teoria de Pierre Bourdieu, investiga, também, um discurso: o da identidade brasileira.

Segundo Souza (2009) a identidade nacional corresponde a um “mito da brasilidade”, uma narrativa que dirá que “nós, brasileiros somos o povo da alegria, do calor humano, da hospitalidade e do sexo (...) o povo da emoção e da espontaneidade, enquanto oposição à frieza e ao cálculo que caracterizaria supostamente as nações avançadas do centro da modernidade” (SOUZA, 2009, p. 29).

O termo “mito” é usado pelo autor provocativamente, como indicativo de uma teoria simplória, “uma transfiguração [ou seja, uma distorção] da realidade de modo a provê-la de ‘sentido moral e espiritual’” (SOUZA, 2009, p. 30); os vínculos estabelecidos concretamente por relações de sangue, vizinhança e localidade, são generalizados em vínculos abstratos (SOUZA, 2009, p. 32), “[n]uma espécie de ‘conto de fadas para adultos’ (...) para justificar a dominação social” (SOUZA, 2015, p. 190).

O mito, existente em todas as nações modernas “bem-sucedidas”, permite que os grupos sociais que compõem a sociedade, com interesses divergentes ou conflitantes, percebam-se como parte integrante de um grupo maior empenhado num mesmo projeto nacional (SOUZA, 2009, p. 34). Este artifício permite que dada nação possa se manter coesa e unida, através de um sentimento comum de solidariedade coletiva, mesmo em épocas de crise ou caos, em guerras externas, golpes de Estado, revoluções, guerras civis, epidemias ou conflitos de qualquer espécie (SOUZA, 2009, p. 34). Aqueles que compartilham apenas uma mesma origem, unem-se num grupo que se reconhece como comunidade (SOUZA, 2009, p. 29).

Para que seja efetivo, é necessário que o mito seja incorporado pelas identidades individuais, que seja indissociável das personalidades pessoais. A narrativa deve ser atraente, atribuindo virtudes positivas exclusivas àquele que a incorporar: os brasileiros, por exemplo, imaginam possuir “virtualidades do comportamento humano que só existiriam por essas bandas sociais” (SOUZA, 2015, p. 19).



Questionando a origem das ideias que compõem a narrativa brasileira, Souza (2009), reconstrói a trajetória de construção deste mito. A independência do Brasil em 1822 desperta a necessidade da elaboração de uma identidade própria. O complexo de inferioridade, baseado no racismo científico da época, de uma nação de mestiços, em relação à Europa, com raças puras superiores, será compensado provisoriamente pelos aspectos positivos da natureza exuberante, em poesias e prosas do século XIX, ideia que ainda compõe o hino nacional com a ideia do “gigante pela própria natureza” (SOUZA, 2009, p. 35).

A ideia negativa da mestiçagem será invertida por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* (FREYRE, 1933), associando qualidades positivas ao motivo da inferioridade brasileira: a mistura de raças será a distinção que singulariza o Brasil em relação às demais nações do mundo (SOUZA, 2009, p. 53-54). Freyre chamará de “plasticidade” a emocionalidade, a ênfase nos sentimentos e a cordialidade característica deste povo mestiço do trópico, como característica altamente singular e valorável (SOUZA, 2009, p. 54). Esta narrativa será a base da identidade brasileira.

Sobre a ideia de Freyre, Sérgio Buarque (HOLANDA, 1936), construirá a ideia de “homem cordial”, o homem caracterizado pela preferência por vínculos pessoais a inclinações impessoais, aquele que “se deixa levar pelo coração”. Na obra de Sérgio Buarque, numa nova inversão, esta imagem é negativa, o oposto da reputação do protestante americano (SOUZA, 2009, p. 55-56). Esta teoria dará origem ao descrédito no Estado, burocrático e tomado por “homens cordiais”, e a imagem do Mercado como seu oposto, lugar da virtude e das relações impessoais (SOUZA, 2009, 55-60).

Identificada a origem da ideia, Souza (2009) questiona como ela se tornou a narrativa comum aos brasileiros, pois ela “(...) não exerce a sua influência porque as pessoas começaram a ler *Casa-Grande & Senzala* e se convenceram de seu argumento. Não é desse modo que os pensadores e os homens e mulheres de ideias influenciam o cotidiano das pessoas comuns que (...) sequer sabem ler” (SOUZA, 2009, p. 37, grifo nosso). Estas ideias “de intelectuais e especialistas” utilizadas como base de programas de partido político, de planejamento do Estado, da doutrina de salas de aula, do que se decide em tribunais e do que se publica em

jornais, e serão institucionalizadas como a leitura dominante de uma sociedade sobre si mesma (SOUZA, 2015, p. 7)<sup>23</sup>.

A **IDENTIDADE COLETIVA**, segundo Souza (2009, p. 29-31), portanto, é um imaginário social que permite compreender o sentido de uma dada experiência histórica coletiva, unindo, moral e espiritualmente, os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, através da atribuição de características em comum, por meio do consenso acerca do mundo. Esta identidade é composta de opções morais – superior/inferior, bom/mal, nobre/vulgar – e define como os indivíduos e grupos de uma sociedade percebem a si mesmos e uns aos outros. Para ser eficiente, precisa ser incorporada de maneira subconsciente e emotiva por cada indivíduo: é preciso que o discurso seja “internalizado pelas pessoas comuns como algo ‘seu’, como algo indissociável de sua personalidade pessoal, para que possa lograr conquistar o coração e as mentes das pessoas comuns” (SOUZA, 2009, p. 33).

A investigação da construção da identidade alagoana será um esforço de Lindoso (2005), que, apesar de definir **IDENTIDADE** como uma construção coletiva<sup>24</sup>, reconstrói, assim como Souza (2015), sua construção a partir das ideias de especialistas. Através da influência das ideias mercantis-capitalistas em meio a ideias de uma elite latifundiária, a elite de comerciantes<sup>25</sup> de Maceió terá um papel decisivo na construção desta identidade (LINDOSO, 2005, p. 23-47). A cidade terá uma estética diferenciada das demais cidades do Estado: um estilo de vida urbano característico, expresso em palacetes, sobrados e jardins (LINDOSO, 2005, p. 67).

---

<sup>23</sup> Jessé Souza, na sequência de sua teoria, que foge aos objetivos deste texto, explica os efeitos da construção deste senso comum: ao construir como possível uma única interpretação do mundo, é retirada das classes dominadas a capacidade de compreender a totalidade da sociedade e seus reais conflitos. Os privilégios são legitimados e aparecem como dons naturais ou mérito dos dominantes. Não percebidos como privilégios, são reproduzidos indefinidamente (SOUZA, 2015, p. 5-9).

<sup>24</sup> Lindoso (2005, p.23, grifo nosso) usará, como sinônimo de identidade, o termo cultura: “essa individualidade se expressa como uma máscara (...) cuja percepção de seus valores culturais faz que a distingamos de outras populações, e possamos dizer (...) essa é uma gente alagoana ou sergipana ou pernambucana ou baiana”. Cultura será, então, “uma realidade que o **homem** produz por meio de ideias e práticas sociais, e que reflete como (...) uma composição especial de signos, símbolos, condutas e fazeres (...)”. A explicação de Lindoso, ao descrever o processo de definição da cultura como uma construção do homem, indefine o sujeito responsável por sua construção, e contribui para a invisibilidade da dimensão política do processo de construção da identidade.

<sup>25</sup> A classe de comerciantes a que Lindoso (2005) se refere era formada por europeus, principalmente portugueses, como traz no trecho “eram portugueses esses *mascates gananciosos* da acusação de Craveiro Costa, embora conste a presença de ingleses, italianos e alemães. Mantinham praticamente o monopólio do comércio de cabotagem com os portos do Recife e Salvador, e depois, o comércio com os portos europeus” (LINDOSO, 2005, p. 64-65).

Uma transformação aconteceria no início do século XX, pela Oligarquia Malta (1900-1912), para expressar os ideais dos comerciantes. Esta transformação será entendida por Tenório (1997) como moeda de troca de apoio político entre a elite de comerciantes e a gestão: a primeira terá materializada em seu espaço público a mesma expressão de inspiração europeia dos edifícios particulares, que a diferenciava da antiga elite latifundiária, dotando o conjunto urbano de uma mesma linguagem burguesa e, em troca, a família Malta permanecerá 12 longos anos no poder, período que a permite executar as obras públicas que demandam um maior prazo para serem terminadas.

Cavalcanti (1998), apresentará esta classe como sujeitos atuantes que buscam transformar, de acordo com o ideal formado a partir das ideias dos mesmos autores identificados por Lindoso (2005), o espaço natural referido como *Massayó* – terreno pantanoso de conotação higienista negativa – na cidade e capital Maceió, entre o século XIX e a década de 1930.

Na análise de Campello (2009), a nova capital será, entre 1903 e 1934, assunto dos cartões postais que construíram a imagem da Maceió republicana, imagem que, ao fim deste processo de transformação, legará à cidade o título de Cidade Sorriso: a mais bela capital do Nordeste.

O terreno alagado referido por **MASSAYÓ**, de conotação negativa, seria transformado, ao longo do século XIX e início do século XX, de acordo com o ideal da elite de comerciantes, na capital Maceió que, a partir das fotografias dos cartões postais, recebe o título de **CIDADE SORRISO**.

A fuga de uma associação negativa (*Massayó*) em direção a um título de reconhecimento positivo (Cidade Sorriso) é, segundo Bourdieu (1989, p. 124), o incentivo da luta pela definição da identidade através do que o autor chama de **ASSIMILAÇÃO**: em resposta à rejeição do título negativo, o grupo empreende máximo esforço na eliminação dos símbolos que lembram esta leitura, e na imposição de um novo discurso positivo através da divulgação de novos símbolos que o aproxime da identidade dominante<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> “ (...) os dominados (...) não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (...) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima” (BOURDIEU, 1989, p. 124).

O papel da **PRAÇA** nesta luta é, como mostra Carvalho (1990), de espaço de divulgação dos novos símbolos através dos monumentos, numa linguagem mais abstrata que a escrita – pouco acessível num país com alto índice de analfabetismo como o Brasil do início do século XX<sup>27</sup>. Os símbolos podem, através desta divulgação, ser tornados consenso, incorporados à cultura e, então, reproduzidos irrefletidamente pelas classes dominadas, contribuindo para a manutenção dos interesses dominantes (BOURDIEU, 1989, p. 10). Se o **PÚBLICO**, segundo Bourdieu (1989, p. 142), é a qualidade daquilo que é visível, objetivado e, portanto, oficial e instituído, o **ESPAÇO PÚBLICO**, categoria que define o espaço configurado como praça, será, no contexto desta dissertação e segundo o exemplo de Carvalho (1990), o espaço organizado de acordo com o que é instituído oficialmente.

Sobre esta base, explora-se o processo de transformação **3.1 DE MASSAYÓ À CIDADE SORRISO** como passo necessário para a identificação das características que definem **3.2 A PRAÇA DA CIDADE SORRISO**.

### 3.1 DE MASSAYÓ À CIDADE SORRISO

O termo Maceió, segundo o dicionário Aurélio, (do tupi *Massayó* ou *Maça-y-ok*) faz referência a uma depressão de terreno alagada que se forma no litoral em razão das marés ou da água da chuva, enquanto a expressão “Cidade Sorriso” está, no conhecimento comum dos maceioenses, ligada à ideia de uma cidade de beleza ímpar.

Apesar da expressão Cidade Sorriso ser amplamente conhecida e referenciada, inclusive em documentos oficiais<sup>28</sup>, é raro encontrar documentos escritos que tentem a definir. As definições pessoais de Carlos Alberto Mendonça, no documento em comemoração aos 200 anos da cidade em 2015<sup>29</sup> e a do ex-prefeito Sandoval Cajú em sua autobiografia, fornecem uma noção do seu significado:

---

<sup>27</sup> “O extravasamento das visões de república para o mundo extra-elite (...) não poderia ser feito por meio do discurso, inacessível a um público com baixo nível de educação formal. Ele teria de ser feito mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos” (CARVALHO, 1990, p. 10).

<sup>28</sup> A expressão “Cidade Sorriso” como sinônimo de Maceió aparece na introdução do Plano Municipal de Educação, publicado no Diário Oficial de Maceió em 24 de novembro de 2015.

<sup>29</sup> Em 2015, foram comemorados os 200 anos de formação da vila de Maceió, desmembrada da cidade de Alagoas (Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, hoje Marechal Deodoro) no dia 5 de dezembro de 1815. A cidade completará 200 anos em 2039, em referência ao dia 9 de dezembro de 1839, quando foi elevada a cidade e capital do Estado de Alagoas. É comum haver confusão quanto a estas datas comemorativas (LINS, 1994, s/p).

Por suas belezas naturais, lagoas, praias, cidade alta, cidade baixa e muitas outras maravilhas, Maceió recebeu o merecido título de “Cidade Sorriso”, onde, dizem os mais antigos, não havia dificuldade para a vida das famílias” (MENDONÇA in SIMÕES, 2016, p. 5).

“S – ‘SORRISO’ – gracioso epíteto que Maceió conquistara no início deste século [XX], quando seus Intendentes (Prefeitos) se esmeravam por fazê-la a mais bela Cidade do Nordeste; construindo e conservando **praças** e jardins floridos; monumentos, polidos e iluminados; ruas limpas, bem calçadas e arborizadas; enfim, um conjunto urbano notável, a oferecer a visão panorâmica de um cartão-postal de beleza ímpar! – o que constituía motivo de justo orgulho à população citadina, e encantamento aos visitantes, procedentes de várias partes, inclusive das grandes metrópoles do Norte e do Sul do País...” (CAJÚ, 1991, p. 333, grifo nosso).

O processo de transformação do terreno alagado batizado pelos nativos como *Massayó*, na cidade de beleza ímpar a que o título Cidade Sorriso faz referência, é composto pela construção da demanda de **3.1.1 Uma nova capital para um novo estado**, proveniente do desejo da elite comercial de obter reconhecimento como tal; e pela transformação de **3.1.2 De Massayó a Maceió**, de acordo com as ideias higienistas associadas ao progresso por esta elite; para a conquista do título ao fim da década de 1930, após a divulgação de seus novos lugares de modernidade pelas fotografias dos cartões postais: **3.1.3 Maceió, Cidade Sorriso**.

### 3.1.1 Uma nova capital para um novo Estado

A luta pela transformação de Maceió será uma luta simbólica pela materialização do seu **DISCURSO REGIONAL**, e será explorada neste item. Como base teórica para entender o processo de construção do ideal, Bourdieu (1989) contribui com a teoria do discurso regional; enquanto Costa (1981), Tenório (1997), Cavalcanti (1998), Lindoso (2005), e Caetano (2010) tratam, conjuntamente, da história da construção do ideal da elite burguesa local de Maceió.

O **DISCURSO REGIONAL**, segundo Pierre Bourdieu (1989, p. 116), é um discurso performativo<sup>30</sup>, que tem por objetivo impor como legítima uma nova definição das fronteiras e fazer reconhecer a região assim delimitada – como tal, desconhecida – contra a definição dominante, reconhecida e legítima, que a ignora. A Capital, local de concentração do capital

---

<sup>30</sup> O discurso, texto ou enunciado performativo (originalmente *performance utterance*) é um conceito do filósofo britânico John Langshaw Austin (1911-1960), no campo da linguagem. É definido como um discurso que não pode ser classificado como verdadeiro ou falso, mas que enuncia algo que depende das condições de sua enunciação para ter efeito. Se aceito, tem validade, e se não aceito, não a tem. É o locutor quem afirma “eu nomeio” “eu aposto”, “eu prometo” (AUSTIN, 1962) e a efetividade de sua afirmação será, como afirmará Bourdieu (1989), dependente de seu capital simbólico: “a eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele anuncia no próprio acto (sic) de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia (...)” (p. 116)

material e simbólico e consequentemente do poder e da legitimidade, definirá a identidade dominante: o referencial de comparação das demais regiões (BOURDIEU, 1989, p. 126). Em relação a esta identidade será definido o estigma das demais regiões, mais negativamente percebidas quanto mais se afastarem do modelo estabelecido pela capital (BOURDIEU, 1989, p. 126). A região estabelecida será, neste processo, estigmatizada quanto à distância em relação aos bens e aos poderes dominantes (BOURDIEU, 1989, p. 124). Em resposta ao estigma da região em relação à identidade dominante surge a reivindicação regionalista - uma luta pela inversão do sentido e do valor das características estigmatizadas (BOURDIEU, 1989, p. 126).

O povoado de Maceió surge no início do século XIX num local que pertenceu, até o século XVIII, à Vila das Alagoas, na Capitania de Pernambuco<sup>31</sup> (LINDOSO, 2005, p. 31; CAETANO, 2010, p. 25). Entre 1706 e 1711 foi criada a Comarca das Alagoas, um território a sul identificado por duas grandes lagoas, onde existiam quatro vilas: Penedo, a sul, fundada em 1535; Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul ou Vila das Alagoas (atual Marechal Deodoro), fundada em 1591, cabeça da Comarca e ponto de escoamento da produção agrícola através do Porto do Francês; Alagoa do Norte (atual Santa Luzia do Norte), fundada em 1650; e Porto Calvo, fundada em 1636 (COSTA, 1939, p. 6), como localizadas na Figura 81. *Massayó* será, em 1782, referência a uma aglomeração pertencente ao território da Vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (atual Marechal Deodoro), proveniente do engenho de açúcar *Massayó*<sup>32</sup>, e reunido em torno da antiga Capela de Nossa Senhora dos Prazeres<sup>33</sup> (CAVALCANTI, 1998, p. 97), como mostra a Figura 82.

---

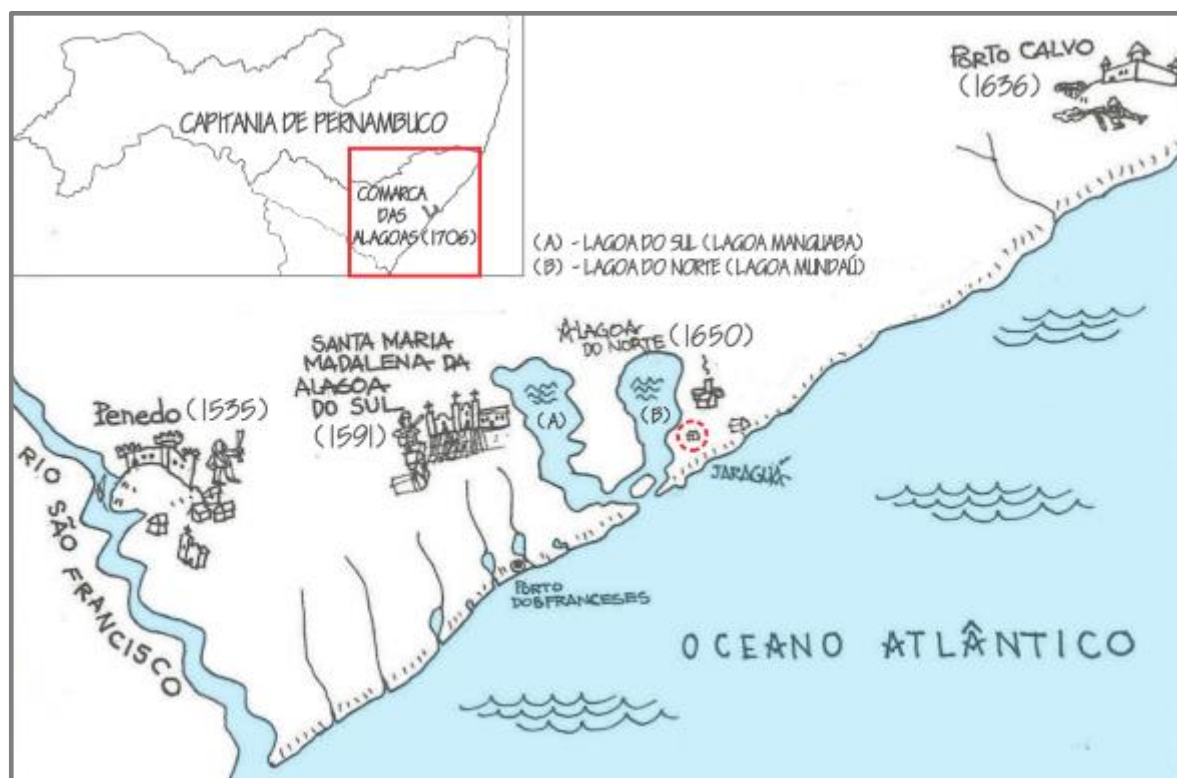
<sup>31</sup> As primeiras referências ao território “das Alagoas” definem como limites geográficos os rios Persinunga e Jacuípe a norte, e o Rio São Francisco, da foz à cachoeira de Paulo Afonso, a sul (LINDOSO, 2005, p. 32).

<sup>32</sup> O início da povoação de Maceió é atribuído à atividade do engenho *Massayó*, formado às margens do riacho de mesmo nome, que Craveiro Costa defende que se localizava na atual Praça Dom Pedro II. Esta tese é sustentada pelos vestígios do engenho, encontrados em 1850, durante as escavações para as obras de reforma da Praça Dom Pedro II. O Cronista Cláudio Jayme defende que o engenho seria localizado onde foi historicamente formado o largo da capela, depois Praça Dom Pedro II (COSTA, 1939, p. 10-11). Não se conhece o fundador do engenho. Os documentos citam apenas a escritura do sítio *Maçayó*, de propriedade do Padre Antônio Ferreira da Costa.

<sup>33</sup> Sobre a capela, apenas se sabe que já existia no ano 1787, quando o Padre Antônio Ferreira da Costa a doou a seu afilhado Bento Ferreira da Costa (COSTA, 1939, p. 94).

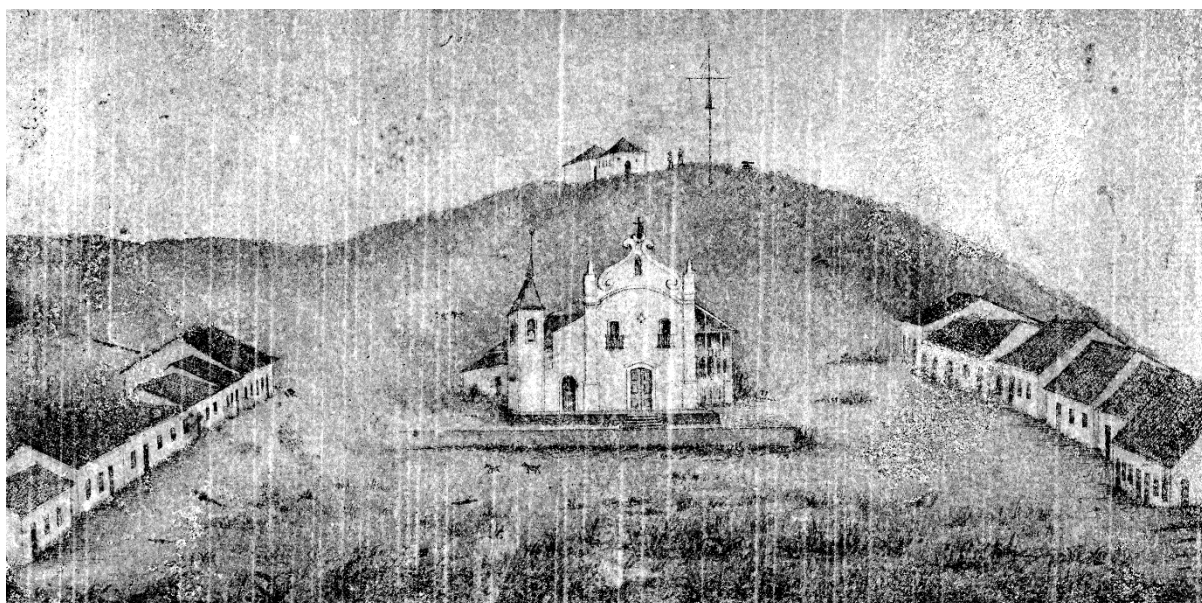


**Figura 81** – Localização das primeiras povoações que deram origem ao território que seria a Comarca das Alagoas (criada em 1706), parte sul da Capitania de Pernambuco, acompanhadas das datas de fundação – Penedo (1535), Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul ou Alagoas (1591, atual Marechal Deodoro), Alagoa do Norte (1650, atual Santa Luzia do Norte) e Porto Calvo (1636) – dos portos dos franceses e de Jaraguá. A letra (A) indica a Lagoa do Sul (Lagoa Manguaba) e (B) a Lagoa do Norte (Lagoa Mundaú). O círculo pontilhado vermelho marca o local do início da povoação de Maceió.



Fonte: ALMEIDA et al, 2003, p. 6, modificado.

**Figura 82** – Ilustração que mostra o núcleo urbano em torno da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, local que se tornaria o Largo da Capela, o primeiro centro de Maceió.



Fonte: IHGAL, s/d.

O comércio marítimo de importação e exportação através do porto natural de Jaraguá, intensificado pela abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional em 1808, em conjunto com a agiotagem dos mascates, garantiu o enriquecimento dos comerciantes e agiotas residentes no povoado de Maceió (COSTA, 1939, p. 18; LINDOSO, 2005, p. 64) e fará surgir na região uma elite antes inexistente: a “burguesia mercantil urbana”<sup>34</sup> (LINDOSO, 2005, p. 37).

Para a elite rural, residente na Capital Madalena, elite detentora da identidade dominante, com famílias “cujos brasões datavam dos primeiros dias da colonização (...)” (COSTA, 1939, p. 18), Maceió era uma vila “espúria”<sup>35</sup>, sem tradições históricas, constituída por mascates gananciosos” (COSTA, 1939, p. 71)<sup>36</sup>.

Em resposta ao estigma, a classe de comerciantes portugueses, ingleses, italianos e alemães residentes em Maceió, empreenderá esforços na busca do seu reconhecimento como elite através da transformação física e simbólica de *Massayó* na cidade de Maceió, no decorrer do século XIX, de acordo com o seu **DISCURSO REGIONAL** (CAVALCANTI, 1998, p. 102). A elevação do povoado a Vila será o primeiro feito desta classe de comerciantes, os quais investirão em conjunto na construção ou doação dos equipamentos exigidos pela coroa para o reconhecimento como Vila: o pelourinho, a cadeia e a Casa de Câmara (Figura 83), reunidos em torno do “pátio da capela” (COSTA, 1939, p. 26), como mostra o mapa de 1820, na Figura 84. A vila é criada em 5 de dezembro de 1815, e os cargos de poder na formação de sua Câmara<sup>37</sup> serão ocupados por esta elite local de comerciantes (COSTA, 1939, p. 26).

---

<sup>34</sup> O autor usa o termo “burguesia” como indicação de um grupo possuidor de uma cultura distinta daquela da classe latifundiária da antiga capital da Província. “Essa burguesia urbana mercantil se constituía de comerciantes agiotas e comerciantes importadores-exportadores, instalados em casas comerciais, empórios e armazéns em Maceió e em Jaraguá (...). Essa burguesia mercantil de Maceió tinha uma história social curta, mas acumulara bastante pecúlio para adotar a agiotagem como norma financeira. (...) Eram portugueses esses *mascantes gananciosos* da acusação de Craveiro Costa, embora conste a presença de ingleses, italianos e alemães. Mantinham praticamente o monopólio do comércio de cabotagem com os portos do Recife e Salvador, e depois, o comércio com os portos europeus. (...) Assim, a **cultura urbana burguês-mercantil** surgiu, nas condições específicas de Maceió, como resultado da acumulação do capital mercantil, procedente do comércio marítimo e da agiotagem dos mascates” (LINDOSO, 2005, p. 64-65, grifo nosso).

<sup>35</sup> Segundo o dicionário Aurélio, “espúrio” (adj.f.) significa “que se falsificou; contrário às regras; imundo”.

<sup>36</sup> Opinião emitida depois da decisão de Melo e Póvoas de instalar a Junta e Alfândega em Maceió em 1819, registrada em Costa (1939, p. 71), por isso o termo “vila” é empregado no trecho.

<sup>37</sup> Entre 1532 e 1828 as vilas do Império tinham como centro do poder a Câmara Municipal. A Vila de Maceió passa a ter uma Câmara com três vereadores e um procurador eleitos indiretamente, um alcaide como representação policial e organização judiciária composta por dois juízes ordinários, um juiz de órfãos e dois tabeliães do público judicial e de notas (COSTA, 1939, p. 23; 25).

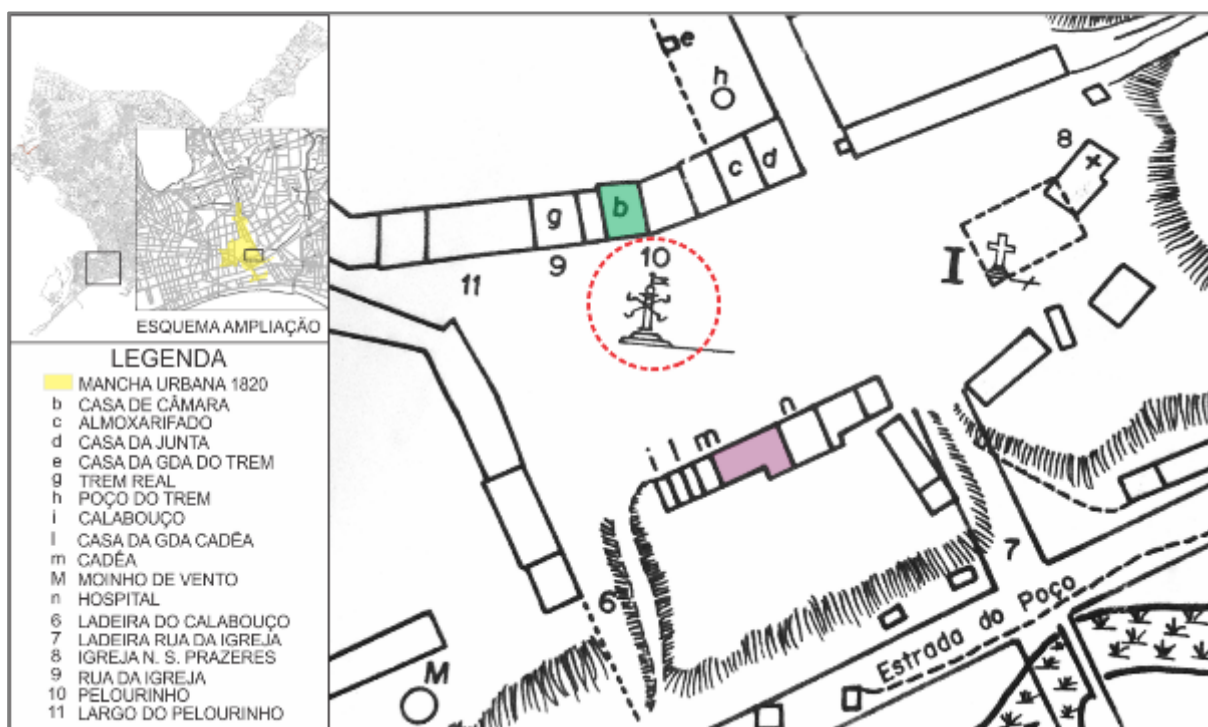


**Figura 83** – Sobrado onde funcionou a primeira Casa de Câmara, pertencente a Elias Pereira, patriarca da Família Pereira e primeiro juiz ordinário da Vila de Maceió. O edifício foi demolido em 1938 para a construção do Instituto dos Funcionários Públicos, na Praça Dom Pedro II, nº 120.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 84** – Localização dos equipamentos necessários para a elevação do povoado de Maceió em vila, no largo da Capela (11): a Casa de Câmara (b), marcada em verde, a Cadeia (m), marcada em lilás e o Pelourinho (10), circulado em pontilhado vermelho.



Fonte: Maceió, 1820, modificado.

Através da Câmara de Maceió, esta classe mobilizará o pedido de independência da Comarca de Alagoas ao poder central do Império, que a concede em 16 de setembro de 1817 (BRANDÃO, 1981, p. 42); influenciará o primeiro Governador na escolha da capital da Capitania em 1818, que instala em Jaraguá os equipamentos oficiais relacionados à fiscalização da atividade comercial portuária: a Alfândega e a Junta da Real Fazenda e suas repartições subordinadas, em Jaraguá<sup>38</sup> (COSTA, 1939, p. 71); e transferirá em 1839 a Tesouraria, representada pelo cofre provincial<sup>39</sup>, para Maceió, que seria a partir de então a nova capital da Província (COSTA, 1939, p. 138; ALMEIDA et al, 2003, p. 18).

A influência dos comerciantes na formação da identidade do Estado criado em 1817, transparece no *Opúsculo da Descrição Geographica e Topographica, Phizica, Política e Histórica do que unicamente respeita à província das Alagoas no Império do Brazil* (HUM BRASILEIRO, 1844)<sup>40</sup>, o primeiro documento que descreve a Província das Alagoas como uma unidade social e politicamente coesa.

Este documento demonstra a principal contribuição dos comerciantes liberais para a cultura alagoana: a hegemonia dos objetivos mercantis-industriais sobre os do capital fundiário (LINDOSO, 2005, p. 67). Os capitalistas aparecem como “os verdadeiros músculos do corpo social, que nutrem o commercio (sic), animão (sic) a cultura e promovem a indústria e as artes” (HUM BRASILEIRO, 1844, p. 23). A economia, até então baseada na exportação de açúcar e madeira, deveria ser modernizada por meio de investimentos capitalistas: formação de mão-de-obra assalariada através da inviabilização da economia de coleta permitida pela abundância de alimento<sup>41</sup>; abertura de novas rotas e consolidação do mercado interno através

---

<sup>38</sup> As repartições subordinadas à Junta da Real Fazenda eram a Casa da Arrecadação e a Inspeção do Açúcar e Algodão (COSTA, 1939, p. 71).

<sup>39</sup> A transferência da capital da Província das Alagoas para Maceió é justificada na história oficial como a vitória da disputa entre as elites açucareira do interior e comercial de Maceió, mas na verdade, como demonstra Cavalcanti (1998), foi produto de um acordo entre as elites – “a capital não tinha a estrutura nem a localização para o desenvolvimento das novas funções necessários a um centro comercial exportador-importador e de serviços dinâmico” (CAVALCANTI, 1998, p. 94, tradução livre).

<sup>40</sup> A obra é de autoria de Hum Brasileiro, mas o historiador Moacir Medeiros de Sant’Ana atribui ao ex-presidente da Província, Antônio Joaquim de Moura (1835-1836). Há poucas informações sobre Antônio Joaquim de Moura, exceto que era natural do Rio Grande do Norte e supõe-se que tenha sido bacharel em Direito ou em Ciências Jurídicas (LINDOSO, 2005, p. 34).

<sup>41</sup> “Há mui pouca escravatura, e he difficil conseguir braços livres por jornal; porque a facilidade de adquirir alimento individual, favorece a ociosidade daqueles, que por sua condição estavam (sic) na razão de ser jornaleiros” (HUM BRASILEIRO, 1833, p. 22).

da navegação nos principais rios e lagoas (LINDOSO, 2005, p. 37-38). As demandas político-econômicas apontadas nesta obra serão registradas nos relatórios dos governos posteriores como urgências essenciais para a consolidação da Província, e aos poucos serão realizadas durante o século XIX.

Uma divisão política será formada no século XIX entre a elite composta de latifundiários e comerciantes (LINDOSO, 2005, p. 36). Em sua própria versão da divisão nacional quanto à independência de 1822, serão formados dois partidos políticos inimigos: os Lisos, conservadores provenientes da elite latifundiária; e os Cabeludos, ricos comerciantes de Maceió, ambos com um mesmo ideal acerca do que Alagoas deveria vir a ser de acordo com o Opúsculo da Descrição Geográfica (HUM BRASILEIRO, 1844), mas em desacordo acerca dos caminhos para a sua materialização. Os ideais dos partidos serão registrados nas *Fallas Provinciais*<sup>42</sup> como demandas de melhoramentos da Província, e materializados na Capital quando cada grupo assume o poder.

O ideal do partido Conservador tem como figura mais expressiva neste sentido o governador da Província Bento Cunha Figueiredo Júnior (1868-1871)<sup>43</sup>, cuja *Falla* de 1868 exemplifica as prioridades de seu partido. Urgia transformar o terreno natural tropical alagável da capital, através de obras de infraestrutura, para oferecer melhores condições para o comércio (p. 15-21): a abertura de uma linha de telégrafo; escolha de terrenos para o teatro e passeio público; nivelamento das ruas e construção de sistema de esgoto como base para calçamento com paralelepípedos; construção das calçadas em frente às casas; abastecimento de água por meio da encanação do riacho Bebedouro; a construção de um edifício próprio para o Consulado Provincial; a construção do matadouro público e de uma capela na cadeia da Capital; reparo do Quartel e do Hospital Militar; e iluminação a gás. Apesar das críticas do partido político contrário, a contribuição de Bento Júnior ao desenvolvimento da Província é reconhecida pelo partido Liberal (CAVALCANTI, 1998, p. 311).

---

<sup>42</sup> As *Fallas Provinciais* são relatórios anuais redigidos pelo Presidente da Província em exercício, direcionados ao congresso estatual, para indicar as demandas de orçamentos e prestar contas dos investimentos feitos.

<sup>43</sup> José Bento da Cunha Figueiredo Júnior (São Paulo, 1833-1885) era filho de José Bento da Cunha Figueiredo (1808-1891), o Visconde do Bom Conselho e organizador do partido conservador, em cujo governo da Província das Alagoas (1849-1850; 1850-1851; 1851-1853) foram abertas linhas de comunicação por terra e de navegação que facilitaram a comunicação e o comércio (BRANDÃO, 1981, p. 89).

Para o partido Liberal, no entanto, o progresso estava ligado a beleza e à higiene. Como mostra Cavalcanti (1998), o perímetro urbano de Maceió será o campo de materialização deste ideal. As ideias liberais estarão presentes já no segundo Código de Posturas de 1845, através de proibições e exigências para as construções urbanas baseadas nos preceitos europeus de estética ligada à higiene, num esforço de aproximar a aparência da cidade, repleta de casas de palha (Figura 85), “que tanto enfeavam a cidade” (FONSECA, 1980, p. 150) de um ideal de civilidade baseado na estética europeia.

**Figura 85** – Casas de taipa cobertas de palha no Vale do Reginaldo em 1924.



Fonte: MISA, 1924.

O ideal de civilidade liberal será, como demonstra Bourdieu (1989, p. 125), correspondente ao esforço de aproximação de uma identidade dominante. Como não podiam almejar se assemelhar à elite latifundiária do interior do estado ou do Estado de Pernambuco, cujos símbolos estavam materializados na capital Recife, associam-se a outra identidade dominante: a europeia.

Maceió já exibía ideais de cidade europeus, através de leis que tornavam regra as ideias higienistas desta elite: os Códigos de Posturas de 1839 e de 1845, que exigiam a limpeza das habitações do perímetro urbano oficial, proibiam as construções precárias cobertas de palha, que deveriam ser cobertas por telhas cerâmicas; e ordenavam o fechamento dos terrenos baldios com fachadas alinhadas com as edificações vizinhas, para que a rua tivesse uma aparência mais urbana (CAVALCANTI, 1998, p. 235).

Ao longo do século XIX foram construídas, com estética europeia, edificações religiosas (Figura 86 a Figura 89 e Figura 93), residenciais particulares (Figura 91) e públicas (Figura 90, Figura 92, Figura 94 e Figura 95), mas Maceió chega ao século XX com uma aparência urbana geral



indissociável da antiga capital, Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul ou Alagoas (hoje Marechal Deodoro), ainda carregando os símbolos da elite latifundiária na maior parte de suas edificações privadas residenciais (Figura 96 a Figura 98) e na edificação institucional que representava seu posto de capital: o Palácio do Governo (Figura 100 e Figura 101). A pouca autonomia administrativa das províncias durante o Segundo Reinado (1840-1889) não permitiu que Maceió materializasse também em seu espaço público os símbolos da ideologia da elite (TENÓRIO, 1997, p. 9).

**Figura 86** – Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios, no largo de mesmo nome, inaugurada em 1881.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 87** – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Rua do Sol ou Rua 15 de Novembro, vista da Av. Moreira Lima.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 88** – Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo (1827), em Jaraguá.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 89** – Capela de Nossa Senhora do Livramento (1825), na rua do Livramento.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 90** – Santa Casa de Misericórdia de Maceió (1859), na Rua Barão de Maceió.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 91** – Palacete do Barão de Jaraguá (1840), na Praça D. Pedro II.



Fonte: CARDOSO, 1908.

**Figura 92** – Farol de Maceió (1851), no bairro Farol.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 93** – Farol no alto do morro e Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres (1859), na Praça Dom Pedro II.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 94** – Palacete da Assembleia Legislativa (1851), na Praça Dom Pedro II.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 95** – Sede da Delegacia Fiscal e Correios (1878), na Praça Dom Pedro II.



Fonte: IHGAL, s/d.



**Figura 96** – Casas térreas na Rua do Comércio, Farol e Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres em 1906.



Fonte: MISA, 1906.

**Figura 97** – Trecho da Rua do Comércio em Maceió, com torre da Igreja do Livramento ao fundo.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 98** – Casa onde nasceu Marechal Deodoro, na antiga capital Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, atual Marechal Deodoro.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 99** – Aspecto do local conhecido como Bôca de Maceió em 1869. À direita da fotografia, o antigo Palácio do Governo Provincial.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 100** – Antigo Palácio do Governo na cidade de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, a antiga capital, atual Marechal Deodoro.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 101** – Edifício onde funcionou o antigo Palácio do governo em Maceió, no local conhecido como “Boca de Maceió”.



Fonte: APA, s/d.

Com a instauração da República, os municípios e estados ganham uma maior autonomia política e administrativa garantida pelo Estado, o que abria as possibilidades para a realização da modernização de Maceió de acordo com o sonho da burguesia (TENÓRIO, 1997, p. 20-23). O primeiro governador oficial do novo Estado de Alagoas foi o Coronel Pedro Paulino da Fonseca, irmão do Marechal Deodoro da Fonseca. Ele desembarca em Maceió no dia 2 de dezembro de 1889 e passa 10 meses e 10 dias no cargo, renunciando sem mover esforços no sentido da modernização da capital (TENÓRIO, 1997, p. 63).

O atendimento ao sonho da burguesia viria com a Era Malta, Era Maltina ou Oligarquia Malta<sup>44</sup>. Euclides Malta<sup>45</sup> assume o governo em 1900, e mantém-se no cargo através de reeleições sucessivas, usando de clientelismo, nepotismo, patrimonialismo, e eliminando qualquer tentativa de oposição (TENÓRIO, 1997, p. 89-92). Seu governo é interrompido com o aparecimento da Política das Salvações e marcado pelo Quebra de Xangô de 1912<sup>46</sup>. A

<sup>44</sup> Oligarquia Malta, será o nome dado por Tenório (1997) ao período de governo da família Malta à frente do governo da Província das Alagoas, entre 1900 e 1912, com os mandatos sucessivos de Euclides Malta (1900-1903), Joaquim Malta (1903-1906) e Euclides Malta (1906-1909 e 1909-1912) (TENÓRIO, 1997, p. 90).

<sup>45</sup> Euclides Malta, nascido em Mata Grande em 1861, filho de proprietários agrícolas, educado em Maceió, Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, e casado com a filha do Barão de Traipu, faz carreira na política (TENÓRIO, 1997, p. 88-90).

<sup>46</sup> O Quebra de Xangô, ou o Quebra de 1912 foi um episódio, na história alagoana, de violência contra as religiões de matriz africana. Em 1911 iniciam as manifestações locais do movimento antioligárquico nacional – a política das Salvações. Bráulio Cavalcanti, um jovem advogado, divulgava as ideias na praça do Montepio dos Artistas, e foi assassinado em praça Pública. Em sua homenagem foi erigido o monumento na Praça que passou a ter seu nome. Os salvacionistas divulgam promessas que atraem a atenção do povo, endeusando os líderes e atacando os Malta, transformando Euclides Malta na encarnação do mal. A incitação à rebelião gerou episódios de violência por toda Maceió. Euclides Malta era católico, mas respeitava o culto afro e mantinha um bom relacionamento com os líderes dos terreiros. Os batuques dos terreiros soavam como uma provocação e como apoio à oligarquia. No dia 1 de fevereiro de 1912 o povo, num ato de intolerância e racismo, invadiu os terreiros e quebrando as imagens e prendendo os pais de santo. Foram extintas a partir de então as casas de culto afro-



modernização de Maceió tem como objetivo a sua manutenção no poder, “pelos favores que concede aos aliados” (TENÓRIO, 1997, p. 90). Materializa, em um cenário propício de tempo e recursos, o sonho de progresso da elite mercantil burguesa, que, em retribuição, o cercou com adulação, “elevando-o como admirador sábio e operoso, realizador de obras imperecíveis, espírito culto e dinamizador, o homem que rompia o marasmo da província e que a colocava no século XX, com o espírito inegavelmente moderno” (TENÓRIO, 1997, p. 93).

### 3.1.2 De Massayó a Maceió

A ideologia da classe comercial será a base da composição e organização das obras urbanas materializadas pela família Malta, que atende ao seu desejo quanto à oficialização de seus símbolos no espaço urbano. Este discurso, que inclui o **ESTIGMA** e o **IDEAL** a ser alcançado de acordo com o referencial europeu, havia sido construído, ao longo do século XIX, a partir de relatórios elaborados por especialistas sobre a Província de Alagoas.

O primeiro documento é o *Apontamentos sobre diversos assumptos geographico-administrativos da Província das Alagoas* (DIAS DE MOURA, 1869)<sup>47</sup> – uma descrição geográfica-administrativa da Província das Alagoas. Este relatório será o primeiro estudo geográfico específico sobre o espaço de Maceió a partir do ponto de vista da medicina vigente. O pavor difundido pelo retorno das epidemias na Europa, como resultado do adensamento industrial urbano acelerado, havia gerado relatórios médicos difundidos para os demais países a partir do século XVIII (CAVALCANTI, 2002, p. 5). Analisando Maceió sob este referencial médico, criticará os pontos em que ela se afasta – o terreno natural alagável – e elogiará o ponto em que se aproxima da identidade dominante – os edifícios construídos com a estética europeia ao longo dos últimos 20 anos<sup>48</sup>, “elegantes”, segundo o autor:

A cidade de Maceió está circumscripita do lado do norte (sic) pela cordilheira de oiteiros á cima mencionada, a qual intercepta grandemente a ventilação durante o verão, do lado do sul por **pântanos** de águas encharcadas, alimentados pelas

---

brasileiro em Maceió. O Quebra se estendeu à cidades próximas – Pratagy, Atalaia, Santa Luzia do Norte, Alagoas (Marechal Deodoro), e Tabuleiro do Pinto (Rio Largo). Com a perseguição, o culto passou a ser feito como o chamado “xangô rezado baixo”, para não atrair atenção e despertar novos ataques (TENÓRIO, 1997, p. 124; RAFAEL, 2004, p. 36-37). No ano de 2012, no aniversário de 100 anos do Quebra, o Governo do Estado pediu o perdão oficial e estabeleceu o Xangô Rezado Alto, um evento com cortejo pelas ruas do Centro de Maceió e celebração da religião na Praça dos Martírios. O evento é anual e teve sua 6ª edição em 2018 (SIMÕES, 2012, s/p). Uma versão ilustrada do acontecimento pode ser encontrada em Tenório et al (2003, p. 26-27).

<sup>47</sup> José Alexandrino Dias de Moura foi Secretário de Governo da Província em 1853 (BARROS, 2005, p. 307).

<sup>48</sup> Alguns dos edifícios aos quais se refere Dias de Moura correspondem ao intervalo da Figura 86 à Figura 95.

enxurradas do inverno, pelo lado do poente pelos **lamaçais** da margem oriental da lagôa do Norte; por isso **não são, nem podem ser, lisongeiras suas condições higiênicas**, como hão demonstrado hábeis médicos, que teem estudado e descripto a topographia médica da capital. Molestia endêmicas, oftalmias, febres (especialmente as intermitentes) aparecem mais ou menos em todas as estações. O presidente que se empenhasse efficazmente em aniquilar esses focos de effluvios pestilenciais de miasmas febríferos, faria um serviço relevantíssimo á capital da província (...)

Maceió tem augmentado e progredido consideravelmente nestes últimos 20 anos e é hoje **uma linda cidade ornada de bons prédios particulares e elegantes edificios públicos** (...) (DIAS DE MOURA, 1869, p. 1, grifos nossos).

A análise de Dias de Moura constrói as bases da identidade maceioense, com a identificação do seu **ESTIGMA**: o seu terreno natural alagado, insalubre, motivo de seu nome, *Massayó*, era a causa das epidemias que assolavam a cidade, e deveria ser mudado para uma aproximação ainda maior em relação à Europa.

As recomendações para transformar o espaço urbano viriam no documento seguinte, *Geographia Alagoana*, de Thomás Espíndola<sup>49</sup> (ESPÍNDOLA, 1871). Espíndola dedica um parágrafo à explicação das ideias que embasam sua análise<sup>50</sup>, e lista em seguida os pontos de sua análise médica, identificando os locais que, em relação à orientação dos ventos e à topografia natural, precisariam ser alterados para aproximar a cidade do modelo desejado de salubridade:

[A] O canal da Ponta Grossa, a faixa de pântanos do Dr. Sobral, o pântano do marinho, a Lagôa do Norte e os monturos<sup>51</sup> existentes são mananciais fecundos d'onde emanam esses princípios alterantes da nossa atmosfera (ESPÍNDOLA, 1871, p. 188)

[B] (...) é varrida no inverno pelos ventos do sul, que servindo de vehiculo conduzem os miasmas e effluvios paludosos dos focos de infecção, que a guarnece, para o meio da povoação (...) se o contacto da atmosfera marítima é geralmente bemfazêjo, pouco o é para Maceió; pois condensando os vapores da [brisa] continental e tornando-a mais úmida, esta torna-se melhor condutora das emanações pútridas, umidade que é redobrada pela vizinhança da Lagôa do Norte (...) (ESPÍNDOLA, 1871, p. 187-188);

<sup>49</sup> Thomaz Espíndola (1832-1889) foi um médico, jornalista, Presidente da Província e inspetor de higiene da Província das Alagoas (BARROS, 2005, p. 217-218).

<sup>50</sup> “Em hygiene se diz que o ar atmosferico é puro quando contem oxigênio, azote, vestígios de ácido carbônico e água em vapor : se diz que é impuro quando contém além d’estes elementos certos princípios apreciáveis pela chimica, como pós vegetaes, animais, mineraes e gases, maxime o hydrogeneo carbonisado, que existe nos logares onde ha materias vegetaes em decomposição, o hydrogeneo phosphorado, producto da decomposição de substancias animaes, o hydrogeneo sulfurado, producto da decomposição de certas substancias vegetaes (a crucíferas por exemplo) em mistura com materias animaes, e o ammoniaco, que provem da decomposição de materiais animaes e vegetaes : se diz também que é impuro, quando contem certos principios, que não estão *sob a alçada* da chimica; porém, que são causas de molestias especiaes; a saber, os miasmas, que são emanações das materias animaes quer vivas, quer mortas, e os effluvios pantanosos” (ESPÍNDOLA, 1871, p. 188).

<sup>51</sup> Monturo, segundo o dicionário Aurélio, “monte de lixo”.

[C] e no verão os ventos do norte quebrando-se na encosta da cordilheira septentrional passam por sobre as habitações, apenas deixando insinuar-se pelas chanfraduras da mesma uma pequena porção de ar; e portanto a atmosfera, não podendo ser sufficientemente renovada, couseira a mór parte das substâncias mephíticas exaladas (...) (p. 188)

[D] os ventos que sopram do lado de leste encanam-se pela garganta que oferecem as duas cordilheiras, e varrem a cidade, às vezes impetuosamente, suspendendo as areias (...) (p. 188)

[E] o estado de sua superfície é um pouco lisonjeiro pela quantidade de vegetais que encerra (...) (ESPÍNDOLA, 1871, p. 187).

Indica, ao fim, as recomendações para sanear o terreno de Maceió, de acordo com os problemas, apontados na citação anterior:

[A – em relação aos pântanos] 1º Promover a **dessecação dos pântanos** (...) desde o logar Páos Seccos até o riacho Jacarecica, os que demoram na margem oriental da lagôa (sic) Mundahú (sic) (...) e os que se acham adjacentes às margens direita e esquerda da Levada, devendo ser esta aterrada até a sua embocadura, podendo ser substituída para as necessidades do commercio (sic) por uma via férrea, que partindo da Ponta Grossa termine na praça do mercado público (...).

[A – em relação aos monturos] 2º A **limpeza e asseio das ruas**, os quais ainda quando fossem um mero luxo, deveriam ser admitidos (sic) ao menos por decência (sic) de um povo civilizado (sic).

[E] 3º Tornar mais extensiva a providencia (...) relativamente á **arborização (sic) das praças e estradas públicas**, sendo somente empregadas as arvores rezinosas (sic) como os tamarinheiros.

[B – em relação à renovação do ar] 4º **O nivelamento, calçamento, alinhamento, alargamento e aumento dos bêccos (sic) e ruas**; muito principalmente a abertura de uma rua larga e recta, que nascendo em frente da matriz de Nossa Senhora dos Prazeres na Praça de Pedro II fenêça em frente à cadeia no largo de mesmo nôme; a abertura da rua da Alegria (...); a da rua do Damaceno (...); a do Alecrim (...); e finalmente a do Rosário, fazendo-a seguir em linha recta (sic) e com igual largura até a Levada.

[A e B – em relação à passagem do vento sul pelo cemitério, um foco de infecção] 5º **Promover a limpeza e depois amurar o cemitério dos cholicos (sic)**, que presentemente serve de pastio (sic) aos animaes (sic). (ESPÍNDOLA, 1871, p. 196-198, grifo nosso).

Espíndola fará, assim como Dias de Moura, também observações sobre a beleza da cidade. Se no primeiro documento, a cidade, embora insalubre, é bela por seus edifícios particulares, neste, a cidade, por ser insalubre, não pode ser bela. Destacará como ponto de interesse a paisagem à sua volta, com “belos coqueiros que lhe dão o aspecto de uma paisagem assás pitoresca<sup>52</sup>” (ESPÍNDOLA, 1871, p. 184), e insinua uma dicotomia que opõe a cidade-insalubre-feia à paisagem-pitoresca-bela. A Maceió ideal deveria ter um “sítio perfeitamente drenado, ruas largas, limpas, asseadas, arborizadas, niveladas, alinhadas e calçadas (CAVALCANTI, 2002, p. 7).

<sup>52</sup> Pitoresco (adj.), segundo o dicionário Aurélio, “que é digno de ser pintado”.

O discurso para representar o grupo é, de acordo com Bourdieu (1989, p. 117), mais eficiente quanto melhor explicar por bases científicas a realidade do grupo<sup>53</sup>. Havia de fato um problema de saúde: Alagoas foi varrida por epidemias de febre amarela (1850) e cólera morbus (1855-1856 e 1862-1863), que abriram às pressas dois cemitérios em Maceió nas décadas de 1850 e 1860<sup>54</sup>. Para explicar este fato, a teoria higienista associava as doenças à existência dos terrenos alagáveis através da ideia de insalubridade.

Enquanto os Conservadores (Lisos), viam a solução deste problema pela expansão do serviço de saúde da época, os Liberais (Cabeludos), tinham nele os símbolos de sua identidade, e investiriam recursos em afastar da paisagem os vestígios que pudessem indicar que Maceió fosse, de fato, uma cidade suja e insalubre.

No início do século XX, as ideias do higienismo tomarão o consenso social dominante em Maceió: ser civilizado passa a significar defender a salubridade, a extinção dos pântanos da cidade e a transformação do ambiente tropical natural em paisagem urbana europeia (CAVALCANTI, 2002, p. 8). Ao longo deste século, as medidas de higiene previstas no Código de Posturas, aliadas à vacinação da população (CAVALCANTI, 1998, p. 411), minimizaram os efeitos das doenças no Estado.

Em 12 de junho de 1900, tem início o governo de Euclides Malta. No início deste governo, o estado de salubridade da capital já não era tão grave, e Euclides Malta destaca que já “são lisonjeiras as condições do Estado” (MALTA, 1901, p. 3). Mesmo assim, faz das obras remanescentes de higiene a prioridade dos primeiros anos de governo. Ainda em 1900 são providenciadas as medidas para a construção de um serviço regular de esgoto (MALTA, 1901, p. 4), transferidos os serviços que funcionavam em edifícios próximos ao cemitério, área considerada insalubre (MALTA, 1901, p. 4), e autorizada a construção do hospital de

---

<sup>53</sup> “O efeito de reconhecimento (...) depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundado na objetividade do grupo a que ele se dirige (...), pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades (...)” (BOURDIEU, 1989, p. 117).

<sup>54</sup> Cavalcanti (1998, p. 193-198), descreverá o surgimento dos cemitérios. O primeiro cemitério público foi o Cemitério Velho/dos Coléricos aberto em 1855 para enterrar as vítimas da epidemia de febre amarela (1850), servindo também às vítimas de cólera morbus (1855-1856 e 1862-1863) (p. 193). Este cemitério não existe mais, e ficava localizado em frente ao atual Cemitério São José, no bairro do Prado. O segundo foi o Cemitério Público, atual Cemitério Nossa Senhora da Piedade, no Prado, destinado ao enterro dos homens livres e dos escravos em função da proibição real em 1828 de fazer enterros no interior das igrejas (p. 196). O Cemitério São José surge como Cemitério Novo, aberto apenas em 1921 para as vítimas da epidemia de Gripe Espanhola (p. 198).

isolamento (MALTA, 1901, p. 4). Não toma medidas em relação à expansão da rede de abastecimento de água, mas reforça sua urgência nos relatórios de 1905 (p. 25) e 1906 (p. 23).

As *Fallas Provinciais* entre 1901 e 1912 revelam a extensão das obras públicas realizadas na Capital neste período, bem como suas motivações e justificativas, e entre 1871 a 1900 – período entre a publicação de Espíndola e o início do Governo Malta – deixam em evidência o grau de urgência e relevância das obras realizadas em relação às gestões anteriores.

As medidas em relação às obras vêm acompanhadas de um discurso político que coloca a salubridade como item de primeira necessidade. Enquanto nas *Fallas Provinciais* dos governos anteriores, a saúde pública é um item relacionado ao combate de epidemias através da vacinação e de obras nas instituições pias<sup>55</sup>, nos primeiros escritos de Euclides Malta ela passa a ser uma prioridade<sup>56</sup>. Em seguida na ordem de prioridades aparecem os “melhoramentos materiaes” (MALTA, 1901, p. 6), dentre os quais estão a construção de edifícios próprios para as repartições do governo do Estado; e em último, obras de embelezamento do perímetro urbano, com a transformação dos largos existentes em praças que prestariam homenagem a alagoanos ilustres. As obras do Governo Malta, tendo a estética europeia e os princípios do higienismo como pontos centrais de elaboração dos projetos, materializam no espaço urbano da capital, a ideologia da elite burguesa, tornando-a oficialmente o **DISCURSO REGIONAL** de Maceió.

Em **1902** será inaugurada a primeira obra da gestão, o **PALÁCIO DO GOVERNO** que, com a mesma expressão europeia dos edifícios particulares burgueses, não mais parece com o da antiga capital. A fachada será composta com elementos estéticos europeus, em estilo eclético<sup>57</sup>, pelo italiano Luigi Lucarini<sup>58</sup>, o arquiteto oficial da cidade a partir de 1901 (Figura 102).

---

<sup>55</sup> Segundo Cabral & Costa (2016, p. 264-267), as instituições pias tinham o intuito de amparar os necessitados. Correspondiam ao sistema de saúde da época.

<sup>56</sup> “(...) sei que dos assumptos da administração pública talvez o mais interessante, senão o mais melindroso, é o da saúde pública” (MALTA, 1902, p. 4).

<sup>57</sup> Segundo Patetta (in FABRIS, 1987, p. 15) “O Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa [europeia] que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”.

<sup>58</sup> Giovanni Luigi Giuseppe Lucarini (1842-1907) foi um arquiteto italiano residente no Brasil. Foi o autor dos projetos do Theatro Sete de Setembro, em Penedo (1884), reforma do antigo Mercado Público de Maceió, na rua Barão de Alagoas (1902), reforma do Hospital de Caridade de Maceió (atual Santa Casa de Misericórdia, 1902), Intendência Municipal (1910), Teatro Deodoro (1910) e Tribunal de Justiça (1912) (AMORIM, 2010).

**Figura 102** – Palácio do Governo do Estado de Alagoas.



Fonte: MISA, s/d.

Em **1905**, será inaugurada a primeira praça desta modernização, a **PRAÇA WANDERLEY DE MENDONÇA**<sup>59</sup>, com a reforma do antigo Jardim de Jaraguá, ao lado da Ponte de Desembarque (ambos na Figura 103), primeira versão do porto de passageiros, que correspondia à porta de entrada a cidade por via marítima (MACEIÓ, 2005, s/p). O pintor alagoano Rosalvo Ribeiro<sup>60</sup> elaborará o projeto que retira os gradis do antigo jardim para organizar uma nova praça seguindo princípios higienistas: acesso livre e vegetação de grande porte como filtro do ar e para garantir sombreamento (Figura 104). Mobiliário, equipamentos e elementos decorativos serão importados diretamente da França: os postes, bancos e estátuas serão feitas em ferro fundido, escolhidos do catálogo da Fundição Francesa Val D’Osne<sup>61</sup>. No centro dos eixos do traçado, a réplica da Estátua da Liberdade importada, em ferro fundido (Figura 105), e, nos quatro cantos, estátuas importadas de um javali, um lobo, um leão e um tigre (todos na Figura 106).

59 José de Barros Wanderley de Mendonça (1868-1928), nascido em Porto Calvo, Alagoas, foi um engenheiro, deputado estadual e intendente de Maceió entre 1901 e 1903 (BARROS, 2005, p. 274).

60 Rosalvo Alexandrino Caldas Ribeiro (1865-1915) foi alagoano, nascido em Marechal Deodoro. Estuda a partir de 1888 na École de Beaux-Arts em Paris com uma bolsa de estudos. Retorna a Maceió em 1901, e é encarregado do projeto das praças de Maceió durante a gestão dos Malta (FERRARE & LEÃO, 2016, p. 137).

61 A *Société Anonyme de Fonderie d’art du Val D’Osne* foi uma fundição ativa entre 1836 e 1986, localizada na cidade de Osne-le-Val, nordeste da França, a 213 km de Paris, em que escultores trabalhavam em sociedade produzindo peças em ferro.



**Figura 103** – Configuração anterior à construção da Praça Wanderley de Mendonça. À esquerda da fotografia, o prédio do Consulado Provincial, e à direita a Ponte de Desembarque, ambos antes da reforma de 1918.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 104** – Praça Wanderley de Mendonça.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 105** – “*Liberté par Bartholdi*” - Estátua da Liberdade no catálogo da Fundação Val D’Osne.



Fonte: BARBEZAT & CIE, 1849

**Figura 106** – Estátuas em ferro fundido no catálogo da Fundação Val D’Osne e na Praça Wanderley de Mendonça (atual Praça Dois Leões): respectivamente javali, lobo, leão e tigre.



Fonte: BARBEZAT & CIE, 1849; MACEIÓ, 2005.



Uma transformação semelhante foi feita em **1906** no antigo jardim (Figura 107) que se tornou a **PRAÇA DOM PEDRO II** (Figura 108). As barreiras que limitavam o acesso foram abertas e a praça ganha um traçado em eixos perpendiculares marcados com palmeiras. Os bancos e postes são também em ferro, produzidos também pela Fundição Val D’Osne (AZEVEDO, 2014, p. 40). Deslocado do centro dos eixos, mas ainda destacado pela altura, olhando para o Palacete da Assembleia Legislativa, permanece o busto em mármore róseo carrara maciço, importado de Lisboa e instalado em 1861 (Figura 109), como lembrança da passagem do Imperador Dom Pedro II por Alagoas (DI GONZAGUEZ, 1963; QUINTELLA, 2007, p. 78-79).

**Figura 107** – Jardim da Praça Dom Pedro II com muro e gradil limitando o acesso, palmeiras e algumas árvores. Ao fundo, o Palacete do Barão de Jaraguá e à esquerda a Assembleia Legislativa.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 108** – Praça Dom Pedro II depois da intervenção do início do século XX, com eixos marcados por palmeiras.



Fonte: MISA, 1908.

**Figura 109** – Conjunto de busto e base em mármore em homenagem ao Imperador Dom Pedro II na praça de mesmo nome.



Fonte: IBGE, século XX.

Em **1908** é inaugurada a **PRAÇA DOS MARTÍRIOS**. O antigo Largo dos Martírios (Figura 110 a Figura 112) é transformado a partir de 1907 também segundo projeto de Rosalvo Ribeiro. Atendendo à lei nº 113, de 12 de agosto de 1895 (TRAIPU, 1896, p. 2), Euclides Malta encomenda uma estátua em bronze sobre base de granito (Figura 116), em homenagem ao

Marechal Floriano Peixoto<sup>62</sup>, o Marechal de Ferro. Floriano será reverenciado por seu papel como consolidador da República e pela firmeza do caráter autoritário, inflexível e violento, defesa da disciplina e do cumprimento do dever de acordo com seus ideais<sup>63</sup> (NONATO, 1953, p. 49). Sua estátua, de autoria do escultor italiano Lorenzo Petrucci<sup>64</sup> e feita pela Fundação Artística Paulistana, é inaugurada em 13 de junho de 1908.

**Figura 110** – Largo dos Martírios, visto da Rua do Comércio, antes da construção do Palácio dos Martírios ao lado da casa térrea à esquerda da imagem. Na imagem, o trilho de bonde que ligava Jaraguá a Bebedouro, passando pela rua do Comércio e cortando o Largo dos Martírios.



Fonte: MISA, aprox. 1902.

**Figura 111** – Palácio do Governo inaugurado em 1902 no Largo dos Martírios.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 112** – Igreja dos Martírios, inaugurada em 1881, no largo de mesmo nome.



Fonte: IHGAL, aprox. 1881.

Alguns meses depois, em 24 de dezembro de 1908 é inaugurada a praça, em dois níveis, com vegetação espaçada e distribuída ao longo das bordas como filtro do ar, traçado geométrico, calçamento em três passeios paralelos, balaustrada e pontilhões em alvenaria em estilo greco-romano (Figura 113), duas escadarias em alvenaria também em estilo greco-romano ligando

<sup>62</sup> Floriano Viera Peixoto (1839-1895) foi um militar, senador e Presidente da República alagoano, nascido no Engenho Riacho Grande, em Ipioca, distrito de Maceió (BARROS, 2005, p. 385). Existem três monumentos em sua homenagem em Maceió: uma estátua em bronze na Praça que leva seu nome, uma estátua no Memorial à República, na praia de Jaraguá, e um conjunto de busto e obelisco no mirante que leva seu nome no bairro de Ipioca (QUINTELLA, 2007, p. 81; 119).

<sup>63</sup> “Floriano é a estátua do dever. Age. Não transige. Não recua” (NONATO, 1953, p. 51).

<sup>64</sup> Lorenzo Petrucci (1868-1928) foi um escultor italiano que trabalhava na Fundação Artística Paulistana, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio na capital de São Paulo. Foi o autor do monumento a Anita Garibaldi, em Belo Horizonte (TICIANELLI, 2015).

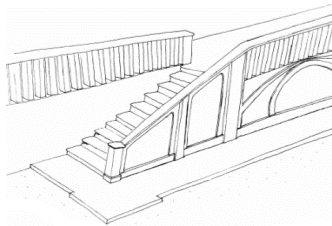
os níveis (Figura 114), bancos (Figura 115) e postes em ferro (Figura 117 e Figura 118) da Fundação Val D'Osne. O traçado destaca a estátua em homenagem a Floriano Peixoto, colocando-a no centro da praça e organizando passeio, bancos e vegetação à sua volta (Figura 116) (ARAÚJO, 2002, p. 58).

**Figura 113** – Croqui dos pontilhões da Praça Floriano Peixoto.



Fonte: ARAÚJO, 2002, p. 56.

**Figura 114** – Croqui das escadarias ou perrons na Praça Floriano Peixoto.



Fonte: ARAÚJO, 2002, p. 56.

**Figura 115** – Banco em ferro na Praça Floriano Peixoto e no catálogo da Fundação Val D'Osne.



Fonte: MISA, s/d; BARBEZAT & CIE, 1849.

**Figura 116** – Estátua em homenagem a Floriano Peixoto.



Fonte: O MALHO, 1906; APA, s/d.

**Figura 117** – Praça Floriano Peixoto segundo projeto de Rosalvo Ribeiro, com traçado geométrico, balaustrada, pontilhões e escadarias em alvenaria em estilo greco-romano, três passeios com calçamento, bancos em ferro e postes em ferro da fundição francesa Val D'Osne. À direita da fotografia, a estátua do Marechal Floriano Peixoto.



Fonte: IHGAL, s/d

**Figura 118** – Candelabre Louis XVI, no catálogo da Fundação Val D'Osne.



Fonte: BARBEZAT & CIE, 1849.

Ainda em **1908**, será inaugurada a **PRAÇA EUCLIDES MALTA**, com a reforma da antiga Praça da Redenção (SILVA FILHO, 1994, s/p; BRAGA, 2003, p. 80). Ao lado da Ponte dos Fonseca



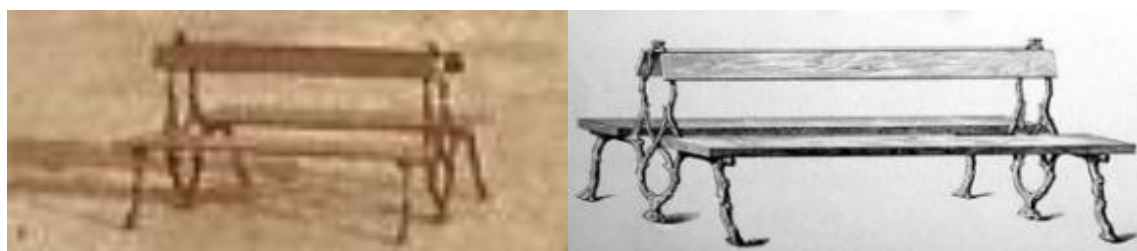
sobre o riacho Maceió, este local correspondia à porta da entrada do núcleo urbano de Maceió, a partir do desembarque no porto de Jaraguá, reunindo também o Lyceu de Artes e Ofícios, o edifício da Garagem dos Bondes (Figura 119) e residências de notáveis maceioenses ao longo da Rua Floriano Peixoto (atual Rua do Imperador). A praça terá, como as anteriores, traçado geométrico, em duas partes, uma em formato circular, e outra com eixos perpendiculares. As esculturas e bancos em ferro são da Fundação Val D’Osne (Figura 120), e são organizados em torno das estátuas. No centro da praça (Figura 121 e Figura 122), um obelisco, um coreto e a estátua de Mercúrio, símbolo do comércio, em bronze, com base em mármore (Figura 123), importado da Alemanha entre 1905 e 1906<sup>65</sup>.

**Figura 119** – Praça Euclides Malta em construção. Ao fundo, o edifício da Garagem dos Bondes.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 120** – Banco em ferro duplo com encosto na Praça Euclides Malta (esquerda) e no catálogo da Fundação Val D’Osne (direita).



Fonte: MISA, s/d; BARBEZAT & CIE, 1849.

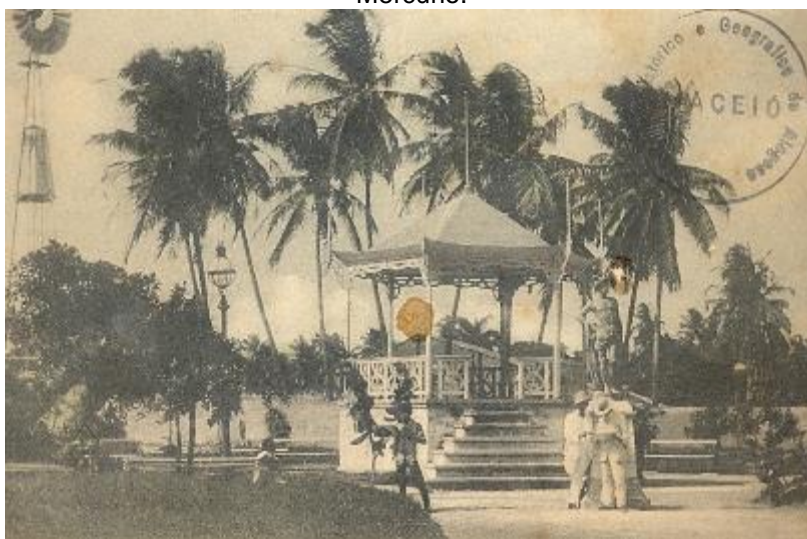
<sup>65</sup> “O illustrado (sic) sr. dr. Sampaio Marques, zeloso Intendente Municipal desta capital, escolheu para collocar (sic) no Jardim de Jaraguá, entre outras, duas bellas (sic) **estátuas representando o Commercio (sic) (Mercúrio)** e a Hospitalidade. A escolha foi feita de acordo com o director (sic) das obras reconstuctora (sic) dos jardim (sic), o talentoso artista R. [Rosalvo] Ribeiro. A encomenda (sic) d’estas estátuas já foi feita para a Allemanha (sic)” (GUTENBERG, 24 de agosto de 1905, grifo nosso); “**Já estão na intendência Municipal as bellas (sic) estátuas o Commercio (sic)**, a Fraternidade, a Força e a Hospitalidade; que foram encomendadas pelo distincto (sic) o zeloso intendente deste município, o illustrado (sic) dr. Sampaio Marques, para serem collocadas (sic) no Jardim de Jaraguá reformado ultimamente pelo illustre (sic) sr. dr. Rosalvo Ribeiro (...)” (GUTENBERG, 13 de janeiro de 1906, grifo nosso).

**Figura 121** – Praça Euclides Malta, com obelisco e coreto.



Fonte: APA, 1920.

**Figura 122** – Praça Euclides Malta, com coreto e estátua de Mercúrio.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 123** – Mercúrio, quando colocado na Rua do Comércio, a partir de 1963.



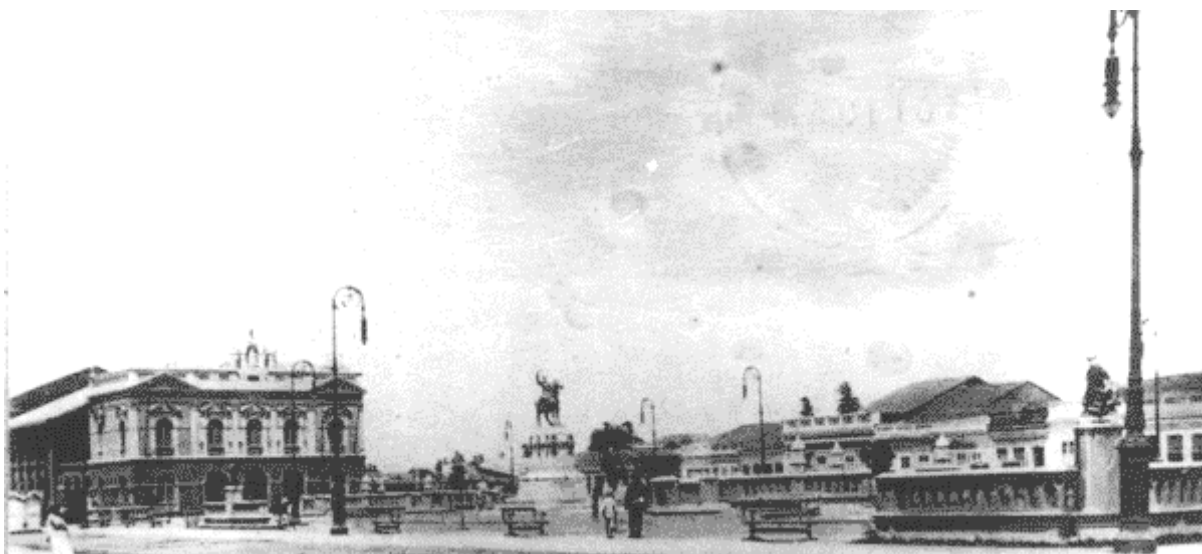
Fonte: MISA, s/d.

No dia 03 de maio de **1910** é inaugurada a **PRAÇA MARECHAL DEODORO DA FONSECA** (BRAGA, 2003, p. 63) (Figura 124). Assim como no caso da Praça Floriano Peixoto, a praça será feita em função da encomenda da estátua do Marechal Deodoro à Fundação Artística Paulistana. O Marechal Deodoro será homenageado por sua contribuição à instalação do regime republicano brasileiro: foi o primeiro Presidente da República (NONATO, 1994, p. 16). O projeto teve como inspiração a *Place Luis XV*, em Paris: quatro balaustradas em alvenaria nos cantos da praça, com arcos neogóticos, e ao centro, a estátua equestre do Marechal Deodoro. Os postes e bancos, importados da Val D’Osne em ferro fundido (Figura 126), são alinhados em torno do limite do interior da praça ou colocados próximo às balaustradas centrais, junto a uma fileira de oitizeiros que contorna a praça. Nos quatro cantos, as balaustradas terminam em pontilhões sobre os quais são colocadas estátuas em ferro fundido



da série Continentes, de autoria do escultor Marthurin Moreau, também da Fundação Val D'Osne – onde cada pequeno caçador luta para dominar um animal representativo do continente que representa: para a Europa um lobo, Ásia um tigre, África um crocodilo e América uma cobra (ARAÚJO, 2002, p. 58-59), ilustrados pela imagem do catálogo e pelas fotos correspondentes na Figura 125.

**Figura 124** – Praça Marechal Deodoro segundo projeto de Rosalvo Ribeiro, recém-inaugurada.



Fonte: MISA, 1912.

**Figura 125** – Estátuas "Europa", "Ásia", "África" e "América", "Europa" e "Ásia" no catálogo da Fundação Val D'Osne e na Praça Marechal Deodoro.



Fonte: MACEIÓ, 2008; BARBEZAT & CIE, 1849

**Figura 126** – Candelabre Louis XVI, no catálogo da Fundação Val D'Osne.



Fonte: BARBEZAT & CIE, 1849.



Em 15 de novembro de **1910**, é inaugurado o **TEATRO DEODORO**, também projeto de Lucarini. No Largo da Cotinguiba, tornada Praça Marechal Deodoro, com fachada em estilo eclético (AMORIM, 2010, p. 75)<sup>66</sup>, o novo teatro é aplaudido por suas condições de higiene: um jardim entre o hall de entrada e o salão, para o qual se abriam todas as janelas do salão de espetáculos, permitia a entrada de luz a renovação do ar (Figura 127). Ainda em **1910** é inaugurado o prédio da **INTENDÊNCIA MUNICIPAL**, na Praça Floriano Peixoto, aproveitando um projeto de Lucarini, executado sob supervisão do engenheiro Wanderley de Mendonça (AMORIM, 2010, p. 95), com fachada em estilo gótico (Figura 128). A última obra inaugurada durante o governo Malta será o edifício do **TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, no dia 12 de maio **1912**, na Praça Marechal Deodoro (BRAGA, 2003, p. 70). Com fachada também em estilo eclético, com predominância do neoclássico, esta obra encerra o período de transformações da Oligarquia Malta (Figura 129).

**Figura 127** – Teatro Deodoro em sua feição original, com jardim para o qual abriam as janelas do salão.



Fonte: MISA, 1910.

**Figura 128** – Edifício da Intendência Municipal, inaugurado em 1910.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 129** – Prédio do Tribunal de Justiça, por Lucarini, inaugurado em 1912 na Praça Marechal Deodoro.



Fonte: APA, s/d.

<sup>66</sup> A descrição completa e detalhada do projeto, com a transcrição da matéria do Jornal A Tribuna, de 15 de novembro de 1910 pode ser encontrada em Amorim (2010, p. 85-91).

### 3.1.3 Maceió, Cidade Sorriso

A fotografia será o meio de propaganda da modernidade alcançada pelo Estado de Alagoas. Através deste meio de comunicação serão divulgados, nos principais centros urbanos do Brasil e da Europa, os edifícios públicos, praças e os monumentos construídos no perímetro urbano principal da capital Maceió entre 1850 e a década de 1930. A princípio em publicações de iniciativa do Estado, seguidas pelo olhar de fotógrafos em cartões postais, estas fotografias serão a matéria-prima da imagem da Cidade Sorriso – epíteto que será dado à cidade pelos poetas locais ao final deste período.

O primeiro documento a trazer as fotografias dos símbolos de modernidade e civilidade será o *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, em 1902 (CABRAL & COSTA, 2016), como propaganda para divulgar o Estado de Alagoas, mostrando “tudo quanto diz respeito a seu desenvolvimento – entendido como progresso intelectual, moral e material” (CABRAL & COSTA, 2016, p. 8). Produzido no início do governo Malta, este documento trará imagens do núcleo urbano de Maceió transformado, através dos Códigos de Posturas, de acordo com o ideal liberal da classe de comerciantes maceioense. O segundo produto será o *Album Illustrado do Estado de Alagoas* (CARDOSO, 1908), que trará, em adição às paisagens naturais e edifícios já registrados pelo Indicador Geral (CABRAL & COSTA, 2016), as obras do governo Malta. Em paralelo a estas publicações, os cartões postais serão um meio de propaganda do Estado, registrando, além das obras do governo Malta (1900-1912), os demais melhoramentos realizados pelos governos posteriores até a década de 1930. Como amostra das fotografias deste período, o levantamento realizado por Campello reúne os cartões em circulação entre 1900 e 1934 (CAMPELLO, 2009, p. 65-141). A Tabela 2 traz a sistematização dos temas das fotografias já apresentados ao longo deste capítulo, presentes nas publicações e séries de cartões postais.

**Figura 130** – Rua 15 de Novembro e Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.



Fonte: IHGAL, 1904.

**Figura 131** – Antigo Palácio do Governo.



Fonte: CABRAL & COSTA, 1902, p. 25.

**Tabela 2** – Obras em Maceió como temas das fotografias nas publicações e nos cartões postais do século XX. As publicações pelo Estado de Alagoas estão marcadas em negrito, e os cinza e as séries de cartões postais estão listadas a seguir, sem negrito.

	INDICADOR GERAL (1902)	ALBUM ILLUSTRADO (1908)	TYP. COMMERCIAL (1903-1905)	LIVRARIA FONSECA 1 (1904-1905)	LITHO TRIGUEIROS (1905-1911)	A. SCHWIDERNICH (1906-1908)	LIVRARIA FONSECA 2 (1907-1910)	CARTÃO POSTAL (1910-1911)	PHOT. LAVENÈRE (1911-1917)	COMMERCIAL M. J. RAMALHO (1912-1918)	ESPERANTO (1914-1920)	TRILINGUE (S/D)	TYP. VÊNUS (1920-1924)	LIVRARIA MACHADO (1921)	CASA RAMALHO (1927-1949)	PHOT. AMADOR ANTENOR PITANGA (1932-1932)	PHOT. AMADOR ANTENOR PITANGA 2 (1934)	TOTAL
IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS (1870) (Figura 130)	•	•		•	•								•					5
ANTIGO PALÁCIO DO GOVERNO (1840) (Figura 131)	•				•													2
PRAÇA WANDERLEY DE MENDONÇA (1905) (Figura 132)		•							•				•					3
CATEDRAL NOSSA SENHORA DOS PRAZERES (1859) (Figura 133)	•	•		•					•				•					5
PRAÇA DOM PEDRO II (1906) (Figura 133 e Figura 134)	•	•		•	•		•		•				•	•		•		9
PALACETE BARÃO DE JARAGUÁ (1840) (Figura 134)	•	•			•		•		•									4
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (1851) (Figura 134)	•	•		•		•			•				•	•		•		8
IGREJA DOS MARTÍRIOS (1881) (Figura 135)	•	•		•		•												4
INTENDÊNCIA MUNICIPAL (1910) (Figura 136)									•		•	•				•		4
NOVO PALÁCIO DO GOVERNO (1902) (Figura 137)	•	•		•		•	•	•	•	•	•	•	•			•		12
PRAÇA FLORIANO PEIXOTO (1908) (Figura 137)	•	•			•	•		•	•									6
PRAÇA EUCLIDES MALTA (1908) (Figura 138)	•	•	•	•	•	•		•	•	•	•		•		•	•		13
PRAÇA MARECHAL DEODORO (1910) (Figura 139)										•	•	•	•	•	•	•		7
TEATRO DEODORO (1910) (Figura 139)	•									•	•	•	•	•	•	•		8
TRIBUNAL DE JUSTIÇA (1912) (Figura 140)												•						1

Fonte: CABRAL & COSTA, 2016; CARDOSO, 1908; CAMPELLO, 2009, p. 65-141.

Figura 132 – Praça Wanderley de Mendonça.



Fonte: CARDOSO, 1908.



**Figura 133** – Praça Dom Pedro II, Catedral e Assembleia Legislativa.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 134** – Praça Dom Pedro II, monumento a Dom Pedro II e Palacete do Barão de Jaraguá.



Fonte: IHGAL, 1911.

**Figura 135** – Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios.



Fonte: APA, 1905.

**Figura 136** – Intendência Municipal.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 137** – Praça Floriano Peixoto e Palácio do Governo.



Fonte: CAMPELLO, 2009, p. 93.

**Figura 138** – Praça Euclides Malta e riacho Maceió.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 139** – Praça Marechal Deodoro e Teatro Deodoro.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 140** – Tribunal de Justiça.



Fonte: APA, s/d.

Às obras que representavam o progresso e a modernidade, somam-se, nestas publicações, cenários naturais do entorno da Capital. As imagens apresentam as praias de Pajussara (Figura 141) e Ponta Verde (Figura 142 e Figura 143) e as lagoas Mundaú e Manguaba. Os coqueiros, como havia destacado Espíndola (1871, p. 184), “[as] dão o aspecto de uma paisagem assás pitoresca”. A segunda série de postais de Antenor Pitanga (1934) – é dedicada somente às paisagens naturais de Maceió, como mostra a sequência da Figura 146 à Figura 150.

**Figura 141** – Praia da Pajussara com coqueiral ao fundo em cartão postal da série Typ. Vênus.



Fonte: IHGAL, 1920.



**Figura 142** – Coqueiral na Praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949) (1/2).



Fonte: BELCHIOR, 1949 apud CAMPELLO, 2009.

**Figura 143** – Coqueiral e jangada na praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949) (2/2).



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 144** – Canoas de pesca, casas de palha e coqueiros às margens da Lagoa Manguaba em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949).



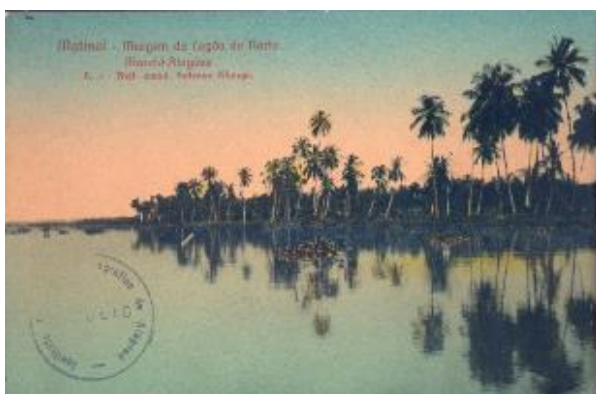
Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 145** – Sítio Catuçaba, coqueiros e barco à vela às margens da Lagoa Mundaú em cartão postal da série Typ. Commercial M. J. Ramalho (1912-1918).



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 146** – Lagoa Manguaba e coqueiral em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (1/2).



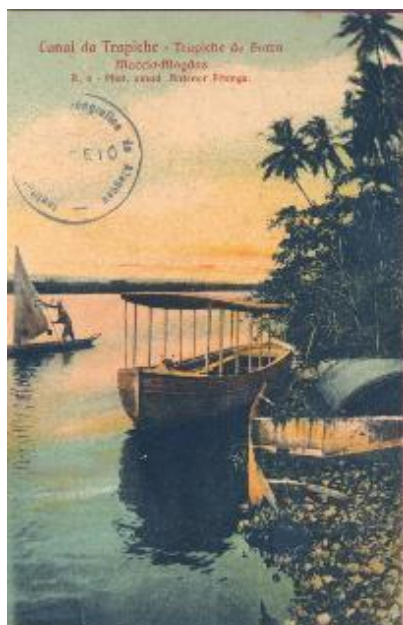
Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 147** – Lagoa Manguaba e coqueiral em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (2/2).



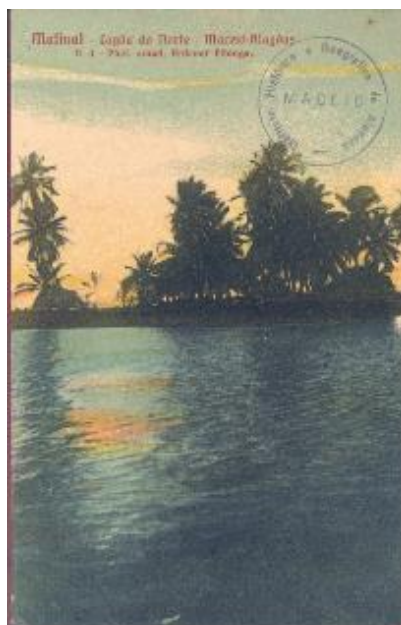
Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 148** – Coqueiral às margens do Canal do Trapiche em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (1/3).



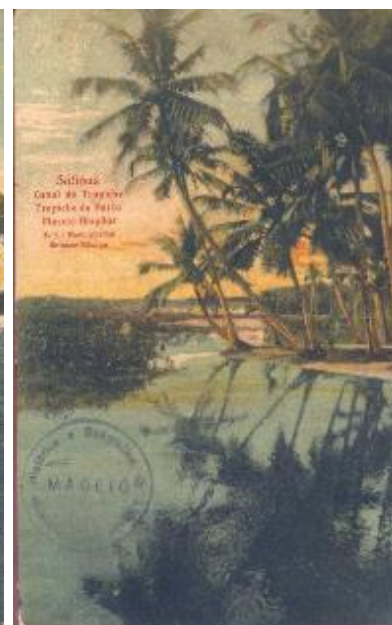
Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 149** – Coqueiral às margens da Lagoa Manguaba em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (2/3).



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 150** – Coqueiral às margens do Canal do Trapiche em cartão postal da série Antenor Pitanga (1934) (3/3).



Fonte: IHGAL, s/d.

Ao fim deste processo de modernização, o ideal imaginado por Espíndola (1871) e pela elite burguesa havia sido materializado, transformando o terreno alagado referido como *Massayó* na cidade de Maceió, a capital do Estado de Alagoas. Aos fotógrafos restou retratá-la nas imagens que atestaram o desenvolvimento do Estado de Alagoas. Ao fim da década de 1930, os poetas locais batizarão Maceió como a **CIDADE SORRISO, a mais bela capital do Nordeste**.

O conjunto de imagens dos cartões postais comporão a memória coletiva de sua *belle époque*<sup>67</sup>: tempo de progresso moral e material da humanidade, de esperança inabalável no futuro representado por uma paisagem “acolhedora, bucólica e humanizada” (DANTAS & TENÓRIO, 2009, p. 72). A **CIDADE SORRISO** ideal é saneada, limpa, com edifícios e praças com elementos estéticos europeus e, portanto, moderna e bela.

A propaganda da capital, iniciada com a fotografia, continuará por outros meios. As mesmas paisagens de Maceió retratadas nos cartões postais serão cenário do primeiro curta-metragem de ficção produzido em Alagoas, *Casamento é Negócio*, pelo fotógrafo italiano

<sup>67</sup> Dantas & Tenório (2009, p. 48) consideram que a *belle époque* maceioense corresponde ao período de transformações compreendido entre as décadas de 1890 e 1930.

Guilherme Rogato<sup>68</sup>, em 1933 (BARROS, 1993, p. 49). Seguindo a tendência de propagandas através dos filmes, o filme retrata a Rua do Comércio, a Praça Euclides Malta (renomeada a partir de 1913 como Praça Visconde de Sinimbu), a Praça Dom Pedro II, a Praça Marechal Deodoro e as lagoas Mundaú e Manguaba (ROGATO, 1933). Em 1937 será lançado o livro *Vade-Mecum do Turista em Alagoas* (BRANDÃO, 2013), onde são reafirmadas as características valiosas de Maceió como qualidades higiênicas e estéticas: “situada perto do mar, nas proximidades da Ponta Verde. Esta cidade tem ruas largas [referência do autor às condições de higiene], casas muito bem construídas e de elegante aspecto [referência do autor à estética]” (BRANDÃO, 2013, p. 5-6). O reconhecimento externo, de turistas e visitantes, em associação à atividade turística, é também associado ao ideal: a Cidade Sorriso deve agradar, com sua beleza e capricho, a qualquer visitante. Esta propaganda será o início da atividade turística em Alagoas, e o fator que atrairia Sandoval Cajú para Maceió em 1947.

### 3.2 A PRAÇA DA CIDADE SORRISO

Uma vez caracterizada a Cidade Sorriso, idealizada e materializada na capital Maceió, pode-se, nesta seção, destacar as características da praça formada neste período. Se o objetivo das obras da Era Malta era materializar o ideal de modernidade burguês, a praça será conformada em função dos ideais da classe mercantil burguesa. Neste item são identificadas as características comuns ao conjunto das praças apresentadas ao longo do item **3.1 DE MASSAYÓ À CIDADE SORRISO** e, a partir delas, a definição da praça em relação ao ideal Cidade Sorriso.

As categorias escolhidas para a caracterização das praças as reunirão enquanto produtos de um projeto, desde a demanda do estado, com o **OBJETIVO**, passando pelas escolhas anteriores ao início do projeto - a **LOCALIZAÇÃO** e **AUTORIA**; e pelas decisões do projeto de paisagismo quanto ao **TRAÇADO** que arranja o **MOBILIÁRIO**, os **EQUIPAMENTOS**, os **ELEMENTOS DECORATIVOS**, e que envolve a escolha dos **MATERIAIS** e da **VEGETAÇÃO**; e, ao fim, pelo batismo do espaço, o **NOME** escolhido para ser a sua referência. Em relação às

---

<sup>68</sup> Guglielmo Rogato (1898-1966), natural de San Marco Argentano, Itália, foi fotógrafo, roteirista e diretor de cinema. Chega a Maceió em 1918 e fornece serviços através da Rogato Film, com endereço na Rua do Comércio, 422. Sua obra inclui o documentário “Um Pouco de Alagoas” (1925-1927), e a ficção “Casamento é Negócio” (1933).

condições de produção, o **TEMPO** é também variável de importância. São, portanto, as características das praças produzidas de acordo com o ideal da Cidade Sorriso:

- A. **OBJETIVO**, complementar na ordem de prioridade das obras, de homenagear os notáveis de Alagoas e do Brasil;
- B. **LOCALIZAÇÃO** no perímetro urbano oficial, com a modificação de largos já existentes, que reuniam instituições e residências da elite burguesa;
- C. **AUTORIA** do projeto e dos elementos atribuída a artistas reconhecidos nacional e internacionalmente;
- D. **TRAÇADO** organizado de acordo com as ideias de higiene da elite maceioense e em relação à homenagem: bancos, postes de iluminação, estátuas, e vegetação de grande porte são organizados seguindo princípios de alinhamento geométricos – em linha ou em círculo, e espaçados, para permitir a circulação livre do ar, requisito para um ambiente com boa higiene;
- E. **MOBILIÁRIO** importado diretamente da Europa, em material e formato modernos<sup>69</sup>;
- F. **EQUIPAMENTOS** importados e forjados em ferro fundido.
- G. **ELEMENTOS DECORATIVOS** também importados e forjados em ferro fundido.
- H. **MATERIAIS** representativos de modernidade e progresso tecnológico, em especial o ferro fundido, representativo da revolução industrial europeia, será o material de bancos, postes de iluminação e estátuas;
- I. **VEGETAÇÃO** como filtro do ar impuro, segundo as ideias higienistas.
- J. **NOME** em homenagem a membros ilustres da sociedade alagoana;
- K. **TEMPO** de 12 anos para a construção de 5 praças.

A **PRAÇA DA CIDADE SORRISO** será, portanto, uma amostra da ideologia dominante burguesa, traduzida em seus elementos e nos princípios que os organizam. O traçado da praça apresenta, em escala reduzida, as mesmas regras higienistas aplicáveis à cidade, e as homenagens aos notáveis, em nome ou em estátuas, são uma celebração aos valores que representam. As ideias que definem a **CIDADE SORRISO**, bela por ser saneada e moderna de acordo com os ideais desta elite, serão, também por meio destes símbolos, divulgadas, legitimadas e tornadas consenso como o **DISCURSO REGIONAL** maceioense.

---

<sup>69</sup> O termo “moderno” nesta seção é referente aos produtos da revolução industrial europeia do início do Século XX.



## 4 AS PRAÇAS DA GESTÃO SANDOVAL CAJÚ

Definido o ideal da Cidade Sorriso e o papel da praça na sua oficialização, neste capítulo, a experiência da gestão Sandoval Cajú é analisada à luz das categorias do ideal Cidade Sorriso. Na primeira parte, **4.1 A PERDA DO SORRISO: MACEIÓ, 1930-1960**, será descrita a percepção, registrada nos jornais, da decadência da cidade de Maceió em relação a seu discurso regional. A seguir, em **4.2 O IDEAL DE RECUPERAÇÃO DO SORRISO**, será apresentada a formação do novo discurso ideal de modernização da burguesia maceioense na década de 1960. Finalmente, em **4.3 O SORRISO RECUPERADO**, a materialidade das praças da gestão Sandoval Cajú será matéria-prima de uma análise para identificar as convergências e divergências em relação ao novo ideal de Sorriso.

### 4.1 A PERDA DO SORRISO: MACEIÓ, 1930-1960

Após a construção do Discurso Regional de Maceió como Cidade Sorriso ao final da década de 1930, as próximas obras realizadas pelos maceioenses contribuirão com o discurso para assegurar que Maceió continue sendo a mais bela capital do Nordeste.

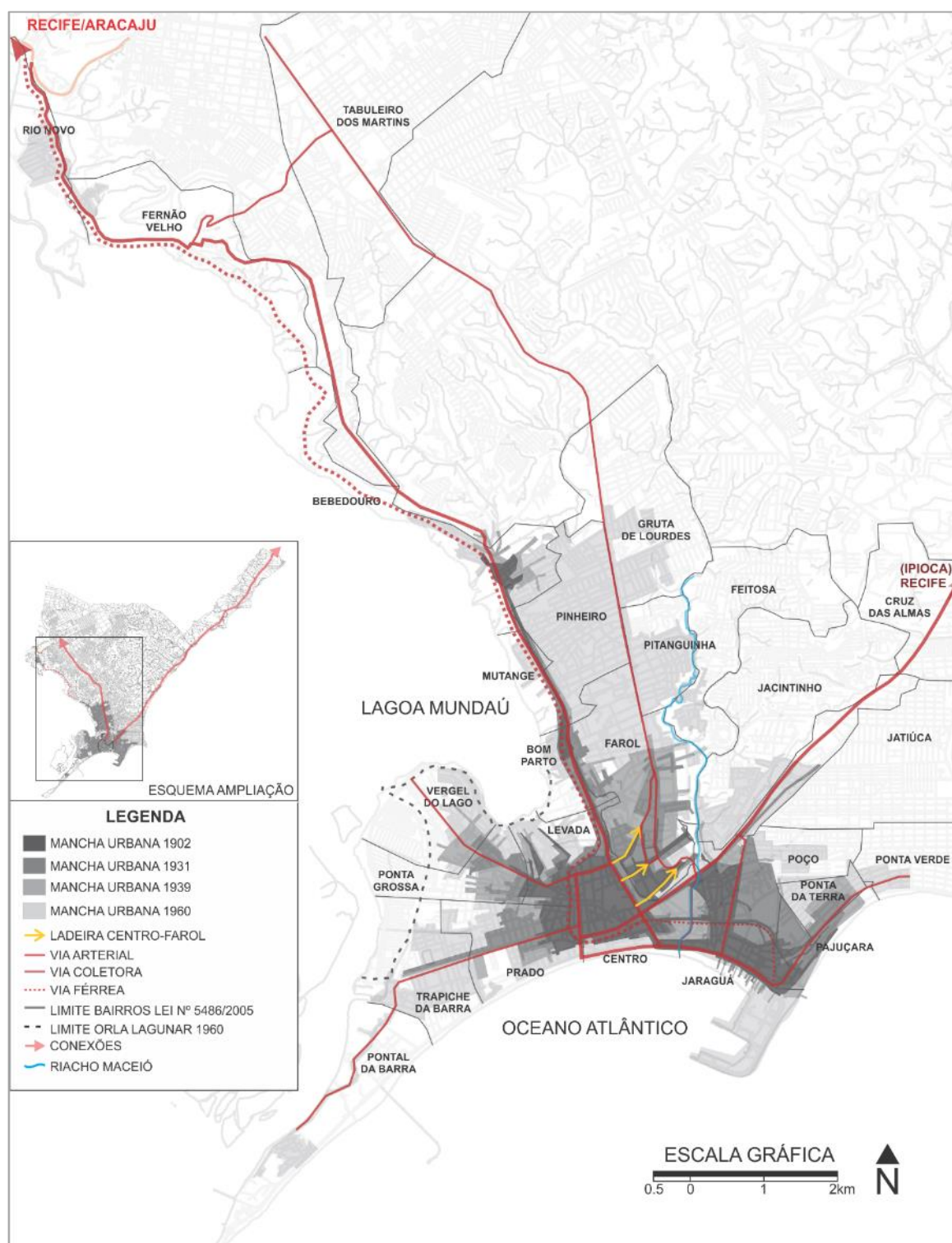
Assim como neste primeiro período (1900-1930), a transformação começa pelas construções particulares da elite local. Subindo as ladeiras a partir do núcleo urbano, o Farol<sup>70</sup> será o novo bairro valorizado da Capital. Atraídos pelas condições de salubridade da nova área a ser explorada, pelo clima ameno e ventilação permitidos pela altitude 50 metros acima do nível do mar, a já existente classe de comerciantes, os militares e a recém-formada classe de profissionais autônomos farão do alto do Farol, num surto de construções entre 1931 e 1934 (Figura 151), a vitrine da modernidade (DIEGUES JR, 1939, p. 170).

---

<sup>70</sup> O nome “Farol” é dado ao bairro em função da localização do primeiro farol, à beira da encosta da ladeira da Catedral (Ladeira Eustáquio Gomes de Melo), próximo à atual Praça Dom Ranulpho (Figura 92, Figura 93 e Figura 96). Este farol foi demolido em 1954 com a estrutura comprometida pela chamada “tromba d’água” de 1949 que, com 70 horas de chuvas torrenciais, levou ao deslizamento da barreira onde se encontrava.



**Figura 151** – Expansão urbana de Maceió entre 1900 e 1960.

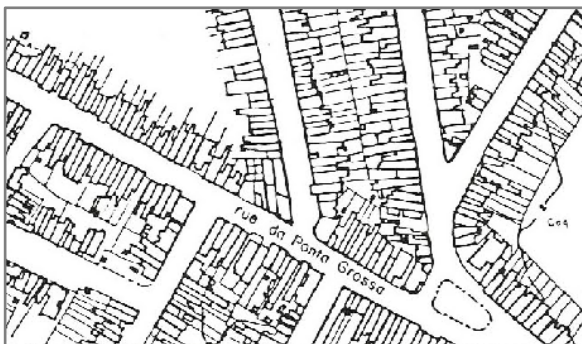


Fonte: CAMPELLO, 2009; CAVALCANTI, 1998, p. 71; SEMPLA, 1938; DUARTE, 2010, p. 37; ROMÃO et al, 2016, p. 5.

Neste período, chegam em Maceió engenheiros-arquitetos. Formados nas escolas do Recife e do Rio de Janeiro, planejarão as residências seguindo o novo Código de Posturas aprovado em 1911, afastando as construções dos limites do terreno e determinando o tamanho mínimo das

aberturas para permitir uma melhor circulação de ar e a entrada de luz natural (CAVALCANTI, 1998, p. 415). Os extensos terrenos das chácaras na área que seria o Farol permitirão o aproveitamento destas regras, e resultarão em casas espaçosas e jardins circundantes generosos (SILVA, 2017, p. 66) (Figura 153), superiores, segundo a teoria, quanto à salubridade em relação ao modelo de parcelamento do século XIX (Figura 152).

**Figura 152** – Padrão construtivo resultante do parcelamento que alinha as fachadas à rua, predominante durante o século XIX em Maceió. No recorte, os limites dos bairros Levada e Ponta Grossa, próximos à Praça Santo Antônio (em pontilhado) no mapa de 1960.



Fonte: CAVALCANTI, 1998, p. 453.

**Figura 153** – Padrão construtivo seguindo o Código de Posturas de 1911, com recuos laterais para permitir a circulação do ar e a entrada de luz natural. O recorte traz as construções ao longo da Avenida Tomás Espíndola (início da Av. Fernandes Lima) no Farol.



Fonte: CAVALCANTI, 1998, p. 454.

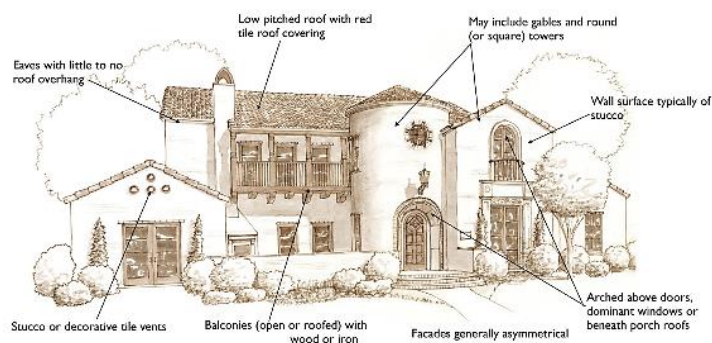
No centro dos terrenos serão construídas casas que refletirão o momento cultural da Era Vargas (1930-1945): a influência da cultura americana através das imagens do cinema, e um retorno cultural às raízes luso-coloniais, em busca da identidade brasileira (SILVA, 2017, p. 55). Seguindo as regras indicadas pelas revistas, serão bangalôs<sup>71</sup>: a maioria em *Mission Style*<sup>72</sup>, sob a influência norte-americana (Figura 154 a Figura 157), e uma minoria construída em *Tudor Style* - chalés com elementos da arquitetura vernacular inglesa (Figura 158 e Figura 159). A busca da identidade brasileira será expressa pela atualização das fachadas das residências já pertencentes à elite mais antiga local para o estilo neocolonial luso, a exemplo da residência

<sup>71</sup> “O bangalô está tomando conta de Maceió (...). Os ricos não querem mais saber de conversa: si chic é o bangalô, si o modelo mais em voga nas grandes cidades, toca a fazer bangalô, em sistema suíço, holandês, britânico, escandinavo, sei lá. (...) É o que há de mais moderno, esse tipo novo de casa que já se alastra assustadoramente pela cidade. (...) O pior é que por isso tudo anda a colaboração decisiva de alguns dos nossos engenheiros arquitetos (...). Parece que entre nós tomaram muito ao pé da letra a expressão do grande arquiteto francês – casa, máquina para morar. Os nossos bangalôs são máquinas. Máquinas do inferno, de tão quentes e feias” (CAVALCANTI, 1938, p. 10; 17).

<sup>72</sup> O *Mission Style* é também conhecido como *Spanish Revival*, estilo mexicano ou estilo californiano (SILVA, 2017, p. 158).

do poeta Jorge de Lima<sup>73</sup> (Figura 160), as novas residências nos sítios do também recente bairro da Pajuçara, à beira-mar (Figura 161).

**Figura 154** – Descrição dos elementos característicos do estilo *Mission Style* Espanhol.



Fonte: Editorial Construcciones Sudamericanas, p. 50.

**Figura 155** – Residência da família Diégues, na Rua Comendador Palmeira, no Farol.



Fonte: Acervo Aline Medeiros, s/d.

**Figura 156** – Exemplo de residência em estilo californiano, o *Mission Style*.



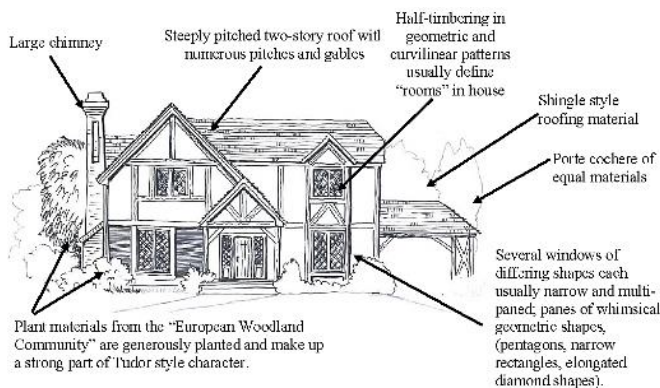
Fonte: Editorial Construcciones Sudamericanas, 1948, p. 50

**Figura 157** – Residência Carlos de Gusmão, projeto do Arquiteto Manoel Messias de Gusmão, na Av. Fernandes Lima, 452, no Farol.



Fonte: SILVA, 1991, p. 47.

**Figura 158** – Descrição dos elementos característicos do revival em *Tudor Style*.



Fonte: CITY OF BEVERLY HILLS, 2008, p. 43.

**Figura 159** – Residência em *Tudor Style*, na Avenida Moreira e Silva, 887, no bairro Farol.



Fonte: APA, s/d.

<sup>73</sup> Jorge Mateus de Lima (1893-1953) foi um poeta, pintor, político e médico alagoano nascido em União dos Palmares.



**Figura 160** – Casa do Poeta Jorge de Lima, na rua do Imperador, 91.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 161** – Casa Rosa, na rua Júlio Plech Filho, no bairro da Pajuçara, de propriedade da Família Paiva.



Fonte: MENDONÇA, s/d.

As praças seguirão a modernização constante da capital. Entre as décadas de 1930 e 1940, aquelas já existentes na área central da cidade serão transformadas de acordo com o último padrão de modernidade: sob princípios de organização franceses e higienistas.

O traçado será organizado em eixos perpendiculares; a vegetação composta de árvores e também de arbustos podados em topiaria, seguindo o modelo francês, e usada como elemento também decorativo; os bancos feitos não mais em ferro, mas em pedra, com volutas em sua base; e as praças apresentarão espelhos d'água circulares no centro dos eixos ou organizados simetricamente no espaço (AZEVEDO, 2014, p. 44; 59; 72), como mostram as fotografias das praças Dom Pedro II (Figura 165), Floriano Peixoto (Figura 166), Sinimbú – antiga Euclides Malta (Figura 162) e Praça Marechal Deodoro (Figura 167). Surgem no Centro as praças Palmares, no local da antiga Bôca de Maceió (Figura 163) e a Bráulio Cavalcanti (Figura 164); em frente ao novo mercado no bairro da Levada, a Praça Emílio de Maia (Figura 168); a Praça Arthur Ramos (Rayol), em Jaraguá (Figura 169); e a Praça do Rex (Figura 170), no fim do bairro da Pajuçara.

**Figura 162** – Praça Visconde de Sinimbú, com passeios em pedra, postes em ferro, bancos, vegetação arbustiva, e estátua do Visconde de Sinimbú. Do lado esquerdo da fotografia, uma fonte baixa em formato de jarro.



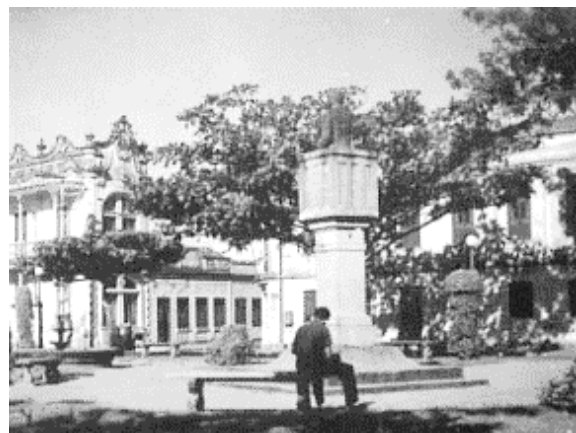
Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 163** – Praça 16 de Julho (atual Praça dos Palmares), com Hotel Bela Vista (1923) ao fundo.



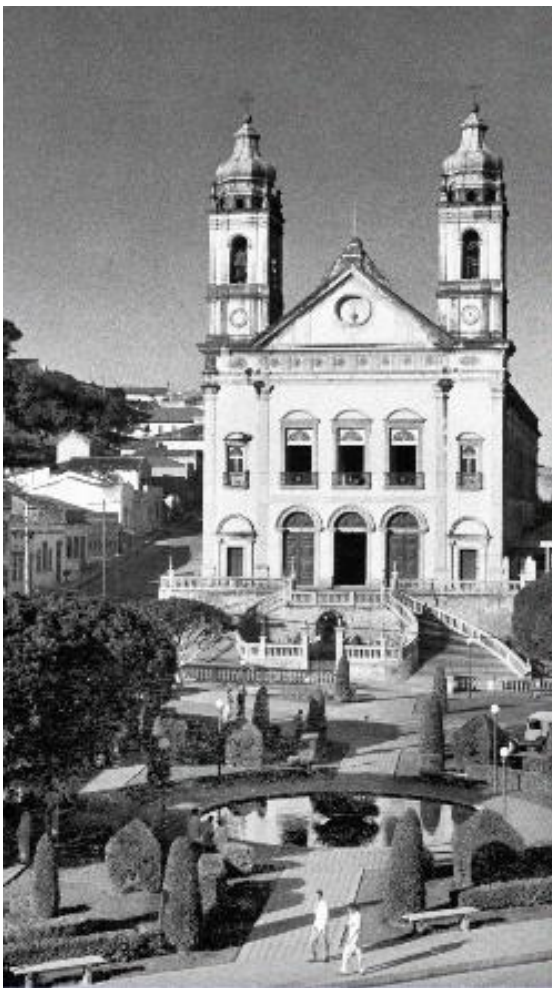
Fonte: MISA, s/d.

**Figura 164** – Praça Bráulio Cavalcante em 1960, com bancos em pedra e busto de Bráulio.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 165** – Praça Dom Pedro II com calçamento em pedra, vegetação em poda topiaria, espelho d'água no centro dos eixos e bancos retos em pedra.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 166** – Praça Floriano Peixoto na década de 1950, com dois espelhos d'água – um a cada lado a estátua – vegetação em poda topiaria, bancos retos em pedra e postes em ferro.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 167** – Praça Marechal Deodoro em sua configuração na década de 1940, com vegetação em poda topiaria, a estátua do Marechal Deodoro ao centro e Teatro Deodoro ao fundo. Esta praça tinha também um palco para retretas, programação dominical dos jovens.



Fonte: IHGAL, s/d.



**Figura 168** – Praça Emílio de Maia (não mais existente) em sua configuração a partir de 1939, no bairro da Levada, com calçamento em pedra, bancos retos em pedra e postes em ferro. Ao fundo, o novo mercado da produção, inaugurado em 1939.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 169** – Praça Arthur Ramos, em Jaraguá, em sua configuração em 1940.



Fonte: Franklin Gama, 1950.

**Figura 170** – Praça do Cine Rex, na Pajuçara, em 1940, com vegetação arbustiva e bancos retos em pedra.



Fonte: MISA, s/d.

Durante o mandato do prefeito Eustáquio Gomes de Mello (1937-1941), em comemoração ao centenário de Maceió como capital (1839-1939), serão inauguradas novas praças no emergente bairro do Farol, moradia da elite e de uma crescente classe média: a Praça Sergipe (Figura 171), Dom Antônio Brandão (Figura 172), Rosalvo Ribeiro (Figura 173), e a Praça Antídio Vieira (Figura 174).

**Figura 171** – Praça Sergipe no bairro Farol, logo após sua inauguração, com calçamento em pedra em eixos, bancos curtos e retos em pedra, postes em ferro e um obelisco ao centro dos eixos.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 172** – Praça Dom Antônio Brandão, no extremo da avenida de mesmo nome, com calçamento em eixos.



Fonte: IHGAL, s/d.

**Figura 173** – Praça Rosalvo Ribeiro, com calçamentos em eixos em pedra, bancos curtos em pedra, espelho d'água circular no centro dos eixos, e busto de Rosalvo Ribeiro.



Fonte: IHGAL, s/d.



**Figura 174** – Praça Antídio Vieira, à esquerda, com calçamento em eixos de pedra marcados por um poste em ferro ao centro e bancos retos em pedra; e canteiro central da ladeira dos Martírios, à direita, no bairro Farol, em 1940.



Fonte: IHGAL, s/d.

A Praça do Centenário será a maior deste conjunto, com a Estátua da Liberdade, movida do Jaraguá para o centro de um grande espelho d'água circular (Figura 175).

**Figura 175** – Praça do Centenário, com traçado em eixos com calçamento em pedra, bancos com espelho d'água circular ao centro, e Estátua da Liberdade em ferro fundido ao centro do espelho d'água.



Fonte: IHGAL, s/d.

Os mesmos elementos serão aplicados na Praça Napoleão Goulart (Figura 176), e na obra da orla da Avenida da Paz (conhecida como a praia da Avenida): serão as mesmas luminárias das praças e um piso que homenageia a Praia de Copacabana (Figura 177).

**Figura 176** – Praça Napoleão Goulart, com calçamento circundante em pedra.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 177** – Piso Copacabana na Praia da Avenida em 1950.



Fonte: MISA, s/d.

Antes rejeitadas pela teoria higienista como prejudiciais à saúde pelo excesso de umidade, as praias serão descobertas aos poucos pelos maceioenses durante as décadas de 1940 e 1950. Um coreto para retretas é colocado na orla marítima, permitindo a realização desta atividade tradicional das praças também à beira da praia (Figura 178 e Figura 179).

**Figura 178** – Coreto para retretas na Praia da Avenida.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 179** – Coreto para retretas na Praia da Avenida.



Fonte: APA, s/d.

Com esta obra, a praia da Avenida será anexada a cidade, como um local que reunirá a atividade portuária do cais inaugurado em 1940 (Figura 180), a atividade pesqueira (Figura 182) e a presença de maceioenses e visitantes, atraídos pela beleza da paisagem, e pelos

benefícios à saúde do banho de mar<sup>74</sup> (Figura 181). A Praia de Pajuçara continuaria como cenário pitoresco tropical, servindo à atividade pesqueira, marcado pelas jangadas de pau tradicionais (Figura 182). O Gogó da Ema (-1955) – um coqueiro torto por ação da natureza no sítio do Chico Zu, na ainda distante Ponta Verde, passa a ser símbolo da natureza exuberante de Maceió, o principal cartão postal desta época. Os bancos de ferro próximo à base consolidam o local como ponto de encontro dos jovens (Figura 183).

**Figura 180** – Cais do Porto de Maceió, inaugurado em 1940.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 181** – Banhistas na Praia da Avenida.



Fonte: MISA, s/d.

<sup>74</sup> “(...) Pajussara está repleta de gente boa. É o bairro mais povoado no verão. Rapazes de família, acostumados a dormir em colchões macios, aglomeram-se em quatinhos sujos de casas baratas. É a tentação das praias, do contacto livre com a natureza. É a moléstia da época, a epidemia que está atacando a sociedade fina de Maceió. O banho-de-mar higieniza e revigora. É uma espécie de elixir de 914 (...)” (O CONVITE, 1938, p. 16).



**Figura 182** – Jangada de Pau tradicional na Praia de Pajuçara.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 183** – Gogó da Ema como ponto de encontro na praia de Ponta Verde.



Fonte: MISA, s/d.

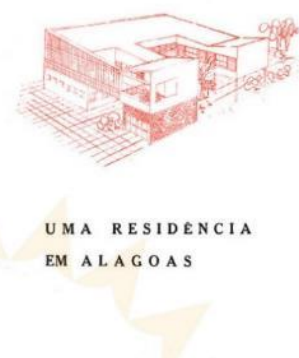
A residência José Lyra, projeto da arquiteta Lygia Fernandes<sup>75</sup>, construída em 1952 (Figura 184) e publicada na Revista Acrópole em 1955 (Figura 185), inaugura o período de construções em linguagem moderna. O interior das casas modernas não terá a mesma simplicidade da fachada: serão mobiliadas com produtos de novo *design* (Figura 186), as paredes serão pintadas em cores vibrantes e as áreas molhadas serão revestidas de azulejos brancos (Figura 187), coloridos (Figura 188) ou decorados (Figura 189), inteiros, ou em cacos, formando mosaicos (Figura 192 e Figura 193). Também aparecem pisos em marmorite, revestimentos em pedra (Figura 190) e divisões internas com cobogós cerâmicos (Figura 191).

**Figura 184** – Residência José Lyra e Lysette Lyra, na Av. Fernandes Lima, projeto de Lygia Fernandes em 1952.



Fonte: SILVA, 1991, p. 87.

**Figura 185** – Projeto José e Lysette Lyra na revista Acrópole nº 204 de 1955.



Fonte: REVISTA ACRÓPOLE, 1955, p. 542.

<sup>75</sup> Lygia Fernandes (1919-2011) foi uma arquiteta de São Luiz do Maranhão formada pela Faculdade Nacional de Arquitetura na mesma turma de Acácio Gil Borsó em 1945.

**Figura 186** – Cores vibrantes nas paredes do interior de residência modernista.



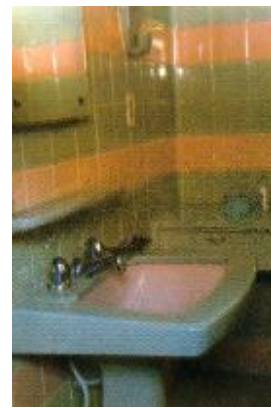
Fonte: SILVA, 1991, p. 259.

**Figura 187** – Azulejos em 45° como revestimento de cozinha em residência modernista.



Fonte: SILVA, 1991, p. 257.

**Figura 188** – Azulejos coloridos como revestimento de banheiro em residência modernista.



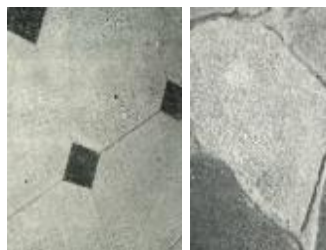
Fonte: SILVA, 1991, p. 258.

**Figura 189** – Azulejos decorados revestindo espelho de escada.



Fonte: SILVA, 1991, p. 255.

**Figura 190** – Revestimentos em marmorite e pedra no interior de residência.



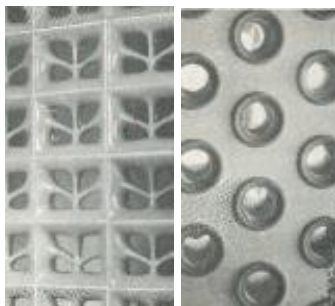
Fonte: SILVA, 1991, p. 252.

**Figura 192** – Mosaico de azulejos retratando a atividade da pesca.



Fonte: SILVA, 1991, p. 256.

**Figura 191** – Cobogós em residências modernistas em Maceió.



Fonte: SILVA, 1991, p. 251-252.

**Figura 193** – Brasão em mosaico de azulejos.



Fonte: SILVA, 1991, p. 256.

Nos edifícios públicos e comerciais, a linguagem usada pelos arquitetos e projetistas será, nas décadas de 1930 e 1940, o neocolonial (Figura 194) e o protomodernista (Figura 195). A partir



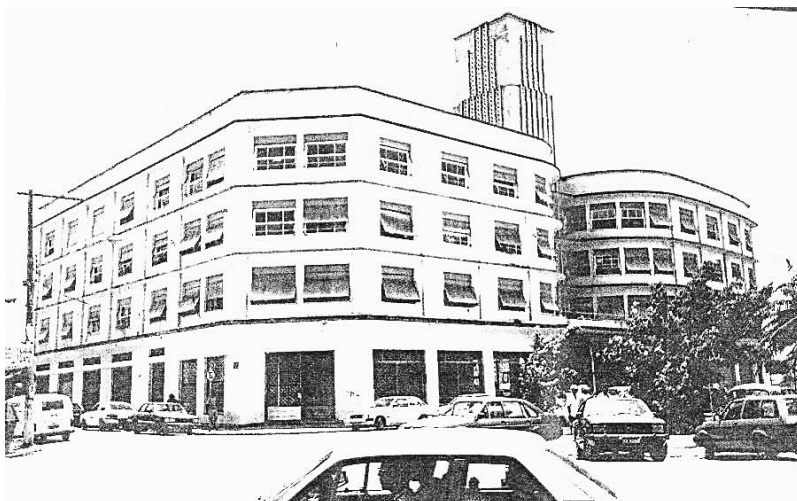
de 1950, é empregada a linguagem modernista, cujo marco inaugural é o Edifício Breda, o primeiro edifício com mais de quatro pavimentos de Maceió (Figura 196).

**Figura 194** – Faculdade de Medicina, inaugurada em 1951, com projeto de fachada em estilo neocolonial do engenheiro-arquiteto Joffre Saint-Yves-Simon.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 195** – Edifício Luz, em linguagem protomodernista, na Rua Oliveira e Silva, Centro.



Fonte: CAVALCANTE & SALDANHA, 1995, p. 50.

**Figura 196** – Edifício Breda, em linguagem modernista, projeto do desenhista Walter de Azevedo Cunha.

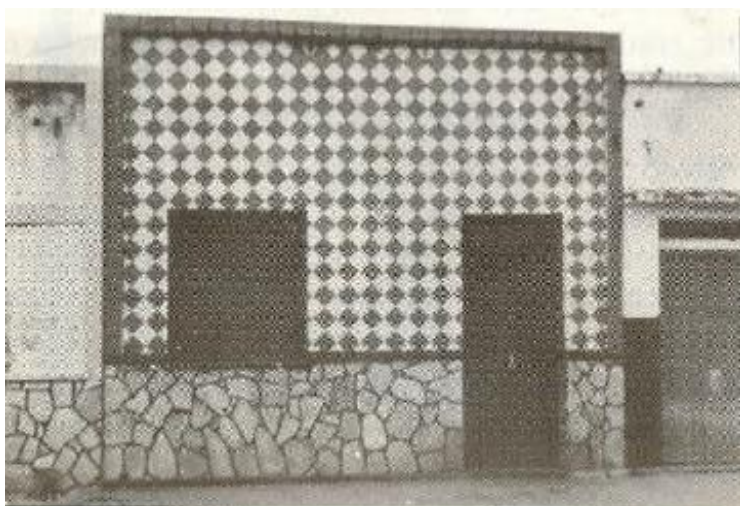


Fonte: SILVA, 1991, p. 155.

Ao final da década de 1950, a linguagem moderna havia sido aceita como símbolo de modernidade em Maceió, e foi incorporada nas residências dos bairros periféricos: as

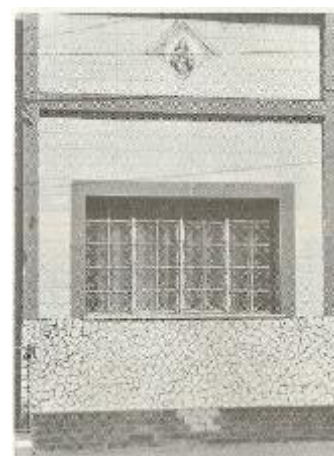
residências com espaço hábil receberam recuos ocupados por pilares inclinados; e as casas de porta-e-janela exibirão nas fachadas os revestimentos internos das casas da elite, como símbolos de modernidade: a pedra, em tons de rosa ou cinza, e os azulejos coloridos, que deveriam servir ao controle da umidade nas paredes das áreas molhadas, formarão padrões, assentados em 90 ou 45°, em duas ou três cores, preferencialmente em preto, amarelo, azul, e rosa (SILVA, 1991, p. 235). O cobogó aparecem na fachada como abertura para ventilação (Figura 208). Essas alterações serão (e algumas ainda podem ser) vistas nos bairros do Prado, Levada e Ponta Grossa, bairros próximos ao Centro da cidade (Figura 197 a Figura 208).

**Figura 197** – Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos e de pedra.



Fonte: SILVA, 1991, p. 237.

**Figura 198** – Fachada de residência revestida em azulejos brancos e em cor, e por cacos de azulejos em mosaico.



SILVA, 1991, p. 237.

**Figura 199** – Fachada de residência de porta-e-janela revestida em azulejos assentados a 45°.



Fonte: SILVA, 1991, p. 239.

**Figura 200** – Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos.



Fonte: SILVA, 1991, p. 239.

**Figura 201** – Fachada de residência revestida de azulejos, e muro baixo revestido em pedra.



Fonte: SILVA, 1991, p. 239.



**Figura 202** – Casas de meia-morada em Maceió.



Fonte: SILVA, 1991, p. 234.

**Figura 203** – Casas de meia-morada em Maceió.



Fonte: SILVA, 1991, p. 237.

**Figura 204** – Fachada azulejada.



Fonte: SILVA, 1991, p. 236.

**Figura 205** – Fachada de residência de porta-e-janela revestida de azulejos brancos e azuis em composição.



Fonte: MONTEIRO, 1992

**Figura 206** – Residência com azulejos e outros elementos modernistas na Rua Paissandu, 89, Ponta Grossa.



Fonte: MONTEIRO, 1992.

**Figura 207** – Fachada de residência revestida de azulejos em rosa e preto na Rua Moacir Miranda, 154, Ponta Grossa.



Fonte: MONTEIRO, 1992

**Figura 208** – Residência 154 - detalhe da composição de azulejos e dos azulejos.



Fonte: AZEVEDO, 2017

A expansão da malha urbana afasta a cidade real de seu ideal de salubridade: os novos bairros, em terreno natural, precisariam ser organizados e saneados à semelhança dos já consolidados. As reclamações ressurgem em 1940 e continuam no Jornal de Alagoas durante a década de 1950 e todo o ano de 1960. O Sorriso havia sido perdido: os edifícios eram modernos, mas as praças, passados 20 anos desde a última modernização no Centenário da Capital em 1939, não correspondiam à nova ideia de modernidade.

O lançamento da campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura, propondo a reconquista do Sorriso de Maceió, estará, para a burguesia, relacionado a um novo ideal de beleza: o antigo ideal de higiene, ligado a um novo ideal de modernidade, cujas características compõem o item a seguir.

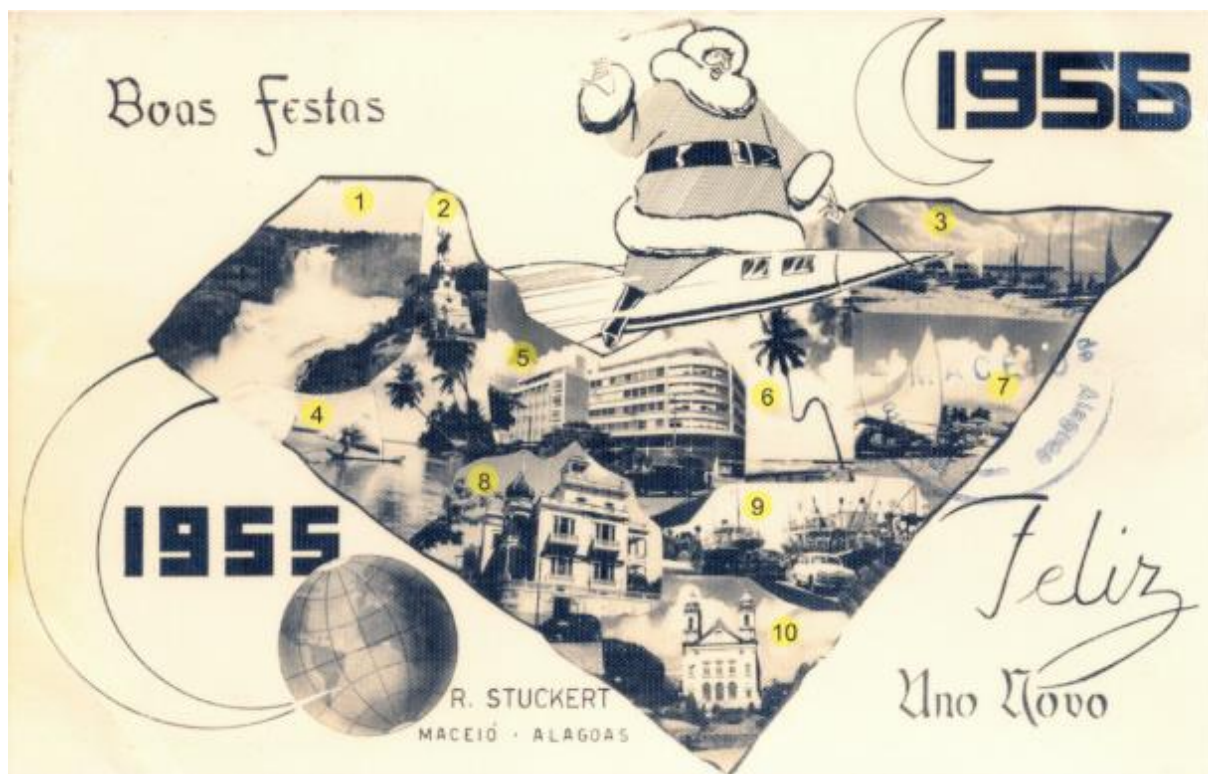


## 4.2 O IDEAL DE RECUPERAÇÃO DO SORRISO

A campanha de Sandoval Cajú para a Prefeitura da Capital em 1960, com a missão de recuperar o Sorriso, desperta o ideal de beleza e modernidade tornado senso comum em Maceió. O ideal original de 1930 sofrerá transformações entre 1930 e 1960, e as ideias que compõem sua nova versão serão registrados nos exemplares do Jornal de Alagoas. A partir da consulta a esta fonte, é objetivo deste item a identificação deste ideal em sua versão da década de 1960, vigente durante a campanha e gestão Cajú.

Os cartões postais continuariam a ser o meio de propaganda de Maceió para atrair o turista, como mostra um exemplar do final de 1955 que mostra um conjunto de monumentos em praças, edificações antigas e novas, e paisagens naturais pitorescas marítimas e lagunares (Figura 209).

**Figura 209** – Paisagens de Maceió em destaque em cartão postal do final de 1955, sendo 1 – Cachoeira de Paulo Affonso (Piranhas, AL); 2 – Estátua do Marechal Deodoro da Fonseca; 3 – Jangadas na Praia de Jaraguá; 4 – Lagoa Mundaú; 5 – Edifícios modernistas na Praça dos Palmares; 6 – Gogó da Ema; 7 – Praia de Pajuçara; 8 – Hotel Bela Vista; 9 – Cais do Porto de Maceió; 10 – Catedral Metropolitana.



Fonte: IHGAL, 1955, modificada.

Enquanto a Maceió do início do século XX, na memória de Ledo Ivo, girava em torno da atividade da atividade portuária em Jaraguá, sob a luz do farol e com um ar que cheirava a açúcar e maresia; a Maceió da metade de 1960, dotada de eletricidade e do conforto moderno (SILVA, 2014, p. 150), será percebida pelos visitantes como um local de paisagens – urbanas e naturais – encantadoras, que atraem o visitante e o fazem querer sempre voltar:

O vento do mar rói as casas e os homens.  
Do nascimento à morte, os que moram aqui  
andam sempre cobertos por leve mortalha  
de mormaço e salsugem. Os dentes do mar  
mordem, dia e noite, os que não procuraram  
esconder-se no ventre dos navios  
e se deixam sugar por um sol de areia.  
Penetrada nas pedras, a maresia  
cresta o pêlo dos ratos perdulários  
que, nos esgotos, ouvem o vômito escuro  
do oceano esvaído em bolsões de mangue  
e sonham os celeiros dos porões dos cargueiros.  
Foi aqui que nasci, onde a luz do farol  
cega a noite dos homens e desbota as corujas (...).  
(Planta de Maceió, do poeta alagoano Lêdo Ivo, 1960).

O CENTENÁRIO DE MACEIÓ - Os nossos vizinhos do sul comemoram no dia de hoje o centenário de sua capital. (...) A cidade alagoana está destinada a ser um dos mais belos aglomerados urbanos do Brasil. Si o Rio de Janeiro tem o cenário empolgante da bahia da Guanabara, si a Bahia tem suas colinas e suas Igrejas, si o Recife tem os rios que o cortam em várias direções, Maceió, situada na extensa restinga ao norte da lagôa de Mundaú, a que os indígenas no seu linguajar simbólico chamavam de "Paranan-guera" (que foi o mar) oferece uma das mais sedutoras paisagens que se pode contemplar neste meridiano. Só para vêr a beleza de suas lagôas, sentir a graça de sua paisagem, com os seus infindos coqueiraes, valeria a pena se deter nessa cidade, envolta numa atmosfera de tanta poesia e de tanto encantamento. Nenhuma urbe brasileira nos dá uma sensação tão viva de tropico, como Maceió. E neste pedaço de trópico brasileiro se vem erguendo uma civilização, que merece a nossa mais viva sympathia (...)" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/12/1939).

Ai, ai  
Que saudade, ai que dó  
Viver longe de Maceió  
Alagoas  
Tem jóias tão caras  
Que meus olhos  
Não cansam de olhar  
Uma delas és tu Pajuçara  
Praia linda engastada no mar  
Quando a lua no céu adormece  
Pajuçara se enfeita ainda mais  
Vem à brisa rezar uma prece  
Entre as folhas dos seus coqueirais (...)  
Recordando estas coisas tão boas  
Sou feliz não me sinto tão só  
Toda gente que sai de Alagoas  
Coração deixa em Maceió

(Letra da música “Maceió”, composta por Lourival Passos<sup>76</sup> em 1958, e regravada por Luiz Gonzaga em 1960).

Na nova versão do ideal, a preocupação quanto à limpeza do espaço urbano trata não apenas do risco de doenças, mas também da percepção do visitante: a cidade deve, além de garantir a saúde da população, corresponder às fotografias da propaganda que desperta, no turista, o desejo de conhecer Maceió. O discurso higienista, agora associado ao turismo, é dividido em três partes: 1. para os locais de uso exclusivo dos maceioenses, a preocupação continua sendo a salubridade, assim como no século XIX; 2. para os elementos que não são divulgados na propaganda dos postais, mas que, por estarem nas rotas principais de acesso, podem ser vistos pelo turista, o discurso associa a higiene a uma aparência de organização; e 3. para os locais divulgados nas propagandas, a preocupação é de organização e estética moderna, direcionada à expectativa e à experiência do turista.

O **DISCURSO 1** pode ser observado no caso do Canal da Levada, próximo ao Mercado Público, cujo acúmulo de água favorecia a proliferação de mosquitos e colocava em risco a saúde da população:

ESTÃO LIMPANDO O CANAL DA LEVADA - Nas campanhas que fizemos contra a existência de amontoados de lixo em partes centrais da cidade e, conseqüentemente a livre e sempre crescente proliferação de moscas e mosquitos, **transformando a nossa Capital num autêntico paraíso dos insetos e numa constante ameaça à saúde da população, o Canal da Levada** nunca foi esquecido, isto pelo fato de ter-se transformado num depósito de imundícias (sic) e podridão e que com as poças d'água estagnada nada mais era do que um grande foco de moriçocas. Fizemos ver a necessidade de proceder-se, de logo, a limpeza do Canal e sua imprescindível desobstrução – para o livre curso das águas poluídas oriundas de diversos pontos de Maceió (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 27/04/1960, grifo nosso).

O **DISCURSO 2** corresponde ao caso do Mercado Municipal. Localizado à beira da linha férrea que leva o visitante até a Estação Central, a preocupação é não só com a higiene no trato dos alimentos que abastecem a cidade, mas com a aparência de bagunça, que não corresponde à percepção que o turista deve ter de Maceió:

ASPECTO DESOLADOR DO MERCADO PÚBLICO - **Quem entra na cidade de Maceió** pela via férrea que liga esta Capital ao interior e ao Estado de Pernambuco, **depara-se, logo de início com este aspecto** (foto), apresentado pelo Mercado Público Municipal. Há muito foi projetada a construção de um prosseguimento do mesmo Mercado, estendendo-se (sic) à área onde existe a tradicional Feira de Passarinhos, mas, até hoje não foi realizado, o que força aos pequenos comerciantes, que não podem manter compartimentos no interior do prédio, construírem barracões de

---

<sup>76</sup> Lourival Passos nasceu em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, em 1914. Era representante de vendas de produtos farmacêuticos, dramaturgo e compositor musical, amigo de Luiz Gonzaga.

madeira à margem da estrada de ferro, e na calçada do Mercado. Evidentemente, Maceió está crescendo, inclusive de população, e um mercado como o que nós temos já não dá para atender às necessidades do povo. O resultado do desprêso (sic) pelos problemas do maceioense, é este focado por nossa objetiva. O prédio, em péssimas condições de conservação, muito pequeno, e **cercado de barracos anti-higiênicos, impedindo a passagem do público, amontoados quase sobre os trilhos da Rêde Ferroviária do Nordeste (...)** (JORNAL DE ALAGOAS, 16/02/1960, grifos nossos).

O **DISCURSO 3**, será aplicado às praças e à praia. Os chamados “cartões postais”, carros-chefe da propaganda externa da cidade, divulgados aos potenciais visitantes, deveriam estar sempre limpos, prontos para receber o visitante e, principalmente, para encantá-lo com sua beleza:

(...) Cidadãos mais antigos de Maceió ainda lembram com prazer dos tempos idos em que nossa Capital era conhecida como cidade das mais belas praças, quando revelava esmero no serviço de ajardinamento. **Qualquer visitante que tenha interesse em conhecer os recantos pitorescos da cidade, naturalmente começará pelas praças.** E começarão muito mal, porque, logo na Praça Floriano Peixoto, em frente ao Palácio dos Martírios, encontrará os tanques sujos, folhas apodrecidas, pedaços de papel, canteiros mal cuidados (sic), além do desgosto de não poder ler as inscrições outrora gravadas no bronze, no pedestal da estátua do Marechal de Ferro. É que os finórios<sup>77</sup> roubaram o bronze, burlando o policiamento que é quase inexistente nos logradouros públicos de Maceió. (...) A menos pior é a Praça Deodoro. Mesmo assim, os estetas já a batizaram como a “praça do roçado”, dado à forma desusada dos canteiros, à falta de gosto, de estética mesmo (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 16/02/1960, grifo nosso)

PRAIAS DE MACEIÓ ESTÃO ENTULHADAS DE SUJEIRA – As nossas praias, principalmente a da Avendia Duque de Caxias, e de Pajuçara, que estão incluídas entre as mais pitorescas do nordeste brasileiro, **estão ultimamente a nos oferecer, bem como aos que visitam a nossa capital, um espetáculo deprimente e contristador.** (...) Na Avenida Duque de Caxias vemos aquelas palhoças, que dá-nos a impressão de estarmos em aldeias nativas, onde são explorados os incautos banhistas através da veda do côco verde, desprovidas de qualquer requisito de higiene, sem nenhuma estética, cujos proprietários se limitam apenas a explorar a venda do côco e de bebidas, acumulando ali mesmo as cascas, que sem exagero nenhum, formam verdadeiros montes. Em toda a extensão das praias observamos não só as cascas de côco, como também palhas de coqueiro, fragmentos de madeira e toda espécie de detritos, trazidos à praia pelas águas, e também nas vazantes através o (sic) Riacho Salgadinho (JORNAL DE ALAGOAS, 30/03/1960, grifo nosso).

PROBLEMAS DO URBANISMO – POSTOS DE OBSERVAÇÃO – **Quem conhece o Rio de Janeiro, São Paulo e outras importantes cidades do Sul do país, sabe perfeitamente que seus poderes públicos estão sempre procurando dotá-los de novos empreendimentos como meio de atração turística.** Para esse fim, estão constantemente em busca de um novo local, um novo recanto pitoresco para transformá-lo em mais um apazível e encantador meio de recreio e visitação pública. Mas parece-me que, em Maceió, ocorre justamente o contrário: Não se procura ao menos conservar os nossos principais logradouros públicos, que estão relegados ao mais completo abandono, quanto mais, criar novos locais para o embelezamento da cidade (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 12/03/1961, grifo nosso).

BILHETES DE MACEIÓ – Estive visitando a nossa Praça do Centenário, no bairro do Farol, o cartão de visita da cidade Sorriso. É bem verdade que aquela grande praça já se apresentou como a melhor da cidade, porém, que ambiente encontramos ali

<sup>77</sup> Finório (adj.): que aparenta ser ingênuo, mas se utiliza da astúcia para enganar.

atualmente? Animais soltos, o sol inclemente cobrindo a maior parte da praça, pois, árvores estas não estão devidamente cuidadas. (...) **Por que os Poderes Públicos não fazem com que volte aquela praça a ser o nosso “cartão de visita”?** (...) Por que não arborizam o velho parque do Centenário? **Por que não transformá-lo num verdadeiro “cartão postal”, dando uma nova vista aos visitantes, aos nossos turistas?** Nova administração surge na Prefeitura. Esperamos dela a conservação e melhoria daquela “entrada da cidade sorriso” (JORNAL DE ALAGOAS, 12/02/1961, grifos nossos).

Os discursos são despertados quando surge a promessa de Sandoval Cajú para recuperar o Sorriso de Maceió. Maceió deveria ser não só uma cidade perfeitamente asseada, mas acima de tudo, deveria estar organizada e preparada para proporcionar a melhor experiência ao turista, que, encantado, sentiria vontade de voltar, confirmando o ideal.

A nova versão da Praça Marechal Floriano Peixoto<sup>78</sup>, projeto do governo do Estado simultâneo à gestão Sandoval Cajú (1961-1964), foi uma obra aceita pelo novo discurso. Como parte do “Plano de Ajuda a Maceió”, de iniciativa do Governo do Estado, o governador Luiz Cavalcante (1961-1966) encomenda para esta praça uma fonte sonoro-luminosa da Fontes Castro, pioneira na construção de fontes luminosas<sup>79</sup>, e convida o paisagista pernambucano Abelardo Rodrigues, reconhecido nacionalmente por projetos durante a década de 1950<sup>80</sup>, para a transformar o traçado anterior num novo local de atrativo turístico da cidade de Maceió. Abelardo define como prioridade a harmonia visual do conjunto acima da permanência do usuário, retirando, por exemplo, as árvores que forneciam sombra, por entender que eram

---

<sup>78</sup> “(...) em 21 de maio de 1914, na administração do Intendente Firmino de Aquino Vasconcelos (1913-1915), [a Praça dos Martírios] recebe a denominação oficial de Praça Marechal Floriano Peixoto (LIMA, 2002, p. 31)” (AZEVEDO, 2014, p. 55).

<sup>79</sup> A Indústria e Comércio Castro foi criada em 1953 em Poços de Caldas – MG, e continua em exercício em 2018. Segundo o site da empresa, até o presente momento são mais de 1.000 unidades em 19 estados do Brasil e em outros países da América do Sul. Durante o ano de 19602, o Jornal de Alagoas destaca a fama positiva da empresa: “Várias fontes sonoro-luminosas já foram construídas pela firma Indústria e Comércio Castro [Poços de Caldas, MG] no sul do país em cidades do sul do país, entre as quais Mauá, Marília, Bebedouro, Caconde, Sertãozinho Itu e Itapica, Estado de São Paulo, São Gonçalo, Rio, Poços de Caldas e Muzambinho, Estado de Minas Gerais” (JORNAL DE ALAGOAS, 1962).

<sup>80</sup> Abelardo Rodrigues (1908-1971) foi um advogado, poeta, pintor e paisagista pernambucano. Reconhecido nacionalmente por seu senso estético, em 1962, havia feito o plano de arborização do Zoo-Botânico em Recife (1954), o jardim do Hotel Monte Sinai em Garanhuns-PE (1958), o jardim da serra da Russinha (1958), projetos para a Praça Herculano Bandeira, em Nazaré da Mata-PE (1960), o jardim do Clube Intermunicipal e de praças em Caruaru na gestão de João Lyra Filho (1959-1963), dentre as quais aparecem citadas as praças do Rosário, Getúlio Vargas e Coronel Pôrto, e o Jardim do Agreste, na entrada da cidade. Projeta também os jardins do Banco do Brasil, na Avenida Rio Branco, s/n, Recife-PE (1960), a recuperação do Parque dos Eucaliptos em Garanhuns-PE (1962), a festa de Natal em Maceió (1964) e a arborização da Avenida Olinda em Recife (1964) (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/11/1954; 10/07/1958; 22/07/1958; 17/11/1959; 26/11/1959; 05/02/1960; 12/02/1960; 06/04/1960; 06/05/1960; 01/06/1960; 20/08/1960, 24/09/1961; 01/05/1962; 30/05/1961; 20/09/1963; 09/08/1964; 07/11/1964).



obstáculos à visão dos edifícios do entorno. A antiga configuração de 1936 – com árvores em duas fileiras, bancos, caramanchões, canteiros recortados com arbustos em topiaria e duas fontes baixas que destacavam, ao centro, a estátua do Marechal Floriano Peixoto (Figura 210) – será considerada excessiva<sup>81</sup>. A nova praça terá traçado com abundância de espaço livre, com pavimentação em pedra portuguesa e apenas 7 canteiros preenchidos por gramado, em formato circular ou orgânico (Figura 211), em semelhança ao projeto de Burle Marx para os jardins do Ministério da Educação e Saúde – MES, no Rio de Janeiro.

**Figura 210** – Configuração da Praça Marechal Floriano Peixoto (dos Martírios) entre 1936 e 1962.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 211** – Praça Marechal Floriano Peixoto sob configuração do projeto de Abelardo Rodrigues, a partir de 1962.



Fonte: IHGAL, s/d.

<sup>81</sup> Em entrevista ao Jornal de Alagoas, Abelardo Rodrigues discorre sobre os elementos da praça antes da reforma: "(...) concluí que há necessidade de fazer-se a disciplinação das árvores existentes naquele importante logradouro público, pois da forma como foram dispostas estão tomando a visão de belos (sic) obras de arte que alí se acham, tal como a majestosa (sic) e bela Igreja dos Martírios. Diante disco (sic) [disto] está projeto a remoção de algumas árvores frondosas e, ainda, o plantio de outras, de folhagens diferentes, de forma a ficar aquela Praça com um aspecto mais atraente. Acho que nela há elementos em excesso, como sejam pérgulas, quiosques, abrigo posto de gasolina, etc" (JORNAL DE ALAGOAS, 25/03/1962).

A fonte sonoro-luminosa ganha destaque (Figura 212 e Figura 213), os bancos contínuos em marmorite fazem também referência aos jardins projetados por Marx (Figura 213 e Figura 215), e a estátua de Floriano Peixoto será rotacionada 90° no sentido anti-horário, olhando para a Rua do Comércio (AZEVEDO, 2014, p. 58, Figura 214).

**Figura 212** – Praça dos Martírios com calçamento em pedra portuguesa, fonte sonoro-luminosa da Castro Fontes e Palácio do Governo Floriano Peixoto ao fundo.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 213** – Bancos contínuos ao longo do canteiro e revestimento da fonte sonoro luminosa em pastilhas de azulejo azuis.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 214** – Estátua do Marechal Floriano Peixoto voltada para a Rua do Comércio. Ao fundo, a galeria Rosalvo Ribeiro, escadaria da Praça Floriano Peixoto e Igreja dos Martírios.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 215** – Praça Marechal Floriano Peixoto em dois níveis separados por uma escadaria, ao lado da Galeria Rosalvo Ribeiro, fonte sonoro-luminosa e bancos contínuos ao longo dos canteiros. Ao fundo, a Igreja dos Martírios e o planalto do Farol.



Fonte: APA, s/d.



As matérias do Jornal de Alagoas ao longo dos 14 meses entre planejamento e reforma, louvam a contribuição do Major Luiz Cavalcante ao Sorriso de Maceió; a modernidade e exclusividade da fonte, com 200 combinações de jatos de água a cada 20 minutos – a primeira do tipo no Norte e Nordeste; o reconhecimento do paisagista convidado; e os milhões de cruzeiros dispendidos na compra da fonte – investimento ínfimo em relação ao ganho.

(...) é necessário falar nas reformas que teremos na praça dos Martírios, principalmente com a construção da Fonte Luminosa. Será realmente uma obra expressiva, que muito evidenciará nossa cidade, por ser uma **Ponte (sic) [Fonte] inédita no norte e nordeste brasileiros**. A Fonte, além de luminosa será sonora de alta fidelidade. Conta com dispositivos automáticos que variam os desenhos da iluminação colorida, apresentando 200 quadros diferentes, num período de tempo de 20 minutos (JORNAL DE ALAGOAS, 02/02/1962, grifo nosso).

O PROJETO DO PAISAGISTA MUDA POR COMPLETO A PÇA. FLORIANO – “Esteve nesta capital, a convite do Governo do Estado, **o conceituado paisagista pernambucano Abelardo Rodrigues**. Trata-se de um homem verdadeiramente vocacionado, cuja atuação artística, das mais eficientes, **é conhecida no País inteiro** (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 25/03/1962, grifos nossos).

PAISAGISTICA CONTRA AS ÁRVORES (...) Nas declarações prestadas a esta folha, Abelardo Rodrigues revelou interessantes observações de conjunto (...). Numa cidade como a nossa, praticamente nua de vegetação (não fossem os coqueirais), castigada pela inclemência do sol, como nos dias causticantes de verão, **alerta-nos que alguém pretenda tirar-nos as poucas árvores de nossas praças**, ainda que prometendo o replantio duvidoso (JORNAL DE ALAGOAS, 28/03/1962, grifo nosso).

(...) ATRAÇÃO – **A fonte sonoro-luminosa** da Praça [Floriano Peixoto] dos Martírios destina-se a **transformar-se numa das atrações de Maceió**, constituindo-se uma das belezas da Capital alagoana. (JORNAL DE ALAGOAS, 03/05/1962, grifo nosso).

(...) a ideia de se instalar uma fonte sonora luminosa na “Cidade Sorriso” (nome poético de Maceió, sugerido em virtude de, no passado ter sido a capital das mais belas praças), significa uma reafirmação de que a atual administração do Estado tem em mente, além de manter as boas tradições, **proporcionar um espetáculo agradável para o deleite de seu povo e a admiração dos que nos visitam**. (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 03/06/1962, grifo nosso).

(...) as instalações custaram Cr\$ 3.100.000,00 e a obra de construção custou Cr\$ 2.702.559,00, perfazendo um total de Cr\$ 5.802.559,00 (...) Se um ingresso de cinema custa Cr\$ 40,00 e Maceió tem 180 mil habitantes, chegamos à conclusão de que, se todo o povo desta capital fosse a uma projeção cinematográfica em apenas um dia, dispenderia a soma fabulosa de Cr\$ 7.200.000,00, do que se conclue (sic) **que só para assistir uma película, o povo maceioense pagaria mais que o valor da fonte a importância de 1.397,441,00** (JORNAL DE ALAGOAS, 03/06/1962, grifo nosso).

A FONTE DE MACEIÓ - Quando estive na Europa me admirei da quantidade de fontes que se espalham pelas praças e largos das grandes capitais e cidades. Em Roma, por exemplo, são tantas as fontes que é difícil ao turista por mais observar que seja, anotar-lhe os nomes ou enumerar-lhes a quantidade (...) Munique, Florença, Nápoles, Colônia, Innsbruck, Paris, Londres, Bruxelas, Amsterdam, Haia, Zurique, Madrid, Barcelona, Lisboa, são enfeitadas também por lindas fontes, umas mais antigas outras modernas, em profusão, jorrando de todos os lugares. (...) **Maceió, também, a modo de outras cidades tanto estrangeiras quanto brasileiras, tem agora sua belíssima fonte, que não fica aquém das mais bonitas que já vimos**, por

sua moderna disposição. (...) A Fonte pois, em espetáculo fascinante de luminosidade, de policromia e de música, é um convite ao devaneio. **E continua a desatar nos lábios, então já quase sisudos, da Cidade-Sorriso, a expressão de encanto que lhe irrompe dos jactos coloridos, alegrando a terra** melhor do mundo que é Maceió (JORNAL DE ALAGOAS, 15/07/1962, grifos nossos).

Apesar de lamentarem a perda da sombra das árvores plantadas em 1908, as matérias do Jornal confirmam a correspondência entre a obra executada e as expectativas sobre ela construídas. Localizada numa via que dá acesso dos veículos particulares ao núcleo urbano tradicional, esta praça havia sido transformada pelo Governo do Estado, ao custo de recursos temporais e econômicos, numa atração turística moderna que certamente impressionaria a todos os visitantes que a observassem.

Segundo o ideal Cidade Sorriso em sua versão de 1960, as praças da gestão Cajú deveriam, assim como a Praça dos Martírios, ser caracterizadas por:

- A. **OBJETIVO** de encantar o observador através da modernidade tecnológica e da beleza;
- B. **LOCALIZAÇÃO** central nas vias principais de acesso entre os bairros, por onde passa obrigatoriamente o visitante;
- C. **AUTORIA** dos projetos por profissionais reconhecidos nacionalmente;
- D. **TRAÇADO** semelhante à obra de Burle Marx no Rio de Janeiro;
- E. **MOBILIÁRIO** para lazer passivo e ativo, em formato e material modernista;
- F. **EQUIPAMENTOS** com atrativos que impressionem o observador;
- G. **ELEMENTOS DECORATIVOS**, ausentes, segundo princípio da estética modernista;
- H. **MATERIAIS** representativos de modernidade e progresso;
- I. **VEGETAÇÃO** disposta segundo composição visual, sem bloquear a visão dos elementos do entorno, que também seriam atrativos para visitação;
- J. **NOME** dado historicamente mantido ou nomeação seguindo a tradição de homenagens a ilustres; e
- K. **TEMPO** de 14 meses para a execução de uma só praça.

Através da lente desta expectativa, será julgada a produção da gestão Sandoval Cajú à frente da Prefeitura de Maceió, analisada no item a seguir.

### 4.3 O SORRISO RECUPERADO

Para encerrar este capítulo, uma vez identificada a expectativa de materialização do discurso Cidade Sorriso, este item traz, através do resultado da análise das obras como um conjunto, a leitura da interpretação deste discurso pela equipe da gestão Sandoval Cajú e sua consequente materialização nas praças da Capital nos 39 meses de mandato do Prefeito entre fevereiro de 1961 e abril de 1964.

Os anseios da população por uma cidade encantadoramente bela eram conhecidos por Sandoval Cajú. O exercício de percorrer os bairros de Maceió, quando à frente do programa Tribuna do Povo, e nos comícios quando em campanha, o familiarizou com os anseios dos moradores da Cidade Sorriso. O candidato e Prefeito estava ciente das condições para a recuperação do tão almejado Sorriso de Maceió, como demonstra o seu discurso de posse, reproduzido na íntegra a seguir:

Nesta hora em que, por força da vontade soberana do Povo, assumo o cargo de Prefeito da Capital do Estado de Alagoas, não trago comigo outro pensamento, a não ser o de cumprir, com eficiência e dignidade, o mandato para o qual fui eleito a três de outubro de 1960. Com vossa ajuda e a colaboração dos homens de boa vontade, Srs. Vereadores, o que foi prometido pelo candidato de ontem, será cumprido pelo Prefeito de hoje. Precisamos trabalhar unidos, para o engrandecimento desta cidade, cuja população está aí, à nossa espera. Faz-se imperioso que deixemos para traz as possíveis divergências, os rancores e os desentendimentos políticos. É necessário que, em perfeita e construtiva harmonia, de esforços e de ideias, trabalhemos em conjunto, no sentido sagrado do cumprimento do nosso dever de homens públicos e nestas condições, instalarmos escolas para as 16 mil crianças do Município que estão crescendo analfabetas, arrancar Maceió da lama em que se afoga nos invernos; combater os mosquitos que perturbam o sono da população; acudir as vidas que correm perigo – voltando nossas vistas para o Hospital de Pronto Socorro; diligenciarmos no tocante ao problema de água e luz aos bairros pobres que estão às escuras e com sede... **Higienizar, arborizar e pavimentar a cidade, são também problemas que devemos enfrentar com as duas mãos, buscando a solução imprescindível para melhorar o aspecto da metrópole, oferecendo, desarte, mais conforto e bem-estar aos seus dignos habitantes.** Encareço dos Senhores Vereadores de Maceió – os representantes do Povo na Câmara Legislativa – a indispensável ajuda à Prefeitura que pertence ao Povo, para solucionar também tais problemas tão difíceis quanto angustiantes. De minha parte, todos podem contar com boa fé nos propósitos de dirigir o município líder do Estado, cheio de vontade de acertar e ansioso por não decepcionar uma gente de sentimentos nobres que com tanta generosidade me elegeu. Consoante tenho afirmado repetidas vezes, de maneira verbal, aqui repito: cada vereador que se constitua um fiscal do meu governo, para constatar a sinceridade das minhas intenções, de somente agir em favor do povo e da terra maceioense, e nunca, em qualquer circunstância impulsionado por interesse de grupos isolados, de políticos profissionais, ou partidos políticos. Assim procedendo Senhor. Presidente, Senhores vereadores, estarei fiel às minhas afirmativas de ontem nas praças públicas; fiel aos princípios de lógica e decência, fiel à verdadeira democracia; fiel à minha consciência de homem que só contraiu compromisso com o povo. Reiterando o meu pedido de colaboração para



com a Prefeitura da Capital, despeço-me, por hoje, dos Senhores Vereadores, na esperança de amanhã e Executivo Municipal, **para que esta terra sinta o surto de progresso que há muito almeja, para que Maceió cresça, suba e se desenvolva pois é por isto que 170 mil pessoas esperam de nossa parte** (JORNAL DE ALAGOAS, 02/02/1961, grifo nosso).

Assim como o discurso da cidade Sorriso era familiar ao Prefeito, a linguagem da modernidade, também implícita na expectativa, era familiar aos desenhistas responsáveis pelos projetos da Prefeitura para as praças. Nos arquivos das famílias dos desenhistas Lauro Menezes e José Passos<sup>82</sup>, o projeto para o novo edifício-sede da Prefeitura de Maceió (Figura 219), pelo setor de projetos municipal, demonstram o domínio desta linguagem de arquitetura. Previstos para o edifício, uma estrutura em volumes interseccionados com princípios de projeto modernistas - janelas em fita, recuo no pavimento térreo, pilares em “V”, um painel à esquerda dos pilotis do volume menor, e um jardim com espelho d’água entre eles, à entrada - à semelhança do Edifício do Ministério da Educação e Saúde (MES), no Rio de Janeiro (Figura 216 a Figura 218). O edifício construído, incompleto em relação ao previsto no projeto<sup>83</sup>, apresenta características semelhantes àsquelas das praças, no revestimento em azulejos coloridos, e no desenho dos canteiros baixos e dos bancos contínuos (Figura 220 e Figura 221).

---

<sup>82</sup> Pela ausência de um curso superior de arquitetura em Alagoas, que surgiria apenas durante a década de 70, a demanda de projetos era suprida por engenheiros e por profissionais chamados de desenhistas, que conseguem o conhecimento técnico por meios não-tão-formais. Apesar de não receberem o termo que denota a educação formal, estes projetos em nada deixavam a desejar aos daqueles que recebiam educação superior na área. Em Silva (1991, p. 128-159), aparecem os nomes de Antônio Ivo de Andrade Lyra, que trabalha com Delfim Amorim e projeta a residência Afonso Lucena (1963), protegida posteriormente como Unidade Especial de Preservação - UEP; José Nobre, que, estudando três anos na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, projeta a capela do Hospital Agroindustrial do Açúcar (SILVA, 1991, p. 120-125), inspirada na Capela de São Francisco de Assis de BH; e Walter de Azevedo Cunha, que projeta os Edifícios Breda (1958) o primeiro edifício em altura do centro de Maceió e São Carlos, o primeiro edifício construído na Praia da Avenida (1960).

<sup>83</sup> Com a interrupção do mandato de Sandoval Cajú em 1964, as obras do edifício da Prefeitura e serão finalizadas no mandato do vice-prefeito, Vinícius Cansanção Filho, no dia 16 de setembro de 1964 (JORNAL DE ALAGOAS, 05/09/1964).

**Figura 216** – Pilotis e janelas em fita do edifício do Ministério da Educação e Saúde, MES.



Fonte: Marina de Holanda, s/d.

**Figura 217** – MES, Rio de Janeiro.



Fonte: UFBA, s/d.

**Figura 218** – Desenho para o projeto do MES.



Fonte: Cronologia do urbanismo UFBA, 1936.

**Figura 219** – Perspectiva do projeto para o edifício- sede da Prefeitura de Maceió.



Fonte: Acervo Josemary Passos Ferrare, s/d.



**Figura 220** – Edifício-sede da Prefeitura de Maceió.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 221** – Azulejos na cor laranja na fachada do edifício-sede da Prefeitura de Maceió.



Fonte: MISA, s/d.

Estabelecida a consciência do discurso e a capacidade técnica do setor de projetos da Prefeitura, será através do produto – as 49 praças com autoria confirmada da gestão Sandoval Cajú – que será feita a leitura dos significados materializados e seus pontos de correspondência com a expectativa do discurso-Sorriso. As categorias definidas para a análise das praças do governo Malta (1901-1912) e da Praça Marechal Floriano Peixoto (1961) são as mesmas que serão utilizadas a seguir. Aqui, no entanto, elas serão organizadas em ordem invertida (iniciando no item L). Com esta organização, análise tem início nas categorias que fazem referência à materialidade do produto e segue em direção à intenção da obra. A análise dos itens que se referem ao produto<sup>84</sup>, revelará, ao final, seu objetivo (item A).

## L. TEMPO

À análise do **TEMPO** dos projetos importam as datas de inauguração, registradas no Jornal de Alagoas entre 1961 e 1964 e nos convites de inauguração das duas festividades anuais realizadas pela Prefeitura: o aniversário anual do mandato, em fevereiro de 1962 e 1963 (MACEIÓa, 1962; MACEIÓ, 1963), a comemoração do dia 7 de setembro (MACEIÓb, 1962). Quando não disponíveis as datas de inauguração, considera-se a data em que a praça é citada pela primeira vez como concluída. Para aquelas não citadas nas fontes, o símbolo “?” indica a ausência do registro, e, em razão da turbulência do final do mandato, considera-se a

<sup>84</sup> As categorias B. Localização; C. Autoria; D. Traçado; E. Mobiliário; F. Equipamentos; G. Elementos decorativos; H. Materiais; I. Vegetação; J. Nome; e K. Tempo; serão derivadas do item A. Objetivo.

inauguração entre setembro de 1963 e abril de 1964. Assim, todas as 49 praças do objeto de estudo compõem esta análise, cujos resultados compõem o Quadro 1, abaixo.

**Quadro 1** - Datas de inauguração das praças da gestão Sandoval Cajú. Fonte: Jornal de Alagoas, 1961-1964; MACEIÓa, 1962; MACEIÓb, 1962; MACEIÓ, 1963.

1961 (T=9) (M=3) (C=6)		
DD/MM	Nº	PRAÇA
<b>22/07</b>	<b>3</b>	<b>FÔRÇA TOTAL</b>
07/09	7	HERCÍLIO MARQUES
<b>07/09</b>	<b>24</b>	<b>SANTO ANTÔNIO</b>
07/09	25	CARLOS PAURÍLIO
07/09	23	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
<b>07/09</b>	<b>27</b>	<b>MOLEQUE NAMORADOR</b>
<b>07/09</b>	<b>30</b>	<b>GUEDES DE MIRANDA</b>
<b>07/09</b>	<b>42</b>	<b>GUIMARÃES PASSOS</b>
<b>07/09</b>	<b>32</b>	<b>DO POBRE (LEONEL BRIZZOLA)</b>

1962 (T=27) (M=19) (C=8)		
DD/MM	Nº	PRAÇA
<b>24/02</b>	<b>17</b>	<b>7 DE SETEMBRO</b>
24/02	44	ARTUR RAMOS
<b>24/02</b>	<b>34</b>	<b>DR. MANUEL BRANDÃO</b>
24/02	46	EUCLIDES MALTA (REX)
<b>24/02</b>	<b>36</b>	<b>INOCÊNCIA (CAIO PORTO)</b>
<b>24/02</b>	<b>16</b>	<b>JORGE DE LIMA (SINIMBÚ)</b>
<b>24/02</b>	<b>45</b>	<b>LARGO DA VITÓRIA (DO Ó)</b>
24/02	4	LIBERDADE (L. MARANHÃO)
24/02	47	MANUEL DUARTE
24/02	43	MARAVILHA
<b>24/02</b>	<b>28</b>	<b>MENINO PETRÚCIO</b>
24/02	19	DO MONTEPIO DOS ARTISTAS
24/02	18	DOS PALMARES
24/02	10	PARQUE GONÇALVES LÊDO
<b>24/02</b>	<b>35</b>	<b>PINGO D'ÁGUA</b>
<b>24/02</b>	<b>37</b>	<b>SÃO SEBASTIÃO</b>

1963 (T=7) (M=3) (C=4)		
DD/MM	Nº	PRAÇA
<b>16/02</b>	<b>26</b>	<b>ALFREDO MAYA</b>
<b>17/02</b>	<b>2</b>	<b>JOÃO MARTINS</b>
03/03	5	DO CENTENÁRIO
<b>07/09</b>	<b>39</b>	<b>ALOÍSIO BRANCO</b>
<b>07/09</b>	<b>49</b>	<b>MARECHAL DEODORO</b>
07/09	8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS
07/09	11	ANTÍDIO VIEIRA

1964 (T= 6) (M=4) (C=2)		
DD/MM	Nº	PRAÇA
??/??	33	ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO
??/??	<b>38</b>	<b>CIPRIANO JUCÁ</b>
??/??	14	DOM PEDRO II
??/??	<b>1</b>	<b>RIO NOVO (ELIAS CARDOSO)</b>
??/??	41	NOSSO SENHOR DO BONFIM
??/??	6	SERGIPE

Na primeira coluna, datas de inauguração no modelo mês/ano, na segunda coluna os números de correspondência com a Tabela 1, e na terceira coluna, os nomes das praças correspondentes. Na primeira linha de cada quadro, o ano e a quantidade de praças executadas em cada ano, entre parênteses. As praças inauguradas na mesma data estão em ordem alfabética. **As praças com nomes em negrito foram construídas pela gestão Sandoval Cajú.** “T” representa o total de praças de cada ano, “M”, o total de praças modificadas e “C” o total de praças criadas.

Quantitativamente, são inauguradas 9 praças no ano de 1961, sendo 3 modificadas e 5 criadas, 27 praças no ano de 1962, sendo este o ano com maior número de inaugurações, com 19 praças modificadas e 8 criadas, incluindo 3 que, por terem maiores dimensões, levam mais tempo na execução da obra que praças menores: as praças da Liberdade (4), Sinimbú (15) e o Parque Gonçalves Lêdo (10). Em 1963 são inauguradas 7 praças, das quais 3 foram modificadas e 5 criadas, incluindo a Praça do Centenário, a última obra de amplas dimensões da gestão. As que não têm sua data de registro confirmada são reunidas em 1964, sendo 4 modificadas e 2 criadas, totalizando 6 praças.

Em todos os anos da gestão, portanto, são inauguradas praças reformadas e criadas, sem que haja uma hierarquia de prioridades entre praças criadas e modificadas, e entre aquelas de maiores ou menores dimensões. A quantidade de praças inauguradas a cada ano comprova o ritmo acelerado de execução das obras públicas, das quais as praças eram apenas parte, junto a outras obras de infraestrutura, saúde e educação, como já mostrado na listagem das obras no item **2.1.2 - Estética – características das praças da gestão Sandoval Cajú**, na página 58. A nível de comparação, nos 11 meses em que o governo do Estado esteve ocupado com a construção da Praça dos Martírios<sup>85</sup> – sem que se deixe de considerar que estava sob sua responsabilidade um território muito maior – foram feitas pela Prefeitura um total de 9 praças, sendo 5 recuperadas e 4 criadas. Se o tempo for dividido em partes iguais, resulta em pouco mais de um mês para a execução de cada uma.

A velocidade de realização de um grande número de obras em relativo pouco tempo pode levar a imaginar que a causa da velocidade seja a abundância de recursos financeiros que permitem a sua realização, assim como nos dois exemplos abordados nos capítulos anteriores – o da modernização Euclides Malta, e a obra da Praça Floriano Peixoto. Entretanto, ao menos no início da gestão, a situação orçamentária da Prefeitura não permitia a realização de obras, com dívidas com os fornecedores do comércio e uma folha de pagamento que, com 1.259 funcionários (ÚLTIMA, 1988), pagava Cr\$ 12 milhões com uma receita de Cr\$ 10 milhões<sup>86</sup>. Foi necessário usar a criatividade para converter os funcionários em mão-de-obra e as dívidas em

---

<sup>85</sup> O período de 11 meses é referente ao tempo entre a data de inauguração da Fonte Luminosa na Praça dos Martírios em 03/05/1962 e a previsão para o término da obra de reforma por Abelardo Rodrigues em fevereiro de 1963 (JORNAL DE ALAGOAS, 03/05/1962; 22/12/1962).

<sup>86</sup> A nível de referência, o valor do salário mínimo em 1961 correspondia a Cr\$ 13.440,00.



crédito entre os comerciantes<sup>87</sup>. Com estas providências, foi possível reunir os recursos necessários à execução destas obras.

A velocidade na execução de obras é vista com louvor pela opinião do Jornal de Alagoas: “Para dar um atestado concreto do **DINAMISMO** do Prefeito Sandoval Cajú, publicamos abaixo as suas obras de maior importância durante 387 dias de Governo (sic) (...)” (JORNAL DE ALAGOAS, 23/02/1962, grifo nosso).

## J. NOME

À análise do **NOME** dos projetos importa o ato de nomear: o significado, origem e importância do nome dado e a justificativa do batismo da praça. Primeiramente, busca-se o significado/origem do nome da praça, em referências que tratam dos nomes dados a espaços públicos (BARROS, 2005), quanto à importância para o Estado de Alagoas, origem (cidade, ano, UF). Posteriormente, é identificada a natureza da homenagem, registrada nos convites de inauguração (MACEIÓa, 1962, MACEIÓb, 1962, MACEIÓ, 1963), e o livro de autoria do Prefeito (CAJU, 1991). Como as praças modificadas pela gestão Sandoval Cajú mantiveram seus nomes, a sua nomeação precede o período, e elas são desconsideradas neste item. As 27 praças criadas e nomeadas compõem o Quadro 2, codificadas por cor de acordo com a natureza da homenagem dos nomes.

---

<sup>87</sup> “Quando assumiu, encontrou a Prefeitura de Maceió com graves problemas de ordem financeira a resolver. Apesar de tudo isso, (...) deu solução saneadora, apagando milhões de cruzeiros ao comércio, a empreiteiros e sociedades subvencionadas, o que ainda vem fazendo adquirindo o seu governo com isso, crédito na praça maceioense. Com essas dividas enormes e sem crédito algum, mas pagando a todos, conquistou a confiança dos homens de negócios, que passaram a não ter medo (sic) de fornecerem qualquer espécie de materiais de que necessita a Prefeitura. Para se ter uma idéia (sic) daquele estado de coisas basta dizer que a Municipalidade com uma parca renda de 10 milhões, sujeita a despesa de 12 milhões mensais somente com o funcionalismo, não parou. Os trabalhos prosseguiram animados, como é do conhecimento do povo maceioense” (JORNAL DE ALAGOAS, 23/02/1962).

**Quadro 2** – Natureza da homenagem dos nomes de 27 das praças criadas pela gestão Sandoval Cajú. Fonte: BARROS, 2005.

Nº	PRAÇA	REFERÊNCIA	ORIGEM (ANO, CIDADE, UF)	JUSTIFICATIVA
1	Rio Novo (Elias Cardoso)	Nome de povoado do município de Maceió	-	Novo nome do povoado “Carrapato”, nome de um riacho próximo à área e de caráter pejorativo
2	João Martins	Operário da fábrica de Fernão Velho, dono de sítio	1879, Rio Largo, AL	Homenagem ao dono do sítio que deu origem do bairro Tabuleiro dos Martins, benfeitor do bairro
3	Fôrça Total	Slogan da campanha política de Sandoval Cajú	-	Referência à cooperação povo e Prefeito, slogan de campanha política
16	Jorge de Lima	Poeta, pintor, professor, médico, político, membro fundador da Academia Alagoana de Letras, membro do IHGAL,	1893, União dos Palmares, AL	Homenagem ao trabalho inovador e pioneiro, reconhecido nacionalmente na área da poesia e pintura moderna, do “príncipe dos poetas alagoanos”
17	7 de Setembro	-	-	Dia da independência/nome da rua
21	São Vicente	-	-	Nome do Hospital Santa Casa de Misericórdia
24	Santo Antônio	Santo	-	Nome da rua
25	Carlos Paurílio	Carlos Malheiros da Silva, poeta e pianista	1904, Maceió, AL	Membro do grêmio Guimarães Passos
26	Alfredo de Maya	Advogado, político, pai de Emylio de Maia	1879, Atalaia, AL	Defensor da interferência do Estado na economia e em assuntos privados, responsável pela expulsão dos cangaceiros do interior do Estado
27	Moleque Namorador	Passista	1919, São Luiz do Quitunde, AL	Homenagem ao talento de Amando Veríssimo Ribeiro, passista negro de frevo de destaque nacional
28	Menino Petrúcio	Milagreiro/santo segundo a fé popular	1928, Maceió, AL	Menino que morreu em 1939, aos 11 anos, de Febre Tifóide, enterrado no Cemitério São José. “Guy de Fontgalland” brasileiro.
29	Santa Tereza	Santa	-	Referência à capela Santa Tereza, próxima à praça
30	Guedes de Miranda	Antônio Guedes de Miranda, Interventor federal, político, advogado, fundador da Academia Alagoana de Letras, fundador, primeiro diretor e professor da Faculdade de Direito de Alagoas	1886, Porto Calvo, AL	Homenagem à contribuição à Faculdade de Direito de Alagoas
31	11 Nacional	Seleção Brasileira Campeã da copa do mundo em 1962 (em especial, Mário Jorge Logo Zagallo)	(Zagallo) Atalaia, 1931	Homenagem ao título de campeã da Copa do Mundo conquistado pelos 11 jogadores do time da seleção brasileira
32	Do Pobre	Casa do Pobre, instituição de abrigo, em frente ao largo	-	Nome pelo qual o lugar era conhecido por referência à Casa do Pobre
33	Almirante Custódio Melo	Custódio José de Melo, almirante da marinha	1840, Salvador, BA	Homenagem ao destaque da Guerra do Paraguai
34	Dr. Manuel Brandão	Manuel Brandão Vilela, advogado, professor, literato, político, prefeito de Viçosa	1882, Viçosa, AL	Homenagem a figura de destaque à frente do município de Viçosa

35	Pingo D'Água	Referência ao tamanho da praça	-	Sátira do tamanho e formato da praça, a menor da cidade, em formato de pingo, com apenas um banco
36	Inocência (Caio Porto)	-	-	?
37	São Sebastião	Padroeiro da igreja do Pontal da Barra	-	Manutenção do nome pelo qual já era conhecido o local
38	Cipriano Jucá	Cipriano da Silva Jucá, poeta, prefeito de Maceió, jornalista, professor, farmacêutico.	1886, Maceió, AL	Homenagem ao avô de Jucá Santos, amigo próximo de Sandoval Cajú
39	Aloísio Branco	Nome literário de Aloísio Machado Bezerra, poeta, advogado	1909, São Luiz do Quitunde, AL	Homenagem ao poeta modernista
40	Unidos do Poço	Escola de samba Unidos do Poço, no bairro do Poço	-	Homenagem à fundação da escola de samba fundada em 1955, a mais antiga de Maceió
42	Guimarães Passos	Sebastião Cícero dos Guimarães Passos	1867, Maceió, AL	Homenagem a um dos maiores representantes do parnasianismo na poesia
45	Largo da Vitória	Referência ao campo do CBR, vizinho ao largo	-	Manutenção do nome pelo qual já era conhecido o local
48	São Francisco	Referência ao nome da igreja que deu nome ao largo	-	Manutenção do nome pelo qual já era conhecido o local
49	Marechal de Ferro	Militar, político, presidente do Brasil	1839, (Ipioca) Maceió, AL	Homenagem ao local de nascimento de Floriano Peixoto

Na primeira coluna, os números de referência das praças, na segunda, o nome das praças, na terceira coluna, a explicação da referência que o nome indica. Na quarta coluna, a origem das pessoas homenageadas, quando aplicável. Na quinta coluna, a justificativa da natureza da homenagem. Legenda das cores: em **verde**, referência a localidade onde está localizada a praça; em **amarelo**, homenagens a personalidades públicas; em **laranja**, nomes/sátiras de autoria de Sandoval Cajú; e em **azul**, homenagem a organizações ou instituições. Para a Praça da Inocência, no bairro do Pontal, não foram encontradas informações sobre os motivos da escolha de seu nome.

A natureza do batismo das praças pode ser classificada em quatro categorias, representadas, no **Quadro 2**, por cores: 1. referências a localidade onde está localizada a praça, uma rua ou um largo próximo a igreja já existente, em 8 praças, em **verde**; 2. homenagens a personalidades públicas, em 14 praças, em **amarelo**; 3. nomes/sátiras de autoria de Sandoval Cajú, em 2 praças, em **laranja**; e 4. homenagens a organizações ou instituições próximo à praça, mas que não necessariamente dão nome ao lugar onde estão localizadas, em 2 praças, em **azul**.

Quatorze (14) praças pertencem à categoria homenagem a personalidades públicas, intenção que se aproxima do padrão identificado no ideal Cidade Sorriso. A homenagem, tradicionalmente exclusiva a personalidades ilustres, é expandida para abarcar instituições reconhecidas localmente por seu pioneirismo, como a Casa do Pobre (32) e a Escola de Samba Unidos do Poço (40), e personalidades públicas populares em Maceió, como o Moleque

Namorado (27) e o Menino Petrúcio (28). Seguindo o padrão, todos os homenageados, com exceção do Almirante Custódio Melo, são alagoanos, reconhecidos por sua atuação de destaque – agora numa nova abrangência do termo, que inclui não só a política (33, 34, 38, 49), mas o pioneirismo em diversos campos (2, 26, 30), a poesia (16, 25, 38, 39, 42), o futebol (31), a dança (27) e a fé popular (28). Registra no espaço público, com esta atitude, os nomes de alagoanos que demonstram habilidade nos diversos campos de atuação, bem como características da cultura popular. **RIDÍCULOS** são os nomes dados pela Prefeitura às praças, segundo o padrão restrito estabelecido pelo ideal, registrado para dois dos casos no Jornal de Alagoas ano de 1961:

VEREADORES DESEJAM MUDAR O NOME RIDÍCULO DA PRAÇA - (...) O primeiro vereador, no seu projeto, pede a mudança da Praça “Força Total”, em Bebedouro, para Praça Batista dos Santos, antigo e apreciado cronista esportivo e chefe da contabilidade do JORNAL DE ALAGOAS recentemente falecido nessa capital. (...) o projeto do sr. Claudenor Sampaio dá a denominação de Praça Intendente Roberto machado, à Praça Moleque Namorado (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 22/07/1961).

## I. VEGETAÇÃO

À análise da vegetação importa identificar a intenção de escolha da vegetação pela Gestão. Neste item, a vegetação é analisada de acordo com o porte e quanto à presença nas praças. Para a vegetação de grande porte, a análise chega ao nível da identificação das espécies, a partir do documento Praças de Maceió (MACEIÓ, 2005). Para este item, a função da vegetação é identificada nas espécies que mais se repetem, destacando principalmente as praças criadas. Enquanto é provável que espécies tenham sido plantadas por gestões posteriores nestas praças, é pouco provável que tenham sido plantadas as mesmas espécies em todas as praças da gestão Cajú. Assim, considera-se que as espécies em comum – sobretudo nas praças criadas – foram escolhidas pela equipe da gestão Cajú sob uma mesma intenção. Para a vegetação de pequeno porte, a análise é feita a partir da presença, em fotografias ou *in loco*, de canteiros altos destinados ao plantio de espécies deste tipo. Servem a estas análises todas as 49 praças, cujos resultados são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3** – Espécies vegetais identificadas nas praças da gestão Sandoval Cajú. Fonte: MACEIÓ, 2005.

Nº	GRANDE PORTE	
1	•	<i>Cassia ferruginea</i>
2	•	<i>Sophora japonica</i>
3	•	<i>Acacia javanica</i>
4	•	<i>Acacia podalyraefolia</i>
5	•	<i>Prosopis juliflora</i>
6	•	<i>Amygdalus communis</i>
7	•	<i>Schinus</i>
8	•	<i>Adansonia digitata</i>
9	•	<i>Erythrina indica</i>
10	•	<i>Calyptranthes</i>
11	•	<i>Bombax hexaphyllum</i>
12	•	<i>Anacardium</i>
13	•	<i>Casuarina</i>
14	•	<i>Thevetia peruviana</i>
15	•	<i>Sterculia striata</i>
16	•	<i>Tabebuia aurea</i>
17	•	<i>Eucalyptus globulus</i>
18	•	<i>Ficus benjamina</i>
19	•	<i>Delonix regia</i>
20	•	<i>Handroanthus</i>
21	•	<i>Plumeria rubra</i>
22	•	<i>Mangifera indica</i>
23	•	<i>Erythrina verna</i>
24	•	<i>Archontophoenix</i>
25	•	<i>Bauhinia forficata</i>
26	•	<i>Caesalpinia echinata</i>
27	•	<i>Licania tomentosa</i>
28	•	<i>Melia azedarach</i>
29	•	<i>Caesalpinia pluviosa</i>
30	•	<i>Spathodea</i>
31	•	<i>Clitoria fairchildiana</i>
32	•	<i>Tamarindus indica</i>
33	•	<i>Adenanthera</i>
34	•	
35	•	
36	•	
37	•	
38	•	
39	•	
40	•	
41	•	
42	•	
43	•	
44	•	
45	•	





**Figura 224** - Exemplar de Amendoeira na Praça Fôrça Total (3), em Bebedouro.



Fonte: Bairros de Maceió, 2012.

**Figura 225** – Exemplar de Ficus Benjamina na Praça Unidos do Poço (40), no bairro do Poço.



Fonte: MACEIÓ, 2005.

**Quadro 3** – Características das espécies vegetais de grande porte identificadas em comum nas praças da Gestão Sandoval Cajú.

ESPÉCIE	ALTURA	DIÂMETRO COPA	REGIME SOL	ORIGEM	ORNAMENTAL
Acácia Mimosa	6m	4m	Pleno sol	Austrália	Sim
Algaroba	6-15m	8-12m	Pleno sol	Peru	Sim
Amendoeira	9-12m	(irregular)	Pleno sol	Ásia	Sim
Ficus Benjamina	12-15m	6m	Pleno sol	Ásia	Sim

Fonte: ALTAVILA, 2005.

Todas as espécies produzem indivíduos adultos que podem chegar a 15 m de altura, com copas que variam de 4 a 12m de diâmetro em indivíduos adultos. As espécies de **GRANDE PORTE** são escolhidas e plantadas, portanto, por sua capacidade de fornecer ampla **SOMBRA**.

As espécies de **PEQUENO PORTE** são dispostas nas praças em canteiros altos que as elevam do solo, ou em composição nos canteiros baixos, como mostram as fotografias no intervalo da Figura 226 à Figura 235. Servem, portanto, à função **DECORATIVA**.

**Figura 226** – Vegetação de pequeno porte em canteiro alto central da Praça Tiradentes (20).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 227** – Canteiro alto com espécies de pequeno porte na Praça Jorge de Lima (16).



Fonte: Acervo Cinira Menezes, s/d.

**Figura 228** – Fonte baixa transformada em canteiro alto com jarro luminoso na Praça Visconde de Sinimbu (16).



Fonte: Acervo Cinira Menezes, s/d.

**Figura 229** – Espécies de pequeno porte em canteiro baixo próximo à fonte na Praça Jorge de Lima (16), no Centro.



Fonte: Acervo Cinira Menezes, s/d.

**Figura 230** – Espécies de pequeno porte em canteiros baixos na Praça 7 de Setembro (17), no bairro Centro.



Fonte: Acervo Particular Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 231** – Espécies de pequeno porte em canteiros baixos na Ilhota central da Ladeira dos Martírios (8), no Farol.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 232** – Espécies de pequeno porte em canteiro baixo na Praça Artur Ramos (Raiol) (44), em Jaraguá.



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes.

**Figura 233** – Espécies de pequeno porte em composição em canteiro baixo na Praça do Centenário (5), no Farol.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 234** – Espécies de pequeno porte em canteiro baixo na Praça Marechal Deodoro (22), no Centro.



Fonte: Acervo Particular Jerônimo Lopes, s/d.



**Figura 235** – Espécies de pequeno porte em canteiro baixo no Parque Gonçalves Lêdo (10), no Farol.



Fonte: MISA, s/d.

A opinião dos jornais acerca da escolha da vegetação é externada quanto ao porte. A escolha da vegetação de grande porte para fornecer sombra correspondia à expectativa e foi aceita, enquanto a função decorativa dos canteiros baixos é rejeitada, não considerada adequada para jardins tropicais, como mostra o trecho do Jornal de Alagoas:

(...) Que quererá fazer o prefeito com a arborização (sic) da cidade? Será que alguém também meteu-lhe na cabeça transformar a cidade em um jardim europeu, cheio de canteiros de hortênsias? Maceió é uma cidade tropical. E **o trópico pede jardins de árvores que reduzam a insolação e tornem a temperatura mais amena. Jardins de canteiros são belos nos países acima do Equador**, que não conhecem o horror da canícula<sup>88</sup>. Não toque o prefeito nas velhas árvores da cidade. (JORNAL DE ALAGOAS, 12/09/1961, grifo nosso).

## H. MATERIAIS

À análise dos **MATERIAIS** importa identificar os que se repetem na composição dos elementos dos projetos, identificados nas fotografias das praças, e por descrições dos materiais escolhidos nas matérias do Jornal de Alagoas e nos convites de inauguração (MACEIÓa, 1962; MACEIÓb, 1962; MACEIÓ, 1963). Esta análise inclui apenas 18 praças que atendem ao requisito necessário: possuírem fotografias que mostrem aplicações dos materiais em seus elementos. Os materiais estão distribuídos nas praças de acordo com a Tabela 4.

<sup>88</sup> Canícula (s. f.) calor muito forte.

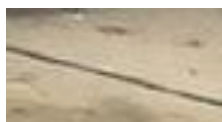
**Tabela 4** – Presença dos materiais nas praças da gestão Sandoval Cajú identificadas nas fotografias ou *in loco*.

Nº	PRAÇA	CIMENTO	MARMORITE	CONCRETO	AZULEJO	FERRO	PEDRA	ALVENARIA
1	<b>RIO NOVO</b>					•		
4	LIBERDADE		•		•	•		
5	CENTENÁRIO	•	•	•	•	•	•	•
6	SERGIPE	•	•			•		
8	ILHOTA MARTÍRIOS					•		•
10	PQ. GONÇALVES LÊDO		•	•		•	•	•
11	ANTÍDIO VIEIRA		•	•		•		•
15	SINIMBÚ		•		•	•	•	•
16	<b>JORGE DE LIMA</b>	•			•			•
17	<b>7 DE SETEMBRO</b>	•	•			•		
20	TIRADENTES					•		•

Nº	PRAÇA	CIMENTO	MARMORITE	CONCRETO	AZULEJO	FERRO	PEDRA	ALVENARIA
22	MARECHAL DEODORO		•	•	•		•	•
26	<b>ALFREDO DE MAYA (3º DR)</b>						•	•
27	<b>MOLEQUE NAMORADOR</b>			•		•		
29	<b>SANTA TEREZA</b>		•	•		•		•
30	<b>GUEDES DE MIRANDA</b>	•	•			•		
44	ARTUR RAMOS	•	•			•		•
46	EUCLIDES MALTA (REX)		•	•	•	•		•
M	MODIFICADAS	3	8	5	4	10	4	9
C	CRIADAS	3	3	2	2	5	1	3
=	TOTAL	6	12	7	6	15	5	12

O passeio circundante das praças e as novas estátuas idealizadas pela gestão serão feitas em **CIMENTO** (Figura 236, Figura 239 e Figura 240).

**Figura 236** – **CIMENTO** em ampliação da **Figura 237**.



Fonte: LOPES, s/d.

**Figura 237** – Cimento como elemento de composição do passeio circundantes da Praça 7 de Setembro (17), no Centro.



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 238** – **CIMENTO** revestido com camada prateada em ampliação da **Figura 239**.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 239** – Estátuas feitas em cimento com pintura prateada: indígenas da Praça do Centenário (5) à esquerda, My-Joãozinho à direita e ao centro, e detalhe do material, à direita.



Fonte: MISA, s/d; MISA, s/d; IHGAL, s/d; IHGAL, s/d.

**Figura 240** – Estátuas do Parque Gonçalves Lêdo (10), em cimento.



Fonte: Panoramio Duds Nilds, 2014.



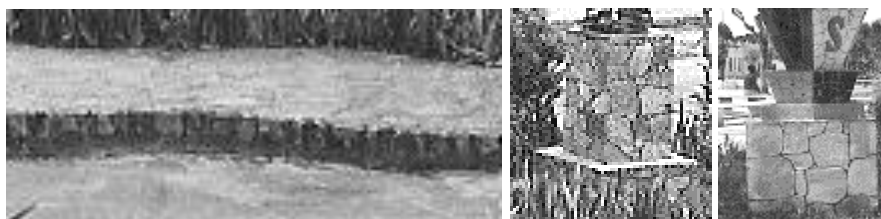
A **PEDRA** (Figura 241 e Figura 242) será usada para revestir os passeios internos e as bases dos jarros luminosos e de algumas estátuas, enquanto os canteiros altos e baixos que definem a vegetação e as balaustradas que separam os níveis das praças – quando existentes – são feitos em **ALVENARIA** (Figura 243 e Figura 244).

**Figura 241 – PEDRA** de calçamento interno da Praça Visconde de Sinimbu (15).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

**Figura 242 – Detalhe do passeio interno em pedra na Praça Visconde de Sinimbu (15) (à esquerda) e a aplicações de pedra como revestimento nas praças da gestão Sandoval Cajú – como piso e como base da estátua da deusa Minerva no Parque Gonçalves Lêdo (10) e como base de jarro luminoso na Praça do Centenário (5).**



Fonte: AZEVEDO, 2017; MISA, s/d; MISA, s/d.

**Figura 243 – ALVENARIA** de tijolo batido em canteiro baixo na Praça Visconde de Sinimbu (15).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

**Figura 244 – Canteiros baixos, canteiros altos e balaustrada em alvenaria.**



Fonte: MISA, s/d; AZEVEDO, 2017; AZEVEDO, 2017; MISA, s/d.

Os bancos contínuos, poltronas, os bancos com base em “S” e os escorregadores dos playgrounds são fabricados em **MARMORITE** (Figura 245 a Figura 249). Os abrigos de pontos de ônibus com arcos terão suas estruturas de sustentação fabricadas em **CONCRETO** (Figura 250 e Figura 251).

**Figura 245 - MARMORITE** em ampliação da Figura 246.



Fonte: RELU, 2015.

**Figura 246 – Poltrona em marmorite** na Praça Jorge de Lima.



Fonte: RELU, 2015.

**Figura 247 – Escorregador em marmorite** na Praça Sinimbú.



Fonte: RELU, 2015

**Figura 248 – Banco com base em “S”** em marmorite.



Fonte: OLIVEIRA, s/d.

**Figura 249 – Banco Contínuo revestido em marmorite com os dizeres “Pref. Sandoval Caju”.**



Fonte: Acervo Simone Cajú, s/d

**Figura 250 – CONCRETO** em detalhe de abrigo de ônibus.



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 251 – Cobertura do abrigo do ponto de ônibus na Praça Marechal Deodoro (22), no bairro Centro.**



Fonte: Acervo particular Jerônimo Lopes, s/d.

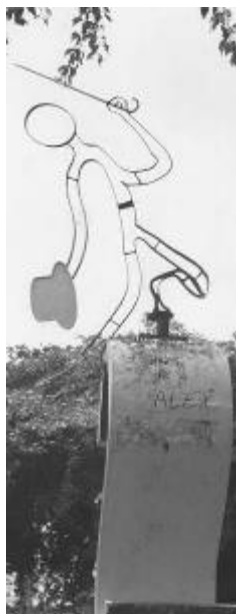
Os elementos legados das gestões anteriores - postes com luminária em formato de bolinha e as estátuas serão em **FERRO** fundido (Figura 252 a **Figura 254**); e os monumentos, fontes, painéis, escorregadores e pilares em “v” dos abrigos de ponto de ônibus serão revestidos em **AZULEJO** com uma ou duas cores, aplicado inteiro, ou em cacos (Figura 255 e Figura 256).

**Figura 252 – FERRO** fundido em estátua Continente na Praça Marechal Deodoro (22).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

**Figura 253 –** Estátua do Moleque Namorador em estrutura de ferro vazado.



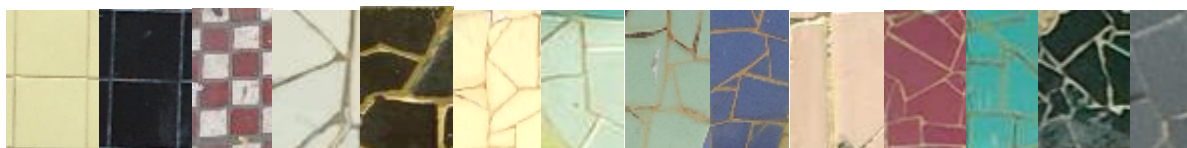
Fonte: BILÚ, s/d.

**Figura 254 –** Postes e estátuas legadas das gestões anteriores nas praças da gestão Sandoval Cajú – Poste (na praça nº 16), Marechal Deodoro (22), Ásia (22), Europa (5), General Gois Monteiro (5), Estátua da Liberdade (47), Deusa Minerva (10) e Visconde de Sinimbú (15).



Fonte: MISA, s/d; IHGAL, s/d; MISA, s/d; Acervo Ingrid Gerbasi, s/d; MISA, s/d; MISA, s/d; MISA, s/d; MACEIÓ, 2005.

**Figura 255 –** Variações de formato e cores de **AZULEJO** nas praças da gestão Sandoval Cajú.





**Figura 256** – Variações de aplicação de azulejo inteiro ou em cacos nas praças da gestão Cajú<sup>89</sup>



Fonte: MONTEIRO, 1992; AZEVEDO, 2017; MISA, s/d; Acervo particular Jerônimo Lopes; SILVA, 1991, p. 248; MISA, s/d; MISA, s/d.

Os materiais empregados são representativos das novidades tecnológicas do momento, já incorporadas na construção das residências das classes média e popular de Maceió. Cimento, concreto, alvenaria e ferro são elementos empregados nas construções particulares; o marmorite é material de piso; e a pedra e azulejo formam composições como revestimento das fachadas das residências populares. As cores correspondem às identificadas por Silva (1991, p. 235) nas fachadas das residências populares: preto, amarelo, azul e rosa (Figura 255). Os azulejos revestem e agregam cor aos elementos de destaque das praças.

## G. ELEMENTOS DECORATIVOS

A identificação dos **ELEMENTOS DECORATIVOS** é feita a partir das fotografias da época e dos elementos remanescentes *in loco*. Apenas 11 praças atendem ao requisito da análise, e compõem o objeto de análise deste item, cujos resultados compõem a Tabela 5.

<sup>89</sup> Respectivamente, na base do monumento na praça Moleque Namorador (27), no jarro luminoso da praça Alfredo de Maya (26), no painel da praça Jorge de Lima (16), no abrigo de ponto de ônibus da Marechal Deodoro (22), nos escorregadores da Praça do Centenário (5), no painel da Praça do Centenário (5), no painel do Parque Gonçalves Lêdo (10) e na fonte da Praça Marechal Deodoro (22).

**Tabela 5** – Presença de elementos decorativos por praça. As praças criadas pela gestão estão destacadas em negrito.

Nº	PRAÇA	JARRO LUMINOSO	ESTÁTUA	FONTE	PAINEL	TOTEM
<b>1</b>	<b>RIO NOVO</b>					•
5	CENTENÁRIO	•	•	•	•	
8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS					•
10	PARQUE GONÇALVES LÊDO		•	•	•	
15	SINIMBÚ	•	•			
16	JORGE DE LIMA		•	•	•	
22	MARECHAL DEODORO	•	•	•		
<b>26</b>	<b>ALFREDO DE MAYA</b>	•				
<b>27</b>	<b>MOLEQUE NAMORADOR</b>		•			
<b>42</b>	<b>GUIMARÃES PASSOS</b>		•			
47	MANOEL DUARTE		•			
M	MODIFICADAS	3	5	4	3	1
C	CRIADAS	1	3	0	0	1
=	TOTAL	4	8	4	3	2

Sob a categoria dos elementos decorativos, aparecem os **JARROS LUMINOSOS**, **ESTÁTUAS**, as **FONTES**, os **PAINÉIS** e os **TOTENS**. Estes elementos foram encontrados com maior frequência nas praças modificadas. Os **JARROS LUMINOSOS** são destacados pelo desenho dos canteiros, elevados por bases em concreto, ou em associação a elementos já existentes, que se convertem em canteiros altos (Figura 257 e Figura 258).

**Figura 257** – Jarro luminoso colocado no meio de canteiro baixo na Praça do Centenário (5).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 258** – Jarro Luminoso sobre base já existente na Praça Sinimbú (15).



Fonte: Amair Casado, 1977.

As **ESTÁTUAS** são igualmente dispostas em posição de destaque, sobre as bases já existentes (que são mantidas), circundadas por canteiros, passeios ou espelhos d'água, quando a base toca o solo (Figura 259 a Figura 264).



**Figura 259** – Estátua do General Gois Monteiro em destaque na Praça do Centenário (5), destacada por canteiro baixo circular.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 260** – Estátua da Liberdade em destaque na Praça da Liberdade (Manoel Duarte) (10), circundada por espelho d'água.



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 261** – Estátua do Visconde de Sinimbú, destacada por canteiros baixos na Praça Sinimbú (15).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 262** – Estátua da Deusa Minerva em destaque no centro de canteiro no Parque Gonçalves Lêdo (10).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 263** – Estátuas do Parque Gonçalves Lêdo (10) em destaque no alto da escadaria da Rua Ciridião Durval.



Fonte: Panorâmio Duds Nilds, 2014.

**Figura 264** – Monumento Moleque Namorador no centro dos eixos de calçamento da Praça Moleque Namorador (27).



Fonte: BRANCO, 1993, s/p.

As estátuas aparecem também composições de **ESTÁTUAS** com **PAINÉIS** e **FONTES** colocadas em posições de destaque, circundadas por canteiros baixos e em posições centrais visíveis ao usuário (Figura 265 a Figura 267).

**Figura 265** – Conjunto de fonte e estátuas da série Continentes em destaque na Praça Marechal Deodoro (22).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 266** – Conjunto de estátua do My-Joãozinho, painel, fonte e canteiro baixo na Praça Jorge de Lima (16).



Fonte: Acervo Particular Jerônimo Lopes, s/d.

**Figura 267** – Conjunto de estátuas, painel, fonte sonora-luminosa, destacado por canteiro baixo no centro da Praça do Centenário (5).



Fonte: MISA, s/d.

A combinação de estátuas, painéis e fontes formam conjuntos que, recebendo nomes de personalidades alagoanas ilustres, retratam temas da cultura local popular. O conjunto da Praça do Centenário recebe o nome de Jayme de Altavila, mas retrata o mapa do Estado, estátuas de indígenas da região de Alagoas e da Paraíba (como representação da união povo-prefeito) e duas estátuas da série Continentes (Figura 268). Similarmente, o painel Jorge de Lima, na praça de mesmo nome, retrata imagens que homenageiam a figura do pescador. A estátua do conjunto, inspirada no mannenken-pis, “é o garoto MY-JOÃO SINHO, o filho do

pescador!” (CAJÚ, 1962, s/p). Como homenagem a Jorge de Lima, apenas a frase “Lá vem o acendedor de lampeões” trecho, com erro de grafia, do poema “O Acendedor de Lampiões”<sup>90</sup>, na parte posterior do painel, sobre fundo branco, próximo a um espaço que enquadra a residência do poeta (Figura 270). No parque Gonçalves Lêdo, o painel retrata o Gogó da Ema, símbolo da cidade de Maceió (Figura 269). Os elementos decorativos colocam em destaque materiais modernistas – mosaicos de azulejos nos jarros luminosos; homenagens a figuras ilustres através das estátuas sobre bases elevadas; e homenagem simultânea a figuras ilustres e a figuras populares da cultura local com os conjuntos de fonte-painel-estátua.

**Figura 268** – Estátuas de indígenas tabajara e caeté e mapa do Estado de Alagoas no conjunto de painel e fonte sonoro-luminosa Jayme de Altavila na Praça do Centenário (5).



Fonte: Acervo Constança Rocha Cavalcanti, s/d.

**Figura 269** – Mosaico de azulejos representando o coqueiro Gogó da Ema no painel do Parque Gonçalves Lêdo (10).



Fonte: MISA, s/d.

<sup>90</sup> “Lá vem o acendedor de lampiões da rua! / Este mesmo que vem infatigavelmente,/ Parodiar o sol e associar-se à lua / Quando a sombra da noite enegrece o poente!/ Um, dois, três lampiões, acende e continua/ Outros mais a acender imperturbavelmente,/ À medida que a noite aos poucos se acentua/ E a palidez da lua apenas se pressente./ Triste ironia atroz que o senso humano irrita: —/ Ele que doira a noite e ilumina a cidade,/ Talvez não tenha luz na choupana em que habita./ Tanta gente também nos outros insinua/ Crenças, religiões, amor, felicidade,/ Como este acendedor de lampiões da rua!” (COUTINHO, 1958, p. 208).



**Figura 270** – Mosaicos representando o trabalho do pescador – peixes, gaivotas, jangada, casa de palha e pescador – no painel Jorge de Lima na Praça de mesmo nome (16).



Fonte: IHGAL, s/d; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; BILÚ, 2017; MACEIÓ, 2005; FERRARE, 2013; AZEVEDO, 2017.

## F. EQUIPAMENTOS

Para a identificação dos **EQUIPAMENTOS** instalados nas praças são analisadas as fotografias, e os registros do Jornal de Alagoas (1961-1963) e os convites de inauguração das obras (MACEIÓa, 1962; MACEIÓb, 1962; MACEIÓ, 1963). Apenas 20 praças preenchem os requisitos desta análise, e os equipamentos identificados estão distribuídos como apresentados na Tabela 6, a seguir.

**Tabela 6** – Distribuição dos equipamentos por praça. As praças com nomes em negrito foram criadas pela gestão.

Nº	PRAÇA	POSTE BOLINHA	PLAYGROUND	TELEVISÃO	PAVILHÃO	AGÊNCIA CORREIOS
1	<b>RIO NOVO</b>	•				
4	LIBERDADE	•				
5	CENTENÁRIO	•	•			
6	SERGIPE	•				
8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS	•				
10	PARQUE GONÇALVES LÊDO	•	•	•	•	
12	ROSALVO RIBEIRO	•				
13	ÉLIO LEMOS	•				
15	SINIMBÚ	•	•			

16	JORGE DE LIMA	•				
17	7 DE SETEMBRO	•				
20	TIRADENTES	•				
21	SÃO VICENTE					
22	MARECHAL DEODORO	•	•			
23	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS					
29	SANTA TEREZA		•	•		•
33	ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO	•				
43	MARAVILHA	•				
44	ARTUR RAMOS	•				
47	MANOEL DUARTE	•				
M	MODIFICADAS	13	4	1	1	0
C	CRIADAS	4	1	1	0	1
=	<b>TOTAL</b>	17	5	2	1	1

Os **POSTES** são em modelo de bolinha, e foram identificados em 17 das 20 praças, sendo o equipamento mais comum (Figura 272 e Figura 273). A identificação deste item fica prejudicada pela dependência apenas das fotografias, porque os modelos dos postes não são citados nos documentos da época. O poste aparece em fotografias dos anos 40 e 50 nos espaços públicos (Figura 271), mas não foram encontrados registros do procedimento para instalá-lo nas praças criadas pela gestão.

**Figura 271** – Poste modelo bolinha na praia da Avenida na década de 1960.



Fonte: APA, s/d.

**Figura 272** – Poste na praça da Independência (20).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 273** – Detalhe da base do poste na Praça Sergipe (6).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

A presença dos **PLAYGROUNDS**, citados nos documentos, é indicada pelos escorregadores em marmorite, e não há registros confirmados de outros elementos além deles. Nos exemplos identificados, os *playgrounds* são locados sob a sombra das árvores (Figura 274).



**Figura 274** – Playgrounds com escorregadores em mamorite nas praças Sinimbú (15), Centenário (5) e Santa Tereza (29). No local onde há o poste na fotografia da Praça Santa Tereza, o levantamento realizado pela SEMINFRA em 1982 mostra que antes existia uma árvore.



Fonte: SILVA, 1991, p.247; SILVA, 1991, p. 248; MONTEIRO, 1992.

A **TELEVISÃO PÚBLICA** foi instalada nas praças em resposta ao pouco acesso do público ao equipamento na década de 1960. Há registros nos jornais de duas praças com televisores públicos, mas deles não foram encontrados registros iconográficos, apenas citações. O Parque Gonçalves Lêdo é o único com todos os equipamentos listados, e recebeu também o único **PAVILHÃO** construído, com uma biblioteca e uma sala de exposições (MACEIÓa, 1962, s/p).

À exceção dos postes, necessários à iluminação das praças, os equipamentos são encontrados quase totalmente restritos às praças modificadas. A única praça criada que dispunha de equipamentos foi a Praça Santa Tereza (29), que possuía um *playground*, televisão pública e uma agência dos correios (MACEIÓb, 1962). A obra concorda, portanto, ao menos neste exemplo, com a expectativa do ideal quanto aos equipamentos que uma praça deveria ter: “(...) As praças de hoje têm música, play-grounds, bibliotecas e outros atrativos (...)” (JORNAL DE ALAGOAS, 21/06/1963).

## E. MOBILIÁRIO

Para a identificação do mobiliário são usadas as fotografias antigas das praças, bem como a presença remanescente *in loco*. Servem a esta análise – por preencher os requisitos – 20 praças, das quais 13 são modificadas e 7 criadas. Para cumprir a função de mobiliário, a gestão instala nas praças poltronas em marmorite, bancos com base em “S” e bancos contínuos – que podem ser sinuosos, acompanhando o formato dos canteiros, circulares, em forma de “S” ou circulares. Existem também, em dois dos casos, bancos acoplados a painéis azulejados. A distribuição destes elementos nas praças, identificados nas fotografias e nos documentos da época, é conteúdo da Tabela 7.

**Figura 275** – Variações de mobiliário de estar – respectivamente poltrona em marmorite, banco com base em “S”, banco contínuo em “S”, banco como parte de painel azulejado, banco contínuo circular e banco contínuo acompanhando o formato do canteiro.



Fonte: MISA, s/d; MISA, s/d; MACEIÓ, 2005; Acervo Particular Jerônimo Lopes; AZEVEDO, 2017; MISA, s/d.

**Tabela 7** – Distribuição do mobiliário nas praças da gestão Sandoval Cajú.

Nº	PRAÇA	POLTRONA	BANCO BASE “S”	BANCO CONTÍNUO SINUOSO	BANCO CONTÍNUO “S”	BANCO CONTÍNUO CIRCULAR	BANCO PAINEL
4	LIBERDADE	•		•			
5	CENTENÁRIO	•		•			
6	SERGIPE	•				•	
9	DOM ANTÔNIO BRANDÃO						
10	PARQUE GONÇALVES LÊDO		•	•			•
11	ANTÍDIO VIEIRA					•	
14	DOM PEDRO II	•					
15	SINIMBÚ			•	•		
16	JORGE DE LIMA	•					•
17	7 DE SETEMBRO	•					
20	TIRADENTES	•					
22	MARECHAL DEODORO	•		•			
24	STO ANTÔNIO					•	
29	SANTA TEREZA	•					
30	GUEDES DE MIRANDA				•		
38	CIPRIANO JUCÁ					•	
42	GUIMARÃES PASSOS				•		
44	ARTUR RAMOS	•					
46	EUCLIDES MALTA (REX)				•	•	
47	MANOEL DUARTE	•					
M	MODIFICADAS	8	1	5	2	3	1
C	CRIADAS	3	0	0	2	2	1
=	TOTAL	11	1	5	4	5	2

As poltronas em marmorite aparecem em maior número nos projetos, presentes em 11 praças, seguidas por 5 praças com banco contínuo sinuoso, 5 com banco contínuo circular, 4 com bancos em formato de “S” e 3 com bancos como parte de painéis. O banco com base em “S” foi encontrado apenas no Parque Gonçalves Lêdo.

As variações do mobiliário permitem arranjos diversos, de bancos com e sem encosto, dispostos de acordo com a necessidade do projeto. As poltronas de marmorite, em maior

número, eram pré-moldadas e, portanto, sempre do mesmo modelo com a gravação do “S” no encosto, e, pela repetição, despertavam insatisfação:

(...) dentro de alguns dias ou meses, teremos mais uns canteiros, uma jardinagem diferente, e, como não poderia deixar de ser, mais bancos em formas de “sssssss”. (JORNAL DE ALAGOAS, 29/06/1963).

## D. TRAÇADO

Para identificar os padrões de traçado nas praças, o procedimento ideal seria recuperar o levantamento original ou desenhar o projeto original a partir de fotografias. Infelizmente, os arquivos públicos municipais e estaduais alagoanos e particulares dos projetistas não dispõem dos desenhos originais. Não existem, por outro lado, fotografias suficientes para que a praça fosse desenhada como recém-inaugurada. Escolhe-se então um caminho para abarcar o maior número de praças possível, dividindo a classificação em duas. A **PRIMEIRA CLASSIFICAÇÃO**, trata do formato das praças, identificadas por fotografias ou *in loco*. Esta análise inclui todo o conjunto e está apresentada na Tabela 8.

**Tabela 8** – Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto ao formato. As praças criadas pela Gestão têm nomes em negrito.

Nº	PRAÇA	FORMATO			
		▲	■	●	■
1	<b>RIO NOVO</b>	•			
2	<b>JOÃO MARTINS</b>	•			
3	<b>FÔRÇA TOTAL</b>	•			
4	LIBERDADE				•
5	CENTENÁRIO				•
6	SERGIPE	•			
7	HERCÍLIO MARQUES	•			
8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS				•
9	DOM ANTÔNIO BRANDÃO		•		
10	PARQUE GONÇALVES LÊDO				
11	ANTÍDIO VIEIRA				
12	ROSALVO RIBEIRO		•		
13	ÉLIO LEMOS	•			
14	DOM PEDRO II				•
15	SINIMBÚ				•
16	<b>JORGE DE LIMA</b>		•		
17	<b>7 DE SETEMBRO</b>	•			
18	PALMARES		•		

Nº	PRAÇA	FORMATO			
		▲	■	●	■
19	MONTEPIO (DOS ARTISTAS)	•			
20	TIRADENTES	•			
21	<b>SÃO VICENTE</b>	•			
22	MARECHAL DEODORO				•
23	N. SRA DAS GRAÇAS	•			
24	<b>SANTO ANTÔNIO</b>	•			
25	<b>CARLOS PAURÍLIO</b>				•
26	<b>ALFREDO DE MAYA</b>	•			
27	<b>MOLEQUE NAMORADOR</b>			•	
28	<b>MENINO PETRÚCIO</b>	•			
29	<b>SANTA TEREZA</b>				•
30	<b>GUEDES DE MIRANDA</b>	•			
31	<b>11 NACIONAL</b>	•			
32	<b>DO POBRE</b>				•
33	<b>ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO</b>		•		
34	<b>DR. MANUEL BRANDÃO</b>				
35	<b>PINGO D'ÁGUA</b>	•			

Nº	PRAÇA	FORMATO			
		▲	■	●	■
36	<b>INOCÊNCIA</b>	•			
37	<b>SÃO SEBASTIÃO</b>	•			
38	<b>CIPRIANO JUCÁ</b>	•			
39	<b>ALOÍSIO BRANCO</b>				•
40	<b>UNIDOS DO POÇO</b>	•			
41	<b>NOSSO SENHOR DO BONFIM</b>				•
42	<b>GUIMARÃES PASSOS</b>	•			
43	MARAVILHA	•			
44	ARTUR RAMOS	•			
45	<b>LARGO DA VITÓRIA</b>	•			
46	EUCLIDES MALTA	•			
47	MANOEL DUARTE				•
48	<b>SÃO FRANCISCO</b>				•
49	<b>MARECHAL DE FERRO</b>				
M	MODIFICADAS	6	3	0	8
C	<b>CRIADAS</b>	20	2	1	5
=	<b>TOTAL</b>	26	5	1	13

Das 49 praças, um total de 26 tem **FORMATO** triangular; das quais 20 foram criadas; 13 praças têm formato retangular, das quais 6 foram modificadas e 5 criadas; 5 praças têm formato quadrado e apenas 1, criada pela gestão, tem formato circular.

A **SEGUNDA CLASSIFICAÇÃO** trata dos princípios de organização dos elementos, com base nas fotografias das praças que mostrem partes do traçado original, os remanescentes *in loco*, e os levantamentos da Secretaria Municipal de Infraestrutura de Maceió – SEMINFRA, na década de 1980, e do projeto QUAPÁ, na década de 1990. Servem a esta análise um total de 18 praças que possuem levantamentos realizados até a década de 1990 e/ou fotografias deste mesmo período em número, ângulo e qualidade satisfatórios à identificação do traçado. A sistematização desta análise está na **Tabela 9**.

**Tabela 9** – Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto ao traçado. As praças criadas pela Gestão têm nomes em negrito.

Nº	PRAÇA	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4	GRUPO 5	GRUPO 6	GRUPO 7
2	<b>JOÃO MARTINS</b>		•					
4	LIBERDADE						•	
5	CENTENÁRIO							•
6	SERGIPE			•				
8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS				•			
11	ANTÍDIO VIEIRA			•				
15	SINIMBÚ							
16	<b>JORGE DE LIMA</b>						•	
20	TIRADENTES					•		
22	MARECHAL DEODORO							•
24	<b>SANTO ANTÔNIO</b>			•				
26	<b>ALFREDO DE MAYA (3º DISTRITO)</b>		•					
27	<b>MOLEQUE NAMORADOR</b>				•			
28	<b>MENINO PETRÚCIO</b>	•						
29	<b>SANTA TEREZA</b>		•					
40	<b>UNIDOS DO POÇO</b>	•						
43	MARAVILHA					•		
47	MANOEL DUARTE			•				

Quase unanimidade identificada no **TRAÇADO** das praças, é o **PASSEIO CIRCUNDANTE** em placas de cimento. O passeio em cimento circunda a praça e um canteiro preenche o centro, no qual aparecem um ou mais exemplares de vegetação de grande porte com a função de fornecer sombra sobre os bancos, dispostos em alinhamento com o passeio. Esta combinação é observada das praças menores e mais simples, de formato triangular (Figura 276 e Figura



277) e nas praças cujos elementos internos foram degradados, que compõem, nesta análise o **GRUPO 1**. Será considerado o **TRAÇADO-BASE**, comum à maioria das praças.

Com a expansão da área disponível, são adicionados outros elementos: o canteiro central, será dividido em canteiros menores, cortado por passeios internos retos que ligam os lados da praça, em variações que reúnem os projetos em três grupos:

- **GRUPO 2** – praças triangulares com passeios retos paralelos, ligando os dois lados da praça e bancos (Figura 278 e Figura 279). O representante deste grupo é o projeto original da Praça Santa Tereza (Figura 280 e Figura 281);
- **GRUPO 3** – praças triangulares com passeios retos que convergem em direção a uma centralidade, marcada por um poste, um monumento e/ou bancos contínuos circulares (Figura 282 a Figura 284), princípios presentes no projeto original da Praça Santo Antônio (Figura 285 e Figura 286);
- **GRUPO 4** – praças não-triangulares com passeios retos que ligam os lados da praça e que passam por uma centralidade, sem necessariamente convergir em direção a esta centralidade (Figura 287). Os projetos deste grupo são representados pela Praça Moleque Namorador (Figura 288 e Figura 289).

**Figura 276 – GRUPO 1** - Traçado-base na Praça Menino Petrúcio (28).



Fonte: MACEIÓ, 2005.

**Figura 277 – GRUPO 1** - Traçado-base na Praça Unidos do Poço (40).



Fonte: MACEIÓ, 2005.

**Figura 278 – GRUPO 2** - Passeios cortando o canteiro central da Praça João Martins (2).



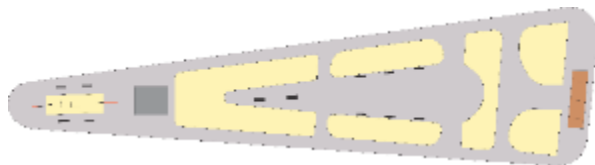
Fonte: APA, s/d.

**Figura 279 – GRUPO 2** - Passeios cortando o canteiro central da Praça Alfredo de Maya (26) (3º Distrito).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

**Figura 280 – GRUPO 2** - Passeios cortando os canteiros da Praça Santa Tereza (29), de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: SEMINFRA, 1983.

**Figura 281 – GRUPO 2** - Planta de Cobertura Vegetal da Praça Santa Tereza (29) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: SEMINFRA, 1983.

**Figura 282 – GRUPO 3** - Centralidade marcada por monumento e banco contínuo circular na Praça Sergipe (6).



Fonte: Google Street View, 2018.

**Figura 283 – GRUPO 3** - Centralidade marcada por poste e banco contínuo circular na Praça Antídio Vieira (11).



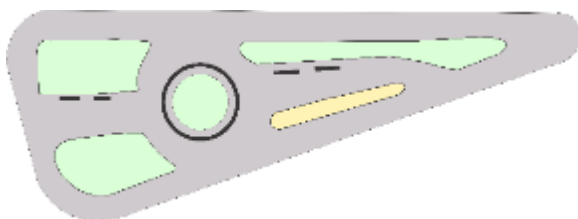
Fonte: Google Street View, 2018.

**Figura 284 – GRUPO 3** - Centralidade marcada por espelho d'água e na Praça Manoel Duarte (47).



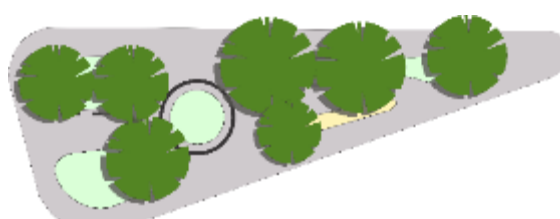
Fonte: MISA, s/d.

**Figura 285 – GRUPO 3** - Planta da Praça Santo Antônio (24) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: QUAPÁ, 1999.

**Figura 286 – GRUPO 3** - Planta de cobertura vegetal da Praça Santo Antônio (24) de acordo com projeto original da gestão Sandoval Cajú.



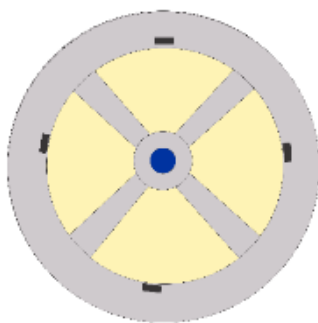
Fonte: QUAPÁ, 1999.

**Figura 287 – GRUPO 4** - Centralidade sem passeios convergentes na Ilhota da ladeira dos Martírios (8) com totem “Bem-vindo a Maceió” marcando a centralidade da praça. É a única que não apresenta passeio circundante.



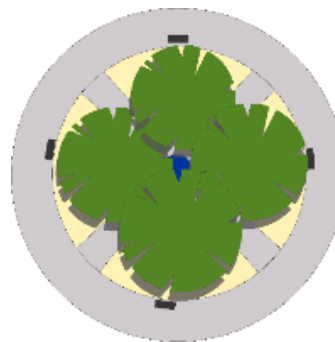
Fonte: MISA, s/d.

**Figura 288 – GRUPO 4** - Passeios convergentes em direção à centralidade na Praça Moleque Namorador (27), em formato redondo.



Fonte: SEMINFRA, 1986.

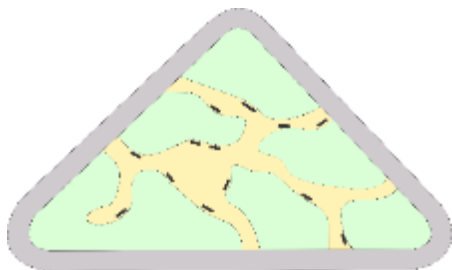
**Figura 289 – GRUPO 4** - Planta de cobertura vegetal da Praça Moleque Namorador (27).



Fonte: SEMINFRA, 1986.

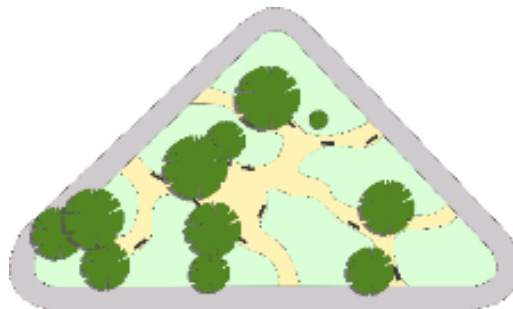
Com a expansão da área, têm-se os traçados do **GRUPO 5**. São também praças triangulares, nas quais o passeio circundante é mantido, e os passeios centrais são expandidos e delimitam, inversamente, os canteiros que, marcados em linhas baixas de alvenaria, são alinhados ao passeio circundante, com linhas sinuosas. Os passeios internos não têm calçamento, são em terra batida (Figura 292). Representante deste grupo é o projeto da Praça da Maravilha (Figura 290 e Figura 291).

**Figura 290 – GRUPO 5** - Traçado sem centralidade e com passeios internos sinuosos em terra batida na Praça da Maravilha (43).



Fonte: QUAPÁ, 1998.

**Figura 291 – GRUPO 5** - Planta de cobertura vegetal da Praça da Maravilha (43).



Fonte: QUAPÁ, 1998.



**Figura 292 – GRUPO 5** -Traçado com passeios internos sinuosos em terra batida, centralidade marcada e bancos alinhados aos passeios, na Praça Tiradentes (20).



Fonte: MISA, s/d.

Os projetos mais complexos combinam estes princípios básicos em projetos com uma maior ousadia no desenho. Nos projetos do **GRUPO 6**, permanecem os princípios básicos: o passeio circundante permanece, e a centralidade é marcada por um único passeio interno calçado que, cortando o canteiro central na diagonal. Os bancos são dispostos ao longo dos passeios (Figura 293 e Figura 294). O projeto representante deste grupo é o da Praça Jorge de Lima (Figura 295 e Figura 296).

**Figura 293 – GRUPO 6** - Passeio único ligando os lados da Praça da Liberdade (atual Lucena Maranhão) (4).



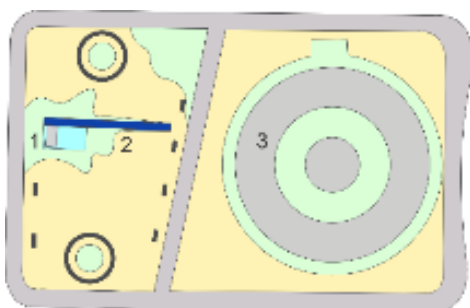
Fonte: BILÚ, s/d.

**Figura 294 – GRUPO 6** - Bancos alinhados ao canteiro externo da Praça da Liberdade (4) (atual Lucena Maranhão).



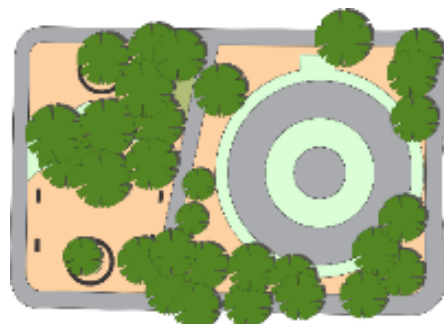
Fonte: BILÚ, s/d.

**Figura 295 – GRUPO 6** - Único passeio ligando os dois lados da Praça Jorge de Lima (16) segundo projeto original da Praça Jorge de Lima.



Fonte: QUAPÁ, 1997.

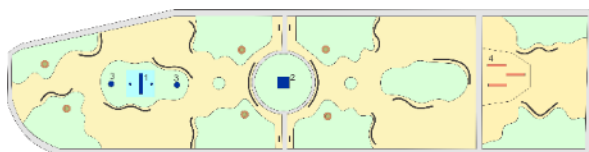
**Figura 296 – GRUPO 6** - Planta de cobertura vegetal da Praça Jorge de Lima (16) segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: QUAPÁ, 1997.

Os princípios listados até o momento são organizados em projetos de maiores dimensões que compõem o **GRUPO 7**. Permanecem o passeio circundante, os canteiros alinhados ao passeio e o passeio interno em terra batida. Este grupo reúne projetos organizados ao longo de um eixo central de simetria, marcados por monumentos. Deste traçado são representantes apenas os projetos da Praça do Centenário (Figura 297 a Figura 299) e da Praça Marechal Deodoro (Figura 300 e Figura 301), ambos projetos modificados pela Gestão. Nestes projetos, os passeios internos são calçados e bem marcados. A terra batida se torna um terceiro elemento de composição, como um passeio continuo no interior da praça que é intermediário entre o passeio de circulação entre os lados da praça e os canteiros que definem os limites da vegetação de pequeno porte. Os bancos serão, então, arranjados ao longo dos passeios, mas serão também acessíveis por meio do espaço em terra batida.

**Figura 297 – GRUPO 7** - Traçado que combina os princípios de projeto da gestão Praça do Centenário (5), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: QUAPÁ, 1996.

**Figura 298 – GRUPO 7** - Planta de Cobertura Vegetal da Praça do Centenário (5), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú.



Fonte: QUAPÁ, 1996.

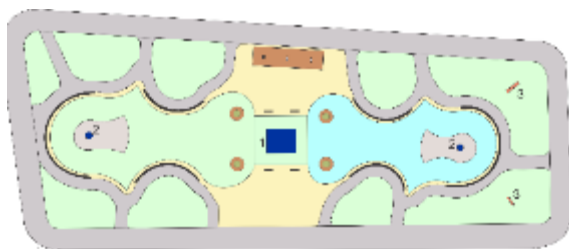
**Figura 299 – GRUPO 7** - Foto aérea da Praça do Centenário (5).



Fonte: Google Maps, 2018.

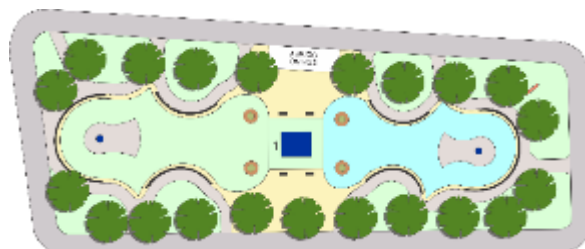


**Figura 300 – GRUPO 7 - Traçado Praça Marechal Deodoro (22).**



Fonte: SEMINFRA, 1982.

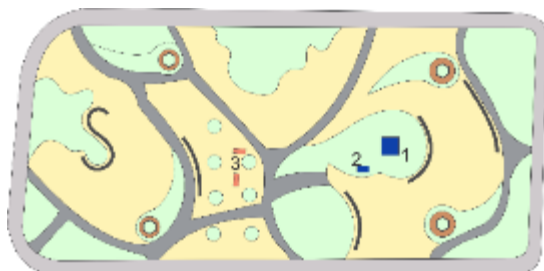
**Figura 301 – GRUPO 7 - Praça Marechal Deodoro (22).**



Fonte: SEMINFRA, 1982.

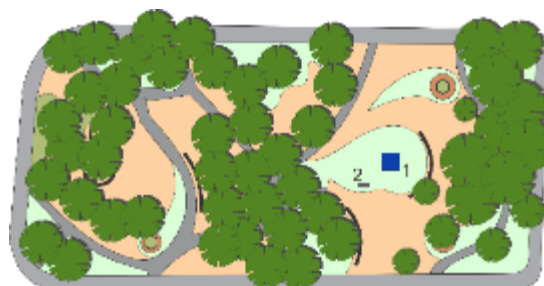
**MENÇÃO ESPECIAL** merece o projeto da Praça Sinimbú. É o projeto mais ambicioso e ousado da Gestão, e diferencia-se de todos os demais pela maneira criativa como organiza os princípios e elementos característicos da gestão. O passeio circundante permanece, assim como nos demais projetos. Quatro passeios em pedra ligam os lados da praça e definem a posição dos canteiros, dos bancos e dos monumentos. O *playground* – com escorregador de design único (Figura 30) – é definido por duas fileiras de árvores. Um canteiro acompanha o formato do banco em “S”. As 4 antigas fontes baixas são reaproveitadas como base dos jarros luminosos, e marcadas com canteiros em formato de gota.

**Figura 302 – MENÇÃO ESPECIAL - Traçado da Praça Visconde de Sinimbú (15), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú.**



Fonte: QUAPÁ, 1997.

**Figura 303 – MENÇÃO ESPECIAL - Planta de Cobertura Vegetal da Praça Visconde de Sinimbú (15), segundo projeto original da gestão Sandoval Cajú.**



Fonte: QUAPÁ, 1997.

Como mostram os poucos projetos disponíveis como objeto para a análise, as praças da gestão Sandoval Cajú têm princípios e itens em comum, organizados de acordo com o formato e a área disponível para cada projeto. São comuns à maior parte dos projetos o calçamento circundante, os passeios internos, e o mobiliário de estar. Monumentos, elementos decorativos e mobiliário de lazer (*playgrounds*) aparecem apenas em alguns projetos. Apesar

dos monumentos marcarem ainda o centro do traçado em alguns casos, o mobiliário não é organizado a partir dele, mas frequentemente alinha-se aos passeios, com o acesso disponível pelo calçamento ou através do espaço em terra batida no centro da praça, sob a sombra das árvores.

O traçado característico da gestão Sandoval Cajú, é percebido pela opinião expressa no Jornal como “mau gosto”, principalmente pela repetição dos elementos, que é entendida como uma banalização. A crítica é mais forte às praças modificadas, centrais e de maior dimensão. Segundo a crítica, esta expressão estética comum é característica de praças de interior, e estaria aquém do esperado para estes espaços:

São dignas de nota as características dêsse inédito plano “piloto” em que as características constantes são: a repetição abusiva do “S” (que ninguém pode até hoje explicar o que quer dizer ao certo); os bancos em forma de répteis, banalizados em todas as praças; talvez expressando a “socialização” dos colóquios ao ar livre; também a presença constante dos jarros em mosaico, com aquelas flores de matéria plásticas de extremo mau gosto, que mais lembram urnas funerárias, principalmente à noite (JORNAL DE ALAGOAS, 07/07/1963)

**A Praça Centenário**, se bem que seja uma obra considerável do Govêrno Municipal, mormente sabendo-se que mereceu total abandono das administrações anteriores, **péca, como as demais recentemente construídas, do mesmo mau gosto**. São os invariáveis bancos com SS por toda parte, culto da personalidade que tanto deforma o sistema democrático, as floreiras de azulejo com flores artificiais, as estátuas removidas de outros logradouros (...)

Veja-se o caso da Praça Deodoro, que de um logradouro de linhas vetustas está se **transformando apenas numa pracinha catita do interior**, em choque com o casario oficial que a cerca, o velho Teatro Deodoro, o Tribunal de Justiça, o grupo escolar D. Pedro II. Mas isto é mal sem remédio, porque não adianta bradar. A Prefeitura continua a instalar os bancos com SS e as floreiras de azulejo e flores artificiais nas praças da cidade. E há muita gente, sem dúvida, que acha aquilo uma lindeza... (JORNAL DE ALAGOAS, 06/09/1963, grifos nossos).

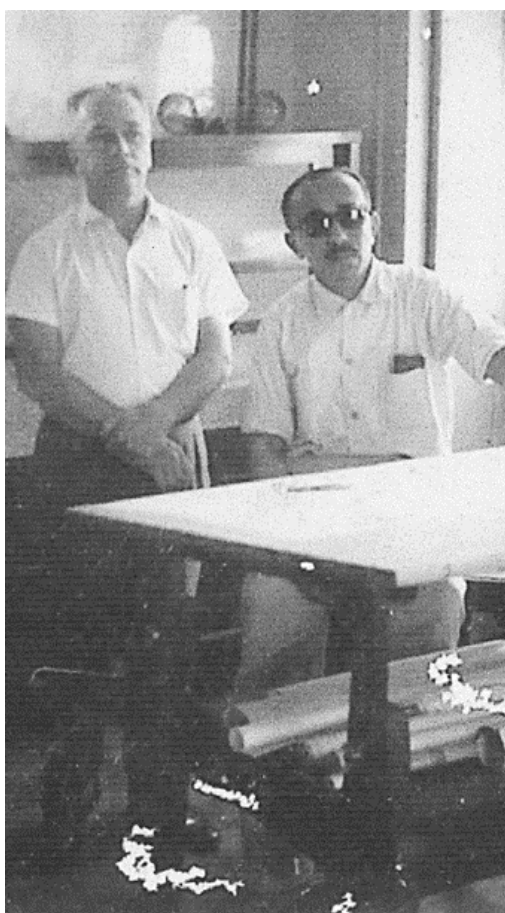
## C. AUTORIA

Todas as 49 praças que compõem este estudo foram projetadas pela equipe de projetistas do setor de projetos da Prefeitura, brevemente citados quanto à formação no Capítulo 1 e quanto ao domínio da linguagem moderna no início deste Capítulo 3. Neste item, a estrutura de análise observada nos itens anteriores é quebrada para que sejam feitas considerações que levarão às conclusões nos próximos itens. Os funcionários da Superintendência de Obras e Viação - SUMOV – José Passos Filho e Lauro Menezes (Figura 304 a Figura 306), ambos projetistas alagoanos, tinham, durante a gestão Sandoval Cajú, mais de 40 anos de idade e

certa experiência adquirida com a elaboração de projetos de arquitetura como projetistas, prática comum desde a década de 1940 em Maceió, e ao menos uma década de projetos elaborados no serviço público. Não eram, portanto, iniciantes no ofício.

A realização dos projetos por esta mesma equipe em função de uma mesma missão é o fator que permite a análise dos projetos com um conjunto que compartilha uma linguagem comum. Produzidos num mesmo período, pelos mesmos autores, a análise pode almejar identificar objetivos comuns ao conjunto – relacionados à missão de recuperar o Sorriso de Maceió.

**Figura 304** – Lauro Menezes (ao centro) e José Passos Filho (à direita) no setor de projetos da Prefeitura de Maceió, à Rua do Imperador, 307. Abaixo da prancheta, pranchas com os projetos do setor.



Fonte: Acervo Josemary Passos Ferrare, s/d.

**Figura 305** – Lauro Menezes e Sandoval Cajú em inauguração de Praça em Maceió.



Fonte: Acervo Simone Cajú, s/d.

**Figura 306** – Lauro Menezes (à direita) em obra da Praça do Centenário (5), próximo à estátua do General Gois Monteiro (à esquerda). À direita da fotografia, um exemplo de jarro luminoso, e à direita e ao fundo, poltrona em marmorite.



Fonte: Acervo Cinira Menezes, s/d.

Para a opinião baseada no ideal, entretanto, a capacidade desta mesma equipe de experiência comprovada foi, em comparação a autores anteriores reconhecidos a nível nacional, considerada aquém do esperado para o resultado nas praças:

(...) o que lhe falta [ao prefeito] é assessoramento competente e inteligente para transformar nossas praças não em museus, que não são mais sua função social, mas em locais atraentes para a população, onde ela, protegendo-se do clima nordestino, encontre encanto para suas horas de lazer (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 21/06/1963).

## B. LOCALIZAÇÃO

A análise da **LOCALIZAÇÃO** das praças é referente ao entendimento deste termo pelo ideal – que prioriza as obras diferentemente de acordo com a probabilidade de acesso ou visibilidade do visitante. Para esta análise, importam a situação das praças no mapa de Maceió, os bairros em que formalmente foram colocadas e as distâncias em relação às vias principais de acesso e circulação da década de 1960. Apenas a Praça Dr. Manuel Brandão (34) não teve sua localização confirmada, e, portanto, 48 das 49 praças servem a esta análise. As praças estão distribuídas na Tabela 10, de acordo com o bairro da cidade, o tipo do bairro – central ou periférico, definido quanto à distância em relação ao bairro central e/ou quanto ao estigma higienista do século XIX segundo Cavalcanti (1998, p. 429)<sup>91</sup>; a importância da rua – arterial, coletora ou local; e se a praça está ou não incluída na área de interesse do turismo em Maceió durante o período 1940-1960. Os dados estão expressos graficamente na Figura 307.

**Tabela 10** – Classificação das praças da gestão Sandoval Cajú quanto à localização. As praças criadas pela gestão têm nomes destacados em negrito.

Nº	PRAÇA	NOME	BAIRRO			RUA			ÁREA INTERESSE TURISMO
			CENTRAL	PERIFÉRICO	POVOADO	ARTERIAL	COLETORA	LOCAL	
1	<b>RIO NOVO</b>	<b>RIO NOVO</b>			•			•	
2	<b>JOÃO MARTINS</b>	<b>TABULEIRO DOS MARTINS</b>			•		•		
3	<b>FÔRÇA TOTAL</b>	<b>BEBEDOURO</b>			•			•	
4	LIBERDADE	BEBEDOURO			•			•	
5	CENTENÁRIO	FAROL	•				•		•
6	SERGIPE	FAROL	•				•		•
7	HERCÍLIO MARQUES	FAROL	•					•	•

<sup>91</sup> Será a salubridade o critério para a valorização ou desvalorização dos bairros de Maceió. Enquanto a região do Farol será valorizada, a área que antes era ocupada pelos pântanos e lagoa Mundaú será estigmatizada permanentemente como região insalubre e consolidada como destinada à habitação popular: “Quando ela [a área] era caracterizada pela presença de pântanos, essa região se consolida como região de habitação popular pouco valorizada. (...) Essa vasta região chamada distrito da Levada e estigmatizada como o distrito das classes trabalhadoras revelava também uma dupla segregação espacial” (CAVALCANTI, 1998, p. 429, tradução livre).



Nº	PRAÇA	BAIRRO				RUA			ÁREA INTERESSE TURISMO
		NOME	CENTRAL	PERIFÉRICO	POVOADO	ARTERIAL	COLETORA	LOCAL	
8	ILHOTA DOS MARTÍRIOS	FAROL	•				•		•
9	DOM ANTÔNIO BRANDÃO	FAROL	•					•	•
10	PARQUE GONÇALVES LÊDO	FAROL	•						•
11	ANTÍDIO VIEIRA	FAROL	•						•
12	ROSALVO RIBEIRO	FAROL	•					•	•
13	ÉLIO LEMOS	CAMBONA		•			•		•
14	DOM PEDRO II	CENTRO	•			•			•
15	VISCONDE DE SINIMBÚ	CENTRO	•			•			•
16	JORGE DE LIMA	CENTRO	•			•			•
17	7 DE SETEMBRO	CENTRO	•					•	•
18	PALMARES	CENTRO	•			•			•
19	MONTEPIO (DOS ARTISTAS)	CENTRO	•					•	•
20	TIRADENTES (INDEPENDÊNCIA)	CENTRO	•					•	•
21	SÃO VICENTE	CENTRO	•					•	•
22	MARECHAL DEODORO	CENTRO	•					•	•
23	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	LEVADA		•			•		
24	SANTO ANTÔNIO	PONTA GROSSA		•			•		
25	CARLOS PAURÍLIO	PONTA GROSSA		•				•	
26	ALFREDO DE MAYA	PONTA GROSSA		•				•	
27	MOLEQUE NAMORADOR	PONRTA GROSSA		•				•	
28	MENINO PETRÚCIO	PONTA GROSSA		•			•		
29	SANTA TEREZA	PONTA GROSSA		•			•		
30	GUEDES DE MIRANDA	PONTA GROSSA		•					
31	11 NACIONAL	PONTA GROSSA		•				•	
32	DO POBRE	VERGEL DO LAGO		•			•		
33	ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO	PRADO		•				•	
35	PINGO D'ÁGUA	TRAPICHE DA BARRA		•			•		
36	INOCÊNCIA (CAIO PORTO)	TRAPICHE DA BARRA		•				•	
37	SÃO SEBASTIÃO	PONTAL DA BARRA		•				•	
38	CIPRIANO JUCÁ	PONTAL DA BARRA		•			•		
39	ALOÍSIO BRANCO (MARIETA)	POÇO		•			•		
40	UNIDOS DO POÇO	POÇO		•				•	
41	NOSSO SENHOR DO BONFIM	POÇO		•			•		
42	GUIMARÃES PASSOS	POÇO		•				•	
43	MARAVILHA	POÇO		•				•	
44	ARTUR RAMOS (RAIOL)	JARAGUÁ	•				•		
45	LARGO DA VITÓRIA (Ó)	PAJUÇARA	•						
46	EUCLIDES MALTA (REX)	PAJUÇARA	•					•	•

Nº	PRAÇA	BAIRRO				RUA			ÁREA INTERESSE TURISMO
		NOME	CENTRAL	PERIFÉRICO	POVOADO	ARTERIAL	COLETORA	LOCAL	
47	MANOEL DUARTE (LIBERDADE)	PAJUÇARA	•				•		•
48	SÃO FRANCISCO	CRUZ DAS ALMAS			•	•			
49	MARECHAL DE FERRO	IPIOCA			•				•
M	MODIFICADAS	-	18	6	1	4	8	9	19
C	CRIADAS	-	3	16	5	1	8	13	3
=	TOTAL	-	21	22	6	5	16	22	22

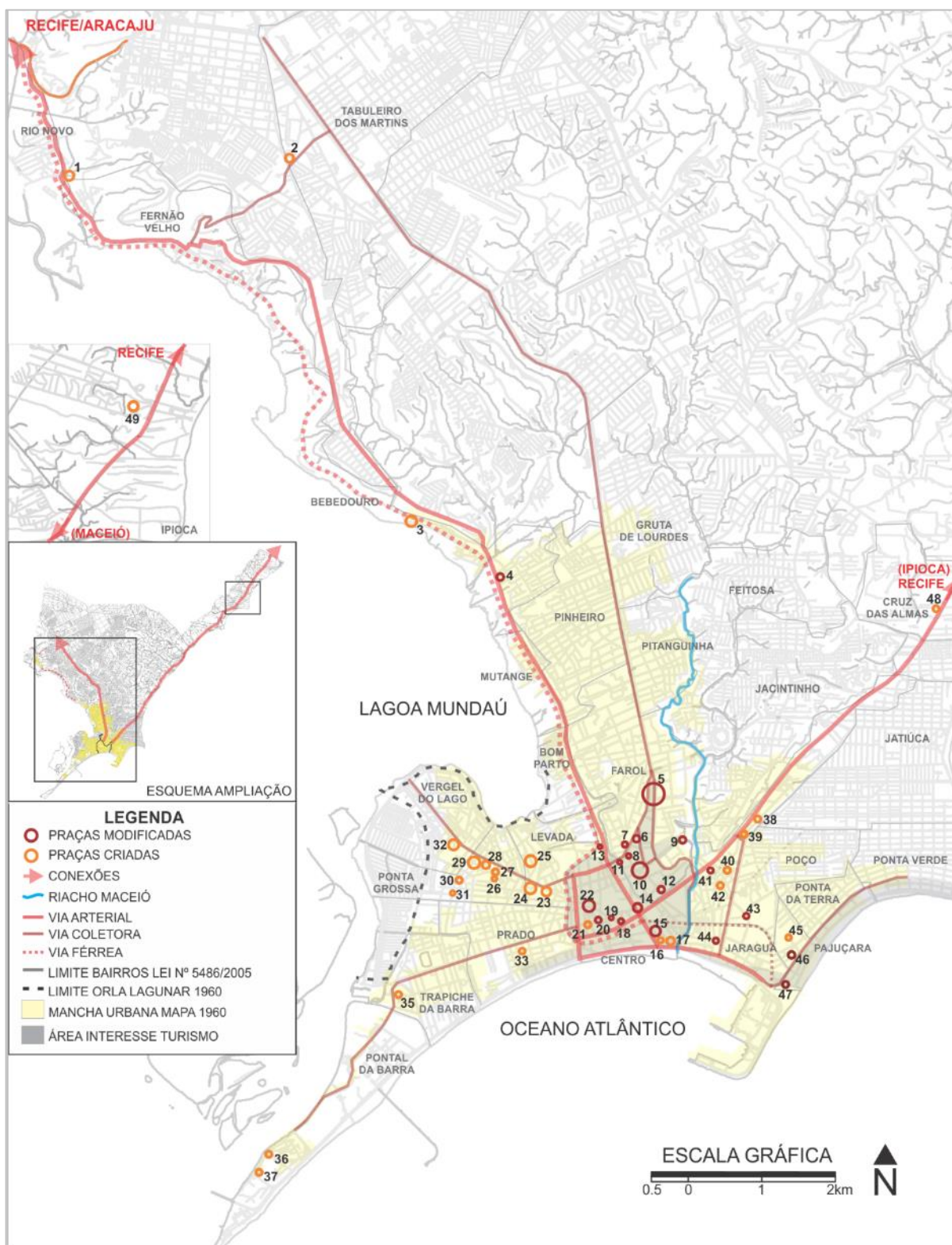
Quanto à localização, importa entender principalmente as características das localidades escolhidas para abrigar as novas praças criadas pela gestão. Das 26 praças **CRIADAS** presentes na análise deste item, 16 foram criadas em bairros periféricos, 5 em distritos fora do perímetro urbano de Maceió e apenas 3 foram criadas em bairros centrais. 8 praças são instaladas em vias coletoras, principais de acesso dos bairros, e 13 em vias locais, no interior dos bairros. Apenas 3 destas praças fazem parte do perímetro delimitado como de interesse para a exploração pelo turismo.

Das 22 novas praças **MODIFICADAS**, cuja localização estava determinada, com 18 praças em bairros centrais, 6 em bairros periféricos e apenas 1 num distrito, 8 estavam em vias coletoras, 9 em vias locais e 4 em vias arteriais, nas entradas da cidade a partir da capital Recife, por meio rodoviário, ou por meio da linha férrea. Destas, 19 praças estavam no perímetro turístico de Maceió da época segundo o mapa da Figura 307.

A maior parte das praças **CRIADAS** pela gestão foram feitas em bairros periféricos, e em vias locais. Estas obras foram definidas pelo jornal como “obras eleitorais” – nos bairros pobres e populosos, abaixo em nível de importância das obras turísticas que existiam como demanda – a Avenida da Paz e a Praça do Centenário:

(...) sem que pretendamos que o prefeito abandone suas **obras eleitorais, aquelas que, construídas nos bairros mais pobres e populosos, rendem votos**, entendemos que já era tempo de s.s. se voltar para a abandonada Avenida da Paz, suja, de bancos quebrados e quase (sic) às escuras. E para o Parque Centenário (...) (JORNAL DE ALAGOAS, 24/02/1962, grifo nosso).

**Figura 307** – Mapa de localização das praças em relação às vias principais da década de 1960.



Fonte: Jornal de Alagoas (1961-1964), Cajú (1991), Silva (1991), Branco (1993), Ferrare (2008), Além do (2010), CEPAL (2011), Ferrare (2013) e Azevedo (2014); Lima Júnior (1985) e Maceió (2005).

## A. OBJETIVO

Este item define o objetivo do conjunto de projetos da gestão Sandoval Cajú. As categorias presentes nos itens anteriores são mantidas neste, e as praças são divididas em dois grupos distintos quanto à natureza do projeto: **CRIADAS** e **MODIFICADAS**.

As praças **CRIADAS**, com nomes que homenageiam personalidades locais nos campos da política, poesia, futebol e dança popular; espécies vegetais escolhidas para fornecer ampla sombra, bancos alinhados na sombra das árvores, e quase unanimemente ausentes em elementos decorativos e atrativos; não podem ter como objetivo obter a admiração do turista, como almejava o ideal da Cidade Sorriso dos anos 1960. Ao contrário, são praças idealizadas **PARA O CONVÍVIO**, instaladas no coração dos bairros periféricos e dos distritos distantes do perímetro urbano oficial, por vezes fornecendo apenas o essencial para atingir o objetivo: a sombra de uma árvore, bancos e um passeio. Nas praças em que os elementos decorativos aparecem, fazem referência a costumes e ícones da cultura local maceioense e alagoana. Assim, mesmo quanto expostas à visitação, à beira das vias coletoras dos bairros centrais, são feitas para o morador – sua convivência, descanso, lazer e cultura.

Já as praças **MODIFICADAS**, já nomeadas e localizadas em pontos de destaque da paisagem urbana, nas vias de circulação urbana, unem a **HOMENAGEM AOS ILUSTRES** – representados em estátuas colocadas na devida posição de destaque – a **ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA** e *playgrounds* infantis à sombra das árvores. Nestas praças, o código cultural dos monumentos não é restrito ao morador, mas, na linguagem de expressão da gestão, em cacos de azulejo coloridos, são representados ícones mais universalmente conhecidos da cultura alagoana, como o mapa do Estado, o indígena Caeté e o Gogó da Ema. Apresentam, portanto, os ícones de destaque desta cultura ao visitante, sem abrir mão dos espaços de convívio e descanso, função da praça na leitura dos autores dos projetos. No sentido da convivência, ambas praças modificadas e criadas foram bem aceitas, como mostram as fotografias dos maceioenses sob a sombra das árvores em praças modificadas e criadas, em tempos antigos e recentes, como mostram as fotografias da Figura 308 à Figura 310.



**Figura 308** – Usuários sentados à sombra das árvores na Praça Marechal Deodoro (22).



Fonte: MISA, s/d.

**Figura 309** – Usuários sob a sombra das árvores da Praça da Maravilha (43).



Fonte: QUAPÁ, 1995.

**Figura 310** – Usuários sentados à sombra das árvores da Praça Moleque Namorador (27).



Fonte: AZEVEDO, 2017.

#### 4.3.1 Cidade Sorriso x Cidade Sorriso

A partir do resultado da análise deste capítulo, este item traz a interpretação do discurso pela equipe da gestão Sandoval Cajú e seus pontos de concordância e discordância em relação ao ideal Cidade Sorriso.

Quando lançada a promessa de “recuperação do sorriso”, as expectativas do ideal recaem sobre as praças. Elas deveriam, nesta versão do ideal, ser cartões postais, servir ao turismo: os recursos públicos serviriam para impressionar ao visitante. Em torno deste objetivo deveriam estar

organizados os investimentos e seus elementos, como no caso da Praça Marechal Floriano Peixoto. As praças deveriam, portanto, ser produto externo, de propaganda.

Este não era, no entanto, o objetivo da gestão de Sandoval Cajú. Segundo o próprio, a ideia da candidatura surge da observação da situação de degradação, não da cidade em seu sentido literal e material, como o discurso a percebia, mas do **POVO**:

**“Vendo a cidade – não minha, mas dos meus, - ao deus-dará, e sua boa gente entregue à própria sorte, julguei que tomar uma atitude em seu favor, seria uma tarefa mais meritória que temerária; pois fazia-se mister interromper a decadência da urbe, mesmo indo às ultimas consequências, desafiando gregos e troianos!... (...) julguei imperativo diligenciar no sentido de transformar o triste panorama da cidade, num visual menos sombrio e desumano, no menor espaço de tempo possível, usando meios quaisquer para alcançar tais fins...”** (CAJÚ, 1991, p. 146, grifos nossos)

A recuperação do Sorriso não era referente à estética da Capital em si, nem à propaganda turística, mas às condições que proporcionaria a seus 170 mil habitantes, relacionando o crescimento e o desenvolvimento ao conforto e o bem-estar dos habitantes:

(...) Higienizar, arborizar e pavimentar a cidade, são também problemas que devemos enfrentar com as duas mãos, buscando a solução imprescindível para melhorar o aspecto da metrópole, **oferecendo, desarte, mais conforto e bem-estar aos seus dignos habitantes.** (...) para que esta terra sinta o surto de progresso que há muito almeja, para que **Maceió cresça, suba e se desenvolva** pois é por isto que 170 mil pessoas esperam de nossa parte (JORNAL DE ALAGOAS, 02/02/1961, grifos nossos).

A título de fornecer alguma perspectiva sobre as prioridades do discurso ideal, no ano de 1960, ano da Campanha, o Hospital de Pronto Socorro (HPS), único hospital do Estado, de responsabilidade da Municipalidade, tinha uma dívida de 18 milhões de Cruzeiros<sup>92</sup>. Em 1961, foram gastos, pelo Governo do Estado, o total de Cr\$ 5.802.559,00 na obra da Praça dos Martírios, para “deleite de seu povo”<sup>93</sup>. Como comparação, os valores do salário mínimo oficial de 1960 e 1961 correspondiam respectivamente a Cr\$ 9.600,00,00 e Cr\$ 13.440,00.

---

<sup>92</sup> “Até os anos 60 o único hospital de emergência existente no Estado de Alagoas era o da Capital, mantido pela Municipalidade. E o governo estadual sequer colaborava nas despesas do nosocômio, em que pesasse este receber pacientes também do interior alagoano. Devedor de Cr\$ 18.000.000,00 (moeda corrente da época) aos laboratórios fornecedores de medicamentos e materiais cirúrgicos, bem como aos provedores do abastecimento de víveres à sua despesa, o hospital se achava com o crédito bloqueado, sem a mínima condição de reabastecer-se dos elementos necessários ao seu normal funcionamento. Também não dispunha sequer de uma carroça de tração animal que servisse de ambulância para transporte de vítimas de acidentes graves; muito menos de veículo motorizado, para tais fins” (CAJÚ, 1991, p. 159).

<sup>93</sup> “(...) a ideia de se instalar uma fonte sonora luminosa na “Cidade Sorriso” (...) significa uma reafirmação de que a atual administração do Estado tem em mente, além de manter as boas tradições, proporcionar um espetáculo agradável para o deleite do seu povo e a admiração dos que nos visitam. (...) É uma revelação chocante. Sim, chocante é mesmo o termo para definir a surpresa que se tem diante do valor de um

As praças resultantes desta interpretação do ideal, naturalmente, não exibiriam os símbolos e valores do ideal tradicional. Nem por isso foram, por outro lado, feitas à revelia dele. Como mostra a **Tabela 11**, há correspondências entre o ideal e a interpretação da gestão.

**Tabela 11** – Comparação das características das modernizações das praças em Maceió (1900-1964).

CATEGORIAS	MALTA (1900-1912)	MARTÍRIOS (1961)	SANDOVAL CAJÚ (1961-1964)
OBJETIVO	HOMENAGEAR NOTÁVEIS DE ALAGOAS	ENCANTAR O OBSERVADOR/VISITANTE	HOMENAGEAR NOTÁVEIS DE ALAGOAS E PROMOVER O CONVÍVIO DOS HABITANTES
LOCALIZAÇÃO	PERÍMETRO URBANO OFICIAL	PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO, CAMINHO DO VISITANTE	NAS VIAS DE ACESSO E NO INTERIOR DOS BAIRROS, POR TODA A CIDADE
AUTORIA	ARTISTAS RECONHECIDOS INTERNACIONALMENTE	PROFISSIONAIS RECONHECIDOS NACIONALMENTE	DESENHISTAS DA PREFEITURA COM RECONHECIMENTO LOCAL
TRAÇADO	MODERNO, DE ACORDO COM IDEIAS HIGIENISTAS	MODERNISTA, SEMELHANTE À OBRA DE BURLE MARX	CONJUNTO MODERNISTA, UNIDADE DO CONJUNTO PELA REPETIÇÃO DOS ELEMENTOS
MOBILIÁRIO	MODERNO, IMPORTADO DA EUROPA	MODERNISTA, PARA LAZER ATIVO E PASSIVO	MODERNISTA, PARA LAZER ATIVO E PASSIVO
EQUIPAMENTOS	MODERNOS, IMPORTADOS DA EUROPA	MODERNISTAS, PARA IMPRESSIONAR O OBSERVADOR	MODERNISTAS, PARA USO DOS MORADORES, SOB A SOMBRA DAS ÁRVORES
ELEMENTOS DECORATIVOS	VIGENTES, IMPORTADOS DA EUROPA	AUSENTES OU PRESENTES, EM LINGUAGEM MODERNISTA	PRESENTES, EM LINGUAGEM MODERNISTA E COM TEMAS DA CULTURA LOCAL
MATERIAIS	MODERNOS	MODERNISTAS	MODERNISTAS, EMPREGADOS NAS FACHADAS DAS RESIDÊNCIAS POPULARES
VEGETAÇÃO	FILTRO DO AR IMPURO, HIGIENISMO	COMPOSIÇÃO VISUAL MOLDURA DO ENTORNO	GRANDE PORTE, SOMBRA PEQUENO PORTE, DECORAÇÃO
NOME	HOMENAGEM A ALAGOANOS ILUSTRES	HISTÓRICO OU SEGUNDO PADRÃO DE HOMENAGEM A ALAGOANOS ILUSTRES	HOMENAGEM A ALAGOANOS ILUSTRES, PERSONALIDADES PÚBLICAS, LOCALIDADES E INSTITUIÇÕES
TEMPO	12 ANOS, 5 PRAÇAS	14 MESES, 1 PRAÇA	58 PRAÇAS, 3 ANOS

Marcados em amarelo, os termos que correspondem na síntese das modernizações.

---

empreendimento que se nos apresenta como uma das **sete maravilhas**. (...) um total de Cr\$ 5.802.559,00. (...) E, antes, qual era o divertimento que tinham nossas crianças pobres, se não a improvisação de brincadeiras entre si?" (JORNAL DE ALAGOAS, 03/06/1962).

Como mostram os termos que correspondem, a Cidade Sorriso está presente nesta interpretação, mas é ampliado na direção da inclusão de localidades, personalidades e da população, não inclusa no ideal original. É, assim, uma interpretação mais inclusiva do ideal.

Esta interpretação é o motivo da polêmica em torno das praças. Enquanto a **REPROVAÇÃO** lê a promessa da campanha como a promessa de um investimento voltada ao turismo, numa interpretação literal do ideal, a **APROVAÇÃO** valoriza o esforço inovador da gestão Sandoval Caj, que executa um conjunto de praças com linguagem modernista a partir de uma interpretação particular.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Praças Modernas da gestão Sandoval Cajú são um objeto de pesquisa cercado de opiniões, cuja polêmica ressurgue em conjunto com o assunto, com fortes inclinações políticas. “Populismo”, “expressão popular”, “personalismo”, os termos que acompanham as poucas descrições existentes sobre a obra, carregam julgamentos de valor que influenciam a sua leitura.

As opiniões divergentes aparecem como construções sociais distintas sobre a Cidade Sorriso, e sobre este discurso é feita a leitura da obra. Nesta abordagem inclusiva, foram mantidas abertas as possibilidades de incorporação de novas fontes, sempre que pertinentes, em favor de uma melhor compreensão do objeto e do problema. Abre-se, assim, uma oportunidade de reavaliação desta obra a partir de sua própria premissa e época.

A realização da pesquisa levanta outras dificuldades. Em razão do estado de conservação dos jornais no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL, e do prazo estendido de organização do acervo do Jornal Gazeta de Alagoas, foi impossível à pesquisa o acesso a edições deste jornal no período de 1960 a 1964, primeira escolha de fonte a pesquisar. Por ser um jornal de abrangência municipal, a seção *Diário da Prefeitura* poderia revelar mais detalhes sobre a obra. Em razão desta limitação, foi escolhido o Jornal de Alagoas, a segunda melhor opção, e o único completo em todos os 5 anos no Arquivo Público de Alagoas - APA, mas que, sendo de abrangência estadual, noticia em menor frequência os feitos da gestão Sandoval Cajú.

O ideal Cidade Sorriso é resultado do esforço da cidade de Maceió, desde o século XIX, para afastar de seu espaço urbano o estigma de insalubridade e aproximar-se da identidade europeia. A materialização deste discurso é feita pelo governo dos Malta, que, sob projeto de artistas reconhecidos, organizam os antigos largos e jardins já existentes em praças que homenageiam os grandes nomes ilustres alagoanos, exibindo princípios urbanos do higienismo e elementos importados europeus. Esta transformação, ilustrando cartões postais e impressionando o visitante, legará a Maceió o título de Cidade Sorriso: um núcleo urbano com estética europeia circundado por belezas naturais deslumbrantes.

Com a expansão da cidade em direção à praia e a incorporação desta nos cartões postais, o ideal evoluirá em torno da percepção do visitante. A Cidade Sorriso deveria manter suas paisagens – tanto urbanas quanto naturais – correspondentes à propaganda dos cartões postais e à altura da expectativa do turista. O descumprimento deste ideal pelas gestões das décadas de 1940 e 1950 abre a oportunidade para a promessa de campanha do radialista e jornalista Sandoval Cajú: recuperar o Sorriso de Maceió.

Eleita em 1961, a Gestão fará, nos três anos seguintes, a modificação das 22 praças existentes e a criação de mais 36, nos bairros centrais e periféricos, e nos distritos da capital. O discurso da Cidade Sorriso será interpretado, pela Gestão Sandoval Cajú, com base na linguagem de projeto moderna, sob uma ideologia popular. Se Maceió era, no início do século, uma cidade de praças bem cuidadas, deveria voltar a ser, não apenas para o visitante, mas também para os moradores. As praças serão, então, criadas não para o deslumbre do visitante, mas para a convivência dos moradores do bairro, no interior dos bairros periféricos, em dimensões reduzidas e formato triangular delimitado pelo fim de quadra disponível, e com bancos sob a sombra das árvores. Os elementos decorativos já existentes nas praças modificadas, que homenageavam ilustres do Estado, serão associados a bancos contínuos para a permanência, e a ícones da cultura popular, nos monumentos criados.

A pompa e gastos esperados nas obras turísticas foram sacrificados em favor de uma distribuição mais democrática de espaços de convivência. Os mosaicos em cacos de azulejo, solução empreendida nas edificações, para compor painéis e fontes das praças, é um uso inovador dos elementos característicos da estética moderna – solução esteticamente agradável e de baixo custo que faz referência às fachadas das casas populares de Maceió. O batismo das praças e os monumentos criados elevam à oficialidade nomes, ícones e expressões da cultura popular maceioense e alagoana. A rigidez do ideal, focado em um reconhecimento externo, rejeita a criatividade e homenagem da Gestão à cultura local e simplifica a sua real contribuição para Maceió.

As praças da gestão Sandoval Cajú correspondem à interpretação da linguagem do paisagismo modernista por uma gestão que vai além das obras para o turismo. Como conta Sérgio Moreira, no documentário *Além do Conversador* (2010), “[Sandoval Cajú] dizia que fazia aquelas praças para que as crianças brincassem, batessem bola, pra que o jovem tivesse uma árvore verde pra namorar embaixo...”. Desta Gestão são legadas à cidade praças para o

deslumbre do turista e o convívio da população, registrando em monumentos e nomes de batismo a cultura local oficial e popular, sem esquecer seu elemento principal: **O MACEIOENSE.**

A experiência da Gestão abre frentes de estudo que extrapolam a abrangência desta pesquisa: a figura de Sandoval Cajú, sua trajetória criativa no rádio e jornal; as estratégias de *marketing* da campanha, e a conquista do público; as demais obras realizadas e sua distribuição na cidade de Maceió; a logística e técnicas de construção para a construção de obras rápidas e eficientes; a percepção do gestor e de sua gestão como populista; e a percepção dos moradores que vivenciaram a campanha, a gestão e a construção de praças. Que este seja o primeiro passo para uma discussão mais aberta e consciente sobre esta e outras experiências de interpretação da linguagem moderna brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLY, João Victor; OLIVEIRA, Alice. A via crucis da Praça Sinimbu. **InFoca**, Maceió, 19 set. 2012. Disponível em: <<http://www.infoca.com.br/reportagens/a-via-crucis-da-praca-sinimbu>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- ACIOLY, João Victor. Patrimônio Público de quem?. **InFoca**, Maceió, 27 abr. 2012. Disponível em: <<http://cesmacinfoca.blogspot.com.br/2012/04/patrimonio-publico-de-quem.html>>. Acesso em 11 jul 2014.
- ALAGOAS 24 HORAS. **Construção de alça viária pretende melhorar trânsito em Maceió**. 13 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/838062/construcao-de-alca-viaria-pretende-melhorar-transito-em-maceio/>>. Acesso em: 16 dez. 2016
- ALÉM DO Conversador. Direção e produção: Pedro da Rocha. Maceió: Boca da Noite, 2010. Documentário. Disponível em: <<http://audiovisualagoas.com.br/sandoval-caju-alem-do-conversador>>. Acesso em: 14 fev. 2017.
- ALMEIDA FILHO, Japson; MORAIS, Maria do P. Socorro; ALMEIDA, Luísa Estanislau; ALMEIDA, Luis Carlos Barbosa de (org). **Japson Almeida: fragmentos de um olhar**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.
- ALMEIDA, Lêda Maria de; LINS, Ênio; TENÓRIO, Douglas Apratto. **O que é Maceió?** A história em quadrinhos da capital de Alagoas. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALTAVILA, Jayme de. **Paisagismo de Alagoas**. Maceió, FEJAL, v.1, n.1, 2005.
- ALVES, Aloísio. A praça não é mais do povo. **GazetaWeb**, Maceió, 20 mai. 2012. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=202061>>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- AMARAL, Vanine Borges. **Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: uma Perspectiva de Preservação**. 2009. Dissertação de mestrado (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2009.
- AMORIM, Vânia Luiza Barreiros (org). **Luigi Lucarini: vida e obra**. Maceió: Grafmarques, 2010.
- AQUI ACONTECE. **Boa Praça: 1ª etapa será encerrada com 80 espaços revitalizados**. Maceió, 18 nov. 2013. Disponível em: <<http://ftp.voceacontece.com.br/noticia/2013/11/18/boa-praca-1-etapa-sera-encerrada-com-80-espacos-revitalizados>>. Acesso em: 06 dez 2016.
- ARAÚJO, Sandro Gama de. **Mirar a cidade de Maceió: visões sobre as praças Mal. Deodoro da Fonseca e Mal. Floriano Peixoto no início do século XX**. 2002. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2002.
- AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- AZEVEDO, Myllena. **Estudo sobre a construção da paisagem das praças D. Pedro II - Marechal Floriano Peixoto - Marechal Deodoro**. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado



em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2014.

BADIRU, Viviane; ROMÃO, Ajibola; SANTOS, Alexandre. Ocupação de Maceió traçada desde o Porto de Jaraguá até o Plano Diretor. 4º Geo Alagoas. **Simpósio sobre as geotecnologias e geoinformação no Estado de Alagoas**. Maceió, 2016. Disponível em:

<<http://dados.al.gov.br/dataset/335fcc77-1d45-4ad6-9542-c29330187507/resource/c945d837-cb98-4a08-b751-54be7d28c169/download/ocupacaodemaceiotracadadesdeoportodejaraguaateoplanodiretor.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BARBEZAT & CIE. **Fonts D'Art pour décoration de jardins** : décoration de batiments ; décoration de places publiques ; décoration d'églises. Paris: Hauts-Forneaux et Fonderies du Val D'Osne, 1849.

BARROS, Elinaldo. **Rogato**: a aventura do sonho das imagens em Alagoas. Maceió: SERGASA, 1993.

BARROS, Francisco Reinaldo de. **ABC das Alagoas**: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal, 2005.

BASTOS, Larissa. #OCUPATUDO. **GazetaWeb**, Maceió, 27 ago. 2016. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=293247>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1989.

BRAGA, Karina Peixoto. **A praça na cidade de Maceió**: análise da evolução espacial e de usos. 2003. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2003.

BRANCO, Fabiana Rodrigues Castelo. **A Praça e o Traçado da Cidade**. 1993. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 1993.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1981.

BRANDÃO, Moreno. **Vade-Mecum do turista em Alagoas**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.

BRASIL. **Collecção das leis do Império do Brazil de 1828**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

CAETANO, Antonio Filipe Pereira. “Existe uma Alagoas Colonial?” Notas preliminares sobre os conceitos de uma Conquista Ultramarina. **Revista Crítica Histórica**, 2010, Maceió, Ano I, nº 1, jun. 2010.

CAJÚ, Louvalie. **Sandoval Caju.org** Disponível em: <<http://www.caju.org/sandovalcaju>>. Acesso em: 05 ago 2015.

CAJÚ, Sandoval. **A Embaixatriz da Simpatia**. Maceió: s/ed, 1969.

CAJÚ, Sandoval. **A despedida**: poesia. 3 ed. Maceió: s/ed, 1963.

CAJÚ, Sandoval. **Guanabara**. Maceió: s/ed, 1965,

CAJÚ, Sandoval. **O conversador**. 2 ed. Maceió: Sergasa, 1991.

CAJÚ, Sandoval. **O painel da Praça “Jorge de Lima”**. Poema. Maceió, julho de 1962.

CAJÚ, Sandoval. **Poesia Despida**. 3 ed. Maceió: s/ed, 1963.

CAJÚ, Sandoval. **Sonhos e Pesadelos: poesias**. Maceió: Edufal, 1986.

CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. **A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões postais 1903/1934**. 2009. Tese de Doutorado (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CARDOSO, Álvaro (org). **Album Ilustrado do Estado de Alagoas**. Maceió: 1908.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASAMENTO é negócio. Direção, produção, roteiro, câmera e cenografia: Guilherme Rogato. Maceió: Gaudio Filmes, 1933. Disponível em: <<http://alagoar.com.br/casamento-e-negocio>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

CASTELLO BRANCO, Lula. A mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores. **Shashin-ka, Maceió**, 19 nov. 2011. Disponível em: <<http://lulacastellobranco.blogspot.com.br/2011/03/mesma-praca-os-mesmos-bancos-as-mesmas.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CASTELLOTTI, Carla. Lembranças de um tempo que não volta mais. **Universidade Federal de Alagoas**. 24 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/noticias/2011/07/lembrancas-de-um-tempo-que-nao-volta-mais>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CASTRO, Miquelina Rodrigues dos Santos. **Praça: pressa, por que?** 1999. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

CAVALCANTE, Juliana Aguiar de Oliveira; SALDANHA, Roberta Maia. **De 30 a 55: uma arquitetura paralela ao modernismo**. 1995. Trabalho da Disciplina Estágio Supervisionado (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1995.

CAVALCANTI, Valdemar. A invasão do bangalô. **Alagoas: mensário ilustrado**. Esporte-cinema-mundanismo. Maceió: Casa Ramalho, ano 1, n. 1, out. 1938, p. 10; 17.

CAVALCANTI, Verônica Robalinho. **La production de l'espace à Maceió (1800-1930)**. 1998. Tese de doutorado (Doutorado em Science Sociale Sociologie). Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne, PARIS 1, Paris, França, 1998.

CAVALCANTI, Verônica Robalinho. O imaginário local e o ideário higienista: os (des)caminhos da construção da paisagem maceionense. In: **VI Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e urbanismo**, 2002, Recife. Construção da paisagem Brasileira. Recife: CNPQq, CAPES, Laboratório da Paisagem – UFPE, CECI, 2002.

CEPAL. Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Sandoval Cajú: o personagem, o povo e a cidade. **Graciliano**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2011, ano IV, n. 8. 72 p. ISSN 1984-3453. Disponível em: <[http://issuu.com/editoracepal/docs/graciliano\\_n8\\_sandovalcaju](http://issuu.com/editoracepal/docs/graciliano_n8_sandovalcaju)>. Acesso em: 25 mai. 2016.

CHAGAS, Clerisvaldo B. A praça é nossa. **Alagoas na net**, Maceió, 24 jul. 2017. Disponível em: <<http://alagoasnnet.com.br/blogs-e-colunas/clerisvaldo-b-chagas/a-praca-e-nossa>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CITY OF BEVERLY HILLS. **Residential Design Style Catalogue**. Beverly Hills, CA, 2008.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. Maceió: SERGASA, 1981.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato (org). **Indicador geral do Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Jorge de Lima**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958, vol. I. p.208.

DANTAS, Carmen Lúcia; TENÓRIO, Douglas Apratto. **Redescobrimdo o passado: cartofilia alagoana**. 2. Ed. Maceió: SEBRAE/AL, 2009.

DI GONZAGUEZ. Entrevista sôbre um plano de combate à fome. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 11 ago. 1963.

DIÁRIO de Pernambuco. Nova Arborização do Zoo-Botânico. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 nov. 1954.

DIÁRIO de Pernambuco. Inaugurado ontem o trecho pavimentado da Russinha. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 jul. 1958.

DIÁRIO de Pernambuco. Cabanga, com pé direito e casa cheia, restaurou a serenata. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1958.

DIÁRIO de Pernambuco. Inaugurada em Nazaré, a Praça Herculano Bandeira. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 nov. 1959.

DIÁRIO de Pernambuco. Primeira Sessão (extraordinária) da Camara Municipal. **Diário de Pernambuco**, Recife, 26 nov. 1959.

DIÁRIO de Pernambuco. Casamento suspeito encenado na Rádio Difusora. **Diário de Pernambuco**, Recife, 05 fev. 1960

DIÁRIO de Pernambuco. Chegaram os técnicos do I.B.A.M. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 fev. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. Plano Diretor sofre imperdoável adiamento. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06 abr. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. A cidade estará totalmente arborizada até dezembro de 61. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06 mai. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. Reformas na rêde de abastecimento d'água. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01 jun. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. Prefeitura de Caruaru promove concurso a favor da arborização. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20 ago. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. Melhoramentos para Municípios do Interior. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 set. 1960.

DIÁRIO de Pernambuco. "ANCAR": Escritório será instalado dentro de trinta dias. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 mai. 1961.

DIÁRIO de Pernambuco. Periscópio. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01 mai. 1961.

DIÁRIO de Pernambuco. Bancos do Recife primam por decoração moderna: clientes exigem mais conforto. **Imóveis e móveis**. Suplemento Diário de Pernambuco, Recife, 20 set. 1963.

DIÁRIO de Pernambuco. Periscópio. **Diário de Pernambuco**, Recife, 09 ago. 1964.

DIÁRIO de Pernambuco. “Diário” Social. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07 nov. 1964.

DIAS, José. **Odorico Paraguaçu**: o Bem-amado de Dias Gomes. História de um personagem larapista e maquiavelento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

DIAS DE MOURA, José Alexandrino. **Apontamentos sobre diversos assumptos geographico-administrativos da Província das Alagoas**. Relatório lido perante a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas no acto de sua instalação, em 16 de março de 1869 pelo presidente da mesma o Exm. Sr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior. Maceió: Typographia Commercial de A. J. da Costa, 1869.

DUARTE, Abelardo. **Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas**: a viagem realizada ao Penedo e outras cidades sanfranciscanas, à Cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, zona lacustre e região norte da Província (1859/1860). Maceió, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1975.

DUARTE, Rubens de Oliveira. **Orla Lagunar de Maceió**: apropriação e paisagem (1960-2009). 2010. Dissertação de mestrado (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2010.

É ASSIM. Praça Sinimbu: símbolo do descaso e do abandono da gestão de Maceió. **Jornal É Assim**, Maceió, 08 ago. 2015. Disponível em: <<http://eassim.net/praca-sinimbu-simbolo-do-descaso-e-do-abandono-dos-gestores-publicos/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ESPÍNDOLA, Thomaz do Bom-fim. **Geographia Alagoana ou Descrição physica, política e histórica da Província das Alagoas**. 2 ed. Maceió: Typographia do Liberal, 1871.

FARIAS, Felipe. O senhor das praças. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 05 fev. 2012. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=196221>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

FERRARE, Josemary Omena Passos. Permanências Modernistas na Praça Sinimbu – Maceió: em análise e proposta de preservação. **DOCOMOMO N/NE 2**. 2008. Disponível em: <[http://www.docomomobahia.org/AF\\_Josemary%20Ferrare.pdf](http://www.docomomobahia.org/AF_Josemary%20Ferrare.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2016.

FERRARE, Josemary Omena Passos. Traçados modernista e popular em equipamentos urbanos de Maceió - a experiência da gestão Sandoval Cajú. In: Munguzá Cultural, 2013, Maceió. Palestra. Mungunzá Cultural. Maceió: Museu Théo Brandão, 2013.

FERRARE, Josemary Omena Passos; LEÃO, Tharcila Maria Soares. As praças como símbolos da modernidade os projetos de Rosalvo Ribeiro durante a Era Maltina (1900-1912) em Maceió -AL. **InSitu**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 133-153, jul-dez. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/453>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

FIGUEIREDO JUNIOR, José Bento da. **Relatório lido perante a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas no acto de sua instalação em 31 de outubro de 1868 pelo presidente da mesma O Exm. Snr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior**. Maceió: Typ. Commercial de A. J. da Costa, 1868.



FIGUEIREDO JUNIOR, José Bento da. **Relatório lido perante a Assembleia Legislativa da Província das Alagoas no acto de sua instalação em 3 de maio de 1871 pelo presidente da mesma o Exm. Snr. Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior**. Maceió: Typ. Commercial de A. J. da Costa, 1871

FONSECA, Pedro Paulino da. Testamento Político: Alagoas e minha pessoa, 1829-1902. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Maceió vol. 36, 1980, p. 141-168.

G1 Alagoas. Estrutura das praças da cidade de Maceió ameaça saúde da população. **G1 Alagoas**, Maceió, 06 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/04/estrutura-das-pracas-da-cidade-de-maceio-ameaca-saude-da-populacao.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

G1 Alagoas. População reclama do abandono do Parque Gonçalves Lêdo, em Maceió. **G1 Alagoas**, Maceió, 28 out. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/10/populacao-reclama-do-abandono-do-parque-goncalves-ledo-em-maceio.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

G1 Alagoas. Praças e espaços públicos de lazer estão abandonados em Maceió. **G1 Alagoas**, Maceió, 13 jan. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/02/pracas-e-espacos-publicos-de-lazer-estao-abandonados-em-maceio.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GAZETA de Alagoas. Patrimônio dilapidado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 12 jun. 2003.

GAZETA de Alagoas. Posse do novo prefeito. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 01 fev. 1961.

GAZETA de Alagoas. Solenidades na Câmara e Transmissão do Cargo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 31 jan. 1961.

GUTENBEG. Estátua. **Gutenberg**, Maceió, ano XXIV, n. 179, 24 ago. 1905.

GUTENBERG. Estátuas. **Gutenberg**, Maceió, ano XXV, n. 7, 13 jan. 1906.

HUM BRASILEIRO. **Opúsculo da descrição geográfica e topographica, phizica, política e histórica do que unicamente respeita à província de alagoas no império do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia de Berthe e Illaring, 1844.

ION, Maíra. Praça Sinimbu sofre com insegurança e abandono. **Jornal É Assim**, Maceió, 15 dez. 2017. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=316733>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

JORNAL DE ALAGOAS. A Prefeitura inaugurará sua sede amanhã, na data maior deste Estado. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 15 set. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Acumulam sujeira na porta de uma padaria de Jaraguá. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 31 mar. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Aspecto desolador do Mercado Público. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 16 fev. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Assumiu ontem o novo prefeito de Maceió. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 02 fev. 1961.

JORNAL DE ALAGOAS. “Cidade Sorriso” festeja o dia da pátria e, de braços abertos, recebe visitantes. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 07 set. 1963.

JORNAL DE ALAGOAS. Criminosamente praças e monumentos são depredados à falta de produção. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 07 ago. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Fonte Luminosa será uma das mais interessantes atrações da “Cidade Sorriso”: inauguração no domingo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 03 mai. 1962.

JORNAL DE ALAGOAS. Jornalista Sandoval Cajú, novo candidato a prefeito de Maceió. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 23 jan. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Logradouros da cidade. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 24 out. 1962.

JORNAL DE ALAGOAS. Maceió: capital suja, sem higiene. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 19 out. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Maceió está caindo aos pedaços. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 13 fev. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Mercado Municipal nunca sofreu ligeira reforma. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 26 fev. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. O projeto do paisagista muda por completo a pça Floriano. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 25 mar. 1962.

JORNAL DE ALAGOAS. Na prévia eleitoral do Jornal de Alagoas Lott vence de barbada. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 02 out. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Praças públicas de Maceió foram abandonadas pela municipalidade. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 16 fev. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Praia da Avenida está sendo campo de animais. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 19 mai. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Praias de Maceió estão entulhadas de sujeira. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 30 mar. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Prefeito fez inaugurações. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 09 set. 1961.

JORNAL DE ALAGOAS. Prefeito Sandoval trabalha em benefício do povo que governa. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 12 fev. 1962.

JORNAL DE ALAGOAS. Prefeitura prejudica as praças com p. de gasolina. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 27 mar. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. O que se deve corrigir para limpar a cidade. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 22 fev. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Rua que desafia a Prefeitura. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 17 mar. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Ressaca está arrebetando a ponte do Salgadinho. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 18 mai. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Sandoval Cajú é o prefeito que o povo de Maceió vai eleger em 3 de outubro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 10 set. 1960.

JORNAL DE ALAGOAS. Urge que se tome medida visando acabar com moscas e mosquitos em nossa capital. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 21 ago. 1960.

JOSÉ DUARTE, Manoel. **Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo Dr. Manoel José Duarte, governador do Estado por ocasião de instalar-se a ordinária da 5ª legislatura em 15 de abril de 1899.** Maceió: Typ. Da Pharmácia Alagoana, 1899.

LEÃO, Livia; MENDES, Ana Clara. Nos 200 anos de Alagoas, idosos relembram histórias de transformação do estado. **GazetaWeb**. 16 set. 2017. Disponível em: <[http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2017/09/nos-200-anos-de-alagoas-idosos-relembra-historias-de-transformacao-do-estado\\_40473.php](http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2017/09/nos-200-anos-de-alagoas-idosos-relembra-historias-de-transformacao-do-estado_40473.php)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LEÃO, Livia; MENDES, Ana Clara. O centro de Maceió é terra de ninguém. **CadaMinuto**, 10 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.cadaminuto.com.br/noticia/308167/2017/08/10/o-centro-de-maceio-e-terra-de-ninguem>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LESSA, Fábio Lins. Maceió, suas praças e minha nostalgia. **Cultura e viagem**, Maceió, 05 dez. 2014. Disponível em: <<https://culturaeviajem.wordpress.com/2014/12/05/as-belas-pracas-de-maceio-de-outrora/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LIMA JR, Félix. **Memórias de minha rua.** Maceió: TELASA, 1980.

LINDOSO, Dirceu Accioly. **Interpretação da província:** estudo da cultura alagoana. Maceió: EdUFAL, 2015.

LINS, Fábio. A maior, melhor e mais bonita praça de Maceió. **Cultura e Viagem**, Maceió, 20 dez. 2013. Disponível em: <<http://culturaeviajem.wordpress.com/2013/12/20/a-maior-melhor-e-mais-bonita-praca-de-maceio>>. Acesso em: 20 jul. 2014

LINS, Ênio. Maceió de tantos aniversários. **O Jornal**, 08 dez. 1994.

LOPES, Edna. Do que sorri Maceió? **Repórter Nordeste**, Maceió, 04 ago. 2011. Disponível em: <<http://reporternordeste.com.br/noticias/cidades/do-que-sorri-maceio>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MACEIÓ. **Praças de Maceió.** Maceió: SEMINFRA, 2005.

MACEIÓa. **1º Ano de Administração do Prefeito Sandoval Cajú.** Programa Comemorativo. Convite ao Povo. Maceió: Prefeitura de Maceió, 24 fev. 1962.

MACEIÓb. **Comemorações Municipais de 7 de Setembro de 1962.** Convite – Programa. Maceió: Prefeitura de Maceió, 7 set. 1962.

MACEIÓ. **II Ano de Administração Prefeito Sandoval Cajú.** Convite – Programa. Maceió: Prefeitura de Maceió, fev. 1963.

MACEIÓ, Prefeitura Municipal de Maceió. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento. **Justificativa da Proposta – Projeto da Praça Deodoro e Complexo Cultural, Centro.** Maceió, AL, 2008.

MADEIRO, Carlos. Ocupada há um ano por sem terra, praça deixa de ser ponto de encontro e vira minifavela no centro de Maceió. **Notícias UOL**, Maceió, 13 fev. 2012. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/02/13/ocupada-ha-um-ano-por-sem-terra-praca-deixa-de-ser-ponto-de-encontro-e-vira-minifavela-no-centro-de-maceio.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MADEIRO, Carlos. Praça Sinimbu vira microfavela no Centro de Maceió. **Repórter Nordeste**, Maceió, 16 fev. 2012. Disponível em: <<http://reporternordeste.com.br/noticias/praca-sinimbu-vira-microfavela-no-centro-de-maceio/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MAIA, Claudia. Maceió, suas praças e minha nostalgia. **Claudia Maia**, Maceió, 14 mai. 2010. Disponível em: <<http://claudiam Maia1967.blogspot.com.br/2010/05/maceio-suas-pracas-e-minha-nostalgia.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MALTA, Euclides Vieira. **Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo Bacharel Euclides Vieira Malta, governador do Estado, por ocasião da instalação da 1ª sessão ordinária da 4ª legislatura em 15 de abril de 1901**. Maceió: Empresa da Tribuna, 1901.

MALTA, Euclides Vieira. **Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo bacharel Euclides Vieira Malta, governador do Estado, por ocasião da instalação da 2ª sessão ordinária da 6ª legislatura em 20 de abril de 1902**. Maceió: Typ. Oriental, 1902.

MALTA, Joaquim Paulo Vieira. **Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo bacharel Joaquim Paulo V. Malta, governador do Estado por ocasião da instalação da 1ª sessão ordinária da 8ª legislatura em 17 de abril de 1905**. Maceió: Oficinas Fonseca, 1905.

MARQUES, Manoel Sampaio. **Mensagem que ao Concelho Municipal da capital apresentou o Intendente Dr. Manoel Sampaio Marques**. Maceió: s/editora, 1906.

MENDONÇA, Carlos Alberto. "Maceió, 200 anos". In: SIMÕES, Leonardo (coord.). **Maceió: duzentos anos**. Maceió: Organização Arnon de Mello, 2015.

MÉRO, Ernani. **Igrejas de Maceió**. Maceió: FUNTED, 1987.

MORAES, Paulo José de. Reflexão sobre a Praça Sinimbu. **GazetaWeb**. 15 mai. 2012. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/porta/ noticia-old.php?c=313327&e=19>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

NERY, Sebastião. **350 histórias do Folclore Político**. Porto Alegre: Politika, 1973.

NONATO, Raimundo. **História dos monumentos e praças de Maceió**. Maceió: Centro de Imprensa, 1954.

O BEM Amado. Autoria: Dias Gomes. Direção: Régis Cardoso. Telenovela. Rio de Janeiro: TV Globo, 1973.

O BEM Amado. Direção: Guel Arraes. Ficção. Rio de Janeiro: Globofilmes, 2010.

O CONVITE das praças. **Alagoas**: mensário ilustrado. Esporte-cinema-mundanismo. Maceió: Casa Ramalho, ano 1, n. 3, out. 1938, p. 16-17.

PARIZIO, Rubens. Praça Sinimbu – menino mijão. **Minhas Artes**, Maceió, 19 nov. 2012. Disponível em: <<http://minhasartesrubensparizio.blogspot.com.br/2012/11/praca-sinimbu-menino-mijao.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Anateresa (Org). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel-Edusp, 1987.

PIMENTEL, Jair. No tempo do Sandoval! **O Jornal**, Maceió, 23 jun. 2010. Disponível em: <<https://issuu.com/ojornalweb/docs/23-junho-2010>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PIMENTEL, Jair. A Praça Sinimbu. **O Jornal**, Maceió, 19 jan. 2011. Disponível em: <<https://issuu.com/ojornalweb/docs/19-janeiro>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PIMENTEL, Jair. A praça será nossa. **O Jornal**, Maceió, 16 jun. 2012. Disponível em: <<https://issuu.com/ojornal-al/docs/16-junho-ojornal-2012>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PIMENTEL, Jair. Agora sim, a praça é nossa! **Tribuna Independente**, Maceió, 30 set. de 2015. Disponível em: <<https://issuu.com/tribunahoje/docs/ed300915>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

QUINTELLA, Ivvy Pedrosa Cavalcante Pessôa. **No olho da rua: dinâmicas da arte urbana na cidade de Maceió**. 2007. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado Baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912**. 2004. Tese de doutorado (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2004.

SALÉSIA, Maria. Monumentos das praças de Maceió pedem socorro. **Jornal Extra**, Maceió, 08 abr. 2015. Disponível em: <<https://novoextra.com.br/outras-edicoes/2015/814/16720/monumentos--das-pracas-de--maceio-pedem--socorro>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SANTOS, Alcides. Os Veranistas da Praça Sinimbu. **Só falo o que eu penso**. 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://sofalooqueeu penso.blogspot.com.br/2010/12/os-veranistas-da-praca-sinimbu.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SANTOS, Ivone dos. Praça Marechal Deodoro da Fonseca. Monumentos Históricos e Artísticos de Alagoas (III). **Revista Alagoas Agora**. Maceió: SERGASA, nº 5, maio de 1984, p. 32 e 33.

SILVA, Denise Lages Vieira da. **Do arquivo técnico aos álbuns de família: o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950**. 2017. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991

SILVA FILHO, José Bilu. Praça Sinimbu. **Praças de Maceió**. Diário Oficial do Estado de Alagoas, 23 ago. 1994.

SIMÕES, Keyler. Xangô Rezado Alto – Pedido oficial de perdão histórico acontecerá na quarta. **Alagoas 24 Horas**, Maceió, 30 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/520613/xango-rezado-alto-pedido-oficial-de-perdao-historico-acontecera-na-quarta>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **A tolíce da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A metamorfose das oligarquias**. Curitiba, HD Livros, 1997.

TICIANELI, Edberto. Um destino cultural para a Praça Sinimbu. **Blog do Ticianeli**. 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://ticianeli.blogspot.com.br/2012/05/um-destino-cultural-para-praca-sinimbu.html>>. Acesso em 20 jul. 2014.

TICIANELI, Edberto. Praça dos Martírios e o monumento a Floriano Peixoto. **História de Alagoas em fotos**. 01 jun. 2015. Disponível em:



<<http://www.historiadealagoas.com.br/praca-dos-martirios-e-o-monumento-a-floriano-peixoto.html>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

TRAIPU, Barão de. **Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo Barão de Traipu, governador do Estado, por ocasião de abrir-se a 2ª sessão ordinária da 3ª legislatura.** Maceió: Typ. Da Empresa Gutenberg, 1896.

ULTIMA Palavra. Artista da palavra. **Útima Palavra.** Maceió: 8 de abr. 1988, ano I, n. 16.

UMA Residência em Alagoas. **Revista Acrópole**, ano 17, n. 204, 1955, p. 542-545. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/204/52>>. Acesso em: 10 jun 2018.

VASSALO FILHO, Miguel. **Monumentos de Maceió.** Maceió: 1999.

VIEIRA, Pedro. Entrevista. In: BRANCO, Fabiana Rodrigues Castelo. **A Praça e o Traçado da Cidade.** 1993. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 1993